

L  
33

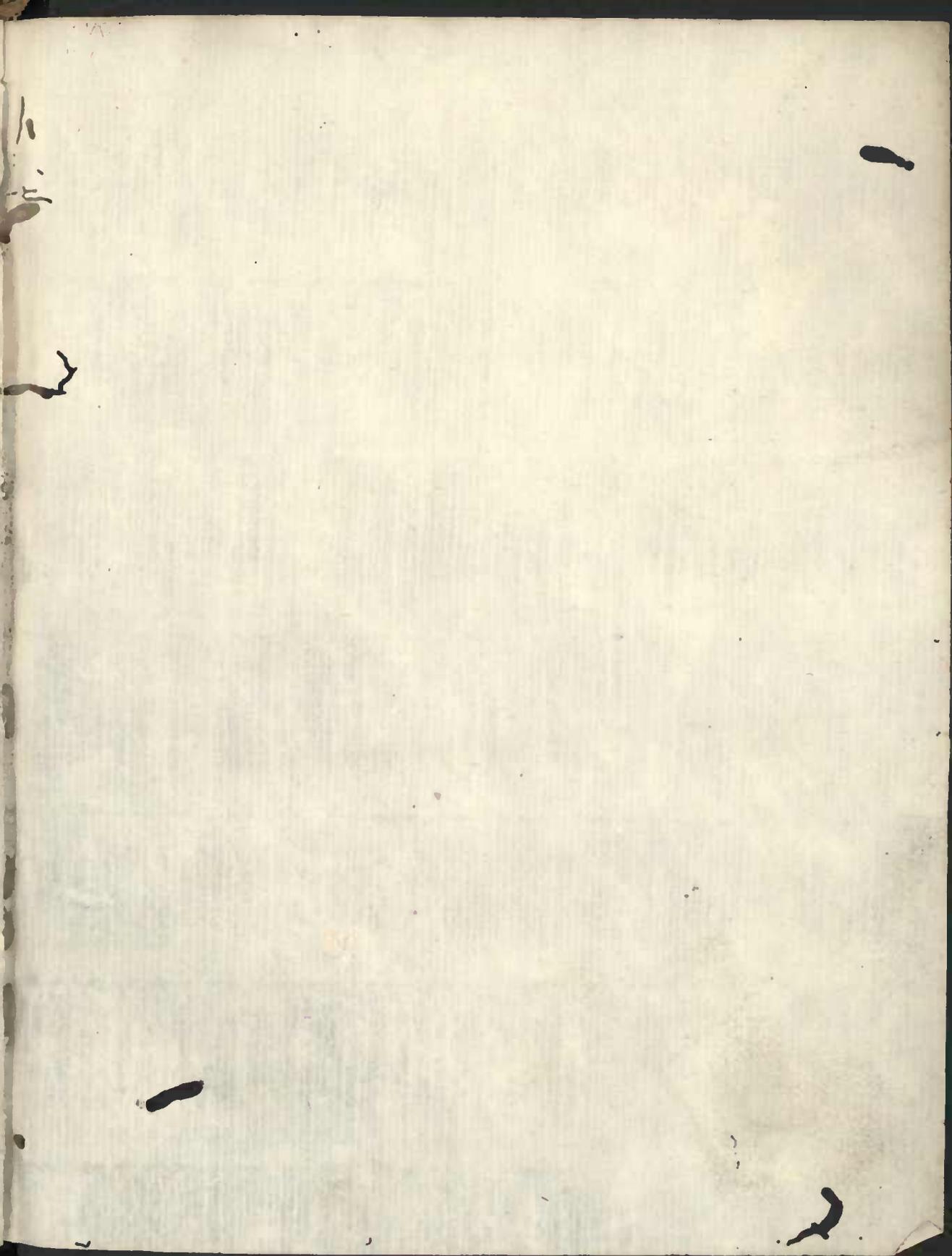


10

---

1433







# ULTIMA RESPOSTA

Em que se-mostra

10  
1480  
I. Que o R. Elogista, e o R. Severino de S. Modesto nam provam o que deviam. II. Que a doutrina do Barbadinho, e seus defensores é em tudo conforme com a dos mais doutos e acreditados Jezuitas.

ESCRITA POLO

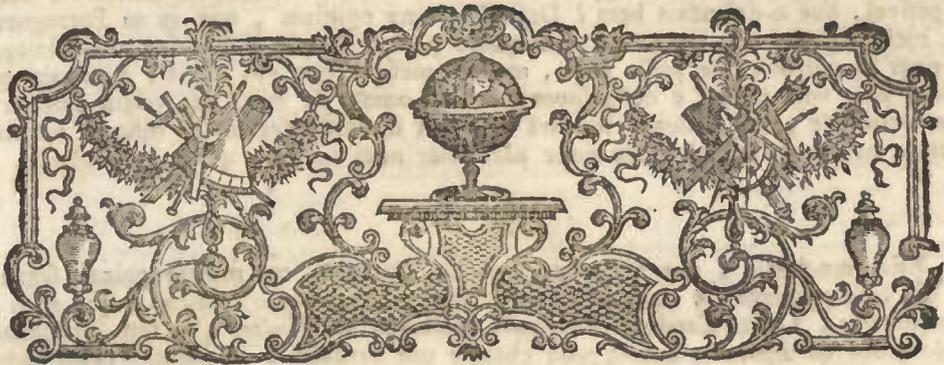
Senhor GELASTE MASTIGOPHORO ao Senhor JOZE DA PIEDADE, procurador bastante do R. Elogista, e autor da Carta de um amigo a outro.



EM SEVILHA

Com todas as licenças necesarias.





EO amigo do corasam . Dois pontos mui delicados me-propoude nesta carta . 1. que vos-aconselhe , se deveis publicar a resposta que imprimistes à *Carta do Filologo de Espanha* : 2. que vos-diga o meo parecer da grande *Conversasam familiar do P. Severino de S. Modesto* , voso amigo . Digo que sam pontos delicados , porque se os-reprovo secamente , nam agradarei a vos : se os-aprovo por obsequio , dezagradarei a mim , e a todos os que estimam a verdade . Mas eu antes quero parecer severo critico , doque um vil adulator . Quem nam quer conselhos nam os-deve pedir , principalmente em materias literarias , e a um omem que faz profisam de dizer a verdade . Assimque ide preparando as orelhas para ouvir uma verdade seca , que talvez será mais proveitoza para os vossos estudos , doque os afetados louvores que vos-darãm os muitos aduladores que achareis ou por lograsam , ou por ignorancia . Ja la vai o tempo de adular em materias de bom gosto . Oje fala-se claro : propoem-se sem rebuso a verdade : e nam se-ofendem de a-ouvir os omens de juizo , mas so os malevolos , e ignorantes , de cujas censuras ninguem deve fazer cazo , porque o dezagradar a tal gente é louvor . Dividirei a resposta em duas partes , conforme a pergunta : e direi o meo parecer com aquela brevidade que permitir a materia , mas sempre mais brevemente doque vos esperais , e doque outros fariam .

## P R I M E I R A P A R T E .

Parecer sobre a *Carta de um amigo a outro* .



**E**U nam me-admiro , que me-consulteis : admiro-me que o-fais despois de estar impresa : porque pode ter saido alguma copia secretamente , por cuja cauza vos-achareis engolsado em um mar de criticas , de que será difficultozo refurgir . Estas materias consideram-se nam so antes de se imprimirem , mas antes de se-escreverem : porem despois de impresas , tem risco . Se vos entam me-pediseis conselho , dirvosia claramente , que-nam vos-meteseis em disputa , de que nam podeis sair airozo . Esta propozisam parecerá ao voso amor proprio paradoxa , mas nam a-á mais verdadeira . Vos defendeis um

erro manifesto contra o bom gosto da Eloquencia, principalmente Latina: e como é possível, que o-defendais bem? Defendeis uma opiniam, que ja os Portuguezes de melhor gosto tem reprovado, exaltando polo contrario a doutrina do Filologo: e nam so outros, que podia citar, mas os mesmos que vos citais, e julgais que estam pola vosa parte: e nesta supozisam que omem de juizo vos-poderá aprovar? que pessoa de gosto delicado louvará que vos intenteis fechar os olhos à nasám, que ja os-vai abrindo? Onde neste particular nam achareis quem vos-defenda.

### §. I.

**N**Em me-digais, que o Senhor Candido Luzitano em muitas coizas segue a vosa opiniam, e contradiz ao Filologo: porque niso mostrais, que nam o-entendestes. O Sr. Candido é dicipulo declarado do *Filologo*, e tam apaixonado polo autor do *Metodo*, que se-pode chamar um verdadeiro *Metodista*. Nam pareis na superficie das palavras, penetrai a intençam dele, e achareis o que digo. Se eu quizesse agora tirar-vos as nevoas dos olhos, que vos-empedem divizar a verdade, facilmente o-podia fazer: mas nam quero meter-me em tam longa discusam. Bastará uma ou outra reflexam para vos-alumiar.

Em toda a obra o Sr. Candido louva o Barb. e Filologo, e defende a sua doutrina: e ainda quando dá a entender que os-reprova, claramente os-exalta. Ele teve razoens particulares para se-valer desta continuada ironia, as quais eu mui bem percebo. E por iso algumas vezes diz varias propozisoes, que parecem contrarias aos principios dos ditos: as quais aindaque no rigor da boa critica nam sejam verdadeiras, contudo suposto o disfarce com que ele se-rebusa, podem se tolerar.

1. Ele louva muito a Latinidade do Elogista: (1) e contudo em toda a *Ilustrasam* establece uma doutrina contraria à do Elogista, defendendo a *Carta Filologica*, que plenamente o-confuta. 2. Reprova no Barb. exemplificar com os mais acreditados Portuguezes os erros, que quer desterrar: e logo aprova a doutrina do Cardial Pallavicini Jezuita (2) que diz, e com razam, que sem apontar os erros dos mestres, nam é possível desterrar de um reino tais defeitos. 3. Condena no Barb. censurar os melhores autores Portuguezes, com alguma acrimonia, conforme diz: e na mesma obra condena livremente os Retoricos Portuguezes obra por obra. (3) E o que é mais, claramente diz (4) que o Barb. escreve com *pena inocente*, se o-compararmos com os dois Antagonistas Arsenio, e Lacerda. 4. Nam quer que se-censurem os melhores Poetas, e Oradores Portuguezes: mas concede que se-digam os defeitos do Chagas debaixo do nome de Antonio da Fonseca Soares. (5) Desorteque chamando ao Chagas *Antonio da Fonseca*, ao Camoens *Estevam da Costa*, e ao Vieira *Jozé da Esperansa*, podem se dizer todos os feos defeitos literarios, aindaque com o risco evidente, de que nenhum leitor perceba de que autor se-fala. E nesta ipoteze acha o Sr. Candido, que *nam dá que reparar na critica do Barb.*

E o que merece reflexam está nisto, que o Sr. Candido ache, que com esta cautela, e adofando algumas palavras, se-aquietariam logo todos os contrarios: sem se-lembrar, que o famoso Muratori, que ele cita, quando quiz restabelecer o bom gosto em Italia no principio do presente seculo, [6] sofreo perseguisoes, e al-

---

(1) *Ilustrasam* pag. 2. 3. 37. (2) *ibi*. pag. 32. (3) *ibi*. pag. 23. (4) *ibi*. pag. 33.  
 (5) *Ibi*. pag. 30. (6) *Com o Livro intitulado: I primi disegni della Repubblica Letteraria d'Italia &c. Napoli 1703. 8.*

e alguns malevolos e teimozos, que sam os mais, o-trataram como ereje &c. E que o mesmo succedeo ao Cartezio, quando introduzio a nova Filozofia em Franfa, e Olanda: o mesmo ao Cristiano Tomazio, quando intentou reformar os estudos em Alemanha: o mesmo a todos os outros, que intentaram desterrar erros comuns, ainda que se-fervissem das mais cortezes palavras. E a razam ultima é, porque os velhos nam olham para as palavras, olham para o fim que teve o autor. E como este seja introduzir doutrinas novas, que eles ignoram, receiam que o povo os-despreze, e fiquem reputados por ignorantes: e por iso fazem espalhafatos orrendos: e quando nam acham razoes para murmurarem, pegam-se às palavras, que interpetram no pior sentido contra o contexto manifesto. Mas dizipadas as nevoas e poeira, que ao principio se-levantou; e entrando a razam a examinar maduramente o merecimento da cauza, entam voltam-se todos, e abrafam com aplauzo aqueles mesmos autores, a quem pouco antes tinham reprovado. Como succedeo ao dito Cartezio, Tomazio, Muratori, a quem pouco faltou que os feos naturais levantafem estatuas: e ao mesmo Feijoo, e outros muitos: e como vai succedendo ao Barbad. a quem muitas pefoas de bom juizo, que ao principio por más enformafoens dos enveijos tinham reprovado; oje fazem o favor de louvar excessivamente: prova evidente do juizo, e grandeza de animo destes Senhores. Onde sabendo muito bem isto o Sr. Candido, nam é verosimel, que sinceramente difese o contrario: muito mais porque ele sabe, que fora de Portugal, em Franfa, e Italia se-critica com muito mais clareza doque faz o Barbad. no feo *Metodo*: o qual nam dife injurias pefoais a ninguem, mas fomenta provou com exemplos o que dizia, e devia, nem podia fazer outra coiza.

5. Alem diso nam agrada ao Sr. Candido, que o Barb. livremente diga o feo parecer contra o estilo corruto da nafám: e a cada passo diz, *que entre os Portuguezes nam reina o bom gosto da Eloquencia, e Latinidade.* (1) *Que em Portugal é coiza tam rara, que talvez nam se-posa mostrar no seculo pasado um so bom Latino.* [2] Chama à nafám Portugueza neste genero cega. [3] Declara, que se nam lermos por Camoens, Bernardes, Bacelar, Pereira com os feos defeitos, nam teremos autor Portuguez por onde ler. (4) E conclue, *que raro será o noso Poeta do seculo pasado, que nam uzase de um estilo afetado:* (5) *e que em quazi todas as facultades que estudamos, nam seguimos bom metodo.* (6)

6. Engrandece tambem muito a eloquencia de Camoens, e Vieira: e logo diz sem rebuso algum, (7) que em Portugal no seculo pasado nam avia bom gosto de Eloquencia: e emprega toda a sua eloquencia em dar regras totalmente contrarias ao estilo do Vieira, que sam as mesmas do Barb. e Filologo: confesando limpamente, que Camoens, e outros Portuguezes nomiados tem varios defeitos. (8)

7. Ainda quando nos-quer persuadir, que a sua *Ilustrafam* era necessaria para dilucidar a *Carta do Filologo*, (9) se-vale de ironia: porque um omem de tam bom gosto e percesam como o Sr. Candido, nam podia ignorar, que o Filologo escrevendo a outro omem douto, nam devia, segundo as regras do bom gosto, e da boa Logica, explicar-se melhor, nem acumular mais doutrina doque a que era necessaria para confutar a critica do Elogista: e que o pouco que dife na pag. 8. e 9. da *Carta*, era tam claro, que nam necessitava de *ilustrafam*. Demais, quando o Sr. Candido supoem (10) que os conselhos do Filologo necessitavam de

intro-

---

(1) ~~pag. 4.~~ (2) pag. 6. (3) pag. 8. (4) pag. 26. (5) pag. 44. (6) pag. 29.  
 (7) pag. 24. (8) pag. 26. (9) pag. 8. e 9. (10) pag. 8.

introduzam para regular os principiantes na lisam dos bons autores, tambem ni-  
so mostra o seo ironico disfarfe: pois ele nam ignorava, que no *Verdadeiro Me-  
todo* se-acha uma larguissima introduzam para o bom gosto, e muito em particu-  
lar para a Retorica, a qual era mais que bastante para ndrte dos principiantes: e  
que o explicar difuzamente coizas tam miudas, parece superfluo aos melhores Re-  
toricos, porque se-aprendem melhor com o uzo.

8. Tambem nam aprova o Sr. Candido a ortografia do Barb. e Filologo: mas aprova as regras dos melhores Ortografos Portuguezes, em que eles se-fun-  
dam: (1) e das quais nace directamente o contrario do que reprova. Deixo ou-  
tras propozisoens, digresoens, e repreensoens, em que se-podia notar falta de bom  
gosto, de boa Logica, e de boas noticias; em obzequio da parcialidade que o Sr.  
Candido mostra ao Barb. e Filologo.

Onde sendo estas doutrinas contrarias entre si, e nam sendo presumivel, que  
o Sr. Candido caise por erro em tais repugnancias; fica claro, que naquilo que  
reprova, falou com disfarfe; para nam excitar novas murmurasoens: e que é  
mais acerrimo *Metodista*, doque nenhum deses com quem vos tendes perpetuas  
disputas.

Replicais vos, que o Sr. Candido muito bem reprova ao Barbad. por nam ter  
posto *Terencio entre os escriptores mais puros da idade de oiro*: (2) e por ter posto *Fe-  
dro na idade de prata*, sendo este liberto de Augusto. (3) E que é para reparar,  
que o-fasa *companheiro de Curcio*, como se este escrevesse certamente no seculo de pra-  
ta. (4)

E eu respondo, que tambem isto é disfarfe do Sr. Candido, para se-inculcar  
por contrario do Filologo, quando na verdade é seo declarado amigo. Nam é po-  
sivel, que o Sr. Candido nam entende-se uma coiza tam clara, e deixasse de per-  
ceber, que o Filologo dividindo a *idade de oiro* em 3. partes, para mostrar os  
progrefos que a lingua Latina foi fazendo, despojando-se pouco a pouco dos Ar-  
chaismos, Helenismos antiquados, e falta de suavidade. atè que chegou ao apice  
da perfeisam, e conseguiu aquela ultima pureza, naturalidade, suavidade, e deli-  
cadeza, que sam proprias do seculo de Augusto, e a que os Latinos chamam *ur-  
banitatem*; (5) com muita razam puzera na idade de meio a Terencio, cuja lo-  
cusam ainda tem alguns defeitos dos ditos. Nenhum omem bem versado nos au-  
tores do bom seculo dirá, que a disam de Terencio é semelhante em tudo à de  
Cicero, Cezar, Nepote, Livio. Nam é o mesmo a pureza, e propriedade de  
Terencio, doque nam ter aqueles defeitos.

Eu, que tenho lido mais vezes Terencio doque vos, e que sempre observei  
nele o estilo do seculo em que escreveo, diria, que o S. Candido nunca o-lera,  
se nam soubesse, que ele dise aquilo por galantaria, e contra o que entende. Te-  
rencio foi, e é muito louvado respetivamente ao seo seculo, pola pureza, e ele-  
gancia

(1) Pag. 78. (2) pag. 37. (3) pag. 39. (4) pag. 40.

(5) Cicero explica a urbanidade por estas palavras: Quare cum sit quædam certa  
vox Romani generis, urbisque propria, in qua nihil offendi, nihil displicere, nihil ani-  
madverti possit, nihil sonare, aut olere peregrinum; hanc sequamur: neque solum ru-  
sticam asperitatem, sed etiam peregrinam insolentiam fugere discamus. *De Orator. l. 3.*  
Meo judicio illa est urbanitas, in qua nihil est absonum, nihil agreste, nihil incondi-  
tum, nihil peregrinum, neque sensu, neque ore, gustuve deprehendi possit, ut non  
tam sit in singulis dictis, quam in toto colore dicendi, qualis apud Græcos *Atticismus*,  
redolens Athenarum proprium saporem. *Quintil. Inst. l. 4. e. 4.* Desorteque a *urbanidade*  
contem 4 coizas: pureza, naturalidade, suavidade, e uma certa delicadeza, ou grasia. Veja-se,  
*Morbosio de Patavinitate Liviana cap. 8. seqq.*

gancia, que consistia na escolha das melhores palavras entre as boas do dito seculo. Mas sempre era diferente a locufam do tal seculo da do seculo de Augusto. (1) Ainda naquela idade avia rudeza: ainda na locufam de Terencio se acham archaismos na *etimologia*, e *sintaxe*, (2) e dezinencias Gregas, e palavras proprias dos antigos Comicos, que é o que nele se-reprova. (3) E que maravilha é, que af-reprovemos nele, se af-estamos reprovando em Lucrecio, Catulo, Varram, Salustio, efcritores do seculo de Augusto? Motivo porque os mais delicados criticos como Sciopio, Celario, Walchio, excluem a Lucrecio da fineza da idade de Oiro, aindaque do mesmo tempo de Cicero: e o Sciopio chega a excluir a Varram, e Celio, que escreveu o 8. Livro *das familiares de Cicero*. E finalmente todos os que dividem a idade de Oiro em varias partes, nam poem Terencio no seculo mais puro de Augusto, que era o noso ponto.

Nem prova contra isto o Sr. Facciolati, porque no tal lugar nam divide a idade em partes: samente aponta os melhores em cada idade, e neste numero entra mui bem Terencio. Mas quando tocou *ex professo* este ponto, (4) poem Terencio na *Adolescencia* da Latinidade, como o Filologo; e reserva para a idade *Viril* outros: e adverte, que Lucrecio, Varram, e Salustio podiam mandar-se para a *Adolescencia*. E aindaque ponha Fedro, Higino, e Manilio na idade *Viril*; contudo adverte, que muitos desta idade nam merecem estar nela: (5) e nominando os melhores, nam nomeia os ditos 3. que é o que basta para se-declarar. Mas todos os melhores criticos, que sam os que se-deviam citar para o caso, e nam uma mera prefam, concordam em tudo com o Filologo a respeito de Terencio: como sam Olao Borrichio (6) Cristovam Celario (7) e Sciopio, (8) que sam os mais acreditados censores nesta facultade.

Tam-

(1) Dicit Cl. Borrichius pure scripsisse Plautum, Terentium, Ennium: multo sane praestantior est Latinitas Ciceronis, Caesaris, Nepotis, Sallustii, ad quorum nitorem atque elegantiam illi minime accedunt. Rei hujus testes ipsos antiquiores habemus auctores, qui Latinitati, quae ante aetatem Augusti viguit, pretium statuunt. Walchius Hist. linguae Latinae c. 1. §. 12.

(2) Popma de usu antiquae locutionis. Buchnerus de commutata ratione dicendi.

(3) Terentius pra aliis studuit puriori stilo, licet archaismos suos, & propria veterum Poetarum habeat. Walchius ibid. c. I. pag. 44.

(4) De ortu, & interitu, & instauratione linguae Latinae inter orationes.

(5) Animadvertant non omnes aetatis aureae scriptores esse aureos, & imitatione dignissimos. ibi.

(6) In Plauto, & Lucretio plura, in Varrone, & Terentio nonnulla occurrunt obsoleta, quae hodie verius pro metallo adoranda rubiginis, ut Juvenalis loqui amat, quam puro putoque obryzo habenda, utcumque fuerint id temporis satis elegantia, satis aurea. Cogitat. de variis Latinae ling. aet. p. 4.

(7) Sed Terentius nobis, & Plautus objiciuntur tamquam praestantissimi artifices Latinitatis, quasi aurea ex illorum fabulis omnino reperantur; ideoque injuriam fieri, si excludantur ab aetate aurea. Diximus autem supra, Plautina plura esse, quae archaismos teneant, sicut nec ab illis plane liberatus est elegantior Terentius: abundare saepius iis verbis, atque formulis, quae postmodum in obsoletorum censum rejecta sunt. Unde Ciceronis aetas, & omnis infsecuta elegantior, ab illis sibi summo studio & industria temperavit... Non negamus aurum Latini sermonis ex Terentio, & Plauto peti posse, verum totos illos aureos esse, & illorum aetatem aequae auream, ut Ciceronis, & Augusti Caesaris, non possumus adduci ut credamus. De Latinae ling. §. 19. seqq.

(8) Veteres vocat Cicero Plautum, Terentium, Ennium, & similes, quorum hodie non nisi fragmenta quaedam extant. Horum dictio aurum est, sed cui nonnihil scoriae & pur-

Tambem o Cardial Adriano, (1) que nesta materia vale muito, dividindo a idade de Oiro em 3. partes, *antiquissima*, *antiga*, e *perfeita*; acaba a 1. em Livio Andronico, que comefou a escrever immediatamente de pois da 1. guerra Punica. Daqui deduz a 2. até o nascimento de Cicero: e neste periodo entra Terencio. E deste tempo até a morte de Augusto, conta a idade de perfeisam, e fo a estes dá a palma. No que concordam os modernos de bom gosto. (2)

O mesmo Cicero, que louva a eloquencia de Lelio, e Cipiam, a quem se-tribuiam as comedias de Terencio, reconhece que se-deve louvar somente atendendo ao tempo em que floreceram. (3) E o mesmo diz Quintiliano: (4) dois juizes de autoridade.

Nem as autoridades, que traz o Sr. Candido, provam o que ele quer: porque se-caza muito bem, que Terencio tenha palavras puras, e elegantes, com ter archaismos (5) e palavras antigas, que nam admitiram os mais cultos do se-culo de Augusto. E nisto concorda todo o mundo douto, e que sabe distinguir as virtudes da boa locufam Latina.

Polo que toca a Fedro ve-se claramente que o Sr. Candido estava zombando: pois sabem todos os que se-engolfaram nesta materia, que os melhores Criticos poem a Fedro na idade de Prata. E se o Sr. Candido deixou a Higino, e Manilio mui quietos na idade de Prata, onde os-puzera o Filologo, nam obstante que o primeiro fose liberto de Augusto, e o segundo escrevese no tempo de Augusto, pouco antes da destruisam de Varo, como confesa Vossio (6) e Olao Borrichio; (7) podia tambem deixar quieto ao tal Fedro, sem embargo de que na lista do Sr. Facciolati se-ache Fedro, e Manilio na idade de Oiro; e Higino em idade incerta. Com efeito o Sciopio, que comesa a idade de Prata nos fins do imperio de Augusto, poem Fedro, Higino, Manilio nesta idade. (8) O douto Walchio (9) poem Fedro na idade de Prata. E outros autores, que examinarãam a La-

---

*gamenti sit admistum. Scoria ista est partim usus vocabulorum, que posteriores judicio repudiarunt, velut obsoleta, & impolita: partim compositio hiulca, aspera, scabrosa, sine ullis numeris colligata: partim denique verba, & loquendi genera exotica & peregrina, & ex aliis Italia partibus in Latium importata. De studiorum ratione. Consultatio. 2. pag. m. 58.*

(1) *Epistola de sermone Latino.*

(2) *Passini Vocabularium Latino-Italicum ad usum Taurinensis gymnasii. Augustæ Taurin. 1742. & alii plures.*

(3) *Probas Lepidi orationes? paulum hic tibi assentior, modo ita laudes ut antiquas: quod nem de Africano, de Lelio sentio, cujus tu oratione negas fieri quidquam posse dulcius. Cicero in Bruto n. 86.*

(4) *Instit. lib. 12. c. 10.*

(5) *Basta considerat estas poucas palavras de Terencio; para entender parte do que diz o autor: Vostrum, parteis, ædeis, ipfus, siem, ducier, pol, servom, labefactorier, accersier, parvola, volt, potesse, ignatos pro ignatus, concludsem, interfiet, dicier, antevorterim, volgus, salvom, seivolum, protervos pro protervus, accedundi, advortunt, advorsum, optume, maxumo, carnufex, æquom, subvortat, experiundo, salvos fies, posterioreis, tunc, e mil outras semelbantes.*

(6) *De Poetis Latinis.*

(7) *Cogitat. de etat. Latin. ling. p. 10. & conspectus AA. Latin. ling. p. 74.*

(8) *Argentea porro Latina lingue etas precipiti jum & vergente ad finem Augusti imperio cæpit, simulque cum Neronis interitu finem habuit. Hujus etatis est Curtius, sed prope aurea dignior: tum Velleius, Valerius Maximus, Manilius, uterque Seneca, Asconius, Petronius, Mela, Columella, Phædrus, Hyginus. . . . Phædrum tamen, & Hyginum veteri elegantie minus studiosos plebeia plusculum usumpasse apparet. Scioppius de Scholar. ratione consult. 2. p. 60.*

(9) *Histor. Critic. Ling. latin. cap. 1. §. 14.*

a Latinidade de Fedro , e Higino , reconhecem que tem muitas palavras indignas da idade de Oiro , principalmente o Higino : ( 1 ) e por isto o-poem na de Prata, que começa em Tiberio .

E na verdade parece que com mais razam se devia pdr Higino , e Manilio na idade de Oiro , por escreverem no reinado de Augusto . Sobre o que o Filologo , como suponho , nam repugnaria muito , supostas certas modificaçoens , que nam devia explicar na Carta , porque nam era o argumento dela . Mas os Criticos que conhecem quanto se alterou a Latinidade nos ultimos anos de Augusto , ( 2 ) deterram desta idade alguns para a de Prata , por observarem , que lhe falta parte daquela urbanidade asima dita , que é o constitutivo esencial do seculo de Augusto . Certo é , que o Scheffero , e Munckero fazem Higino muito posterior , como asima digo . Mas isto é superabundante para o caso .

Tambem o Sr. Candido sabia maravilhozamente , que Q. Curcio está mui bem collocado na idade de Prata . Aindaque a idade deste Istorico nam seja totalmente certa , temos porem outro criterio para determinar em que idade se-deve pdr , que é examinar a sua locufam . Ele escreve com palavras tam puras e elegantes , que seria digno da idade de Oiro : e asim o julga o mais rigorozo critico , que é o Sciopio : ( 3 ) e concedem Vossio ( 4 ) e Celario ( 5 ) excelentes juizes nesta materia , e tambem Facciolati . ( 6 )

Com effeito o Pitheo , e Bongarsio asentam , que escreveu no seculo de Augusto . Popma no tempo de Tiberio . Lipsio , e Briffonio diz , que foi no de Claudio . Comumente nenhum bom critico o-poem mais abaixo de Trajano : [ 7 ] tirando Barthio , Bodino , Mollero , que nisto julgam preocupados , e mostram a sua pouca reflexam . Porem esta diferença de pareceres nam nasce da Latinidade , que os melhores criticos confessam ser digna do seculo Aureo , ou polo menos Argenteo : nasce de certas palavras de Curcio no Livro X. que começam : *Proinde jure meritoque Populus Romanus salutem se principi suo debere proficetur* : as quais cada autor applica a diverso Imperador Romano .

Mas os que melhor julgam asentam , que é do tempo de Vespaziano : ( 8 ) porque nele se-observam algumas formulas de falar , que nam sam Ciceronia-

B

( 1 ) *Certe dictio Hygini humilis est, tenuis, & fere plebeia, nec satis hinc inde a barbarismis libera: quam ideo Schefferus recens editor in ævum Antoninorum rejicit, & Thomas Munckerus Prudentio facit posteriorem. Olaus Borrichius Conspect. AA. Latin. Ling. p. 74. Vide etiam Barthium Adversar. L. 8. c. 6. Reinesium L. 3. variar. p. 372.*

*De Phedri fabulis ita judicant DD. plerique, esse ingenue Latinitatis, neque mentiri eum ævum Tiberii: in quorum ego profus opinione sum, licet unam & alteram subdititiam & instititiam esse, jam olim notavim. Barthius Adversar. L. 35. c. 1.*

( 2 ) *Nonne constat ex utroque Seneca, Suetonio, Quintiliano, & Adriani Imperatoris apud Charisium verbis, extremis Augusti temporibus linguam corrupti coepisse? Observandum est, quod vulgus & pauci alii locuti sint rusticius, id quod ingenio doctis vitio nequaquam vertendum erit. Walchius ibid. pag. m. 64. 65.*

( 3 ) *Hujus ætatis argenteæ est Curtius, sed prope aurea dignior. loc. cit.*

( 4 ) *Immo vel Augustæo ævo digna est dictio, vel proxime abit. Ut hinc quoque argumentum capere possimus, non vixit tempore Trajani, quod pluscula affectatione acuminis, & anxia imitationis cura ab nativa illa auri ævi simplicitate magis recessit, ut ex Plinio juniore, Floro, & aliis non obscure videmus. De Historic. Latinis.*

( 5 ) *Initio Commentar. in Curtium.*

( 6 ) *Ecce hic (in argentea) statim Q. Curtius, dignus etiam meliore ævo. loc. cit.*

( 7 ) *Deja-se Joan Izaac Pontano nas suas Cartas ao Vossio.*

( 8 ) *V. g. Vossio, Rutgersio, Boeckero, Clerc, e outros.*

nianas ; varias translaçoens Poeticas , e um certo estylo declamatorio , e florido , que nam era do seculo de Augusto , mas nem comesou mais cedo doque no imperio de Vespaziano . E como Curcio ainda fala melhor doque Tacito , Suetonio , Floro , Plinio Cecilio , e outros , que floreceram pouco despois , digo no imperio de Trajano ; fica claro , que o Filologo polo justamente onde se-deve pdr . E dando-o por companheiro a Fedro , Higino , Manilio , nam ofendeo a estes tres , antes lhe-fez favor de os-por ao lado de um tam grande Latino . Muito mais porque o Sr. Candido nam pode ignorar , que na idade de Prata se-poem Marco Seneca , Cornelio Celso , Veleio Paterculo ( estes ou no tempo de Augusto , ou de Tiberio escreveram ) Mela , Columela , Silio Italico , que escreveram com toda a pureza e grafa : e polo contrario na mesma se-costuma pdr Scribonio Largo , Celio Apicio , e outros , que podiam ter lugar na de Bronze .

Isto pedia mais erudisam para se-provar . Mas basta o que digo para vos-mostrar , que sendo esta a comua opiniam dos omens bem veritados nestes estudos , nam podia ser coiza nova , ou oculta ao Sr. Candido : nem é verosimel , que um omem , que se-inculca parcial do bom juizo , se-metese a criticar magistralmente , principalmente contra um erudito de critica tam exata como o Filologo , uma materia , que nam tivefe examinado bem , fundando-se fomente na prefasam do Calepino , sem ver os outros livros , em que o Sr. Facciolati se-explica , e sem ver os outros autores magistraes . E assim so fica lugar de suspeitar , que contrariou ao Filologo por grafa . O Sr. Candido diz claramente aos seus amigos , que o Barb. e Filologo sabem mais dormindo , doque os seus adversarios acordados . E daqui tiro outra prova para afirmar , que o omem nam falou de veras , mas zombando .

Aquele mesmo modo com que elogia ao Barb. dá outro argumento para confirmar o que digo . O Sr. Candido no mesmo tempo em que mostra querer elogiar o tal Religiozo , tem medo de se-explicar por cauza dos emulos , e invejozos . Ele louva fomente no Barb. *a grande extensam de especies sagradas , e profanas* : ( 1 ) e parecendo-lhe , que tinha dito muito , acrescenta a modificalam , *de que tambem tem propozisoens mal soantes* : nam obstante confesar em outra parte , *que o Barb. destruiu na primeira batalha aos seus inimigos* : ( 2 ) que é o mesmo que dizer , que nam avia tais propozisoens , como evidentemente se-provou na dita *Resposta* .

Ora eu tanto nitto , como no mais estou vendo claramente , e nam faltou ja quem mo-advertisse , que o Sr. Candido forma ainda maior conceito do Barb. doque muitos nam cuidam . Um omem de tanta penetrasam como o Sr. Candido , nam pode deixar de conhecer , que o menos que tem o tal Religiozo é a erudisam . O mais está , conforme o que julgam os mestres da arte , naquele solido , e juntamente delicado juizo , com que chega à origem dos erros , explana as difficuldades que se-encontram , mostra as verdadeiras fontes onde se-deve beber , e raciocina em toda a materia com tal acerto , e tam solida doutrina , como se nam tivese feito outra coiza em toda a sua vida : mostrando em uma obra tam vasta um juizo sempre igual , e verdadeiramente Logico , que é o que tanto se-estima nesta era . Naquela destreza e grafa com que maneja materias tam graves , e difficultozas com inexplicavel facilidade , evitando a apparencia de seriedade e aspereza , com que comumente se-tratam : e vestindo-as de traje urbano e agradável , desfortaque ficam na esfera de qualquer mediocre

ta-

(1) *Illustrasam pag. 28. 29.* (2) *Ibi. pag. 33.*

talento, e se-lem com o mesmo gosto, e facilidade, como outras cartas de negocios familiares. E finalmente na arte com que introduz tam vasta erudicam nos seus lugares proprios, sem afetavam alguma, sem ostentar doutrina, mas parecendo que nam diz mais doque o necessario para illustrar a materia que explica. Estas virtudes, que sam as que tanto admiram nele os omens de bom gosto em todas as facultades, conhece muito bem o Sr. Candido: e se nam fala claramente nelas, nam é, como vos dizeis, porque julgue o contrario; mas porque julgou que nam devia nas circunstancias presentes explicar-se melhor. Prouvera a Deos, que todos os que se-metem a criticar ao Barb. soubessem cada facultade tam bem, como o Sr. Candido entende o bom gosto dos Elogios. Seguro-vos, que se-acabavam logo todas as contradicoens.

Isto suposto, tendo-vos atequi mostrado, meo Jozé do corasam, o voso engano acerca do Sr. Candido, com o mesmo exemplo deste erudito convencerei a vosa teima. Se querieis nesta era, e em uma cidade tam alumiada neste genero como oje se-acha Lisboa, que abunda de omens de bom gosto, fazer boa figura Literaria, ou devieis defender o Filologo, ou nam escrever nada. Oje é secia dos Literatos nam falarem senam no *Verdadeiro Metodo*, e nos seus Apologistas ou Defensores: nem defenderem senam as opinioens deles. E sendo assim, que aplauzo esperais ter entre tantos eruditos, querendo justificar o estilo Lapidario moderno ja canonizado como ignorancia? Quereis resucitar o estilo dos *seiscentistas*, e amofinar-nos a paciencia outra vez com equivocos, antitezes, paranomazias, ecos, e semelhantes puerilidades? ou achais vos com foras para rezistir à torrente de todos os omens de bom gosto? Se o Elogista imprimio o seu livro, deixai-o: nam lhe-dezejeis maior censura, doque publicar neste seculo tais elogios. Mas empenhar-vos em defendelos, é uma rezolusam, que nam se-pode perdoar a um mancebo, que acabou os estudos Retoricos. Nam porque eu tema que vos-partam com respostas: porque eu sei de certo, que nem o Apologista, nem o Filologo, nem o Sr. Apolonio, nem os outros apaixonados se-cantaram em responder a tais papeis, despois de terem respondido o que basta, e sobeja para illustrar a doutrina do seu Barb., como ja confesam os mais doutos Portuguezes. Mas porque perdereis o tempo, e diminuireis o conceito, que tendes adquirido com algum estudo menos mau: e dareis pabulo às conversas deos dos criticos dezalmados, que nam sam poucos.

Ja eu vos-perdoara, se neste papel diseseis alguma coiza nova, e que fizesse verosimel o que devieis provar: mas a lastima é, que caindo no mesmo erro da *Prefasam Portugueza*, nem provais o que devieis provar, nem dizeis nada, que o Filologo nam tenha prevenido.

## §. II.

E para nam perder tempo inutilmente, passo em claro os piques com que comefais a *Carta*, como se fosseis o contraste do *bom juizo*. Deixo tambem à parte outros piques, que reflexamente vos-caiem em caza. Tenho conhecido que este defeito ou por influencia do ar, ou por um mau costume inveterado, ja nam tem remedio. Tambem nam reparo nas muitas palavras Gregas, com que nos-amofinais: porque sabendo todos, que nam entendeis esta lingua, fazer aqui ostentavam dela, chama-se no Lexicon dos eruditos, *imposturar ao Leitor*. Vou direito ao ponto da questam. Digo pois, que vos nem entendestes o que diz o Filologo, nem tocastes o ponto da dificuldade, e que vos-espraias em coizas totalmente alheias do assumto. *Assim tam claro?* me-direis. Sim Senhor,

clara , e dezenganadamente vos-falo , paraque me-entendais melhor , e aprendais como se-deve responder às censuras dos omens de juizo . Provarei o que digo .

A questam principal que tocou o Barb. no seo *Metodo* [ 1 ] foi : „ Que ne-  
 „ nhum omem de juizo devia imitar os elogios de Tezauro , Juglar , Massenio ,  
 „ Labbe &c. e outros , que no fim do seculo XVI. e principalmente no pasado  
 „ inventaram , ou restauraram esta ridicularia . Mas que se-deviam compor elo-  
 „ gios e inscricaoens polo estilo do seculo Aureo , as quais eram da mais pura  
 „ Latinidade , breves , e sem divizoens afetadas . Prova isto com as melhores  
 „ inscricaoens , que existem em Roma , e que traz Grutero , Reinesio , &c. que  
 „ sam naturais , simplezes , breves , e sem as ditas divizoens . Declara porem ,  
 „ que nas divizoens afetadas nam repararia ele muito , comtantoque evitassem os  
 „ outros erros apontados . Adverte mais , que parece maior ridicularia compor  
 „ livros em estilo lapidar : e repara em que se-achem omens de tam mao cri-  
 „ terio , que aproveem tais elogios , admirando-se dos que reprovam tais rapazia-  
 „ das . „ Esta é a sustancia do que dise o Barbad .

Pareceo ao voso Elogista , que estas palavras seriam o seo famoso livro dos cinco Elogios Lapidares : por iso traduzindo os em vulgar sem as divizoens , acomete pefoalmente ao Barb. na prefalam , e profere magistralmente estas trez propozicoens , com que prezumio que afogava ao pobre Barbad . 1. *Que o que os Antigos comumente escreviam nas lapides , eram louvores de Principes , e Eroes .* 2. *Que escreviam isto de maneira que as palavras nas lapides nam ficafem nas regras troncadas .* 3. *Que quando as palavras eram polisilabas , punham na regra menos palavras , e talvez punham so uma , e pasavam a outra regra . De que se-seguia necessariamente , ficarem umas regras maiores que outras .*

Respondeo a isto o *Filologo de Espanha* ( 2 ) e provou com documentos irrefragaveis , que as tres propozicoens sam falsas , e por consequencia falsa a defeza do Elogista , que nam tem outros fundamentos . E tornou a confirmar , que as inscricaoens do seculo Aureo , e as melhores do Argenteo sam totalmente diferentes dos elogios ditos . De que se-infere , que se-devem imitar aquelas , e nam elites . Provou isto desorte que todos os omens de juizo julgaram que era uma demonstrafam : e o Sr. Candido , que é muito bom Portuguez , e de muito bom juizo , confesa , que nam se-pode dezejar mais . ( 3 )

Neste cazo vos , que dezembainhastes a espada para defender o Elogista , que ja sabemos vos deo para iso *procurafam especial* , deveis provar as trez propozicoens do voso constituinte , e desfazer as respostas que lhe-dá o Filologo . Isto nam fizestes vos . Logo nem percebestes qual era a questam que se-disputava , nem respondestes nada ( adverti que tomo aqui esta palavra em sentido vulgar e positivo , por *coiza alguma* ) ao ponto . Desorteque aindaque vos dese de grafa , que compuzestes uma carta erudita , como nam justificastes as propozicoens do Elogista , nam respondestes nada . E vos fois aquele , que dizeis ao Barb. *que nam mostra juizo igual à sua erudisam ?* Tende entendido , e nam vos-piqueis , que ainda nam entendestes , que coiza é *bom juizo , bom gosto , e solida doutrina* .

Ja sei que direis , que vos impugnais outros asertos do Barb. e nam defendeis as inscricaoens do Elogista . Mas diso mesmo nos-admiramos , que sendo vos seo amigo intimo , e tendo procurafam especial dele para o-defender , e citando a *Carta Filologica* ; deixeis à parte os argumentos dela , e queirais *per indirectum* defender os Elogios , com o uzo que alguns fizeram de agudezas em outras materias .

De-

(1) Tom. 1. pag. 255. 256. 257.

(2) Carta Filologica pag. 28. até 41.

(3) *Illustrafam Critica* pag. 63.

Desorteque mostrando claramente, que determinais defender os Elogios nesta *Carta*, (1) nam tocais o ponto. E aqui vos-perguntaria, se nam avieis impugnar a *Carta Filologica*, paraque publicastes este papel? paraque faisstes com esta chamada resposta? Temos logo, meo Jozé; que vos nam achastes que lhe responder. Temos que é verdadeira a propozisam do Barb., que os elogios modernos sam contrarios do bom gosto da idade de Ouro, que é a que faz texto em materia de elogios Latinos. Estas propozisaoens seguem-se evidentemente da vosa *Carta*, a qual por iso mesmo nam merecia outra resposta.

Poderá alguem replicar, que isto necessita de prova. Mas iso so dirá quem nam tiver lido o voso papel. Toda a vosa *Carta* desde o §. 4. até o fim nam faz mais que provar, que equivocos, paranomazias, e coizas semelhantes se acham em todas as idades: e que alguns AA. de nome trataram destas agudezas brevemente, e as-admitem em tal ou qual ocaziam: e nam dizeis mais. E que parentesco tem isto com os elogios Latinos à moderna?

Mas para vos mostrar com toda a clareza, que a vosa resposta é um mero paralogismo, vestilaei em trajes de silogismo, paraque entendais melhor a dificuldade. Toda a vosa carta se-reduz a este entimema:

*Os Gregos, e Latinos dos melhores seculos salãram dos equivocos; paranomazias, e as aprovãram em tal ou qual cazo.*

*Logo podem-se compor elogios Lapidares Latinos cheios de equivocos, paranomazias, e outros jogos de palavras.*

Mas qual será o rapaz, que saiba dois dedos de Logica, que diga, que esta consequencia é legitima? quem nam ve logo, que a propozisam, que está oculta e se deve declarar para formar o silogismo perfeito, é falsa? Declaremos a dita propozisam, que deve ser esta:

*Tudo o que os Antigos Gregos, e Latinos disseram, e em tal ou qual cazo aprovãram, se-pode admitir nos elogios Lapidares Latinos.*

*Os Antigos salãram de equivocos, paranomazias &c. e disseram que em tal ou qual cazo diferente do noso se-podiam admitir.*

*Logo equivocos, paranomazias, e outras agudezas se-podem tolerar nos elogios Lapidares Latinos.*

E quem nam ve, que a maior é falsa? Demais, vos nam provastes a maior, nem a-provareis nunca: provastes somente a menor, e insinuastes a consequencia. E neste cazo que coiza concluz ao ponto? pois tende por certo, que em quanto nam provais a maior, nam provareis nada.

Mas que digo eu, que provastes a menor? cegastes-vos tam depresa com a primeira apparencia das palavras dos Antigos, que nam percebestes o que se-podia provar com elas. Isto à primeira vista parece duro, e inverosimel: mas eu o-provarei clara, breve, e concludentemente: primeiro *ex abundanti*, como dizem os Reticos: e em segundo lugar *directe*.

### §. III.

---

(1) Reprovando (o Barb.) entre outras coizas os elogios Lapidares por constarem de equivocos, aliteraoens, agnominaoens, e outras agudezas destas. *Carta* pag. 9. Nam sendo os elogios Lapidares reprovaveis, como temos mostrado, pelo uzo dos equivocos, e paranomazias, deve conceder o Critico, que toda a razam de se-reprovarem os tais elogios vem a parar em se-severem com divizoens de umas regras maiores, e outras menores: que é razam mui deca, e que se-pode infringir facilmente com o que vos disse ao principio acerca da des-crisam com que se-devem atender os costumes da Antiguidade. *ibi.* pag. 32.

Pergunto primeiro . Negou o *Barbad.* que na *Antiguidade se-achassem equívocos*, e outros vestígios do mau gosto, que despois reinou? Nam senhor, antes exprefamente o diz em varios lugares. Ide contando. Falando ele do engenho, e juizo, diz: (1) *E nestas duas partes pecam nam so os Modernos e mediocres Poetas, mas pecaram ainda os Antigos, e grandes omens, nos quais nem tudo é igual, como mostram os que criticaram com juizo os Antigos. E mais a baixo falando dos anagramas, cronogramas, e ecos &c. diz: (2) Na idade de Ouro da Latinidade apenas se-acha vestigio diso, tirando em Ovidio, que tem alguma coiza. [Fala dos Poetas, que computaram obras, que existem] Na idade de Prata Marcial cuidou que foi o inventor. Deve-se tomar esta exprefam no sentido que em outros lugares explica. E falando dos que imitam cegamente aos Antigos diz: Nas obras dos Antigos nam distinguem o bom, nem o mau: abrasam os mesmos erros como se fossem maravilhas: sem advertirem, que aindaque fossem nosos mestres, nam os-devemos seguir com os olhos fechados, mas abrasar neles o que nam repugna à boa razam. O mesmo repete no fim da tal pagina: e abaixo [3] diz assim: Viram que nos Antigos se-achavam vestígios de mau engenho, e isto foi o que abrasaram. --- Alguns Poetas Gregos ridiculos autorizaram este uzo. Na mesma pag. diz: Que do mau gosto e criterio naceram os lipogramas, e refere a istoria do Grego Tryphiodoro. Mais abaixo diz: Dos enigmas de palavras entre os povos do Oriente achamos muito. Era entre eles uma principal parte da sabedoria saber propor, e decifrar enigmas. Os mesmos Reis se divertiam em propor uns a outros estas advinhasoens: e às vezes nos convites este era o ultimo prato. Mas destes omens nam falamos, porque ignoravam o que era bom gosto. Mas ainda entre os Gregos ouve algum, que fez algum enigma, como mostra o noso Lilio Gregorio Giraldi nos seus opusculos. Os Romanos mais advertidos fugiram diso. E mais abaixo: [4] Ponho na mesma classe os ecos, equívocos, anagramas, acrosticos &c. Tudo isto aindaque tivese seus vestígios em alguns menos advertidos da Antiguidade, resucitou, ou se-inventou nos seculos da ignorancia. E aqui desculpa Ovidio em certo modo: e logo ajunta: Os equívocos nam os-acho na Antiguidade separados dos enigmas, tirando rarissimo, que em outra parte direi. E em outro lugar [5] falando das agudezas, diz: Do tempo dos Antoninos para diante, quero dizer, desde os principios do segundo seculo de Cristo, é que totalmente se comefou a arruinar a eloquencia, e intraram as sutilezas: mas pior que tudo desde a metade do dito seculo para baixo ---- Contudo arrevo-me a dizer, que nam so nos fins do imperio, mas nem ainda nos seculos da ignorancia se-acha muita sutileza e equívocos, se os-comparamos com os nosos. Deixo de apontar outros lugares.*

Mas o que tem mais grafa é, que vos mesmo citais (6) as palavras do Barb. que confesa, que as agudezas se-acham nos Antigos, e sam estas: Isto que chamamos equívocos, resucitou, ou se-inventou nos seculos da ignorancia. Marcial no tempo de Domiciano, que era quazi o principio da idade de Bronze, foi o que comefou a introduzir, ou refinar as agudezas, e equívocos. No fim da idade de Prata é que se-comesaram a introduzir tais agudezas por culpa de Seneca Filozoso, e seu sobrinho Lucano, mas principalmente de Marcial. (7) Logo vos na mesma carta dizeis, e contradizeis-vos. Dizeis, que o Barb. confesa, que se-acham nos Antigos. Contradizeis-vos, repetindo varias vezes, que o Barb. diz absolutamente, que

(1) Metodo Tom. I. pag. 218.

(2) Ibi pag. 219.

(3) pag.

(4) pag. 222.

(5) pag. 255.

(6) §. 4. &amp; 5.

(7) Ibi §. 23.

que as agudezas são totalmente modernas. Desorteque ainda não asentastes no que diz o Barb. nem no que deveis impugnar. E isto chama-se no vosso Dicionário, *ter bom juizo, e ser o ponto da questam.*

Passemos ao Filologo, que diz o mesmo explicando a doutrina do Barb. Primeiramente refere os defeitos, (1) que Oracio, e Quintiliano achavam nos bons Poetas do seculo de Augusto. Depois nota com Cicero, (2) que já no seu tempo os Estrangeiros comeram a depravar em Roma a Latinidade, e Eloquencia: e cita as palavras de Seneca, e Quintiliano, que protestam, que na idade de Prata os Prozistas falavam já em estylo Poetico, id est, translato e afetado, contra a boa razam, e bom gosto. E confirma isto com o exemplo de Plinio velho, que floreceo no tempo dos Vespazianos, e com o exemplo do mesmo Seneca, Lucano, Marcial, que eram apaixonados por frequentes agudezas, que são contrarias à boa eloquencia. Nota (3) mais, que Cicero achava defeitos nos melhores Oraadores do seu tempo: e que Oracio nas *Satiras, Epistolas, e Poetica*, reprova muitos defeitos do seu seculo, e as grafas de Plauto, que lhe pareciam insulfas. Abaixo confessa (4) que na Antiguidade se achava vestigios de agudezas não só em outras materias, mas também nas inscricoes, mas que estas não merecem estimas. Repete o mesmo abaixo, (5) que *la se acha nos dois melhores seculos algum vestigio de mau gosto nas inscricoes*: mas que as que são feitas por autoridade publica são diferentes das modernas. Em outro lugar diz (6) que na Antiguidade se acham agudezas mais soffríveis. E na pag. 47. diz em uma Nota: *Que entre os Antigos tanto Gregos, como Latinos se acham alguns vestigios de mau gosto, e alguma agudeza, mas que estas não se devem imitar --- Que o Barb. não condena o bom uzo de alguma destas coizas em tal ou qual lugar, condena o abuzo, e applicasam impropria.* Reparai bem nestas ultimas palavras, porque rezolvem totalmente a questam.

De tudo isto se infere, que falsamente dissestes, que o Barb. e Filologo afirmam, que os equivocos, e paranomazias são invento dos *seiscentistas*. Diz sim o Barb. alguma propozisam semelhante, mas no mesmo lugar uza das palavras, *inventar ou refucitar, e refinar*, que explicam bem a sua mente: e como em muitos lugares da mesma carta explica, que alguns Antigos doutos caíram nisso com excessos, e que devemos imitalos com juizo, não applicando a muitos argumentos, o que os mais doutos e judiciozos fizeram em algum caso determinado, e rarissimamente; fica tão claro o sentido do Barb. que só as crianças poderão duvidar. Não entendendo por crianças os que mamam, mas os que são crianças e principiantes na arte de pensar e criticar; e não sabem, que antes de se criticar, deve-se examinar atentamente todo o contexto do Livro.

Se pois o Barb. e Filologo confessam tudo isto, que coiza impugnais vos? que novidade trazeis, fazendo alarde de toda a vossa erudisam para provar, que em todos os tempos se acham agudezas? como se eles tivessem dito, que antes do seculo XVII. não se achava um equivoco unico, aindaque o buscassem com um prego acezo! A isto chama-se deitar agua no mar: ou, para falar sem metaphora, provar o que vos concedem, cuidando que dizeis alguma novidade, e não entender qual é a questam que se controverte. E este é o mesmo sophisma que o Filologo já tinha dito, (7) que era o vosso mimozo, e se chama, *aliud probare, quam quod probandum est*. Pois devendo vos provar, como já vos ensinou o Filologo, (8) *que quem tem bom gosto de Latinidade não compoem elogios Lapidares, e muito menos em livros de folha*; tudo provais fora que este ponto. §.IV.

(1) *ta Filologica. pag. 4.*

(2) *ibi. pag. 10.*

(3) *ibi. pag. 18.*

(4) *ibi. pag. 23.*

(5) *pag. 31, 32.*

(6) *pag. 46.*

(7) *Carta Filol. pag. 50.*

(8) *ibid.*

Tenho mostrado a inutilidade da vossa carta para o ponto da dificuldade . Agora provo directamente , como acima prometi , que os melhores Retoricos , que citais , nam provam o que quereis . Quero dizer , 1. *nam provam que se posam fazer elogios Lapidares à moderna* . 2. *nam provam , que as agudezas , equivocos &c. se-posam admitir em tota a parte* . Este 2. ponto é o que vos quereis provar , como dais a entender , mas nam vos-soubestes explicar . Provo o 1.

Em primeiro lugar ponho à parte Omero , Gorgias , Stratonico , Platam : porque suposto eserevessem bem em outras faculdades , nam fazem autoridade em materia de eloquencia , e gosto delicado . Nem a Grecia naquele tempo tinha chegado à ultima perfeisam da Retorica , que teve despois . E Cicero claramente diz , ( 1 ) que o Sofista Gorgias era excessivo em ornamentos , e agudezas : e em outra parte ( 2 ) diz o mesmo de todos os Sofistas da dita idade , que todos caíam na mesma puerilidade . E com efeito de Platam , imitador de Gorgias , o-diz um grande Critico e Retorico do seculo de Augusto , que é Dionizio de Halicarnaso , e convem o Vavasseur . ( 3 ) Vamos aos que trataram *ex professo* da Eloquencia , Aristoteles , Cicero , Quintiliano .

Pergunto : Dize em algum lugar Aristoteles , Cicero , e Quintiliano , que se-podiam compor inscricaoens ferias com equivocos , paranomazias , e outras agudezas? Creio que posso responder afeitamente , que nam . O mesmo Cicero no elogio que fez a Lucio Craso , ( 4 ) a Q. Ortenzio ( 5 ) a Marco Bruto ( 6 ) a Cneo Pompeo ( 7 ) a Caio Cezar , ( 8 ) e a outros , dize porventura equivocos , paranomazias , e outras tais agudezas ? certo é , que nam . Visto isto ja temos , que nenhum destes trez autores aprova os elogios Lapidares modernos , ou reprova os antigos .

Pergunto mais : Augusto , e Caligula , a quem Macrobio , e Suetonio attribuem alguns equivocos , porventura esereveram nas magnificas obras , e lapides , que existem em Roma , e fóra , inscricaoens com equivocos e agudezas ? Nam se-nhor , porque os obeliscos , e outros monumentos mostram o contrario , como provou o Barb. e Filologo , e declaram as inscricaoens , que traz Grutero , Reinesio , Muratori , e outros . Visto isto temos ja , que nam obstante estes Principes se-fervirem de algum equivoco particularmente , e quando zombavam com os seus amigos ; nunca porem nas inscricaoens publicas se-valèram deles , que era a nosa questam . Polo contrario tendo estes Principes imitado nas inscricaoens o estylo serio e natural do seculo de Augusto , com a autoridade deles se-defende o Barb. contra todos os Elogistas lapidares . Logo os Retoricos antigos , que citais , nem provam , que posamos uzar destes jogos de palavras nas inscricaoens lapidares , que era o 1. ponto . Provado este ponto , era escuzado provar mais nada ; porque este é o *cardo controversia* . Tudo o mais , que eu escrever até o fim , nam é por necessidade , é fóra da questam , e samente para vos-tirar todos os escrupulos em outras materias . Entendei isto bem .

( 1 ) *Gorgias avidior est generis ejus , & his festivitatibus ( sic enim ipse censet ) insolentius abutitur.* Orator. cap. 52.

( 2 ) *Ibi.* cap. 12.

( 3 ) *De Ludrica dictione* pag. 10. 11. Editionis Amstelædam. an. 1709. fol.

( 4 ) *De Orator.* L. 3. init.

( 5 ) *In Bruto* init.

( 6 ) *Orator.* init.

( 7 ) *Oratio pro l. Manil.*

( 8 ) *Orat. pro Marcello.*

## §. V.

1. **P**rovo o 2. ponto . Começemos por Aristoteles . Este Retorico no livro 3. da *Rhetorica cap. 5.* numerando as cinco virtudes da locução emendada , que vai expõdo nos capp. segg. trata no cap. 10. da sexta virtude , que é ser *urbana e venusta* . Esta difam urbana e agradavel diz ele que é aquela , *que facil e brevemente nos dá alguma noticia* . Isto se-consegue mais facilmente com a *metaphora* , doque com palavras estrangeiras , e uzuais , que nam fazem tanta impresam na mente . O mesmo fazem as *imagens Poeticas* , que sam semelhantes , e so se-distinguem das metaphoras em serem mais compridas . Polo que toca à locução , esta se-faz bela e urbana com a figura , que é de trez sortes , *antiteze , metaphora , e energia* . E aqui declara , que as melhoes metaphoras sam as que se-fundam em proporçam e analogia , e o-repete abaixo , e aponta varios ditos por exemplo .

No cap. 11. continuando a materia das metaphoras , trata da *energia* , ou da-quella metaphora , que representa vivamente aos olhos uma asãm : porque as metaphoras , que nam representam asãm , nam tem energia . E aqui traz outros exemplos de ditos . Despois aponta brevemente outros lugares , de que se-podem tirar ditos urbanos , que sam a decepsam , ou *engano , apotezmas , enigmas , coizas nam esperadas , paranomazias , proverbios , iperboles* . Todas estas coizas sendo uzadas com juizo , *dam breve e facilmente alguma noticia verdadeira , que nam tinha-mos , ou em que tinha-mos errado* : que é a definiçam do urbano .

Mas tanto nam aprova Aristoteles geralmente estas ultimas coizas , que aponta ; que nam so diz répetidas vezes neste cap. que algumas destas figuras sam pueris ; que nam convem a omens velhos e prudentes , aindaque delas se-valham alguns Oradores Aticos ; ( 1 ) e que se-digam coizas verdadeiras e bem acomodadas ; ( 2 ) mas no cap. 12. exprefamente trata do *decoro da oração* em toda a sorte de argumentos : encomenda que a locução das coizas escritas , e que se-podem considerar , seja mais estudada , doque a das oraçoens que somente se-recitam . E conclue , que para a oração ser jucunda e urbana , deve-se uzar das figuras com juizo , verosimilidade , e como deve ser . ( 3 ) Lede estes tres capitulos de Aristoteles , e os que fazem a parafraze , e vereis que em tudo encomenda a parsimonia e juizo , e so as-admite nos cazos necesarios , que por iso nam cito as palavras . Logo Aristoteles nam aprova o uzo geral das agudezas : polo contrario dá regras muito apertadas , semelhantes às do Barbadinho .

2. Mas fuçamos ja de Grecia para Italia , porque tremo quando falo com vofco em AA. Gregos . Apareça Cicero , com o qual fazeis tanta bulha : e dele digo o mesmo , que nam prova o que quereis . Cicero introduz no seo dialogo a Cezar expõdo aquele modo de dizer picante e novo , com que os Oradores costumam provocar a rizo . Declara , que o cauzar rizo serve muito ao Orador , porque concilia a benevolencia dos ouvintes , e o-ajuda para ofender o adversario , ou

C

defen-

( 1 ) *Sunt autem etiam hyperbola pueriles , quoniam vehementiam significant.* Rhetor. l. 3. c. 11. Cito o texto de Aristoteles , como se-acha na edisam do Jezuita Silvestre Mauo , que fez a parafraze dele .

( 2 ) *Oratores autem semper aut ad quem dicitur , aut quod recte dicitur , significari , si quod dicitur verum est , & non superficiale.* ibid. n. 7.

( 3 ) *Jucundam (& urbanam) quoque facient orationem , que dicta sunt , si trita & prisca bene collocentur , & numerus , & verisimilitudo , ita ut decet.* ibid. cap. 12.

defender-se, e escapar dos argumentos difficultozos. (1) Expoem a moderasam com que se-deve tratar. Diz, que as facecias ou consistem nas coizas que se-di zem, ou nas palavras com que se-dizem. (2) Adverte, que nem todos os ditos galantes se-devem dizer: (3) e reprova os que faziam o contrario. Despois expoem algumas maneiras de fazer rir, distinguindo quais aprova, e quais nam. Diz, que algum equivoco se-pode admitir nam so no burlesco, mas em algum dito sezudo: e cita a Varo, que em um banquete louvou a Cipiam Africano com certo equivoco e (4) Mas adverte, que aindaque o fim do equivoco seja fazer rir, nem sempr. o-confegue. (5) E continuando as varias fortes de equivocos, encomenda que se-evitem as frioleiras. (6) Demais declara, que alguma vez se-valem os omens de paranomazias, definiçoens de nomes, versos, proverbios, repetisam de nomes, sentenfas opostas, para fazer rir, de que cita varios ditos. E aqui torna a advertir, que muitas vezes sam frioleiras: e que as melhores pancadas sam as que nam se-esperavam. (7) Despois disto trata das coizas, e maneiras diferentes de cauzar rizo. E conclue, que muitas destas grasas aindaque sirvam ao Orador, tambem podem ser ornamento de uma conversasam agradavel. [8] Estais ja contente? tenho-vos concedido, que Cicero admite grasas e agudezas de sentenfas, e de palavras? Pois nam obstante digo, que Cicero nam prova o que quereis.

Primeiramente Cicero nam aprova estas galantarias em todas as orasoens: antes repetidas vezes encomenda o decoro da orasam, e que nam se-valham delas senam quando sam necesarias, e supoem que agradarám. (9) E em outros lugares diz, que o Orador deve cuidar muito em proporcionar a orasam ao assunto: e que nisto pecam muitos Poetas, e Prozistas. (10) E falando das grasas repete, que se-evitem as que sam estudadas: que se-digam com parsimonia, e samente contra os adversarios que o-merecem. (11) Isto diz como Orador: e como Filozofa repete o mesmo: (12) e acrescenta, que nam á coiza mais ridicula, que em coizas serias dizer grasas. (13) E tudo isto

(1) *Vel quod admirantur omnes acumen uno saepe in verbo positum, maxime respondentis, nonnunquam etiam lacescentis: vel quod frangit adversarium, deterret, refutat. . . . maxime quod iracundiam ac severitatem mitigat & relaxat: odiosasque res saepe, quas argumentis dilui non facile est, joco risuque dissolvit.* de Orat. l. 3. n. 236.

(2) *Ibi. c. 59.*

(3) *Hoc primum, ne quotiescunque potuerit dictum dici, necesse habeamus dicere.* ibi. n. 244.

[4] *Ibid. n. 250.*

(5) *ibid. c. 62.*

(6) *In quo ut ea, que sint frigidiora, vitemus [etenim cavendum est, ne accersitum dictum putetur] permulta tamen acute dicemus.* ibid. c. 63.

[7] *Hec aut frigida sunt, aut tunc salsa, cum aliud est expectatum.* ibid. c. 64.

[8] *Ibid. c. 67.*

[9] *Haberi rationem oportere hominum, rei, temporis, ne quid jocus de gravitate decerperet. . . . Nos autem quomodo utamur, cum opus sit, querimus: ut in adversarium, & maxime si ejus stultitia poterit agitari: in testem stultum, cupidum, levem, si facile homines audituri videbuntur.* ibidem c. 56.

[10] *Ut enim in vita, sic in oratione, nihil est difficilius quam, quid deceat, videre. . . . Hujus ignoracione non modo in vita, sed sepiissime & in poematis, & in oratione peccatur. [notai bem] Est autem quid deceat oratori videndum non insententiis solum, sed etiam in verbis.* Cicero Orator. c. 21.

[11] *Vitabit etiam questus, que plerumque sunt frigida: . . . tantummodo adversarios figet, nec eos tamen semper, nec omnes, nec omni modo.* Orator. cap. 26.

[12] *Ac videat inprimis quibus de rebus loquatur: si seriis severitatem adhibeat, si joco sis leporem.* Offic. 1.

[13] *Turpe enim est, valdeque vitiosum, in re seria, convivii dignum, aut delicatum aliquem inferre sermonem.* ibid.

isto tinha advertido o Barbad. (1)

Destes lugares se-inferre , que Cicero somente admite alguma agudeza ou dito galante em dois cazos : 1. nas conversações familiares e alegres v. g. banquetes. (a esta classe pertencem as cartas aos amigos) 2. e principalmente em ditos forenfes , quando o Orador no foro e curia devia responder ao seu adversario , ou alegrar o auditorio . E ainda nestes cazos vai Cicero com tento : pois reprova muitas agudezas ja ditas : e podia reprovar muito mais , pois rara é aquela que consiste em meras palavras ( as que consistem em sentenças sem melhores ) que ele traz , que mereça verdadeiro aplauzo . Mas considerando o fim de Cicero , que era vencer a demanda de qualquer modo , dobrando os Juizes para a parte que defendia , não á duvida que sem utis as agudezas em certas ocaziões . Mas neste caso não se-busca o que é bom e verdadeiro engenho ; busca-se o que é útil , ainda que seja pessoa . Por cujo motivo ainda que Cicero se-valese delas em alguma ocazião , tinha desculpa . Mas nunca disse Cicero , que se-dissem agudezas em toda a casta de orações serias , e muito menos agudezas afetadas e estudadas , nem ele o-fez sem necessidade . Logo Cicero não aprova o uso geral das agudezas , que era o 2. ponto acima . Alem disto as graças e agudezas , de que fala Cicero , consistem em muitas coisas sem serem equivocos , e paranomazias ; e quando as-aprova , não se-deve entender necessariamente dos equivocos , mas de outras .

Daqui tiro eu também dois corolarios contra vos . 1. Que Cicero convem com o que diz o Barb. e Filologo por estas clarissimas palavras : [ 2 ] *Nam condemna o Barb. o bom uso de alguma destas coisas em tal ou qual lugar ; condemna o abuso , e applica sem propria : v. g. dos que as encaixam em elogios Lapidares serios.* 2. Que o Barb. e Filologo ainda concedem mais do que o voso constituinte Elogista que na prefacia Portuguesa diz absolutamente : *Que equivocos não são da escriptura , mas da conversação deviam ser desterrados.* E com que cara se-contradiga agora , e queira com o voso nome defender o uso dos equivocos em toda a sua extensão , isto não entendo eu .

Replicais vos , que Cicero vale se em varios lugares de equivocos e agudezas : das quais o P. Vavasseur (3) compoz uma lista , em que se-acha tudo o que dizeis . ( aqui não posso deixar de rir da arte fina , com que dáis a entender , que vos-cansastes muito em buscalas em Cicero , Plutarco , Macrobio &c. quando tudo o que dizeis se-acha no lugar citado do Vavasseur : alguma coisa mais em outro cap. de *Epigrammate* do mesmo P. : e as outras autoridades na prefacia de Marcial *ad usum Delphini* : e acabou-se a vossa erudição . O que digo para vos ensinar , que este fingimento é aquilo a que os doutos chamam ser *Plagiario* , como provou o Filologo ) Mas a isto já está respondido , e de novo respondo , que este é um dos maiores defeitos de Cicero , que não só era *facero* , narrando com graça , o que merece louvor ; mas era *dicax* no ultimo grau , dizendo ditos fora de tempo , e frioleiras . Defeito que condemnaram nele os seus inimigos (4) e amigos : (5)

C 2

de-

[ 1 ] Falando do decoro no tom. 1. pag. 162. seqq. 166. seqq. 171. e em outras partes .

[ 2 ] Carta Filolog. pag. 47. na Nota.

[ 3 ] De Lud. dictione §. 9 pag. 67.

[ 4 ] *Quis item nescit Consularem eum ( Ciceronem ) scurram ab inimicis appellari solitum ? quod in oratione sua Vatinius posuit.* Macrobi. Saturnal. 1. 2. cap. 1.

[ 5 ] *Cicero non solum extra iudicia , sed in ipsis etiam Orationibus habitus est nimis risus affectator.* Quintil. Institut. 1. 6. c. 3. *Marcum Tullium suorum homines temporum incessere audebant ut in salibus aliquando frigidum.* ibid. 1. 12. c. 10. *Illa ipsa , que sunt in Verrem dicta frigidius.* ibid. 1. 6. c. 3. & 4. *Lede Plutarco in Ciceron. e o Dialogo de causis corrupt. Eloquent. que censuram o mesmo.*

e defeito que devem reprehender todos. E dos defeitos de Cicero nam se-tira prova alguma para o ponto.

De forte que Cicero contantoque vencêse a cauza, nam lhe-empertava se excedia as leis do decoro, como confesa o mesmo Vavasseur. (1) Onde confesando Cicero, que muitas das grasas, que consistem em meras palavras, sam frioleiras; confesando os mais cultos daquela idade, que Cicero era despropozitado em dizer grasas; nam devemos receber cegamente as que ele aprova, mas considerar se o-merecem; e quando asim se-examinam, acha-se que a maior parte sam frioleiras, principalmente as de palavras. Assimque tirando as frias, ficam tam poucas, que se-reputam por nada, e com elas nam se-pode fazer argumento: porque o mesmo dizem todos os omens de bom gosto, que alguma agudeza se-pode tolerar em tal ou qual ocaziam, mas nam em coizas serias. O caso é, que o mesmo Cicero declara, que nem todos os doutos, e engrasados eram da sua opiniam, mas que ele gostava excessivamente de facecias. (2) E vos nam podereis negar, que no tempo de Cicero avia muitos omens tam elegantes e cultos, que nam escreviam, e menos abuzavam de agudezas: v. g. Metelo, Catam, os dois Brutos, Planco, Cezar, Pompeo, Sulpicio, Cassio, Luceio, e mil outros omens eloquentissimos, cujos nomes e cartas achareis entre as de Cicero.

Daqui saiem outros dois corolarios contra vos. 1. Que a autoridade de Cicero em admitir grasas ainda se-deve restringir muito mais, doque os preceitos de Cicero restringem, visto ser este um defeito pesoal dele, reprovado por omens grandes. 2. Que com razam maior se-deve restringir, por confesar o mesmo Cicero, que os outros doutos nam eram do seo parecer.

Mas eu quero conceder, que Cicero nam so difese, mas aconselhãse o dizer grasas e agudezas com excesso: por isto avemos dizer, que é bem feito, e de bom gosto? Nam senhor. Que bela ocaziam se-oferecia agora para discorrer sobre os defeitos dos maiores omens da Antiguidade, e mostrar-vos com infinitos exemplos, que aindaque foram nosos mestres, nam sam oraculos irreprensiveis. Mas aindaque este fosse o lugar proprio, nam quero que me-digais, que vos afoço com erudisam exquizita. Nem tambem quero citar alguns pasos originais, nem livros de mais profunda doutrina. Bastará por agora citar o Baillet (3) onde achareis o que basta para provar o que digo. O mesmo Vavasseur de *Ludicra ditione* aponta quanto basta para ver os muitos, e graves defeitos dos Antigos. E sem sair de Cicero, podia apontar muitos exemplos, mas tocarei somente um ou outro.

Chama-se Cicero o maior Filozofos dos Romanos: e com razam, porque foi um dos que escreveo melhor: mas isto nam tira que tenha intoleraveis defeitos. Nos livros de *Officiis*, que é a melhor obra que fez, acham os Modernos, que trataram, ou censuraram a mesma materia, muitos defeitos consideraveis. (4) Nos outros livros Filozoficos, v. g. de *Natura Deorum*, tem muita coiza boa, mas

(1) *Ciceronis comis natura, os facietum, sermo jucundus ad scurrilitatem: qui dummodo cause serviret, neque gravitatem tenuerit, neque decorum: idque non in concione tantum, sed in communi etiam vita & congressu.* De *Ludicra ditione* pag. 60.

[2] *Ego autem, existimes licet quod lubet, mirifice capior facietis, maxime nostratibus.* L. 9. epistol. 16. ad Pætium.

(3) *Jugement des Savans sur les Auteurs.*

(4) *Lelevellus Philosoph.* Nova & Hodierna Paris. 1698. 12. tomo 4. <sup>454</sup> *Etudiorum Germanica.* P. IX. pag. 441. *Confer. Merhofius Polyhistor.* tom. 1. l. 4. c. 11. §. 17. & tomo 3. l. 1. c. 17.

mas entre ellas acham-se bastantes argumentos tam futis, e tam ridiculos, que se envergonharia qualquer infimo Logico Moderno de se-valer deles. Que ridicularias nam escreve nos livros de *Divinatione*? que contos de mulherinhas! que razoens pueris! Nas *Academicas*, nas *Tusculanas*, nos *Paradoxos*, que paralogismos, e argumentos insubsistentes! O certo é, que qualquer bom Filozofolendo estes e outros livros Filozoficos, ve logo a falta de boa Logica, que é a principal joia de um Filozofol. Nos mesmos livros Retoricos acham todos falta de metodo. O nam digerir, e concatenar bem as materias, e aqueles eternos e enfadonhos proemios, com que Cicero comeza muitos livros, em cujo defeito caie tambem Salustio, é falta de boa Logica, e Retorica: porque se o-fizefe uma vez ou outra, seria galantaria: mas frequentemente, é vicio. Nam quero falar em varios pontos de Retorica, que se-podem censurar no mesmo mestre da Eloquencia: como censurou com outros eruditos o Jezuita Buffier.

Dirá aqui algum ciolo, Logo Cicero nam é um dos maiores oraculos da Eloquencia? Sem duvida que é: mas assimcomo o Sol, que dá luz aos mais Planetas, tem sombras e manchas; assim tambem Cicero, que dá regras aos mais Retoricos, tem defeitos de Retorica: os quais nam se-devem receber como oraculos; mas examinalos à luz da boa razam: e entam é que se-conhece se o-sam. Este é o privilegio das Artes, que se-fundam em boa razam, que sempre se-vam aperfeisoando com ela. Dizei-me, porque recebem os omens de bom gosto, na *Poetica*, a Aristoteles, e Oracio: na *Retorica*, a Aristoteles, e Cicero? A razam é, porque aqueles autores deram as mesmas regras, que a boa razam mostra que conduzem ao fim proposto. v. g. Na *Retorica* apontam o modo com que se-cos-tumam *instruir agradavelmente os ouvintes, e se-abalam para onde os quer levar o Orador*, que é o seu fim. Na *Poetica*, que é uma *Retorica* mais florida, ensinam como se-deve acomodar o *discurso e pensamentos a todo o genero de argumentos Poeticos, apontando tambem a locusam, e versificasam propria deles*. E daqui vem, que examinando maduramente os posteriores a natureza dos mesmos *argumentos Oratorios, e Poeticos*, descubriram muitos defeitos nos mestres, que sam contrarios aos seus mesmos principios, ou à natureza do argumento que tratam. Desorteque os posteriores nam aprovam os preceitos dos Antigos, por serem dos Antigos; mas porque a razam mostra, que sam verdadeiros.

E pola mesma razam considerando os omens de bom juizo, que as agudezas em rarissima ocaziam tem lugar, como dizem os Antigos citados; e que entre as agudezas as mais pueris, e que fomite agradam a rapazes, sam as que consistem em meras vozes, v. g. equivocos, e paranomazias; porque os omens de juizo maduro, e delicado, gostam de pensamentos belos, e novos, mas solidos, que é conforme à boa razam; como adverte Aristoteles, e Quintiliano, que citarei abaixo: Por isto os Modernos ensinam, que semelhantes jogos de palavras so podem ter lugar em rarissimo cazo, v. g. em ocazioens e conversasomens alegres, e quando naceem das entranhas da materia: e que nas outras ocazioens, principalmente serias, se-devem evitar: e de nenhum modo se-deve andar à casa delas, como fazem os Modernos, principalmente Elogistas, porque o buscalas é frioleira, como adverte Cicero nos lugares pouco antes citados. E assimcomo seria ridiculo e doido, quem indo falar a um Rei fosse dançando, aindaque dançasse com a ultima perfeisam; ou quem falando-lhe em qualquer negocio serio, o enformasse com equivocos, paranomazias, e outras agudezas; assim é ridiculo, quem em argumentos serios, em inscricaoens e elogios graves, que se devem considerar como monumentos perpetuos oferecidos à posteridade, e expostos à censura de todos os doutos, tece uma meada de agudezas, e outras puerilidades, deixando o que

devia dizer : porque isto mesmo é pecar contra as leis dos melhores Logicos , e Retoricos que encomendam sempre o proporcionar a qualidade da oração à qualidade do argumento.

E aqui devo por amizade advertir-vos , que nam digais outra vez , como dizeis em tom magistral no §. 29. *que Cicero disse as orações in Verrem , que citais , pro vestris no Senado* : porque tirando a *Divinatio* , e *Actio prima* , as outras nam foram recitadas , mas escritas fomite . Pois Verres acabada a *Actio prima* , desferrou-se por si mesmo , e acabou-se a causa . E nam parece bem , que um Critico como vos diga estes erros de *Historia Romana* , que sabem os rapazes da primeira , que se divertem em ler os argumentos das *Verrinas* .

3. Cornificio , ou o autor da *Rhetorica ad Herennium* , que ainda nenhum erudito nos convenceo , que nam foi Cicero , nem dam razões que valham um figo para lha-negar ; este autor , digo , convem com Cicero , recomendando repetidas vezes a moderação em uzar de figuras de palavras , chamando lhe pueril : ( 1 ) e dizendo , que as *similiter cadentia* , & *desinentia* , anominasões , paranomazias se-uzem rarissimamente , porque nelas se-ve logo o trabalho do autor , e afetação , que é aquilo a que chamamos *estilo pueril* , e que aborece aos ouvintes , que as canonizam por emprego de meninos . ( 2 ) Logo este autor nam aprova o uzo geral das agudezas , antes concorda com o Barb.

4. Segue-se Quintiliano , com o qual é escuzado demorar-se , porque convem com Aristoteles , e Cicero , onde bebeo ; e diz , que o Orador pode valer-se de alguma agudeza para refutar o adversario . Este era o principal ponto dos antigos Retoricos , dirigir todos os seus preceitos para servirem no foro , e curia : e isto com bastante moderação . ( 3 ) Mas nam so nam aconselha , que digamos agudezas nas outras orações feitas fora daquelas , que necessariamente o-pediam ; mas pelo contrario repete , que deve o Orador observar o *decoro* da oração , e nam dizer mais doque é necessario em cada lugar . ( 4 ) Que nos equivocos cuide em nam dizer coizas escuras , e triviais : ( 5 ) semelhantes a muitas frioleiras de Cicero , [ 6 ] que vos louvais . Chama frioleiras às paranomazias *acisculum* , *pacisculum* ; *Placidum* ,  
aci-

( 1 ) Nam id quidem puerile est. l. 4. c. 22.

( 2 ) Hec tria genera exornationum. . . . peccato sumenda sunt , cum in veritate dicemus : propterea quod non haec videntur reperiri posse sine elaboratione : & consumptione operæ . . . His exornationibus frequenter collocatis , non modo tollitur auctoritas dicendi , sed offenditur quoque ejusmodi oratione auctoritas , propterea quod est in his lepos & festivitas , non dignitas , neque pulchritudo . . . Igitur si crebro his generibus utemur , puerili videbimur locutione delectari . l. 4. c. 22. 23.

( 3 ) Quapropter Orator ne dicet quidem false quoties poterit , & dictum potius aliquando perdet , quam minuat auctoritatem. Inst. Orator. l. 6. c. 3. & 4.

( 4 ) Refert his ( grafas e agudezas ) ubi quis utatur . Nam in conviviiis , & quotidianis sermonibus , lasciva humilibus , hilaria omnibus conveniunt . . . In hac pugna forensi malum mihi lenibus interdiceret , quamquam & contumeliose & asperè dicere in adversarios permissum est. ibidem.

( 5 ) Inprimis autem ex amphibolia , neque illa obscura , nec qualia vulgo jaclantur a viliissimo quoque. ibid.

( 6 ) Ne illa quidem , que Ciceroni aliquando , sed non in agendo , exciderunt : cita o ditto : Ego quoque tibi jure favebo. ibidem . Illa ipsa que sunt in Verrem dicta frigidius . ibidem.

*acidum*, e outras tais. (1) E repete no mesmo capitulo varias vezes (isto serve para illustrar a regra do verdadeiro *pensamento engenhozo*, que deo o Barbadinho) que estas agudezas de palavras rarissima vez sam belas quando nam se-fundam em coizas: (2) que é o mesmo que dizer, que quando nam se-funda em verdade, ao menos aparente, nam é belo o pensamento. Logo Quintiliano nam aprova o uzo geral das agudezas.

Daqui se-inferem outros dois corolarios contra vos. 1. Que Quintiliano con- vem com o Barb. na regra fundamental, (de que nadem as outras que deo o Barb. sobre as agudezas) que devemos proporcionar a orasam ao argumento, e lugar: que vale o mesmo, que excluir agudezas de argumentos sezudos. 2. Que Quintiliano ainda aperta mais o cazo que Cicero: pois nam so reprova as agudezas frias, que este por vicio pessoal admittio, e as-canoniza por frioleiras; mas dá a mesma regra do verdadeiro e falso engenho, que deo o Barbadinho.

## S. VI.

**D**Aqui faie a resposta de tudo o mais, que dizeis na vosa *Carta* sobre os Antigos. Os Comicos, v.g. Plauto, que so tinham por fim divertir o auditorio, fose como fose; apegavam-se a tudo o que podia provocar a rir, e agradava ao povo. E daqui nadem varios xistes plebeos de Plauto, e varias frioleiras, que so se podem sofrer nele, e em outros tais: e nem menos nele as podem sofrer os Criticos delicados e de gosto exquisito.

Aqui se-oferecia outra boa ocaziam de vos-explicar a diferenca que ouve entre a *antiga Comedia*, e *nova*, tanto entre Gregos, como Romanos antes de Cristo: porque vejo que estais muito falto de noticias, e por isto vos admirais de coizas que sam triviaes entre os Literatos. Mas tenho asentado comigo, nam acumular mais erudisam, que a necessaria. E sabe Deos, se este pouco que tenho dito, e vou dizendo, entendereis como dezejo; e era preciso.

Digo pois, que entre os Gregos ouve grande diferenca entre os *primeiros Comicos* e os *ultimos*. Dos Antigos Aristofanes v.g. aquele elegantissimo escritor Atico, profunde excessivamente piques, grasas, e agudezas. Polo contrario Menandro, que deo forma à nova comedia, emendou aqueles defeitos, e praticou infinitas grasas de outra sorte. O mesmo succedeo entre os Latinos. Plauto é dos melhores na antiga comedia: Terencio na nova. Mas á grandissima diferenca entre aquele e este. As grasas e agudezas de Plauto ou sam plebeias, ou frioleiras: rarissima vez diz coiza louvavel. (3) As de Terencio nam sam equivococ &c. mas grasas urbanas, e de infinito preso. (4) Desorteque nam obstante Plauto ter muito merecimento, de-

(1) *Et haec tam frigida, quam est nominum fictio, adjectis, detractis, mutatis litteris. ibidem. Funt & detractione, & adjecta aspiratione, & binis conjunctis verbis, similiter sapius frigida* (notai bem o *sepius*) *aliquando tamen recipienda. ibidem.*

(2) *Non quia excludenda sint omnia verba duos habentia sensus, sed quia raro (notai o raro) belle respondent, nisi cum prorsus rebus ipsis adjuvantur. Mais: Sed haec eadem genera commodius in rebus, quam in nominibus, respondent. Mais: Acriora igitur sunt & elegantiora, que trahuntur ex vi verum, Omnia ibidem.*

(3) *Plautus insulis facietis non caret, que saltem Horatii palato non sapiunt: ejusque jocos, qui plebi visum movebant, quandoque miserabantur emunctioris nativ homines. Rapius Jesuita Reflex. in Poet. p. 2. Reflex. 6.*

(4) *Plauti plerisque jocos populo, & multitudini relinquo: Terentii reservo eruditis, atque honestis. Vavassor. de Ludicra dictione in Terentio, pag. 32.*

devem se porem reprovar os seus xistes plebeos, e de palavras, e deles nam deve valer-se pessoa alguma de discernimento para provar coiza que valha. Assim julgou Oracio, (1) que neste genero é mestre da primeira esfera (2). E o mesmo julgaram com Oracio todos os eruditos do dito seculo, como confessa o Vavasseur. (3) Logo as grafas e agudezas de Plauto, reprovadas pelos melhores Criticos do seculo de Augusto, nam provam coiza alguma contra o Bard. Muito mais se consideramos, que para provocar a rizo o povo, nam se busca a verdade, e o engenhozo: busca se a novidade, e quanto mais despropozita, e menos esperada, mais se-rim dela; sem que daqui se-pôsa inferir, que seja verdadeiro engenho.

## § VII.

**P**Assando agora aos Modernos, que citais, é escuzado responder, porque os que crescerem melhor, v. g. Vossio, expoem a doutrina dos Antigos. E o Vavasseur, que compoz um tratado de *Ludicra dictione*, para provar, que as grafas e agudezas tanto na proza, como no verso, que reinaram no seculo pasado (a que chamam dos *seiscentistas*) nam se-podem admitir, nem autorizar com os antigos Gregos, e Romanos, aindaque estes disessem grafas; Vavasseur, digo, falando das de Cicero, adverte, que se-devem dizer com tais cautelas, que quazi se-inferre, que nunca se-poderám dizer: (4) e ele mesmo confessa, que fala nelas quazi envergonhado. (5).

E aqui nam podemos deixar de nos-admirar do voso discernimento: pois tendo Vavasseur no tal Livro expresamente impugnado as agudezas do seculo pasado, que sam as mesmas dos elogios Lapidares; e tendo vos folheiado o dito Livro; esquecido agora diso, e fomite lembrado, que Vavasseur admitio uma ou outra agudeza nos epigramas Latinos; infirais daqui, que o omem aprovava as agudezas dos *seiscentistas*. De que se-deve inferir, que vos nam percebestes o que significa, *Ludicra dictio*.

Alem diso, vos aqui com a vosa Logica admiravel confundis duas coizas diferentes, e separaveis. Citais o Vossio, e Vavasseur, e outros para provar, que nos epigramas Latinos se-pode tolerar alguma agudeza. E esta questam é separavel da outra, que vos querieis, e devieis provar, que era o uzo geral das agudezas na proza, e verso: porque aqueles mesmos, que as-admitem com juizo nos epigramas

(1) *At nostri proavi Plautinos & numeros, & Laudavere sales: nimium patienter utrumque, Ne dicam stulte, mirati: si modo ego, & vos Scimus inurbanum lepido seponere dicto, Legitimumque sonum digitis callemus, & aure.*  
Horat. in Poetica.

[2] Veja-se o Daniel Heinsio Dissert. ad Judicium Horatii de Plauto, & Terentio: em que defende o juizo de Oracio. Acha-se tambem esta dissert. no Terencio ad usum Delphini.

[3] *Hujus ego (Horatii) judicium non unius hominis, sed totius seculi illius eruditissimum judicium puto.* Vavassor. *ibid.* pag. 31.

[4] *Hinc adeo intelligitur, quot sepiam sit tota res & obstructa difficultatibus, quot conditionibus astricta, quot preceptis temperata, legibusque: ut maxime sapientis sit ita ludere, & jocari, maximaque arte id fiat.* De Ludicr. *dist.* pag. 67.

[5] *Paulum quidem salis libare utile fuerit ex facietis jocularorum, quo perspergatur sermo familiaris & oratorius: sed ita demum ut vix appareat, neque deprehendatur quasi in delicto.* *ibidem.*

mas, reprovam-nas nas outras composições, como faz Vavasseur. (1) E para vos-confirmardes, examinai as orações, e outros poemas, e escritos didascálicos deste douto Jezuita, e achareis, que é tam escrupulozo imitador do seculo de Augusto, que nada mais: e nam vereis nele nem grasas pueris, nem elogios Lapidares à moderna. Alem diso lede a 3. Orasam dele, *Pro veteri dicendi genere contra novum*, e vereis que aprova somente o estilo do seculo de Augusto: e re-prova tam largamente as agudezas, que reinaram no seculo pasado, mostrando que sam frioleiras; que nam se-pode buscar melhor confirmasam de tudo quanto diz o Barbad. e Filologo. E isto basta para vos-dezenganar, que este Jezuita nam so nam patrocina o voso intento; mas concorda com o Barb. no ponto da difficulda-de principal.

### §. VIII.

Onde toda a vosa critica neste lugar se-reduz a examinar, se nos epigramas se-podem tolerar agudezas no fim, como fez Marcial; ou se devemos com Catúlo imitar aos Gregos, que compuzeram epigramas engrasados em todo o corpo, mas sem pico no fim. Bem vedes, que esta questam é diferente da principal questam dos *elogios Lapidares*: tambem é diferente da outra asima, *do uzo geral das agudezas*: e é uma questam, que o Barb. tocou de pasagem. Vos podem insultais aqui ao pobre Religiozo sem razam. Distingamos o certo do opi-navel.

Confesa com todos os doutos Vavasseur, que os Gregos tinham outro estilo totalmente diferente de Marcial, aos quais imitou Catúlo, Poeta excelente do seculo de Augusto, que compoz com inexplicavel grasa os seus epigramas, que os mais cultos admiram. (2) Confesa, que no tempo de Cicero eram rarissimas as agudezas, que se-diziam parcamente, e que nam se-estimavam. (3) Confesa, que despois de Augusto com excessão, e com vicio se-diferam agudezas. (4) Que se-depravou por cauza delas o bom gosto. (5) Que alguma agudeza disse Ovidio, mas muito pior os posteriores, Declamadores, Historicos, e Poetas. Mas que ele estima mais aos verdadeiros Romanos do tempo de Augusto, que nam diziam agudezas. (6) Confesa mais Vavasseur, que Marcial mais de um seculo despois de Cicero foi um dos primeiros, que compoz epigramas com agudezas no fim. (7)

D

Nil-

(1) *De Epigrammate* c. 6. pag. 95. & de *Lud. dict.* Especialmente trata isto na Orasam, *Pro veteri dicendi genere contra novum*.

(2) *Catullus vincit pmo ac simplici candore, & nativa quadam minimeque adscita venustate formæ, que accedat quam proxime ad Græcos.* de *Ludicra dict.* pag. 43.

(3) *Ac per idem tempus omne servatus modus, immo vero summa parcitas acuminum fuit: pauci ea laude insignes, que neque laus habita, neque præcipua scriptorum.* Vavassor de *Epigram.* cap. 6.

(4) *Latini postremis temporibus assumpserunt sibi acumina immoderatus, factique sunt hac virtute forsã vitiosi.* *ibid.*

(5) *Tunc mutari cepium orationis genus in deterius -- qui autem sese immutarint ita & tam cito, eos acuminum vim & copiam consecratos fuisse potissimum.* *ibid.*

(6) *Malo alios veros Romanos, Livium, & Suetonium in Historicis; Virgil. & Horat. inter Poet.* quibus nihil est hujusmodi, aut parum admodum arguiarum. *ibidem.*

(7) *Martialis acumine, quod proprium Latinorum & peculiare tunc fieri cepit (notabem o tunc cepit) valet.* Vavassor. de *Ludicra dict.* pag. 43.

Nisto concorda o Voffio, (1) e todos os eruditos. Dobremos folha.

Ponhamos agora de uma parte os Gregos, que sabiam que coiza era verdadeira Eloquencia, e Poetica, juntos com Catúlo, e com o melhor do seculo de Augusto. Ponhamos da outra parte Marcial, e alguns coetaneos, que foram todos do I. seculo de Cristo, no qual, como se-queixa Seneca, Quintiliano, e Plinio, citados pelo *Filologo*, se-depravou a pureza da lingua, e o bom gosto da eloquencia. Quais pezam mais na vosa estimasam, aqueles, ou estes? Respondei o que quizerdes: o certo é, que os omens de bom juizo e gosto preferem sem a menor duvida os primeiros. Logo é evidente, que o juizo com que a Barb. preferio em tudo Catúlo a Marcial [ tirando alguns epigramas que louva ] nam é *arrastado da paixam*, como vos caluniaes; mas é autorizado pelo melhor da Antiguidade Grega, e Latina: e autorizado tambem por Mureto, por Lilio Gregorio Giraldi, Criticos da I. esfera; e por muitos Modernos doutisimos, e de otimo gosto, o que confesa redondamente Vavasseur. [ 2 ] E tambem é autorizado pelo P. Rapin, [ 3 ] por Mr. Rollin, [ 4 ] e por todos os Modernos, que confessam, que as agudezas de Marcial naceram da depravasam da eloquencia, coizas que sabem as criasas da escola.

Replicais vos, que Vavasseur, e algum outro, que nam faltam, aprova os epigramas polo estilo de Marcial. Assim é: mas daqui nam se-inferê, que se-deve preferir, ou igualar Marcial aos do seculo de Augusto, que era o noso ponto: inferê-se, que estes Criticos tem muito mau gosto neste juizo. O certo é, que quando Vavasseur se-vio obrigado a decidir, *qual se-devia imitar, Catúlo, ou Marcial?* vio-se tam apertado com a pergunta, que rompeo com uma parvoice indigna de um tal Critico. Por uma parte ocorria-lhe tudo o que tinha dito em obzequio dos Gregos, e de todo o seculo de Augusto. Pola outra, arrastava-o a paixam, que tinha a Marcial, e a algumas das suas agudezas. [ digo algumas, porque ele reprôva muitas ] Que diria neste cazo Vavasseur? Respondeo [ 5 ] que se-devia imitar Catúlo, e Marcial: que é o mesmo que nam responder nada, ou dizer uma loucura: pois é certo que quem se-embêbe do estilo natural de Catúlo, nam pode soffrer a afetasam de Marcial, que é totalmente diferente: falo do comum dos epigramas. E isto mesmo é preferir, sem o-querer, Catúlo a Marcial: porque Vavasseur repete mil vezes, que Catúlo escreveo no seculo do bom gosto, e Marcial no tempo do gosto ja depravado. E diz mais, que muitos imitam a Marcial, porque nam podem chegar à galantaria ini-

(1) *At post Augusti tempora sicut in oratione inducta est affectatio acuminis, & sententiosi, ut vocantur, scribendi generis; ita cum epigrammatis etiam comparatum fuit. Atque hac in re in primis a prisca simplicitate recesserunt acuta Hispanorum ingenia. Ut nihil mirandum sit, si multum adeo inter Veronensem Casullum, & Martialem Bibbittanum intersit. De Poetic. l. 3. c. 20. §. 8.*

(2) *de Epigram. c. 5.*

(3) *Latium epigramma depravato judicio, quod grassari cepit cum pura Latinitas jam abasceret, animos argutia aliqua, que acuminis nomen sortita est, vitillare tentavit. Martialis acuminum in vocibus auctor quodammodo fuit, terminando nimirum vulgarem sententiam aliqua voce inaudito modo usurpata. Reflex. in Poesim part. 2. reflex. 3.*

(4) *Histoire Ancienne tom. m. 17. in Martiale.*

(5) *Et quis non videat satius esse amplecti utrumque, etsi uno aliquo deficiat, quam alterutrum deserere in tam multis tam excellentem atque perfectum? de Epigram. cap. 15. pag. 118.*

inimitavel de Catúlo. [1] E a prova disto seja o mesmo Vavasseur, que sem embargo de ser tam bom Critico, por imitar tanto a Marcial, compoz muitos e pigramas, que sam frioleiras, como confesam os melhores Criticos Francezes. [2] Concluindo pois ao ponto, digo, que o Bár. concorda com todos os Criticos de melhor gosto: e nunca negou, que alguns eruditos preferissem Marcial. Onde as vossas razoens alem de serem caluniozas, sam escuzadas.

Mais. Nam so Vavasseur confesa, [3] que ja muitos no seo tempo de spre-zavam o estilo, e equivoocos de Marcial; como vemos tambem no Rapin; mas desde esse tempo tem-se aumentado tanto o numero destes, que nam é crível. Eoje todos os omens de bom gosto tem-se declarado contra as agudezas, principalmente equivocos &c. E tem-se composto tantos Livros nesta materia, principalmente Francezes, Poeticos, e Retoricos para desterrar este mau gosto; que fico admirado, que so vos, que ereis obrigado a ter noticia deles, jaque vos-doutorastes em Critica; estejais no puro estado da innocencia: e mereçais que vos fassam aquela antiga pergunta: *Tu solius peregrinus in Jerusalem?*

Mas acabemos ja com estes, e pasemos aos outros Modernos, que alegais, que neste particular provam mui pouco. Lipsio, que para vos é um *omem formidavel*, para os Criticos de bom gosto é tam pouco formidavel, que nam atendem ao seo juízo nesta materia: porque nam so escreve mal o Latim, no que convem todos; [4] mas o seo maior amigo Jozé Escaligero que é grande Juiz nesta materia, diz claramente, [5] que entendia pouco de Poetica: e basta para prova saber, que o seo unico idolo na Poezia era Estacio. Contudo esse Lipsio confesa a vantagem que leva Catúlo a Marcial: e so diz, que nem tudo de Marcial é ridiculo, e plebeo: [6] o que tambem dise o Barbad.

Julio Escaligero nam á duvida, que é um grande Critico: mas arrastado às vezes da paixam, ou preocupasam, dá juizos indignos de criansas: v. g. quando na Satira prefere o estilo declamatorio de Juvenal à pureza, delicadeza, e bom gosto de Oracio: e em outros lugares. No epigrama pois estava tam cego pelas agudezas, que chega a dizer, que nam emporta que os Latinos digam solecismos, e barbarismos, comtantoque digam agudezas. Cujo errado juizo condeha largamente o Vavasseur. (7) E omem que julga desta sorte, nam se deve atender nesta materia. Contudo ele confesa, que a idade de Marcial querendo falar por um modo novo, destruiu a grafa e naturalidade da idade Aurea: e que Marcial nam se-pode

D 2

pòr

(1) *Plures tum nostra, tum parentum memoria --- sibi ad imitandum proposuerunt Martialem, quam Catullum: non quod illum majoris facerent, sed quod ad hunc facillime, & proxime accedere se posse magis diffiderent, cui vel aetas, & temporis ratio felicioris nimium quantum faveret.* De Epigram. c. 21.

(2) *Le P. Vavasseur a fait deux gros Livres d'Epigrammes. Il y a bien des froids.* M<sup>o</sup>. de Furetiere Dictionaire verbo Epigramme. e o Niceron Memoires tom. 27. convem niso.

(3) *De Epigram. c. 7. n. 5.*

(4) *Veja-se Morhoff. Polyhist. pag. 301. seq. Vossio Inst. Orat. l. 4. c. 6. Scioppio, e outros.*

(5) *Quam miserandum Lipsii judicium de Seneca Tragico! Poetices profus ignarus est. Scaligerana posterior Gallice.*

(6) *Nihil ad Catullum Martialis, scio: sed & illud scio, epigrammata illa nec in trivium nata, nec omnia in triclinio --- Sunt & joci aliquot leves, vulgari, pueriles; sed meliorum maior est numerus.* L. 1. epist. quæst. ep. 5.

(7) *De Epigram. cap. 14.*

pôr entre os Poetas do seculo Aureo, ( 1 ) que é o que basta para o noso ponto.

Os outros 4. ou 5. que citais aindaque com pouca diferenca concordam com os dois ja nomiados, e alem diso nem todos tenham igual criterio; contudo nam provam nada no prezente cazo. Provam que eles gostam de equivocos, e outras agudezas nos epigramas: ( nunca duvidou o Critico, que se achafem omens deste gosto ) mas nam provam que sejam falsas as razoens do Barb. antes as confirmam. Nenhum deles nega, antes concede, o que asim puzemos como incontroverso, que os Gregos, Catúlo, e o melhor do seculo de Augusto, seguiam estilo diferente de Marcial, e de outros da dita idade: e que Catúlo excede na pureza, na elegancia, e em uma certa grafa de todo o epigrama. Defendem fomentem muitas agudezas de Marcial. Isto entendido com seo gram de sal, e reduzido às limitaçoens, que poz o Barbadinho ( 2 ), pode-se admitir: pois nem todas as agudezas sam equivocos, e algumas sam toleraveis. Se paramos nisto, concordam com o Barbad. Mas se supomos que aprovam geralmente todas as grafas de Marcial sem reflexam, o que porem nenhum faz; provará que seguem esta opiniam, mas nam prova que esta seja de bom gosto, e de mau gosto a do Barbadinho. Logo os Modernos, que citais, nam provam coiza alguma contra o bom gosto do Barbad. e Filologo sobre os epigramas: e muito menos sobre as outras composiçoens, de que eles nam falam: e menos ainda sobre os elogios Lapidares, que era o ponto principal.

Mas para vos mostrar com toda a evidencia, que estes doutos todos vam incoerentes no juizo que dam dos Epigramas, farei um breve argumento, que fere os dois principais, e coetaneos, Vossio, ( 3 ) e Vavasseur; e por consequencia a todos os outros, que se-declaram polo bom gosto da Latinidade.

Confesam estes doutos nas suas obras, e nas autoridades citadas, que o bom gosto do seculo de Augusto tanto da Poetica, como da Oratoria, e Istoria, se-depravou desde a metade do imperio de Tiberio para baixo, com as agudezas dos Declamadores, que contaminaram as ditas faculdades, à maneira de peste que se-vai difundindo de um paiz para outro. Encomendam com empenho, que se-evitem as agudezas nestas faculdades, e aquele modo de escrever dos posteriores, que é prova de um gosto estragado. Eles mesmos compoem obras muito eruditas para restabeecerem a pureza da lingua do seculo de Augusto, e a maneira de pensar dele. Este é o fim das suas obras Filologicas, e nisto sam acerrimos. Confesam mais, que o uzo das agudezas nos epigramas sam partos de um seculo ja corrupto. Contudo iso dizem, que se-podem compor epigramas agudos, e que a agudeza é da essencia do epigrama.

Pergunto agora: Que privilegio tem os epigramas, para so eles ficarem izentos da sentença geral condanativa do estilo corrupto do seculo Argenteo? As orasoens, a Istoria, qualquer outra proza, as agudezas dos outros poemas nacidas neste seculo sam peste, nam se-devem tolerar, devemos fomentem imitar o bom gosto do seculo de Augusto, e nam fazer cazo de algum equivoco, ou outra agudeza que se-acha no seculo belo, mas escolher o melhor dele. Os epigramas porem de Marcial, cheios de todos aqueles defeitos, sam belos, sam engrasados, podem se imitar. Ora eu digo, que os que asim discorrem, pensam muito mal, e nam tem coerencia, nem

( 1 ) *Quare necesse fuit ut illa gratia ( seculi aurei ) simul periret cum ipsa simplicitate . . . Ne Martialem quidem transferre liber ad meliora.* Poetic. l. 6. c. 6.  
 ( 2 ) *Metodo tom. 1. pag. 254. e nas duas precedentes: e na pag. 247.*  
 ( 3 ) *Vossio é mais moderado que Vavasseur, e contenta-se que o epigrama acumine, lepore, vel pondere, vel alia illecebra oblectet.* Poetic. l. 3. c. 20. §. 6.

nem Logica: e que a razam mostra, que se-devem desprezar tambem quazi todos os epigramas de Marcial. A este argumento nem Voffio, nem Vavasseur respondem: nem seiscentos Vavaffores responderám nunca, senam repetindo as puerilidades; e incoerencias ja apontadas.

## §. IX.

**F**inalmente perguntais vos, e perguntam tambem outros censores como vos: *Que coiza pois condena o Barb. nos equivocos, paranomazias, e outras agudezas, se concede que se-acham em todas as idades?* Mas antes de responder; devo lamentar a desgraça do Barb. e seus defensores, por encontrarem sempre censores de tal calibre, que por nam terem estudado as materias, se-admiram das coizas mais triviais entre os eruditos: e ou nam entendem, ou fingem nam entender aquelas propozisoens, que entende qualquet mediocremente douto: porque se tivessem estudado o ponto polos melhores AA., perceberiam belamente o sentido das propozisoens do Barbad. e se acabariam estas celebres criticas.

Respondendo pois à pergunta, digo, que o Barb. reprova aquilo que reprovam os mais cultos Antigos, e Modernos. 1. Reprova compor un discurso serio cheio de agudezas, antitezes, e coizas semelhantes, como fizeram no seculo pasado os Poetas, Prozistas, e Elogistas, que nam podiam escrever sem figura, sem metáfora, sem agudezas das mais afetadas. Nam porque estas figuras e grasas nam se-achem na Antiguidade: mas porque repugna à natureza do argumento: e os mestres da Arte ensinam, que em qualquer argumento todo o ornamento excessivo é condenavel, e se-chama *falso engenho*.

Explico-me. Dois olhos grandes bem rasgados em um belo rosto sam o melhor ornamento. Contudo se os olhos aindaque belissimos occuparem metade do rosto, seria uma deformidade monstruoza. Damesma forte aindaque alguma agudeza em rara ocaziam seja ornamento, é dé grãa; sendo frequentes, cauzam orror.

2. Reprova o uzo das agudezas nos argumentos alegres quando sam excessivas, e continuadas, pola mesma razam. Tambem nisto convem os Mestres da Poetica, e Retorica. Por esta razam as *jornadas de Jeronimo Baia*, que sam uma enfiada de equivocos, e coizas semelhantes, aindaque sosem galantes, como nam sam; bastava que contivessem muitas, parã se-desprezarem. Porque aqueles Antigos, que se-valèram de equivocos e agudezas, so o fizeram em respostas necessarias, e quando nacia das entranhas da materia: mas nam iam à pesca delas, como o Baia, e outros. Alem diso Cicero, como acima mostramos, exprefamente diz, que *joca quaesita plerumque sunt frigida: e cavendum ne accersitum dictum putetur*: e os modernos Seiscentistas tanto nos elogios, como na proza, e verso, cansam-se em andar buscando agudezas para ostentar engenho: e isto mesmo é *engenho falso*.

3. Reprova entre as agudezas as mais facis, triviais, e pueris, v. g. meros equivocos, e paranomazias, que agradam a rapazes, e idiotas, que param na superficie das palavras, e nam buscam o solido do pensamento. Ea razam é clara: porque vemos que os omens de melhor gosto tanto Antigos, como Modernos, nas elegias, odes, satiras, epigramas, nam escrevem merosequivocos, e paranomazias, mas outras grasas mais belas, e solidas. Ponho exemplo em Catúlo, Tibúlo, Propertio, Virgilio, Oracio, e no mesmo Ovidio, que sam os melhores Poetas do seculo de Augusto.

Nem vale o dizer, que em Catúlo se-achou um equivoco: que Furio Bibaculo,

lo, de quem Oracio faz escarnco ( 1 ) e com razam, dise outro: que Ovidio, como advertio o Barb., fez algum *eco*. Isto sabia muito bem o Barb. e todos os doutos, e contudo asentam, que nam prova nada. Porque tendo aqueles Poetas composto poemas com tanta grafa e juizo, tendo evitado com tanto cuidado agudezas e frioleiras; que entre tanta coiza boa alguma vez lhe caia da pena naturalmente um equivoco, ou outra agudeza, nam é defeito em que se repare: nem o Barb. reparou niso: e nem por iso deixamos de dizer, que nam praticam as agudezas. Da mesma forte que um omem sezudo e modesto, aindaque alguma vez se-ria, e graceje; nem por iso deixa de ser sezudo. O de que falamos é, do uzo comum, que eles certamente nam admitiram.

Confirma-se isto com as figuras de Retorica, que certamente se acham nos antigos e bons Retoricos, e Oradores: contudo os melhores Oradores tem cuidado de evitar as que sam mais estudadas, porque parecem afetadas, e pueris: e o Orador deve imitar o que é mais natural, e racional: e empregar todo o artificio em mostrar, que nam se vale de artificio. Esta é a regra fundamental do Barb. e de todos os bons Retoricos, que a figura nam se deve buscar, mas deve pulular naturalmente da materia. So entam é bela, agradável, e eloquente. Do mesmo modo o Poeta nam deve mostrar que busca as agudezas principalmente pueris: e ainda quando naturalmente se oferecem, fugir delas quanto puder, para nam parecer rapaz. Onde nam é pecado valer-se alguma vez por necessidade, e com toda a cautela, de alguma agudeza: mas é pecado grave Poetico, ir à casa delas, e principalmente das mais pueris, como o equivoco, paranomazia &c.

Nem todas as orasoens de Cicero sam iguais: nem todos os pensamentos igualmente belos: e muitos sam pouco verosimeis. O mesmo digo dos melhores Poetas do tempo de Augusto. E quem quer compor obras excellentes, deve escolher o melhor dos Antigos, e nam imitar tudo o que eles disseram. Por iso os Criticos modernos, e entre eles Escaligero, Vossio, e Vavasseur, que citais, notaram os defeitos dos Antigos, paraque se evitem: e entre as mesmas coizas toleraveis, devemos imitar o que mais se caza com a razam. Porque imitar os antigos às cegas, iso so fazem rapazes, e nam os Criticos de juizo.

Isto digo dos melhores AA. do seculo Aureo: e muito mais se deve aplicar a outros do dito seculo, e do Argenteo, que nam eram bons. No tempo de Virgilio ( como ja notou o Filologo ) e Oracio, também avia maos Poetas, um Cessio, um Aquino, um Suffeno, um Ortensio, um Antimaco, um Bavio, um Mevio &c. No tempo de Varram, e Cezar grandes Gramaticos, avia um Ario gramatico ignorante, a quem ridiculiza Catúlo. No tempo de Livio, Nepote, e Salustio, achava-se um Volusio, a quem o tal Catúlo censura como pessimo Analista. E contudo era a idade Aurea destas Faculdades. Considerai o que seria na idade Argentea. E por iso alguns destes vicios se pegaram aos melhores: os quais devemos evitar com cuidado.

Entendei-me bem, e por iso torno a repetilo. Todos os vicios, que Vossio, Vavasseur, e outros doutos acham na proza, e nasoutras composicoens do seculo Argenteo, se acham tambem no Aureo. Com esta diferenca porem, que no seculo Aureo sam rarissimos, e ditos comumente polos menos doutos: ou se eram doutos, procederam sem reflexam, por vicio pessoal reprovado por

por outros bons Criticos. Mas no Argenteo era vicio comum, em que caiam sempre, e sem reflexam. E isto basta para constituir uma diferenca tal, que se-chama ao Argenteo *seculo ja corrupto*. Lede as palavras de Quintiliano, que cita o Filologo, que explicam tudo.

4. Estas razoes provam, que devemos evitar o dizer agudezas pueris em todo o genero de linguas cultas. Mas falando especialmente da Latina, com muito maior razam se-reprova nela o uzo das agudezas, porque sam contra o estylo dos Poetas do seculo de Augusto: e so comesaram em certas composicoens no I. seculo de Cristo, em que, como varias vezes tenho dito, se-perverteo a lingua, descafo a eloquencia, e poezia. E temos trez razoes fortes para as-excluir.

Primeiro a *Lingua*: pois e certo, que muitas agudezas alteram o significado das palavras Latinas: formam-se frases novas diversas das do seculo Aureo: transferem-se para o Latim os mesmos proverbios, e agudezas do Vulgar: e daqui nam os neoterismos, e idiotismos alheios da pureza da Latinidade: e por consequencia nos *elogios Lapidares* nam se-acha pura Latinidade, como confessa o grande Elogista Juglar, que nam e testemunha suspeitoza.

Segundo a *Eloquencia*: porque tendo-se corrompido a eloquencia no seculo de Marcial por cauza da afetada de sentensas, de antitezes, de brincos de palavras, e de terminar quazi todas as sentensas com agudeza afetada, como fez Seneca o Filozofa, [ 1 ] que parece ter sido um dos primeiros inventores deste mau gosto, principalmente na proza; [ 2 ] agradou a muitos, e insensivelmente se-foi espalhando. Onde os que imitaram o tal estylo, desviaram-se totalmente da natural eloquencia do seculo Aureo, e por consequencia nam se-devem imitar.

Terceiro a *Poezia*: porque confesando os Filologos, que do meio do reinado de Tiberio para baixo descafo sensivelmente a poezia, e as causas foram as mesmas da decadencia da eloquencia Oratoria, da qual pasou para a poezia o mesmo vicio; como se-ve em Lucano, e principalmente em Marcial, que foi um dos primeiros, que destruiu a natural beleza dos epigramas com as afetadas agudezas, como acima provei; segue-se, que sendo este estylo filho da eloquencia corrupta, por todos os titulos se-deve desprezar.

## §. X.

Polo que toca a regra, que o verdadeiro pensamento engenhozo se-deve fundar em verdade, sera nova para vos, mas para os omens de bom gosto e tam velha como Aristoteles, que tratou esta materia *ex professo*, (3) aindaque por outras palavras. Ele depois de expor todas as especies de ditos urbanos, conclue, que devem ser verdadeiros, e nam superficiais, e devem convir a pessoa a quem se-dizem. [ 4 ] E o Jezuita Silvestre Mauro parafrizando este lugar diz, que o pensamento engenhozo deve convir ao sujeito, e ser verdadeiro, mas dito por um modo novo:

(1)

[ 1 ] *Ut in jocis aut dictis, quam ineptus alibi sive affectatus est! in laudibus, aut vituperiis sine modo!* Lipsius *judicium de Seneca*, in *Præfat. I. volum. Senecæ*.

[ 2 ] *Senecæ in eloquendo corrupta pleraque, atque eo perniciosissima, quod abundans dulcibus vitiis.* Quintil. *Inst. L. 10. c. 1.*

[ 3 ] *Rhetor. L. 3. cap. 10. 11. 12.*

[ 4 ] *Oportet autem semper aut ad quem dicitur, aut quod recte dicitur, significari, si quod dicitur ☉ verum est, ☉ non superficiale.* *ibid. c. 11.*

[ 1 ] que é o mesmo que tinha dito o Barb. E agora entenderéis aquela propozição deste, que nam entendeo certa pessoa, porque razam quando digo, que o peito de uma bela é branco como a neve nam á engenho: mas se digo, que é branco como a neve, mas igualmente frio [ aludindo à insensibilidade do animo ] nisto está o engenho. A razam é a que dá Mauro.

Diz mais Aristoteles neste lugar, que as melhores imagens e metáforas ( a estas reduz quasi todos os pensamentos engenhozos ) sam as que se fundam em proporçam: v. g. assimcomo isto convem a isto, assim aquilo convem àquilo. E isto mesmo é ser o pensamento engenho verdadeiro, porque é verdadeira e existe a conveniencia ou analogia, ou proporçam em que se funda a metáfora. Finalmente a mesma definiçam do pensamento venusto e engenho, que Aristoteles dá, como disse acima §. V., que o pensamento *venusto e urbano* é o que nos dá breve e facilmente alguma noticia; confirma plenamente o que digo: porque Aristoteles nam fala de noticia falsa, mas verdadeira, que so esta é noticia, o mais é um engano. Logo se o pensamento engenho deve dar noticia verdadeira, fica claro que se funda em verdade: e por boa consequencia, o que nam se funda nela, nam é engenho. Ledé a Aristot. in fonte, e aqueles que o explanam bem, e me poupareis dar mais largas explicaçoens.

Cicero dá a mesma regra, quando explica os pensamentos engenhozos do incomparavel Orador Lucio Crasso: ( 2 ) e declara, que nam á coiza mais ridicula, doque palavras sem coizas, que lhe correspondam. ( 3 ) Quintiliano diz o mesmo, como acima provei no §. V. e o-repete em outros lugares. ( 4 ) Os outros Criticos Gregos, v. g. Dionizio de Halicarnasso, Demetrio, e Longino, todos convem no mesmo ponto.

Dos Modernos entre outros o Jezuita Bouhours tratou de propozito este assunto: [ 5 ] e deo a mesmíssima regra do Barb. sobre o pensamento engenho. Concorda outro grande Critico, e Retorico Mr. Gibert ( 6 ) mostrando, que esta é a verdadeira doutrina de Aristoteles nos lugares citados. O Cardial Pallavicini Jezuita dá a mesma regra, ( 7 ) que o verdadeiro pensamento engenho *consiste na verdade junto com a novidade ou admiravel*. Nam quero citar mais AA. porque esta é a comua sentença dos de bom gosto.

E aqui me-admiro muito, que vos, que nos-citais o moderno Joam Guilherme Bergero ( para provar uma coiza alheia da questam, porque o Barb. fala deste seculo, e nam faz comparaçam com os seculos precedentes, como os outros )  
nam

( 1 ) *Circa hac urbana atque venusta Aristoteles quedam advertit --- Ad hac dicta requirunt, ut ei congruant, in quem proferantur, & ut venustam ac elegantem verborum structuram habeant. Ratio est, quia si quod dicitur non congruat, dictum non videbitur verum, sed inane, ac vanum, ideoque non delectabit, nec erit venustum. Si vero quod dicitur congruat, sed non sit dictum eleganter, videbitur verum, sed adhuc non erit urbanum. e. g. Si quis dicat, mori oportet nihil in vita peccantem, dicit aliquid verum, sed nihil proferit urbanum. At si dixerit, dignum est mori, quando quis non est mori dignus, proferit aliquid verum simul & concinne dictum, ideoque dictum est urbanum.*

( 2 ) *Sententiae Crassi tam integrae, tam verae, tam novae, tam sine pigmentis suoque puerili.* de Orator. L. 2.

( 3 ) *Quid est enim tam furiosum, quam verborum vel optimorum sonitus inanis nulla subiecta sententia?* ibid. L. 1.

( 4 ) *Optima minime accersita, & simplicibus atque ab ipsa veritate profectis similia.* Inst. L. 8. prooemio.

[ 5 ] *Maniere de bien penser dans les ouvrages d'esprit.* Dialog. 1.

[ 6 ] *Rhetorique* L. 3. pag. 560. seqq. Par. 1742. [ 7 ] *Trattato dello stile.* cap. 17.

nam viséis no dito livro , que este Critico dá como regra fundamental da sentença engenhosa , e do belo , *a boa razam* , que mostra a conveniencia e proporsam : afirmando , que esta é a doutrina do grande Longino . (1) Esta regra realmente é a mesma do Barbad : ( que adverte , que o engenho deve ser regulado pelo juizo ) porque quando reduzimos os pensamentos à boa razam , *tamquam ad Lydium lapidem* ; vam polos ares os meros equívocos , paranomazias , e outras frioleiras , que em coiza nenhuma concordam com a razam . Alem disto o Bergero aprova a mesma regra formal do Barbad . (2) e do P. Bouhours , dizendo que é tirada de Cicero . E fala largamente no Bouhours , e acrescenta ; que o principal , que diz este douto Jezuita , sobre esta materia , se-acha explicado com difuzam no grande Critico , e Retorico Grego Ermogenes : (3) que floreceo no tempo do Imperador Antonino Pio , e Marco Aurelio , e entre os Retoricos ou iguala , ou excede a Aristoteles . Se vos leseis os Retoricos com reflexam , e sem paixam , nain daries armas contra vos . Ora aqui tendes , que a regra que vos reprovais no Barbad . é a mesma que dam os Corifeos da Eloquencia : em cuja lisam o Barbad . empregou por certo muito mais tempo doque vos : porque quanto mais se-esgravata na materia , tanto mais se-conhece , que todas as decizoens dele sam tiradas dos antigos Retoricos .

Mas esta doutrina deve entender-se bem , alias caimos na mesma errada censura , que fazeis do Barbad . O qual , creio que nam explicou tudo miudamente , porque supunha que os prezados de Criticos o-entenderiam , e explicariam aos outros principiantes , e nam se-achariam no estado da inocencia literaria . Entendei , e lembrai-vos disto .

Deveis pois saber , que a verdade do pensamento engenhoso é compativel com a falsidade das *metasoras* , e de todas as suas especies , *aluzoens* &c. ( a estas se-reduzem os pensamentos engenhosos ) porque todas elas tem dois sentidos , um verdadeiro , que é o fundamento , e outro falso .

Exemplo . Quando digo , *os Cipioens eram na guerra como os raios* , faso uma *comparasam* , a qual tem sua falsidade , porque eles nam eram verdadeiramente como os raios , mas la tem alguma semelhança remota , e proporsam , que é o que basta para a verdade do pensamento . Se porem digo , *os Cipioens eram dois raios da guerra* , faso uma *metasora* de proporsam , que vem a dizer o mesmo que a comparasam : e tem a sua verdade , que é a velocidade das conquistas : e a sua falsidade , que é a diferença que tem do raio . Mas como todos entendem o que eu quero dizer com a *metasora* , ninguem se-engana com ela , e por isto o pensamento é verdadeiro .

Esta mesma doutrina se pode aplicar a todas as outras agudezas , que tem dois sentidos : as quais para serem boas e engenhosas , devem se fundar em analogia e proporsam , que é verdadeira , e faz o pensamento verdadeiro , como diz Aristoteles .

Pode-se tambem aplicar aos equívocos mistos , porque alguns equívocos sam mais toleraveis : dos quais diz Aristoteles , que devem repetir a mesma palavra em dois sentidos diferentes , (4) e traz este exemplo : *Nec oportet peregrinum peregrinum semper esse* . Aqui á equívoco na apparencia , mas rigorosamente nam é equívoco , porque o segundo *peregrinum* é uma *metasora* , que significa coiza di-

E

fe-

[ 1 ] *de Naturali pulchritudine Orationis*, pag. 665.

[ 2 ] *ibid.* pag. 673. [ 3 ] *ibid.* pag. 668. *seqq.*

[ 4 ] *Que omnia sunt probantur, cum per equivocationem, vel translationem nomen affertur, & commode si semper bis.* loc. cit. c. II.

ferente ; e a grafa está em parecer à primeira vista , que ambos significam o mesmo , e que á contradizem , quando na verdade nam á alguma : e por isto lhe-chamo equívoco misto , que se-funda em sentido verdadeiro . Destes se-devem entender as palavras , que citais de Cicero , como é evidente .

Tambem pode uma so palavra ter duas significações diferentes ; uma aparente , e outra oculta . v. g. Certo valido ja desfavorecido decendo polas escadas do palacio encontrou o seo rival no valimento , que subia : o qual rival lhe-perguntou , que novidade avia em palacio ? Respondeo o primeiro : *Nada , senam que eu dezo , e vos subis* . Aqui temos dois sentidos ambos verdadeiros : um aparente , que todos entendem : outro occulto e metaforico , fundado na analogia entre o decer material ; e o decer no valimento . Tambem este nam é mero equívoco , mas é metáfora e aluzam . Destes é que se-deve entender Aristoteles ; e os melhores Criticos antigos , como vemos nos exemplos que citam . E estes ultimos sendo naturais , e em tal ou qual ocaziam rara ( mas nam em Elogios Lapidares ) diz o Barbad. e Filologo , *que se-podem tolerar* , como provei acima no §. V.

Mas a maior parte dos equívocos nam sam desta especie : mas o sentido immediato é falso , o outro figurado e metaforico é que é verdadeiro . Contudo se o sentido falso conduzise naturalmente o noso entendimento para conhecer o verdadeiro , como na *metáfora* , *ironia* , e *iperbole* , podia pafar : mas comumente o falso nam ajuda nada para o verdadeiro , porque nam se-funda em proporçam ou semelhança aindaque remota , e por isto se-chama *engenho falso* . Ponho exemplo no quarteto de Baía , se nam me-engano .

*Numa caixa de perada*

*Bem temperada , e bem fina ,*

*Ja tocava a recolher ,*

*Porque marchar nam podia .*

Aqui tudo é falso . Falso o primeiro sentido , porque este Poeta nam *tocava tambor* . Falsa a proporçam ou analogia , porque *caixa de tambor* , *temperada* , *tocar a recolher* , e *a marchar* , nam tem analogia ou semelhança alguma com o *comer uma caixa de boa perada* , que é o que ele queria dizer , ou insinuar . Onde aquelas palavras nam podem dar noticia doque ele queria . E assim todo o equívoco está em meras palavras sem fundamento algum . E estes meros equívocos ou brincos de palavras sam reprovados constantemente por todos os Criticos de bom gosto , e polo Barb. nam por outra razam , *senam porque nam é conceito* , mas um mero engano , que se devia evitar com todo o cuidado , e nem menos se-podem perdoar a um menino , que nam sabe pensar , quanto mais aos que prezumem ser Criticos .

Mas toda esta doutrina se-pode reduzir à definisam que Aristoteles deo do pensamento engenhoso e urbano , quando diz , que é *Aquelle que facil e brevemente nos dá alguma noticia* . Porque se o sentido immediato , aindaque falso , conduz para alcançar alguma noticia verdadeira ( o que se faz principalmente pola proporçam , aindaque possa ser por contrapozisam , como na *ironia* ] o pensamento é engenhoso e urbano : se nam conduz , segue-se claramente , que é uma falsidade mera , e frioleira , como sam quazi todos os equívocos , e paranomazias , que por isto se-chamam *falso engenho* .

Aplicai agora esta doutrina aos Elogios Lapidares do Juglar , e de outros tais engenhos amofinatorios da paciencia literaria , e vereis que por todos os titulos sam *falso engenho* . 1. porque sam meros equívocos sem proporçam alguma . 2. porque

que aindaque algum equivoco fosse misto e toleravel , o serem tantos e continuados os-convertia em falso engenho , como dizem todos os antigos Retoricos falando do *decoro* . 3. porque nam tinham lugar os tais brincos de palavras em materias serias , e graves , que se-devem tratar com outro decoro .

Aqui diz com grafa o Cardial Pallavicini , que estes conceitos falsos , principalmente os que tomam o Metaforico como verdadeiro ( que sam os mais deles ) agradam aos engenhos triviais , que se-pagam de novidade aindaque falsa . Os doutos sofrem-nos nas materias de rizo , e louvam muitas vezes o artificio , e trabalho : ( v. g. dos labirintos &c. ) mas tomam-nos polo que valem , por *moeda falsa* , e fomento para rir ou deles , ou do autor : confessam porem , que nam merecem o nome de *verdadeiro engenho* .

Mas dobremos aqui folha , e acabemos esta breve , mas solida lifam : porque se comese a explicar toda a doutrina de que tendes grande necessidade nesta materia , será necessario um tomo grande . Entendei primeiro o que aqui digo , como Filozoso , sem preocupasam , mas com o unico fim de examinar , e aprender a verdade . Depois tornai a ler o *Metodo* : e achareis a mais solida doutrina , que é necessaria para formar o bom gosto inteletual , e evitar tudo o que se-chama *falso engenho* .

## §. XI.

**M**As aindaque concedese-mos às cegas , que na proza , e versos tinham lugar todo o genero de agudezas ; nada disto prova , que tenham lugar em *Elogios Lapidares* : que era o que vos devieis provar , e nam provastes . De que se-inferre , que quem dezeja compor elogios Lapidares dignos de se-lerem , deve imitar aos do seculo de Augusto , e aos melhores do Argenteo , que sam diferentes dos vossos .

E aqui vereis a vossa incoerencia , e falta de boa Logica . Vos defendeis os equivocos e agudezas dos epigramas , porque Cicero no seculo Aureo as-diz , e aprova . Atqui Cicero , e os melhores Criticos de ambos os seculos nam compoem , nem aprovam os elogios modernos ; conservam sim aquella nobre simplicidade do seculo de Augusto . Logo devieis inferir assim : Se os mesmos defensores das agudezas , e principalmente equivocos , as-desviam dos elogios Lapidares , é prova certa , que nam se-podem tolerar elogios Lapidares à moderna . ( 1 )

Nem o defender nisto a Antiquidade é afetasam , como vos erradamente dizis : é sim , ter muito bom juizo , e boim gosto de Latinidade : e é saber que coiza sam boas inscricaoens Lapidares . Alias seriam afetados o Vossio , e Vavasseur , que tanto trabalharam em distinguir as palavras , e frases Latinas , que nam-sam do seculo Aureo . Seriam afetados os que nas leis da poezia Epica imitam tam escrupulozamente a Virgilio e outros semelhantes . A este argumento assim posto nem vos , nem todos os elogistas Lapidares juntos responderam nunca .

---

( 1 ) Julio Escaligero Poetic. l. 3. c. 126. nam obstante estar preocupado pelas agudezas , confessa , que às inscricaoens das Estatuas , Trofeos &c. que sam os verdadeiros elogios Lapidares , se-devem compor como as antigas , que sam simpleses , e cita algumas Gregas &c.

## §. XII.

**R** Esta-me somente fazer trez ou quatro reparos a certas propozicoes vofas .  
 1. Que o achar-se algum equivoco na Sagrada Escritura ( nesta materia estais totalmente necesitado de boas noticias , e dizeis varios erros : mas nam é este o lugar proprio para examinar a forsa das palavras Gregas , e Ebraicas , em que avia muito que dizer : nem tambem vos me-entenderieis , e nem o voso argumento pede tanto trabalho ) nam prova , que se-devam admitir em outras materias. Porque a Sagrada Escritura nam foi composta para nos mostrar o bom gosto da eloquencia , e a delicadeza dos pensamentos engenhozos ; mas para nos ensinar o que devemos crer , e obrar para alcanfar a bemaventuranfa eterna. Alias deveriam todos imitar os Ebraifmos , e Elenifmos , que se-acham a cada passo na Vulgata ; as Tautologias , Iperboles portentozas , comparafoens extraordinarias , que lemos no *Cantico* , nos *Salmos* , nos *Profetas* , e mil outras figuras fortes e veementes , que sã proprias da lingua Ebraica , e de quazi todas as Orientais : como tambem todos os barbarifmos na dezinencia , e na frase , de que está cheia a Vulgata : e chamar a tudo isto delicadezas e gentilezas da Eloquencia , e do bom gosto . O que porem nam ocorre a Retorico algum . Onde so vos , e algum Critico da vofa confraria podia valer-se de semelhante argumento para provar , que os equivocos se podem sofrer , e louvar nos *elogios Lapidares* .

2. Que nam torneis a dizer , o que proferis no §. 2. pag. 5. e 6. *que Tomafino* , *Boffuet* , e *Muratori sã Latinos de maior eloquencia* , e de *estilo mais terfo* , e *afado* : porque se sabem isto os bons Latinos , ficais expolto às surriadas ; e publicarãm por toda a Europa , que um omem , que abrio escola para nos ensinar como se devem compor elogios Latinos . é o primeiro que nam sabe que coiza é *estilo terfo* , e *boa Latinidade* . Acha-se nos ditos trez AA. muita erudifam : e no Boffuet , e Muratori bastante criterio , e bom juizo : mas nam tem boa Latinidade . v. g. Muratori tem comumente palavras Latinas : mas nam tem nem frase , nem numero , nem grafa ; nem suavidade ; cujas virtudes juntas com a pureza constituem a *boa Latinidade* : que é o que vos nam entendeis . Os outros dois tem muitas palavras barbaras , principalmente o Boffuet , e alguns defeitos ditos . Especialmente o Tomafino , que parece o menos mao , é florido , duro , afetado , caindo no pedantifmo de buscar palavras dezuzadas , alem de outros defeitos . E o mesmo Du Pin na *Biblioteca tom. 18.* confesa , que escreve mal Latim . Comumente porem estes trez escrevem melhor em vulgar , que em Latim .

Devieis parar , para provar alguma coiza , em Melchior Cano , Petavio , Hamel , Hucio , por esta mesma ordem que ponho , porque nem todos conseguiram a gloria de bons Latinos no mesmo grao de perfeifam . E este erro em um Critico , que se-inculca por omem de bom gosto na lingua Latina , e quer ensinar aos outros o bom , e mao ; é um delito de leza Mageftade Latina , que nam se-pode expiar , senam desterrando-vos *ex Senatus consulto da Republica do bom gosto* para as *Ilhas dos Seiscentifmas* .

3. Que vos nam entendestes o que condenam os doutos naqueles prezados de Ciceronianos do seculo XVI. de quem falais ao principio . Nam condenam o falar Latim com as palavras do seculo Aureo ; condenam o *pedantifmo* da afetifam , e pessima imitafam dos Antigos . ( 1 ) Porque Cicero , e Oracio nos-dam as re-

---

( 1 ) *Lede esta iftoria toda em Daniel Frider. Janus* , de *Nimio Latinitatis studio* .  
 Lipsiæ 1712.

regras para formar vozes novas: e aprovam aquelas palavras scientificas uzadas nas escolas, que seria um pedantismo desprezalas quando sam necessarias. ( comumente porem julgam-se necessarias ( 1 ) por aqueles que nam sabem leros Antigos com juizo ) E disto temos exemplo em Catam, Lucrecio, Arato, Vitruvio, Manilio, Cornelio Celso, Plinio o velho, Apicio, Samonico, e em outros, que escrevendo em varias facultades, se valem de palavras proprias das ditas facultades. E dos Cristaos Minucio, e Latancio, e outros fizeram o mesmo na Teologia. Mas nos elogios Lapidares nam temos necessidade de valer-nos de palavras, e frases, e significacoes novas: tirando para significar algumas dignidades Civis, e Ecclesiasticas, e ritos, que nam tinham os Romanos: o que eles tambem faziam quando queriam explicar as dignidades, e ritos dos Barbaros, como vemos nos seos Historicos.

E se quereis saber distintamente por que razam os que fazem com juizo palavras novas, ou se valem das scientificas, nam sam *Seiscentistas e barbaros*, nem pecam contra o bom gosto; lede o elegantissimo Quinto Mario Corrado de *Copia Latini sermonis. Lib. 2.* o Samuel Grosserus *Isagoge stili Romani*, o Joachimus Langius *Hodegus Latini Sermonis*, J. G. Heineccius *Fundamenta Stili*, e outros bem vulgares. Nam sei se me-explico bem, e vos me-entendereis: pois é preciso entender-me bem, bem, e bem, antes de se-ensadar do conselho.

Aqui seria necessario explicar-vos, que para falar nesta materia com acerto, devieis primeiro aprender como se-compoem boas Gramaticas Latinas, e como se-escrevem os verdadeiros preceitos da eloquencia, e do bom gosto, porque so assim chegarieis a perceber o que vos-dizem, e compor alguma coiza que valesse. Talvez julgareis vos, que qualquer pessoa é capaz de escrever nestas materias: mas enganais-vos: e tem sucedido varias vezes, que nam so os que sabem pouco, mas os que escrevem bem Latim, componham Gramaticas confuzas, e cheias de regras falsas, como o P. Manoel Alvares. Prova muito bem, despois de outros, o moderno Jezuita Buffier, [2] que so um bom Filozofico, e Metafizico de bom gosto pode compor uma boa Gramatica em qualquer lingua: porque so quem conhece o que é bom metodo, e a relasam das palavras, as-sabe reduzir às suas clases, e dizer precisamente o necessario, evitando toda a confuzam. O tratado do estilo é parte da Gramatica, e vai todo fundado na boa razam ou Filozofia. Onde so quem sabe esta bem, pode compor obras capazes: e so quem sabe como se-compoem, é que sabe como se-deve julgar do merecimento delas. E como eu sei, que vos nesta materia nam tendes empregado o tempo necessario, nem lido polos melhores AA.; por iso nam me-admiro, que vos enganeis nas vossas composicoens, e nos vossos juizos e censuras. Admiro-me sim, que nam acabeis de entender, que em um seculo destes ou nam se deve compor, ou escrever coiza que se-posa ler. E quando um omem nam se acha com doutrina, e foras para iso; e nam tem a docilidade de animo necessaria para consultar aos omens mais doutos; é melhor traduzir um bom Livro Estrangeiro, que possa servir para a Mocidade; doque compor obras eternas, e inutilis para o fim proposto, e que provoquem a rizo a todos os doutos. Mas esta materia pedia mais extensam para vos-alumiar nas trevas em que vos achais: e iso é justamente. o que eu agora nam que-

( 1 ) Dos Modernos o douto Plexiaco ( é um nome suposto ) compoz um belo *Lexicon Philosophicum*. Hagz Com. 1716. em que explica todos os termos Filozoficos com as palavras de Cicero, e emenda a barbaridade dos Escolasticos. E esta 2. parte fez tambem Sig. Jac. Apinus Norimb. 1728 in *Glossario Novo Latinit.*

( 2 ) Na sua Gramatica, e em outros lugares.

quero, porque ja me-parece esta resposta e parecer mais [comprido doque devia ser.

4. Que vos com a presa de escrever, nam reparastes em dois erros, que escrevestes no ultimo §. 38. Primeiro cuidais que argumentais *ad hominem* contra o Filologo, lansando-lhe em rosto que ele dissera, que o Elogista arrimando-se a alguns Latinistas, entre eles ao Vavasseur, *arrimava-se a boa arvore*. Mas nam reparastes, que o Filologo disse primeiro, *que ainda assim nam provava nada*. E alem diso nestes pontos, em que se-argumenta com a razam, vale pouco a autoridade de um, ou outro, quando nam prova o que diz. Eu é que me-parece que argumentei *ad hominem* contra vos com o mesmo Vavasseur.

O segundo erro é, nomiar Agezilao rei de Esparta entre *os mestres do bom gosto, e exemplares da verdadeira eloquencia*. Que fosse um bom General, e omem de virtude austera, iso leio eu na Istoria Grega: mas que fosse de *bom gosto, e eloquente*, iso ninguem o diz senam vos, que nestas materias pareceis muito noviso. Vos nam sabeis, que *Espartano eloquente* cuido que nunca se-achou, [nem o seo estilo o-permetia) ao menos será-uma mosca branca. Amigo do corasam, vos erastes a eltrada; cuidaveis, que entraveis em Atenas, que era o centro do bom gosto; e achastes vos em Esparta, onde se-ignorava. Ainda sobre Augusto Cezar eu teria muito que dizer: pois nam obstante ser douto, e eloquente; os mesmos Romanos lhe-acharam defeitos de bom gosto. Mas paremos aqui: porque se entro a censurar todos os vossos descuidos, nunca acabarei.

## CONCLUZAM

### Da Primeira Parte.

**T**Enho atéqui mostrado com toda a evidencia varios pontos em distintos paragrafos. I. Que o Sr. Candido Luzitano nam impugna, nem responde ao Filologo, antes é seo amigo declarado. II. Que vos nam percebestes qual é o estado da questam, e ponto da difficuldade, que nega o Filologo, que consiste nisto: Que as agudezas de equivocos, e paranomazias &c. nam tem lugar em elogios Lapidares: e por consequencia, que tal nam provastes. III. Que por nam entender a questam, provais aquilo mesmo que ja tinha dito o Barb. e o Filologo, que algumas agudezas se-acham em todos os seculos; mas que se-fortificaram e reinaram no primeiro seculo da eloquencia corruta; e se-restauraram consideravelmente no seculo dos *Seiscientistas*, por cuja razam se-chamam proprias dos *seiscentos*. IV. Que os melhores Retoricos, que citais, Aristoteles, Cicero, Cornificio, e Quintiliano, nam aprovam os elogios Lapidares à moderna. V. Que estes Retoricos nam aconselham o uzo geral das agudezas, mas sim com as mesmas limitaçoens, que dá o Barb. e Filologo. E que os excessos de Cicero sam condenaveis. VI. Que Plauto é reprehensivel nas grasas. VII. Que Vossio, e Vavasseur reprovam as agudezas fora do epigrama, e condenam o estilo dos elogios Lapidares. VIII. Que os AA. que citais nam impugnam as razoens do Barbad. em preferir Catullo, e desprezar a maior parte dos epigramas de Marcial: e que dizem o que basta para justificar o Barbad.: e nunca responderám às razoens principais por que o Barb. exclue as agudezas pueris nos epigramas. IX. Que é bem claro para os  
omens

omens doutos o sentido em que o *Barbad.* reprovava os equivocados, e agudezas rantes vulgares, como *Latinas*; e somente é escuro para quem não estudou o ponto. X. Que a regra do pensamento engenhoso, que deu o *Barb.*, é a mesma dos Antigos Retóricos. XI. Finalmente, que ainda que concedamos tudo o que dizeis, e quereis; não provaes que se possam compor elogios *Latinos Lapidares* à moderna, que era o ponto da dificuldade, de que vos fugistes para outra matéria.

Ora ponhamos à parte paixões, e piques: respondi-me como *Cristam*, e homem de honra, e homem douto: Quem mostra mais sólida doutrina, e melhor discernimento e juízo; o *Barbad.* que fundou a sua opinião no juízo dos melhores Críticos do século de Augusto, e *Argenteo*: e deles deduzio com a boa razão as consequências applicadas aos diversos argumentos, imitando aos innumeráveis Modernos de bom critério, que tanto trabalharam, e vão trabalhando para restabelecerem aquelle gosto natural e delicado, que reinava no século do Augusto; ou *Vos*, que não provaes a questão principal dos elogios *Lapidares*; não percebestes o verdadeiro e obvio sentido do que diz o *Barbad.*: e que além disto, provaes o que vos concedem, e argumentais com incoerência de uma coisa para outra diferente? Rezolva por vos o leitor prudente.

No entanto divertivos em censurar essas duas inscrições *Latinas*, que aqui correm á tempos, compostas, como ouvi dizer, por um *Coimbreense*. A primeira foi composta em contraposição de outra posta no arco triumphal em *Goa*, que se imprimio. A 2. foi feita a rogo de certa personagem, para uma coisa, que não teve efeito. Amim totalmente não desagradam, porque lá lhe vejo certos laivos do século de Augusto. Mas não sei se merecerão a vossa aprovação, não obstante terem regras desiguais.

PETRO. MICHAELI. MARCHIONI. CASTELLINOVI  
PROREGI

DILATATIS. INDIAE. PROVINCAE. FINIBUS  
OPPIDIS. CASTELLISQUE. PLURIMIS. RECUPERATIS  
FUSIS. FUGATISQUE. PRAEDONIBUS  
DEPRESSIS. AUT. CAPTIS. NAVIBUS. XXXXVII  
REGIUS. VIII. DEBELLATIS. AUT. IN. FIDEM  
RECEPTIS  
SERVATORI. SUO  
SENATUS. POPULUSQUE. GOANUS

PETRO . . MICHAELY . MARCHIONI . CASTELLINOVI  
PROREGI

QUOD . LUSITANI . IMPERII . IN . INDIA . CITERIORI . FINES  
PROPAGAVERIT

QUOD . MARIA . A . PIRATIS . LIBERAVERIT . QUOD . REGES  
VIII . VECTIGALES . FECERIT . QUOD . GOAM . CAPUT  
IMPERII . SERVAVERIT

QUOD . LUSITANAE . GENTIS . MAIESTATEM . IN . INDIA  
DEFENDERIT . LUSITANOSQUE . AD . OPTIMAM . SPEM  
VETERIS . IMPERII . EXCITAVERIT

QUOD . RELIGIONIS . ROMANAE . PRAEDICATORIBUS  
VIAM . AD . INDICAS . GENTES . MUNIVERIT  
DE . ORBE . CHRISTIANO . DE . IMPERIO . LUSITANO  
DE . LUSITANIS . OMNIBUS . OPTIME . MERITO

ET . PRIVATO . SUI . IPSIUS . ET . PUBLICO . . . . .  
NOMINE

JUSTA . OFFICIA . GRATULATIONUM . ET . GRATIARUM

## S E G U N D A P A R T E .

### Parecer sobre a *Conversasam Familiar* .

**P** Afemos ja ao 2. ponto da Carta, que é a *Conversasam do P. Severino de S. Modesto*. Neste particular confesso, que estive para nam responder, porque me-parece que entro em um verdadeiro labirinto: e todo o tempo que se-emprega nisto me-parece perdido. Contudo paraque nam digais que salto ao voso dezejo, brevemente direi o que julgo.

Quando vi a grandeza deste papel, e me-explicaram, que certas pessoas doutas, que nomidaram por seos nomes, e a quem eu lindamente confesso, escolhidas com grande reflexam, e confuzas *per modum unius* (perdoai-me a exprefam, que é da escola) compunham um *P. Modesto*, e que se-vangloriavam diso; dise ca como meos botoens: *Pobre Barbad. desgrasados Apologistas, em que maons caistes! E como podereis rezistir a tanta forsa, a tanta ciencia junta? Agora sim que vos-partem, vos-abismam, vos-anihilam, e nunca podereis resurgir*. Esta era a preocupasam com que comecei a ler: mas pasadas as primeiras trez, ou quatro folhas, pasou-me o medo.

Suponho que esperaveis agora, que vos-difese, que este livro é uma tremenda satira: e que, seguindo a opiniam do P. Lacerda, que é muito ao cazo, respondese com outra pequenissima satirinha em louvor: relatando muitos segredos, que vinham ao ponto; e outras particularidades dos AA. que eles supoem que nam se-sabem, e que dariam materia aos curiozos para belissimos sonetos. Mas enganais-vos. Nam é esa a nosa intensam, nem o foi nunca. Quero primeiramente que saibais, e que saibam todos os vossos amigos, que os *Aliados do Bar-*

*Barbad.* em vigor da procurasam que tem dele, confesam publicamente, que os Autores da *Conversasam* ( que nam sei se merece este nome, porque nam é Dialogo ) a quem para maior clareza chamaremos tambem *Aliados do P. Modesto*, ou *PP. Modestos*, sam pessoas as mais veneraveis pola sua idade, e empregos. Que em materias literarias sabem tudo, e, para me-servir dos termos Escolasticos, sam *creatura omnium maxima* em todo o genero de doutrina. Em virtudes Morais sam tudo, porque as-posuem todas em grao eroico. Em nobreza pois sam decedentes de todos os antigos Imperadores, Caldeos, Persianos, Gregos, e Romanos, e tambem dos Chineses, se for necessario, que se-reputam polos mais antigos. E isto por linha direita, sem mistura alguma. Confesam mais, que o dito livro é a melhor coiza que omens tam doutos podiam compor contra o *Barbadinho*. Pode-se dar pessoa mais prendada, e condecorada neste mundo? pode-se dar elogio mais amplo que este? pode o omem mais vaidozo dezejar maior gloria para si, e para os seus escritos? Parece-me que nam pode. Muito bem: voltemos folha.

Confesa mais o *Barbad.* e seus *Aliados*, que eles sam os maiores ignorantes, que á no mundo: as mais vis creaturas dele: que naceram das ervas. Mas nam dise nada. Que sam tam pequeninos, que nem menos se-podem ver com o *Microscopio* de *Leeuwenhoek*: ficam tam a perder de vista em comparasam dos *PP. Modestos*, que nem com o *Telescopio* *Newtoniano* se-podem dividir. Ainda dise pouco, eu me-emendo. Sam um *merum nihil*: e ( se é que se-pode admitir a supozisam ) nunca existiram neste mundo. Tem alem diso todo o corpo matizado de negafoens *Logicas*, e *Metafizicas* de saberem coiza alguma, de serem conhecidos, de terem onras, de fazerem asim alguma digna de pessoas ingenuas. Pode se dar creatura mais indigna que esta? Parece-me que nam. Pois tal é o *Barb.* e seus *Aliados*. E agora precinde da onra que lhe-podia rezultar, de vestir o burel roto, e vai-se esconder na cozinha bem de baixo de carvam. Parece-vos que estam bem encarecidas por uma vez ambas as partes? Eu julgo que sim. Visto iso dobremos folha neste particular: nam se-fale mais nestes pontos: os *Aliados do Barb.* prometem com todo o corasam de nunca duvidar destas materias: e em final diso levantam o dedo para o ar, subpena de asoites.

Se isto basta, meo *Joze* de corasam, para vencer esta contenda literaria, venceram os *PP. Modestos*: porque o *Barb.* com toda a sua coorte dam-se por vencidos, e por logrados nesta materia, confesando a infinita distancia que se-dá entre aqueles omens tamanhos e eles tam pequeninos: e ficando pola mesma razam dispensados de responder como podiam, e seria necesario, a todas as galantarias, que com boa intensam ou diz, ou insinúa o *P. Modesto*. Se-porem estas grandes qualidades dos seus adversarios nam ajudam nada para o merecimento da cauza, como julgam todos os prudentes e eruditos; ponham-se à parte os piques com que *Modesto* cuida que ofende ao *Barbad.* ( os quais parece que tocam tambem em outras pessoas, que nam tem parte na crianca, e a quem nam emportam estas ridicularias ) e palemos a examinar a materia como douto indifferente, e a ver se a *Conversasam* do *P. Modesto* conresponde à ideia que se-devia formar dela, por serem embargos à sentença de morte, que deram os eruditos de bom juizo às *Reflexoens do P. Arsenio*. E como nam determino demorar-me muito neste exame, farei somente duas sortes de reflexoens, umas gerais, e outras particulares.

## REFLEXOENS GERAIS.

1. O primeiro defeito, que eu acho neste livro, é a sua mesma grandeza: pois para responder às ninharias, que, na opinião dos PP. Modestos, escreveu o Barb. e seus Aliados ou Defensores, não era necessário tanta doutrina. E toda a superfluidade neste género é prova de mau método.

2. O segundo defeito é, provar muito, que vale o mesmo, que não provar nada. Porque Modesto intenta provar, que o Barb. e Aliados erraram em tudo. E isto desmente o P. Lacerda, que também é Aliado de Modesto. Ao qual podemos ajuntar dois Críticos Modernos, os quais não perdendo aos Aliados do Barb. confessam porém, que disseram muita coisa boa: e um deles diz, que a *Resposta* não tem resposta. Passando agora em claro muitos Portuguezes doutos, que defendem publicamente a doutrina do Barb.

E já que se falou nos apaixonados, não podem os Aliados do Barb. deixar de agradecer a todos os Senhores seus defensores, e protectores, a benignidade e benevolência com que os tratam, e defendem. E como não podem agradecer a cada um em particular, lhe-pedem com todo o coração, e respeito devido, que aceitem esta pública confissão, como prova evidente do mais rendido agradecimento, que professam a todos, e a cada um em particular.

3. O terceiro defeito consiste em sair fora da questão, que devia provar. Outro sophisma velho dos PP. Modestos: pois S. P. demora-se com o que não importa, e não toca no que deve, como mostrarei em seu lugar.

4. O quarto defeito consiste em não trazer nada de novo, que mereça resposta: mas repetir o mesmo que disseram os PP. Arsenio, e Lacerda: e ao que já deram cabal resposta o Apologista, e o Sr. Apolonio, como mostrarei.

5. O quinto é, não perceber o que deve provar. Porque a doutrina do Barb. e Aliados ou são *fatias*, e aqui devia provar com toda a evidencia, que não succedeo tal, e não basta citar a um autor em matérias disputáveis. Ou são *argumentos* tirados da autoridade, e razam; e deve desatálos, o que S. P. não faz.

6. O sexto é, não ler os AA., que lhe-citaram nas duas Respostas: porque se os lese, e entendese, pouparia mil replicas, com que mata ao Leitor: v. g. na Gramática, Filosofia, Medicina, Teologia &c. E maiormente nos admiramos, tendo-se advertido isto na *Resposta*, e *Parer*.

7. O sétimo é, não distinguir o que o Crítico disse *obiter*, e somente para responder a alguma acuzação de Arsenio, e Lacerda, daquilo que provou directamente, e era a questão principal. Devendo porém separálas, e não fazer demandas sobre palavras e proposições ditas por íperbole, ou galantaria: as quais se-devem tomar no seu justo sentido e valor.

8. O oitavo é, não refletir, que a obrigam de um erudito, que de-zembainha a espada da crítica, para defender o crédito literário abatido, é, proceder com sinceridade, e não attribuir caluniosamente ao seu adversário erros, como fez Arsenio, e Lacerda, que fingem o que não se-disse, truncam períodos, mudam palavras, como se-provou evidentemente. E nisso pecca-tambem S. P.

9. O nono é, querer explicar largamente aquelas questões, que os Aliados do Barb. tocaram incidentalmente. O que não tinha lugar em uma crítica de *Método*. Porque se estes dissessem coisas já mais ouvidas, passaria. Mas como insinuam opiniões Catholicas, defendidas por infinitos Religiosos, e por Universidades famosas, e em Italia, e Roma; ninguém dirá que a dita opinião ves-

vestida de tais circumstancias nam seja defendivel . E neste cazo é contra a boa razam attribuilas ao Barb. , e querer confutalas . Porque so se-deve examinar , se o tal Metodo é util , ou nam . E parece isto pior , porque nas duas *Respostas* ja se-dise o que bastava para uma cabal solusam .

10. O decimo é , interpertrar sempre as palavras dos Adversarios no pior sentido : contra a arte Interpretativa , que manda , que as propozioens duvidozas se-tomem no melhor sentido , principalmente se o Autor em outro lugar se-explicou . O que nam faz Modesto , pois ocultando o que declara o Barb. , quer advinhar pensamentos : como se-vê no primeiro cap. onde nam explica o que dizem os outros , más dézafoga a sua paixam . E também é intoleravel defeito , o censurar clara ou occultamente como Erejes a todos os que nam seguem as opinioens da sua Escola .

11. O undecimo é , amofinar-nos com elogios eternos , que ninguem lhe-negou , e em toda a parte citar palavras de Bulas fora do ponto . Sem reflectir , e acabar de entender , que mais Bulas , e maiores elogios de Papas , e particulares lhe-podem citar os adversarios : e que isto nam é responder . Porque como o Apolog. para se-defender das-grades calunias de Arsenio se-vio obrigado a citar alguns exemplos ; nam se-responde a isto alegando elogios , más devia provar que sam falsos os exemplos . Alem diso quando o Papa louva a uma Religiam , nam nega que alguma Provincia , e alguns individuos posam ter graves defeitos , como provam as outras Bulas , com que os condena , e repreende : e citar elogios feitos à Religiam , nam é responder àqueles defeitos . Se Modesto provase , que a tal Religiam nunca tivera defeito nas suas partes , e que nunca emanara do Vaticano Bula alguma contra ela ; entam provaria alguma coiza : mas isto é o que ele nam pode provar .

12. O duodecimo é , a pouca lizura com que responde : pois em lhe-citando cazos de Jezuitas , e AA. Jezuitas , que seguem a doutrina do Barbad. ; nunca confesa generosamente o fato : mas ou o-nega sem prova alguma ; ou finge que nam tem noticia de tal istoria ; ou dá a entender que sam fingimentos do Apolog. mas que nam quer demorar-se em responder ; ou faie com algum elogio alheio do cazo .

13. O decimoterceiro é , nam seguir os seus mesmos principios . Pois S. P. tinha protestado ( 1 ) que nam gostava de satiras , nem piques , nem outros epitetos , chegando a estranhar a satira nos seus mesmos Aliados : ( 2 ) e dando a entender , que tanto estimava a modestia , que até a-escolhera para sobrenome . Mas tam pouco observa o que promete , que excede nas injurias aos seus dois antecessores : pois toda a sua obra está cheia de epitetos injuriozos , diterios , e outras galantarias destas : ( 3 ) as quais como nam servem para responder aos argumentos ,

F 2

môs-

(1) *Conversasam* pag. 8.(2) *Ibid.*

(3) *Arrojado*, e pouco escrupuloso em religiam: que tem orelhas compridas, que faz satiras descomedidas, e faltas de verdade. pag. 251. satiriza indignamente, faz censuras temerarias, irracionais. 256. que nam é mais insolente satirico: que tem prezunsam condenavel: que é temerario. 262. que faz satiras. 263. fero genio, e insuportavel petulancia. 264. tem muita arrogancia. 265. mente o Frade. 273. que fere atrevidamente. 278. é demaziadamente arrojado. 285. que tem animo empenhado a dizer mal. 308. que diz mal dos mesmos, a quem devia louvar. 317. que tem refinada inveja. 318. que é escrevedor, pedante, mendigo, plagiario. 320. que tem genio fogozo, e pouco advertido. 365. Frei Barbadinho das estrelas errantes, Frei Cometa Barbato. 401. arrogante censor. 427. desvanecido Capuchinho: tem fracas barbas. 429. petulancia igual á seculos se nam vio: audacia intoleravel, lingua iniqua. 546. atrevimento des-

mar-

mostram lindamente a boa intensam de S. P. No que mais se-injuriou este P. a si, doque à peſoa, a quem queria injuriar: porque na verdade ſo ſam injurias ſuposta a intensam com que as escreveo. O que nam digo, para lhas-lansar em roſto; porque nenhum omem de juizo faz cazo diſo, principalmente conhecendo todo o mundo que fala cego da paixam: mas paraque o Leitor prudente veja a incoerencia deſtes omens, e os-conheſa por dentro, e examine fundamentalmente, ſe eſtes *PP. Severinos*, que nos pregam a moderasam, merecem o sobrenome de *Modestos*.

Eſtes ſam os defeitos eſenciais, que logo me-ocorreram: e eſtes baſtam para formar verdadeiro conceito da obra. Mas como prometi dizer alguma coiza do mais, brevemente o-farei, declarando porem, que nam é o meo intento, responder plenamente ao P. Modesto; porque nem iſo é necesario para defender o *Barbad.*, nem é decorozo a um omem de juizo demorar-se com todas as ninharias, equivocacoens, e ſuperfluidades, que eſte cenſor escreve. Mas determino ſomente fazer algumas reflexoens sobre os pontos ſuſtanciais, que ele devia provar para conſutar aos Adverſarios: e ſe de caminho encontrar alguma propozisam falſa, nota-la tambem. Eſtes ſam os limites e o metodo que me-propuz neste Parecer.

## REFLEXOENS PARTICULARES.

### C A P I T U L O I.

#### Titulo da Reſpoſta.

**N**O primeiro *cap.* parece ſuperflua toda a crítica do P. Modesto: porque quando o impresor reimprime um livro, ou o-faz longe do A., pode dizer o que quizer, ſem que o A. fique por fiador. Deve distinguir-se quem fala. E bem que ſuſpeitase, que o impresor, e Autor era o meſmo (o que no noſo cazo é falſo) baſtava a verosimilidade, para livrar ao A. de cenſura.

Mais. Menos necessidade tinham os Francezes, e Italianos do Feijoo, e contudo traduziram-no em vulgar. Menos tinham os Italianos de alguns Metodos Francezes; e contudo traduziram-nos. E ſe Modesto reconhtece, que em varios paizes Eſtrangeiros as concluzoens, e poſtilas ainda ſam ſemelhantes às de Portugal; deve tambem confesar, que o *Metodo* pode ſer util para eſes paizes. E niſto aſente firmemente. Sobre S. Tomaz ja provou o Apologista, (1) que nam podia concordar Aristoteles com Cristo, como abaixo explicarei melhor: (2) ao que nam responde Modesto.

E aqui incidentemente advirto duas coizas. 1. Que para escrever uma carta critica. ſobre alguma faculdade, é necesario ſabela: alias nam ſerá critica, mas carta das duzias. 2. Que do Apolog. e *Barbad.* ſe-podem verificar contraditorios: e pode aquele ſer Portuguez, e eſte nam, como ja diſe.

Tu-

---

*marcado.* 547. *arrogante audacia, descortez maledicencia.* 556. *inata soberba, arrogancia, e vaidade, e petulancia.* 557. *fracas bardis.* 558. *diz injurias e blasfemias.* 559. *sem vam, altivo, e arrogante genio.* 561. Advirto-vos, que nam me-lembrou recolher eſtas palavras ſenam desde a pag. 251. até 561. e nam me-achei com paciencia de tornar a ler as precedentes: que compoem quazi metade do livro, em que verte ſemelhantes palavradas. Mas lembro-me que até no *Index dos capitulos* entre outras coizas, chama *impio* ao *Barb.* ou *Apolog.* Considerai agora, alma catolica, ſe os pios, exemplares, e religiozos *Modestos* escrevem iſto, que farám os que nam ſe-vangloreiam daquele titulo? qual ſerá o omem prudente, que quera combater com ſemelhantes adverſarios?

(1) *Reſpoſta pag. 74. 75.* (2) *No cap. 14. §. 5.*

Tudo o mais que accumula Modesto está muito bem discorrido , mas nam impugna ao Apologista . E polo que toca ao cazo do P. Castilho , dise o Apolog. que o-ouvirã a dois Jezuitas graves , e pios , que nam eram capazes de inventar uma falsidade , a quem por devidos respeitois nam nomeia .

## C A P I T U L O II.

### Reflexam primeira da Resposta .

**A** Qui deveis aconselhar ao P. Modesto , que nam advinhe pensamentos , mas que se-contente com a explicasam do Barb. na 1. Carta , e outros lugares . Se porem ateimar , fasa o que quizer , porque nam é materia , que mereia resposta . Acho-lhe porem pilheria na incoerencia . Ele diz injurias claras a todos os que suspeita , que sam , ou podem vir a ser Aliados do Barbad. e quer que lhas-tomem em sentido benigno : E a uma figura Retorica , despois de explicada na 1. Carta , e na Resposta , nam quer dar quartel ! O certo é , que o omem busca pretextos para cõrar a ingravidam portentosa , de quem nam se-mostrou obrigado ao obzequio da Dedicatoria .

Todos os elogios , que se-feguem , sam mui bem dados , e ninguem lhos-ne-gou : fomite se-respondeo à maledicencia , e desvanecimento de Arsenio . E de novo os-confirmamos , contantoque nos conceda duas coizas : 1. que tudo o que dise o Apolog. neste particular , para reprimir a petulancia de Arsenio , é verdade . 2. que maiores elogios se-acham nas Bulas das outras Religioens , que tambem sam brasos direitos da Igreja . E alem diso , que nam tome o comprimento da Bula em todõ o rigor , supondo que so aqueles PP. sam *brasos direitos* , e as mais Religioens *brasos esquerdos* : porque neste sentido é que dise o Apolog. que se-inferiam pefimas consequencias : mas no sentido do Papa nam á coiza em que reparar . Mas a isto ja respondeo o Sr. Apolonio . ( 1 )

Aqui devo dizer-vos , que estejais acautelado de certos rumores , que espalhãram os PP. Modestos , publicando ao Barb. e Aliados por inimigos da Companhia . Isto sam pataratas , que publicam pessoas mal intencionadas , e de pouco juizo , porque nada disto os-ajuda no ponto principal , que é o *Metodo dos Estudos* . Nem os PP. Jezuitas , que sam doutos , e prudentes , sam capazes de dizerem tal loucura . Os Aliados do Barb. veneram a Religiam da Companhia geralmente , como todas as mais , que fazem grandes servisos à Igreja : veneram em particular a alguns Jezuitas verdadeiramente doutos , com quem tem boa amizade . Se isto é ser inimigo , julguem os prudentes .

Se pois os PP. Modestos chamam inimigo da Companhia a quem nam aprova o mau metodo literario de alguma Provincia dela , dizem uma tremenda falsidade : porque a doutrina nam tem parentesco com a amizade , ou inimizade . E os mesmos Jezuitas desas Provincias nos-dam o exemplo , que impugnam aos Dominicanos , Franciscanos &c. sem terem com eles inimizade .

E o mesmo P. Tirso Gonzales ( por nam citar outros ) Geral da Companhia impugnou muitas opinioens dos seus Jezuitas , semque ninguem lhe chamãse inimigo dos seus filhos .

Mais . Os Jezuitas Estrangeiros reprovam à boca cheia o metodo dos Jezuitas Portuguezes : e nam á muitos mezes que alguns Jezuitas Estrangeiros o diseram publicamente em Portugal a muitos Seculares , e Regulares , que estam vivos e saõs .

( 1 ) Parecer pag. 58.

saos . E contudo ninguem lhe chamou inimigos dos seus Jezuitas , mas chamaram-lhe omens de juizo , e dezapaixonados .

Alem diso , o Barbad. e Apolog. propoem a mesma doutrina , que ou ordenam as leis da Companhia , ou se nam ordenam claramente ( v. g. na Filozofia Moderna ) ja a permitem ; pois vemos que muitos Jezuitas imprimem estas doutrinas , e que ja tem cadeiras publicas desta Filozofia , como mostrarei abaixo ; ( 1 ) e cada vez vam saindo mais AA. que defendem o mesmo . De que se infere claramente , que os mais doutos Jezuitas reprovam o Metodo da Provincia de Portugal em tudo o mais : e na Filozofia tacitamente o reprovam , visto que ja defendem o contrario , sem que os seus Prelados maiores , e menores os castiguem por esta cauza .

E suposto isto , que inimidade mostra à Companhia , quem seguindo os ditames daqueles Jezuitas , que tem aceitavam entre os eruditos de Europa , propoem o mesmo metodo em Portugal ? Se os mesmos Jezuitas nam obstante a uniformidade que observam nas escolas , conhecem , e confessam , que se devem desviar do antigo metodo ; que injuria lhe fazem os que aconselham o mesmo aos estudantes Portuguezes ? Muito mais , porque o Barb. nam propoem o seu Metodo às escolas da Companhia , nem lhe emporta o que la fazem os Jezuitas : propoem-no a todos os Portuguezes em geral .

Se os PP. Modestos so chamam amigos da Companhia aos que aprovam a carga cerrada tudo o que faz uma Provincia dela ( falo em materias Literarias , porque o mais nam pertence ao Metodo ) enganam-se , e nam formam justa ideia da amizade : porque quem aprova o que nam se deve aprovar , nam é amigo , mas inimigo . E devem os emulos do Barbad. a pezar da enveja confessar , que nam tem acho os Portuguezes amigos mais verdadeiros que o Barbad. e seus Aliados : que zelozos da onra e gloria dos Portuguezes , lhe tem apontado o que devem fazer para brilharem na Republica Literaria como os mais eruditos Europeos . E por consequencia devem confessar , que nam tem os Portuguezes maiores inimigos , que aquelas pessoas , que buscam todos os meios para impedir , que os muitos , e grandes talentos , que se acham em Portugal , lustrem no mundo erudito como podiam , e fariam , se tivessem quem os dirigisse : como tiveram alguns Portuguezes de grande engenho e doutrina , que fora da patria aprenderam aquelas ciencias com que ilustraram a Republica Literaria , e a sua mesma nasam . E se os PP. Jezuitas Portuguezes imitassem aos Jezuitas Estrangeiros , que vam abraçando novo metodo ; conseguiriam para si , e para o reino aquela gloria , e utilidade , que nam se pode conseguir com o metodo antigo . E verdadeiramente é lastima , que tantos Jezuitas , principalmente mosos , de admiravel talento , e que dezejam sinceramente esta mudanca , nam possam sair do cativeiro em que os tem os estilos antigos : pois sem duvida exaltariam a gloria Literaria da nasam , e abismariam com os seus escritos aos Estrangeiros ; que oje nos escarnecem ; como é notorio a quem neste seculo saio de Portugal , e falou com os eruditos Estrangeiros , que em materias Literarias tem de nos a mesma opiniam , que nos temos dos Castres , e Negros de Angola . Mas paremos aqui .

Pag. 19. Nam é crível a bulha , que aqui faz Modesto sobre o *cercear* , ou *diminuir privilegios* , que nam entendo . Explico o ponto . Todo o privilegio fundado em certa cauza , ou por cauza de qualquer officio , ou limitado a qualquer lugar , cesa de sua natureza cesando a cauza , acabando se de officio , e mudando-se de lugar

gar. (1) Logo com razam dise o Barbad. e Apologista, *que seria justo se-cercessem alguns privilegios de Regulares, porque de alguns tem cesado os motivos.* O antecedente é tam certo, que nam so se-deve entender nos privilegios gratuitos, mas tambem nos remuneratorios, porque estes tambem se-podem revogar por cauza justas. (2) E tambem se-podem revogar sem cauza, quando sam remuneratorios fundados em mera gratidam, ou que excedem o merecimento do privilegiado. (3) Logo *priori jure* se-podem restringir, limitar, e cercear. (4)

Esta doutrina compreende os trez cazos, que supoz o Apologista. Mas eu os confirmo. 1. As Religioens tem privilegio de conservarem todos os seus Conventos, e rendas. Logo os Papas, secularizando alguns conventos delas, por graves cauzas, cercearam-lhe nisto o privilegio. Leia a Bula de Pio II. *Ex superna providentia.* anno 1459. que prova o caso.

2. Os Papas reformando algumas Religioens, tiraram-lhe alguns privilegios, que tinham usurpado aos Bispos. v. g. Alexandre III. concedeo aos Cistercienses e a outros o privilegio de izensam dos predios, que com as suas maons cultivassem. (5) Eles usurpavam tambem o privilegio de nam pagar decimas dos predios, que mandavam cultivar. Proibio-lho o mesmo Papa, (6) uma e muitas vezes, por queixas dos Bispos. Nam obstante continuaram os ditos Monges a usurpar o privilegio para os predios que lhe-deixavam, ou comprovam. Atéque Inocenc. III. totalmente lhe-cerceou este usurpado privilegio, e extendeo a outros a proibisam. (7) Logo é verdadeira a propozisam do Barb.

3. Os Religiozos nam podem ser Missonarios na China, e Malabar, sem terem especial privilegio, que se-dá *ob utilitatem religionis*. (8) E os mesmos tem privilegio de dispensarem aos Neofitos certos graos de impedimentos matrimoniais &c. Vendo porem Benedito XIV. que tinha cesado a cauza, porque a religiam Catolica nam tinha ja a mesma utilidade; ameasa com dois Breves ( que cita o Apolog. ) aos Missonarios, no cazo que nam obedesam às leis. Que coiza mais clara? O Papa nam anihila a dita Religiam: diz por estas-palavras: *que lhe-tirard, e diminuirá os privilegios de Missonarios naquela regiam:* como podeis ver nos ditos Breves la no fim. O Papa nam lhe-diminuiria os privilegios, se nam tivessem cesado as cauzas: e alem diso o Papa fala bem claro nas cauzas, por que se-vio obrigado a publicar estas leis. Logo cesando as cauzas, podem diminuir-se os privilegios, que era o ponto. Perderia o tempo se me-demorase em coiza tam clara.

Pag. 30. Arsenio notou como erro de Retorica, compor uma dedicatoria, que é tambem prologo. Responde o Apolog. *que as dedicatorias, e prologos sempre foram a mesma coiza --- e assim se-praticou no tempo em que a adulasam e rudeza nam tinha des-*

(1) *Cap. suggestum de Decim. l. privilegia de reg. Jur. Fufe Gironda de Privileg. explic. n. 125. 126. Reikningk de Regimin. Sæcul. five Imp. Rom. J. 2. class. 2. cap. 8. n. 33. & alibi passim.*

(2) *Cap. cum ad hoc, de Cler. non resid. Suar. l. 4. Defens. Fid. Cathol. c. 34. n. 24. Delbene de Immun. & Jurisd. Eccl. f. 10. n. 6. & seqq. & Dubit. 34. f. 2. n. 2.*

[3] *Pichler Jesuita l. 5. Decret. tit. 33. n. 25.*

(4) *Suar. contr. Reg. Angl. c. 30. n. 12. Mauilius de Homagio tit. 9. n. 113. Surd. Conf. 419. n. 45.*

(5) *Cap. ex parte. 10. de Decim.*

(6) *Cap. non licet. cap. ad audient. ibi.*

(7) *Gonzales ad cap. Nuper 34. de Decim.*

(8) *Paulo III. na Bula Licet Debitum ( que trazo Bulao Hist. Univ. Paris. tom. 6. no fim falando dos Jezuitas ) dá privilegio ao Geral dos Jezuitas, de mandar missonarios &c. sem limitasam &c.*

destruido e bom gosto da eloquencia, enchendo as dedicatorias de elogios. Avia prologos, que nam eram dedicatorias; mas as dedicatorias eram prologos, que explicavam a materia. Provou isto com Cicero, Cornificio, Panfa, Nepote do seculo Aureo: com Plinio o velho do *Argenteo*: e do *Eneo* Avieno, que ambos dedicaram assim as suas obras a dois grandes Imperadores: e com alguns grandes Retoricos do seculo XVI. Nam reprova o contrario nesta era, mas defende ao Balle.

Modesto querendo responder a isto, insensivelmente confirma o que diz o Barbad. Concede Modesto, que Cicero define o *dedicar* um Livro, assim: *Librum ad aliquem mittere*: deve entender-se *com inscripam, per epistolam &c.* Logo todos os prologos de Cicero dirigidos às pessoas, a quem inscreve o Livro, sam dedicatorias, com que lhe-manda o Livro e expoem a materia: as quais ou estejam separadas com um *Vale*, ou sem ele, sempre sam dedicatorias.

Responde Modesto, que Jacob Proust chama aos prologos de Cicero, *proemios, exordios, prefasoens*. Diz a verdade, mas nam responde, nem entende o ponto. A *dedicatoria* é tambem *prefasam*, e *proemio*, cujo nome dá Proust a tudo o que prepara o Leitor para a lizã do livro. A questã é, *se estas prefasoens e proemios nam se-pofam chamar dedicatorias*. E dizemos que podem, todas as vezes que nelas se-acha o constitutivo da *dedicatoria*, como nas de Cicero, que sam dedicatorias nam so no sentido antigo, mas tambem moderno. Porque ele aindaque escreve o livro em dialogo, nam começa o dialogo logo, como in *Partitionibus Oratoriis*; mas poem-lhe um proemio dirigido à pessoa a quem *inscreve* o livro, em que expoem as cauzas, e a materia, alguma vez acrescenta algum elogio da dita pessoa, e despois começa o dialogo. E que coiza falta aqui para ser *dedicatoria*? nada. Visto isto chame-lhe Modesto como quizer, realmente sam prologos, e dedicatorias: e nam é defeito o imitalo.

E que responde Modesto ao prologo de Cornificio, de Panfa, de Nepote, de linio o velho, que diz ao Imperador Tito: *Hos tibi libros dedicavi*: de Quintiliano, que na *prefalam* diz a Marcelo: *Quod opus, Marc. Vict. tibi dicamus*: (1) sam so exordios? Que responde ao Mureto; ao Guilherme Budeo, que assim dedicou as suas obras aos filhos d'Elrei de Franfa; ao Segni, que assim dedicou a sua Retorica ao Gran Duque de Toscana? Que responde a quazi todos os doutos do seculo XVI. restauradores da antiga Eloquencia, que quazi sempre fazem o mesmo: tambem tem bixos? Que responde finalmente a Aristoteles, que dedicou a Retorica a Alexandre Magno, unindo a *dedicatoria* com o prologo: tambem este era ignorante de Retorica?

Mais. Modesto nam sabe, que *dedicar* entre os Antigos nam era rachar a paciencia com elogios, mas dirigir o titulo do livro à tal pessoa: ou fosse com carta separada, ou nam. Facciolati o-diz: *Dedicare alicui librum est, inscribere, nuncupare, & veluti consecrare*. Isto mesmo se-chama *dedicar* no sentido moderno: pois achamos varios livros, e orasoens, com uma simplez *dedicatoria*, que é juntamente prologo: e nam achamos nas melhores Retoricas preceito algum, que nos-obrigue a compor as *dedicatorias* somente com elogios, sem falar na materia; que é o que basta para ser prologo. E o caso é, que nas escolas dos PP. Modestos frequentemente se-dedicam as concluzoens aos Santos, com uma pura *inscripam* sem elogio algum: e a isto chamam *dedicar*. Oade nam á razã para se-enfadar com o Apolog.

Concluamos pois, que o Apologista defende bem ao seo Balle, e que Modesto

ro

---

(1) Quintiliano, e Plinio nas suas *prefasoens*, a que eles chamam *dedicatorias*, como mostrei, expoem todas as miudezas da materia que tratam.

to ainda deve provar, *que errou contra a Retorica*. E o que tem mais grafa é, que Modesto nam veja na carta de Cicero a Varram o constitutivo da dedicatoria: e que, sem responder aos outros clarissimos exemplos, se-va safando com dizer: *Asine devem ser os mais exemplos que alega*.

### C A P I T U L O III.

#### Reflexam segunda da Resposta.

**D**Eixando o mais a que ja se-respondeo, observo, que Modesto nam se-contenta com a resposta do Sr. Apolonio sobre Jansenio: (1) pois nam levar á outra bemque nunca se-contente. Deixemos rodeios. Certo é, que todo o omem, que errou com pertinacia, é ereje, e costuma a Igreja declaralo tal, quando condena os seus erros. Certo é que a Igreja condenou os erros, mas nam a pefoa de Jansenio. Logo segundo o juizo da Igreja Jansenio nam é ereje. Atqui que é temeridade chamar ereje a quem a Igreja nam tem por tal. Logo Modesto injuriozamente lhe-chama ereje. A este argumento nem todos os PP. Modestos juntos responderám nunca. E tem pilheria a interpetafiam que dá Modesto à pia sumifiam que Jansenio na ora da morte mostrou à Igreja. Como se um omem que nam tinha ja que temer neste mundo, recease declarar a sua verdadeira intensam! ou como se as pias rezoluloens na ora da morte nam se-devam attribuir a uma sincerissima piedade! Apre la com a Teologia do noso Modesto!

Pag. 37. Aqui comesa Modesto a refutar a opiniam da alma dos Brutos, que admitem alguns Catholicos: e funda-se a confutafiam em principios Aristotelicos, que nam vem ao ponto, porque supoem aquilo, que os Modernos negam. Ja vos-dize, que esta questam nam pertence a um Metodo. Dizei ao voso Modesto, que leia sem paixam os AA., que lhe-citaram, ou pesa a algum Moderno que lhos-explique, e entam falaremos.

Pag. 40. Aqui intenta provar, que o Ar é uma abobeda com a autoridade do Peripatetico Ferrari. Deixemos o nome de abobeda: nam reparemos nos ditos, e grafas do Apologista: vamos ao ponto. Ou esa abobeda de ar comprime por toda a parte a terra, ou nam. Se comprime, temo o intento, e ja o pezo do ar pode fazer subir a agua na siringa. Mas eu confeso, que nunca vi abobedas viziveis, que comprimifem o espacio ou corpo, que comprehendem: e nem toda a Mathematica dos PP. Modestos provará, que comprimem. Se nam comprime, facilmente se-convence: pois é certo, que um corpo elastico, como o ar, que se-pode comprimir em uma espingarda de vento tanto, que ocupe samente a 100. parte do lugar [2] que antes occupava, achando-se com uma columna de ar tam alta em firma, por forsa deve comprimir-se; e por necessaria consequencia, deve pezar sobre a terra.

Confirma-se com o Barometro, no qual posto na rais de um monte sobe mais o azougue: no meio menos, e no alto do monte ainda menos: [3] e nam áoutra razam senam, porque o ar mais alto está menos comprimido, e é mais ligeiro. Logo Modesto nam defende a propozifiam de Arsenio, antes a-confuta: porque concedendo que o ar é um corpo, que *permit secundum omnes lineas & rectas, & obliquas*, desfaz o que Arsenio inienta provar, *que o ar nam peza na terra, nem faz*  
G
subir

[1] Parecer pag. 55.

[2] Regnault Jezuista Entretien. Tom. 1. p. 29. Leia tambem os Jezuistas Fabri, e Lana, que provam a dita compresam.

[3] Mariotte de la Nature de l'Air. pag. 196.

*subir a agua na siringa*. Leia o Boyle, Guerrichio, Torricelli, Mariotte, Hales, Torre, e outros Modernos, e achará provas evidentissimas: e nos abaixo no cap. 8. da Logica, daremos outras.

Pag. 40. 41. 42. Diz outra vez, que os Cartezianos, e Semi-Cartezianos desferiram os accidentes, e extinguiram as cores: e desfaz em Cartezio com a autoridade do Reguera Peripatetico. Perguntados os Cartezianos, se distinguam a brancura da sua camiza da negrura dos sapatos, responderam todos, que sim. Perguntados de novo, se julgavam que aquella brancura, e negrura eram sonhos e fantasmas, ou coizas verdadeiras e existentes; responderam, que existiam. (1) Logo erra Modesto dizendo, que extinguiram as cores. Explica cada escola a natureza fizica dos accidentes com diversos principios: mas todos convem, em que á no mundo accidentes, e cores. Logo Modesto nam defende a propozizam de Arsenio. Demais é falso que o Barb. seja Carteziano, como ele declarou (2) e o Apolog. (3) A veneravam que tem a Cartezio, nam so é ato de justifa, mas prova evidente, que nam nega os devidos louvores aos mesmos doutos, a quem reprova.

## C A P I T U L O IV.

### Ortografia.

**N**Esta materia está dito o que basta para quem o-entende. Somente notarei alguma propozizam digna de reparo.

Arsenio negou, que o P. Argote compuzese a sua Arte para os Portuguezes. O Apologista citou as palavras de Argote. Que responde a isto Modesto? nada ao ponto. Ergo.

Mais. Arsenio disse: *Em Franfa, e Italia d diversidade de falar nas provincias. Logo nam uzam la estudar Gramatica*. Responde o Apolog: nam uza o povo ignorante, mas uza a gente culta, e lho-prova. Que responde Modesto? *Que a lingua das provincias é totalmente diferente da Parizienfe, e Toscana, e por iso devem aprenderlas*. Transeat agora. Mas nos vendo, que os Parizienfes, e Toscanos sam os que mais se-cansam em aprender bem a sua lingua, e em compor Gramaticas para ensinarla aos naturais; [4] e que os Toscanos o-fazem com tanta miudeza, que chegam a notar os erros da pronuncia Florentina, Sanese, Pistoiese, e Romana, como especialmente fez o Toscano Gigli; e vendo tambem, que os mais elegantes Toscanos fugeitam as suas obras à censura da Academia da Crusca, como fizeram ultimamente Monsenhor Barberini, e o P. Orsi Dominicano; concluimos, que neste cazo nam responde o P. Modesto.

Mas

(1) Regaults Entretiens tom. 1. p. 378.

(2) Metodo tom. 1. pag. 280.

(3) Resposta pag. 73.

(4) v. g. Rogacci, e Rainaldi Jezuitas, Ciconio, Cittadini, Castiglione, e outros muitos Toscanos ensinam a falar bem aos mesmos Italianos cultos. Basta por todos o Gigli, ao qual traduzirei, e diz assim: „ Nam quiz falar senam do uzo corruo e barbaro do noso povo de Toscana, „ que se-reputa mestre do falar culto: e tambem dos erros da corte de Roma, que sendo rainha „ do Mundo, devia conservar a maior pureza do falar Italiano --- Vos fizestes com este metodo „ um grande serviso a todo o genero de pessoas, e principalmente aos mosos Toscanos, que pode- „ rãm livrar-se daqueles erros, que comumente bebem com o leite. Regras da lingua Tosca- „ na. pag. 56. 57. Italiano.

Mas o certo é, que erra o erudito Modesto, quando afirma, que os provinciais nam entendem aos de Pariz, e Toscana. Todos os provinciais entendem belamente a lingua das Metropolis: e aindaque os inquilinos das Metropolis nam entendam bem a pronuncia de algum rustico dos montes, ou idiota das cidades; os rusticos porem percebem lindamente aos cultos, e metropolitans. E a razam ultima é, porque todos os provinciais, que tem alguma cultura, falam e escrevem na lingua da Metropoli. Os Parrocos pregam no dialeto, e pronuncia das Metropolis: nela explicam o Catechismo, nela falam em outros lugares publicos, finalmente nela escrevem todos. E sem sair de Italia, achamos Napolitanos; Calabrezes, Sicilianos, Bolonhezes, Milanezes, que falam bem serrado, e con tudo escrevem Toscano, que é a lingua geral.

O mesmo digo da Franceza. E basta para prova o moderno Jezuita Buffier, que nam so prova que a Gramatica vulgar é o fundamento das ciencias; mas declara, que necessitam dela muitos Francezes aliunde doutos, nam por serem das provincias, mas por nam terem estudado a sua lingua. ( 1 ) E diz, que se-deve ensinar a Gramatica a todos os meninos Francezes. ( 2 ) De que se-inferre, que o no-so Modesto meteo-se a falar no que nam sabia.

Pag. 43. Diz Arsenio: *O uzo de cada nasám é lei em materia de introduzir palavras novas. Logo erra o Critico em introduzilas. Responde o Apolog. Por alguma particular deve comesar este uzo. Replica Modesto. Que o voto de um particular nam é atendivel, quando a nasám julga o contrario.* Mas nam reflete, que daqui se inferre, que nunca se-poderá introduzir um uzo contrario a outro uzo: sendo moralmente impossivel, que uma nasám inteira mude de parecer no mesmo dia. E como Modesto concede, que se-pode introduzir um uzo, deve tambem conceder, que se-introduz pouco a pouco. E isto mesmo diz o Barbad. Ao qual falsamente attribue, que quer emendar a nasám. Ele propoem o seo parecer com tanta modestia, que primeiro pede venia. ( 3 ) A quem nam agradar, nam o-abrase, que ninguem o-roga. Mas faiba o erudito Modesto, que antes do Barb. ja se tinham composto algumas Orthografias MSS. com os mesmos principios: e que muitos Portuguezes seguem a mesma opiniam: e finalmente que a doutrina do Barbad. é uma consequencia necessaria do que dizem os Orthografos Portuguezes. Se os versos de Oracio vem ao ponto, ou nam, isto considerará quem comparar as respostas.

Tambem é falso, que o Barbad. queira introduzir Politicas Estrangeiras. Ele propoem o que se acha nas nasóens mais cultas, e dá a razam, deixando a cadaum tomar o que quizer. E como de certo tempo se-tem aqui introduzido tantos estilos de Italia, e Franfa; podiam-se tambem introduzir outros, que sam belos, e racionaveis. Mas a diferenfa é, que os PP. Modestos nam tratam nas suas escolas destas novidades, que se-tem introduzido: porque se eles davam niso, e se lhe-

G 2

me-

( 1 ) Traduzirei as palavras: „ Aindaque uma Gramatica Franceza se-componha principalmente para os Estrangeiros, contudo o comum dos Francezes deve aproveitar-se igualmente d'ela. „ Isto facilmente se-conhece pela quantidade de erros, que cometem os mesmos literatos, e escriptores, „ que sam doutos em outras faculdades; que nam sabem perfeitamente os principios, e analogia, e „ algumas inflexoens da nosa lingua. Muitos por nam terem estudado fundamentalmente as regras, e „ a pratica do estilo, escrevem confuzamente: desorteque mais facilmente entendemos o que elles querem dizer, doque o que dizem. Curso de Ciencias. Prefas. da Gram. Pariz. 1732. fol. em Francez.

[ 2 ] „ No mesmo tempo que ensinam a gramatica Latina aos meninos, deviam, a imitarem „ dos Gregos, e Romanos, ensinar-lhe a gramatica da sua lingua matera. *ibid.* columna 1484.

( 3 ) Metodo *sem.* l. pag. 16.

metia em cabeça compor livros de Muzica, e Operas, e coizas semelhantes, acabavam-se os estilos Estrangeiros, e podiam ficar descansados os curiozos, que nunca ouviriam uma *Arietta Italiana*: porque tais arengas fariam, e tanto escreveriam, que os ignorantes asentalem nisto, que quem cantava à Italiana era suspeito na se. Mas por felicidade dos curiozos nam deram nesta ideia, antes polo que vejo gostam da Muzica Italiana, e por iso estam as coizas quietas. Nem o Barb. é tam cego com os Estrangeiros, que aprove tudo. Condena o que nam é bom em qualquer nasâm, como deve fazer um Critico, e como fez varias vezes no *Metodo*.

Polo que toca à ortografia de muitas palavras, prudentemente se-valeo do Italiano, que é filho primogenito do Latim, para mostrar a estes, que nos-amofinam com a analogia do Latim, que nam tem razam. Mas nisto da ortografia é superfluo falar mais. Se nam agrada aos RR. Modestos, agrada a outros omens de muito bom juizo: e tambem nam dezagradou ao seo aliado Lacerda. (r)

Pag. 50. 5r. Aqui devia provar Modesto, que a regra de pdr depois de ponto final letra pequona, nam se-acha nos Ortografos, e AA: que citou o Apologista: mas tinha tanta presa, que se-esqueceo de defender a Arsenio.

## C A P I T U L O V.

### Gramatica, e Latinidade.

**T**endo o Barb. tratado da mera Gramatica separada da Latinidade, e tendo Arsenio confundido estas duas coizas; pois nam obstante pòr no titulo, *Gramatica, e Latinidade*; contudo no corpo dela nam fala uma so palavra no que contem a carta da Latinidade (tirando, tocar de pasagem em Geografia, e Cronologia) e so diz: *que estudando polo Alvares tem saido muitos eminentes na lingua Latina, e era impossivel sairem bons Latinos estudando por regras mas*; no que claramente se-ve, que confunde a mera Gramatica com a Latinidade: Repreendeo-o justamente o Apologista explicando-lhe que coiza era uma e outra. Aquela é arte de compor Latim certo: esta de o-compor elegante: que sam coizas diferentes. Aquele Latim chama-se *oratio emendata*: este *oratio Latina*, que vale o mesmo, que *elegantè Latine constructa*. Onde na fraze de Cicero, e dos Latinistas, *loqui Latine*, quer dizer, falar Latim elegante, e nam so Latim certo ou Gramatico: como provam os textos, que traz o Apologista. [2] Provou o Barbad. isto desorte tal que nam entendo que pesoa alguma crudita pudese duvidar, *que a mera Gramatica de Alvares nam ensina as virtudes da boa Latinidade*.

Mas duvidou o noso Modesto. Porem como o-prova? com uma equivocafam em que foi dar, por nam entender os termos. Nam percebeo o omem, que dizendo Arsenio, *que com a Gramatica do Alvares tem muitos saido bons Latinos*, asenta firmemente, que *ela basta*: alias nam conclue o seo argumento, visto que o Barb. nam so nam negou, mas provou exprefamente em uma carta, que para saber Latim perfectamente quer-se Gramatica, alem da elegancia ou Latinidade, que explica em outra carta. Tambem nam entendo Modesto, que na primeira autoridade, que

(1) Retrato pag. 5r.

[2] Primeiro diz: *Locutionem emendatam (esta é a certeza) & Latinam: esta é a elegancia*. Cicero in Bruto fine. E abaixo: *Quorum sermone assuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi Latine*. Cicero de Orat. l. 3. n. 10. E melhor ainda no outro texto, que cita: *e bem se-ve que em todos eles fala da elegancia*. O mesmo diz o Facciolati na *Orasam*, *Latina-lingua non est ex Grammaticorum libris comparanda*.

que cita, do Barbad. *falar bem* quer dizer claramente, *pronunciar bem*: e na segunda fala-se de duas coizas, *Gramatica*, e *Elegancia*, o que o noso Modesto devia distinguir.

Alem diso, ou o Sanches, e Voffio quando dizem, *Grammatica est ars recte seu bene loquendi*, querem dizer, *emendate loquendi*; ou dizer, *eleganter loquendi*. Se o primeiro, nam temos nada contra o Barbad: se o segundo, temos muito contra Modesto, que confesa, que a Gramatica ensina a *certeza*, e nam a *elegancia*. (1) Logo Modesto nada responde ao Apologista, pois tirando as equivoocaçoens, diz o mesmo que este, cuidando que o-impugna.

Pag. 66. Ao que diz contra Sciopio, ja respondeo o Sr. Apolonio: (2) donde se infere, que o P. Cassani pagou mal às suas espias.

Pag. 68. *Nega que Sciopio descubrisse erros em Estrada, e Maffei*: e para prova cita ao Borrichio (3) que defende ao Estrada. Mas este P. Cenfor nunca le os AA., mas fia-se dos que lho-dizem: porque se lese o Borrichio, acharia, que este douto Dinamarquez, defendendo algumas palavras Latinas, que tinham censurado Voffio, e Sciopio; despois de os-louvar muito, (4) quando chega ao Sciopio, exprefamente confesa, que notou com acerto muitos erros em Estrada: (5) e samente intenta justificar 31. palavra de Estrada, algumas das quais defende muito mal, porque se funda em autores Ferreos, que nam provam nada. E se tivese lido o Sciopio no tratado do *Estilo Historico*, acharia notados os erros de Maffei. Tambem nam entendeo este P. Modesto, que a Gramatica de Porto Real tem duas sortes de regras: umas em letra maior, que sam para os rapazes: outras miudas nas notas &c. que sam para os mestres acharem discutidas todas as dificuldades para explicarem aos mais adiantados, sendo necesario.

Pag. 71. *Nega, que os PP. das Escolas Pias publicassem Artes Latinas*. Mas está mal enfermado o omem. Porque alem do P. Appa, que compoz em Italiano o *Teatro della Lingua Latina*, em que emenda muitas regras de Manoel Alvares; alem do P. Ambrogio, que compoz a *Grammatica Latina*, em que com melhor ordem, e mais clareza expoem os principios Gramaticais; emendendo outras regras do Alvares; alem dos *Compendios*, que se-fizeram destas Gramaticas, polas quais se-ensina em muitas partes; tem eles o P. Francisco de Anunciasam, que compoz uma Arte Latina, e Italiana, mui pequena, mui clara, mui bela, em que segue os principios de Voffio, e Sciopio. (6)

*Nega mais, que o Sciopio no tal lugar falasse da Gramatica do Alvares, e diz que fala da Gramatica dos Antigos*. Mas quer-se uma cara mui seduza, para afirmar sem se-riar uma falsidade tam clara. Sciopio no tal lugar chama *antiga* a toda a Gramatica, que até o seo tempo se-ensinava; e lhe-contrapoeem a sua Gramatica Filozofica, a que chama *moderna*: e ele escreveo isto no seculo pasado, quando ja era velha a Gramatica de Alvares. Alem diso na 2. *Razam*, que no mesmo lugar dá, para se-desterrar das escolas a *antiga* Gramatica, exprefamente

no-

[1] *Conversasam. pag. 64. seq.*

[2] *Parecer pag. 42. 49. seq.*

[3] *Cogit. da Var. Latin. Ling. etatib. pag. 284.*

[4] *Ibid. pag. 24.*

[5] *Supereft ut pro Strada quiddam adjiciamus: non quod non plurima in eo scripto prudenter monuerit Scioppius, sed quia impetu quodam animi raptus, nonnumquam ingenio suo plus tribuit, quam ratio in monumentis antiquorum subacta permittit. In initio judicii.*

[6] *O titulo é este: Neothyron, sive Nova Porta in Linguam Latinam, demonstrante Francisco ab Annunciatione, &c. Scholarum Piarum. Romæ 1649. in 16. Typis Ludovici Grignani.*

nomeia ao Alvares : (1) Mais abaixo so aprova a Prozodia do Alvares . (2) E nestas *V. Razoens*, que sam tam pequenas , que todas podem entrar em duas paginas em 4. , diversas vezes reprova o metodo dos Jezuitas , que ensinavam o Alvares . Que vos parece a veracidade do noso Modesto?

Mas o em que acho muito sal é , que louvando o Sciopio ( o que tambem faz o Apologista ) a Latinidade do Alvares ; infra daqui Modesto , que Sciopio o-constitue *primaz dos Gramaticos* . Como se fosse o mesmo ser bom Latino , doque saber compor boas Gramaticas : ( o Jezuita Buffier citado prova lindamente , que se-requere boa Filozofia para saber compor uma boa Gramatica : e isto pode fazer um omem que nam tenha aquela delicadeza de lingua , a que chamam bom Latim ) ou como se o Sciopio nam declarasse seiscentas vezes , que aprova nele a lingua , mas nam as regras . Aqui tem razam o Barb. em obedecer ao P. M. Modesto , e *puxar o capelo , sepultar a cara e cabesa*, para nam ouvir tanta falsidade .

Pag. 73. Tomara saber onde disse o Apologista as duas propozicoens de Modesto : 1. que em Inglaterra nam se-uzo da Arte do Alvares: 2. que em todas as escolas gerais de Franca se-uzo do Porto Real . (3) Para ser verdadeira a propozicao basta que se-ensine em algumas . Bem sabia o Apologista , e sabem todos , que o Alvares ou puro , ou os seus principios ( que outros muito antes dele tinham explicado ] por desgraca dos estudantes , ainda se-ensinam em varias partes daqueles mesmos reinos , que ja tem os olhos abertos , porque os maos costumes nam se-dezarreigam logo . Mas enfim a maior parte nesses mesmos reinos nam fazem caso de tais principios . E ja um seculo atraz os Olandeizes pediram ao Vossio , que reformasse os principios do Litocomo para uzo de todas as Escolas : o que outros imitaram . E em todos os estados d'Elrei de Sardenha , por uma lei expressa nam se ensina outra arte senam a do *Porto Real* : e de Manoel Alvares nam tem noticia senam algum Jezuita particularmente . Mas estas leis sam as que o noso Modesto nam pode aturar .

Aqui doeo muito ao P. Modesto a rezolusam , que tomou o grande Rei Victorio Amedeo , pai do prezente Rei de Sardenha , de proibir aos Jezuitas , que ensinasse a Mocidade : cuja lei se observa cada vez mais : e para mostrar qual era a sua intençam , comesa um largo discurso , em que pouco a pouco vai concluindo , *Que justamente os Jezuitas nam querem ensinar na Universidade de Turim , porque nela se-ensinam erezias* . Mas paraque sam estes rodeios ? declare-se S. P. por uma vez : diga que Elrei de Sardenha é ereje , porque nam admite Jezuitas nas suas escolas . Desorteque um Rei amanie da utilidade dos seus vasallos , que por justos motivos nam consente , que os Jezuitas ensinem nas escolas publicas , quando pouco é *fautor de erezias* . Este é um belo elogio feito a um Rei tam pio , e tam grande Politico como Elrei de Sardenha . Mas como se-deve supor , que um tam grande Teologo , e Pregador , como o noso P. Modesto , nam era capaz ,

---

(1) Ratio 2. *Veteris Grammaticae mendacia ingenibus & supervacuis laboribus juventutem onerant , & ingenia excarnificant*. Animadversio. Nimirum in Emmanuele Alvaro de sola syntaxi nominum , verborum , participiorum quingente inveniuntur regulae cum tot exceptionibus , appendicibus , observationibus , ut discipulum videantur ad insaniam , aut suspendium posse adigere . Quod contra Grammaticae Philosophicae syntaxis regularis 15. regulis absolvitur , idque sine ulla exceptione .

(2) *Centum & quadraginta Alvari versus de Profodia , seu syllabarum dimensione secundo anno per usum ediscunt*. Ratio V. Animadvers.

(3) *As palavras do Apolog. pag. 37. sam estas*: Ja em Olanda , Inglaterra , Franca , grande parte de Germania , e Reinos Setemtrionais , é certo , que ou o Porto Real , ou o Vossio , ou outro semelhante é que se-ensina .

se estivesse em si, de dizer uma tal propozizam de leza Magestade; e de perder o respeito ao sagrado das testas coroadas, a quem sam tam obrigados; suponho por agora que S. P. estava zombando: e por isto nam explico a resposta, que lhe-dariam em Turim, e Pariz: que seria a mesma, que por outra tal absoluta, de-dam em Franfa ao P. Joam Guignard, e queriam dar a outros tais, (1) como é notorio.

Pag. 78. Intenta defender os erros de Gramatica, que insinuou de pasagem o Barbad. Mas como isto nam pertence ao Metodo, mas sim à Gramatica Contencioza, basta por agora que o Apologista citase os gravissimos autores, que defendem a mesma doutrina: muito mais tendo dito o que basta para se-conhecer a solida resposta, que deo ao P. Arsenio.

Explico-me. Modesto nam admite Escola Tomistica, nem Escotistica. E se nestas cartas em algum ponto Teologico eu supuzer alguma das ditas Escolas, imprudentemente se-cansará em consultar a dita Escola, mas deve admitila, por nam sair fora da questam com uma arenga eterna. Damesma forte, como as rezoluloens do Apologista se-acham provadas largamente polos Corifeos da Gramatica, Voffio, Sanches, Sciopio, Mariangelo de Fano, Litocomo, Luiz de Lacerda, Porto Real, Laurenti, e outros bem vulgares, e se-ensinam publicamente em muitos reinos; basta neste lugar supolas. Muito mais nam dizendo Modesto coiza alguma de novo, que merefa a minima reflexam: mas repetindo como argumentos indifoluveis, aquelas mesmas dificuldades, a que os tais Gramaticos respondem nas primeiras paginas: nos quais pode ler as respostas, que sam tam velhas, que ja nam tem dentes.

So de pasagem digo, que Modesto esqueceo-se de provar duas coizas necessarias. 1. que o Porto Real nam dá 36. regras de toda a Sintaxe regular. 2. que nelas nam se-comprende tudo o que diz Sciopio da Sintaxe: que era o ponto, que disse o Apologista.

Em segundo lugar digo, que Modesto erra na conta que faz das regras de Sciopio.

1. Conta entre as regras, a *Synopsis* ou *compendio de Gramatica*: e conta mal, porque uma *synopsis*, ou *index*, ou *compendio* das regras ja dadas, nam pode aumentar o numero delas.

2. Conta algumas regras duas vezes. Porque aquelas *Duodecim regulae fundamentales*, que se-acham na *Synopsis*, sam as mesmas, e polas mesmas palavras, que se-acham despois da Sintaxe com o titulo *Annotationes*: e nam devia Modesto para aumentar as regras, contalas duas vezes.

3. Sciopio diz: (2) *De Nomine, Verbo, & Participio quidquid dici potest, quindecim regulis complexi sumus* - - - Deinde eas, quae concordiae inserviunt, ab aliis, quae casuum rectionem dirigunt, distinximus: qua quidem in re hoc praestamus, ut regulae minori negotio intelligi, & memoriae mandari possint. Aqui Modesto finge, que Sciopio alem das 15. regras fundamentais, acrecenta outras da concordancia, e regencia. Mas isto é falso, porque ele aqui nam diz, que acrecenta regras alem das 15: samente declara, que em cada parte da orasam separou para maior clareza as regras de concordancia das de regencia. v. g. No Nome primeiro poz as regras de concordancia, despois de regencia: e o mesmo fes nas mais partes: como se-ve na sua Gramatica. Onde erra Modesto contando esta

de-

(1) Veja o Carlos Estevam Jordam Recueil de Literature. pag. 69. seqq. p. 121. Bulaur Hist. Univ. Paris. tom. 6. pag. 868. e 884.

(2) *Annotationes in Syntaxin* p. m. 170. edition. Venet. 1727. apud. Basilium.

declaravam como regras diversas das 15. porque vai incluída nelas.

4. Também erra Modesto chamando regras novas, a todos os parágrafos, que vio com o título de *regras*, e as *falsas regências* das partes da oração: porque nam são regras novas, mas explicações. E assim tirando aquilo em que erra, facilmente se-reduzem as *regras fundamentais* ao numero dito.

Explico-me melhor. As 15. regras de que fala Sciopio são as 12. *Maximas fundamentais*, que traz no fim da Gramática, ajuntando-lhe as regras da *concordancia*: e nestas se-encerra toda a Sintaxe *Regular*. As regras porém que dá Sciopio das 8. partes da oração, em que distingue a *concordancia* da *regência*, realmente nam são novas regras, pois se-compreendem nas ditas acima; são explicações delas, ou applicações a diversos casos. Entre ellas acham-se muitas, a que chama de *falsa rectione*; e claramente se-ve, que estas nam são novas regras; mas nelas se-dá a razão, porque certas partes nam regem outras. O Sciopio para facilitá-las aos rapazes, pos-lhe o título de *regras*: mas nam são novas regras, porque quem entende as *fundamentais*, e considera as *outras*, ve logo que estas se-compreendem naquelas, como provam as explicações que elle dá a cadauma das *fundamentais*.

E. g. Diz, que o *genetivo sempre é regido por um sustantivo claro, ou occulto*. E assim quando mostra em diferentes parágrafos, que alguns Adjetivos, e Verbos &c. nam regem aqueles genitivos, que comumente lhe-atribuem; é coisa evidente, que nam dá regra nova, mas explica e confirma a primeira. E quem entendê-se bem a primeira, nam necessitava destas. Mas como os rapazes nam sabem logo aplicar a regra geral a todos os casos particulares, por isto lhe-dá a explicação. O mesmo digo das outras regras-particulares, que nada mais são que explicações das *fundamentais*. Se tivesse percebido isto o nosso erudito Grammatico Modesto, que se-inculca por tam enformado da doutrina de Sciopio, pouparia esta falsa, e pueril censura.

Confirma-se isto com o Porto Real, (1) que no principio da Sintaxe reduz as *Maximas Fundamentais* a nove, e conclue assim: *Estas pequenas Maximas como são breves, e facis, facilmente se-entendem, e podem dar uma ideia geral de toda a Sintaxe* ---- E isto quasi bastava para introduzir logo aos principiantes na leitura dos livros Latinos, ou para traduzir, contantoque tivessem cuidado os Mestres de lhas-explicar bem: da mesma sorte, que nos as-explicaremos nas regras seguintes em particular, nas quais seguirei quanto puder a mesma ordem que aqui aponte. Depois explica estas *Maximas* em 36. regras, que contem toda a Sintaxe *Regular*. E depois reduz todas as *figuras* a 4. E acabou-se toda a Sintaxe. E contudo devo advertir-vos, que muitas das 36. regras são escuzadas, porque vam incluídas em outras: mas o omem dividio-as para maior clareza dos rapazes. E com effeito o Laurenti, zindaque segue os mesmos principios, nam é tam difuzo, e podia ser mais breve.

Advirto aqui, que sem ter Sciopio, e Porto Real à vista, nam se-entenderá bem o que aqui digo: tendo-os à vista, é escuzado demorar-me mais, porque eles provam o que digo. Isto basta para mostrar, que Modesto nam citou fielmente ao Sciopio: nam percebeo em que sentido se-deviam tomar as 15. *Maximas fundamentais*: nem respondeo ao que disse o Apolog. o qual supunha que falava com quem tinha estudado a materia.

Tambem advertireis ao nosso Modesto, que nam á duvida que os mesmos Jesuitas já tem conhecido a inutilidade da Grammatica do Alvares prout jacet. E por

[1] pag. 355. 356. da edição de Pariz em 1709. em Francez.

por isto o Jezuita Mandosi Italiano fez uma nova edisam , em que a-traduzio em vulgar , emendou , abreviou , e proporcionou mais à capacidade dos meninos . A qual se ensina , alem de outras partes , no Colegio da Cidade de Prato em Toscana . Nam deitaram totalmente o Alvares fora , porque ainda vivem os velhos , Mas pode ser que com o tempo &c.

## CONTINUASAM DO CAPITULO V.

### Lingua Grega , e Ebraica .

**D** Esprezou Arsenio as linguas Grega , e Ebraica , dizendo , *que nam eram necessarias para entender os livros , porque tudo estava explicado nos comentos Latinos* . Nam diz mais Arsenio , mas como se-refere à Carta do Barb. , claramente se-ve , que julgou nam serem necessarias para a Escritura , Dogmatica &c. como diz a tal Carta .

Confutou-o o Apologista com 5. argumentos . 1. Que o concilio Vienense mandou ensinallas nas primeiras Universidades de Europa , para propagar a Fé : e que oje temos a mesma necessidade para responder aos Erejes , que com elas nos-impugnam . O que se-confirma com os Pontifices , e todas as Universidades Catholicas , que as-mandam ensinar , por verem a necessidade . 2. Que nam á Bula , que tire a autoridade aos textos , Grego , e Ebraico , e aos SS. PP. , Concilios Orientais &c. Onde pode um Teologo disputando defender-se com os textos Originais , e argumentar com eles , como fazem todos os dias os Polemicos Catholicos : e para lhe-responder , é necessario fabelos . 3. Que as leis da Companhia assim o-ordenam . 4. Que polas nam saberem , alguns Jezuitas Portuguezes tiveram infeliz sucefo nas disputas com os Erejes . 5. Que da intelligencia das palavras originais dependem muitas questoes gravissimas . Que responde a isto o noso Modesto ? prova que estes 5. fatos sam falsos ? nam senhor . Logo nam responde nada .

E para nam perder tempo , visto o Senhor Apolonio ( 1 ) ter ja tocado o principal , reduzirei a dificuldade a um silogismo . Certo é , que os Ebreos , e Erejes nam admitem a Vulgata por texto , mas somente o texto Ebreo , Caldeo , e Grego : e com eles argumentam , e se-defendem : e os Ebreos defendem-se tambem com a parafrase Caldaica de Onkelos , e Ben Uziel . Certo é , que para os-confutar devemos concordar em um texto , com o qual posamos mutuamente argumentar , e responder . Logo é certo , que sem as linguas originais nam podemos confutar nem Erejes , nem Judeos . Se Modesto duvida da maior , dizei-lhe que leia os Rabinos , e os Erejes : e consulte os mais doutos Polemicos Jezuitas , Belarmino , Gretser &c. e verá , se lhe-respondem com a Vulgata , ou com os textos .

A este silogismo , em que se-cifra a dificuldade , devia responder Modesto , o que nunca fará ; e nam perder tempo em dar noticias superfluas , e enfadonhas , querendo ensinar as orasoens ao Cura : e o pior é , que mostrando na mesma materia , em que ostenta , que está muito Anjo na Istoria Sagrada , e Ecclesiastica , e na Critica Sagrada . Mas nam quero agora dilatar-me nisto : e somente de passagem tocarei alguma coiza , que bairará para quem o-entende .

H

1. Ad-

(1) Parecer pag. 84.

1. Admite Modesto por certa a istoria dos LXX. Interpretes, que os melhores Criticos Catholicos solidamente regeitam. (1) 2. Supoem, que o texto Caldeo, de que fala o Apologista, seja a parafrase Caldaica; quando é fomite a maior parte do texto de Daniel, e Esdras, escrito em Caldeo. 3. Supoem, que á uma so Parafraze Caldaica antes de Cristo; quando os Rabinos, e todos os doutos confessam, que antes da morte de Cristo, se-fizeram polo menos as duas que temos, de Onkelos sobre o *Pentateuco*, e de Jonatan Ben Uziel sobre os *Profetas*: (as quais os Ebreos estimam tanto como o texto) alem de outras feitas despois. (2) 4. Diz, que entre os PP. so S. Jeronimo soube Ebraico; sem fazer cazo de S. Epifanio, e de Origenes, que, aindaque nam Santo, no que toca à Escritura entra no numero dos PP. 5. Diz, que no Concilio Ariminense nenhum P. sabia Grego; sem refletir, que Belarmino, de quem tirou a noticia, diz, *Si Ruffino credimus*. (3) Mas aindaque nam disese, nam prova nada. E devia saber Modesto, que os PP. Ariminenses por ignorancia do Grego asinaram uma formula de Fé realmente Arriana. E que S. Agost., Facundo, S. Damazo, e outros PP. (4) so os defendem de erezia, fundados na sua ignorancia, e simplicidade. (5) 6. Diz, que S. Agost. nam soube Grego: e isto é falso, porque nam era insigne nele, mas tinha mediocre noticia. (6) Deixo outras propozicoens de Modesto, que mostram estar muito falto de noticias nestas materias. E o que tem pilhas é, querer emfima dizer graças ao Apolog. e apontar-lhe erros de impressa; quando Modesto no mesmo lugar dá erros em quazi todas as palavras Ebraicas, que escreve, e alguma Grega.

Em tudo isto acho carradas de grafa: mas o melhor está, em nam acabar de entender, que quem explica a Escritura, deve entender os textos Originiais: porque se os Adversarios nam admitirem as expozicoens dos outros, que remedio tem o noso Modesto, senam apelar para a verdadeira intelligencia das palavras originiais? O certo é, que os mais doutos Teologos asim o-julgam.

Alem diso as leis dos Jezuitas, confirmadas pola VII. Congregasam geral em 1616. e muito despois da emenda da Vulgata feita por Clemente VIII., as quais ainda oje tem vigor leis dos, ordenam o mesmo repetidas vezes, e parece que fallam com as palavras do Barbad.

Primeiro declaram, que nam so as linguas sam muitissimo necessarias para a intelligencia da Escritura, mas tambem as ciencias, istoria, antiguidades, eloquencia. (7) Ordenam, que o mesmo professor de Escritura ensine o Ebraico, poden-

[1] *Quamplura inter se pugnancia sane cogunt dicere, fidei omnino subleste apparere, que de translatione LXX. Interpretum narratur.* Roncaglia, in Notis ad Nat. Alex. Tom. 3. Hist. p. m. 521.

[2] *Vejase o Bartolucci Bibliotheca Rabbinica Magna tom. 3. p. m. 792.*

[3] *De Verbo Dei. l. 1. c. 10. ad 4. (4) Leia Natal Alex. ad Sæcul. 4. dissert. 33.*

[5] *Uno verbo, Concilium Ariminense totius Orbis scandalum fuit. Quid ergo mirum, si erravit?* Cardin. Gotti de Locis Theolog. q. 3. dub. 5. §. 5.

(6) *Vives in August. de Civit. D. l. 15. c. 13. Sifus Senensis Biblioth. Sanct.*

(7) *Magnam diligentiam adhibeat in promovendo SS. Litterarum studio: quod perficiet, si viros ad id muneris eligat non solum linguarum peritos, id enim maxime necessarium est (notai bem estas palavras) sed etiam in Theologia Schol. ceterisque scientiis, in historia, variisque eruditione, & quoad ejus fieri potest, in eloquentia bene versatos. Ratio studiorum Societatis Jesu, inter Regulas Provincialis. n. 5. Livro impresso em varias partes.*

podendo ser : e que serla bem que soubesse o Grego , Caldeo , e Siriaco . ( 1 ) Ordenam , que nenhum Teologo se-exima de estudar Ebreo , senam o que nam for capaz diso : e que acabada a Teologia , se-exercitem alguns com maior estudo . ( 2 ) Ordenam , que o professor de Escritura explique a Vulgata por meio do texto Ebreo , e Grego . [ 3 ] Ordenam , que se-valha dos Rabinos para illustrar a Vulgata , e Dogmas . ( 4 ) Ordenam , que consultem o texto dos LXX . ( 5 ) Ordenam , que aja nos Colegios mestres de Ebreo : e que os Reitores com todo o cuidado instituam nos Colegios Academias particulares de Grego , e Ebreo . ( 6 )

Especialmente sobre o Grego ordenam , que a Gramatica Grega se-explique juntamente com a Latina em cadauma das 3. clases . ( 7 ) Ordenam , que nas duas escolas de Umanidades , e Retorica se-expliquem as partes mais dificias da Gram. Grega : e que cuidem em que os dicipulos ao menos entendam mediocrementem os AA. Gregos , e o-escrevam . ( 8 ) Ordenam mais , que se-expliquem na escola de Umanidades certos AA. Gregos , que nomeia : [ 9 ] e na de Retorica , certos Oradores , Poetas , Historicos , e SS. PP. Gregos , que ali nomeia : e fala nam so dos de fora , mas tambem dos Jezuitas . ( 10 ) Alem diso manda , que os Umanistas , e Retoricos compoanham versos , e proza Grega : e que os Jezuitas alguma vez orem em Grego . ( 11 )

Aqui tendes , meo Joze , que os PP. Jezuitas pedem muito mais que o Barbad: o qual se-contentava com uma mediocre noticia de Grego , e Ebraico , sem ser necessario falalo , e sabelo com tanto aparato . E como Modesto , em lugar de defender as propozicoens de Arsenio , tomou por empenho defender as leis dos Jezuitas , que na verdade sam prudentes e judiciozas ; ( assim elas sosem executadas ad litteram polos nosos Modestos ) dizei-lhe que se-dezenfade com esse argumento , e la se-avenha com os Jezuitas : e que fale com o Prefeito dos Estudos , que e um dos que sabem estas leis . [ 12 ]

Lembra-lhe tambem , que os mais doutos Interpretres Jezuitas as-executam ri-

( 1 ) *Linguam Hebraeam , si commode possit , doceat S. Scripturae professor , vel saltem aliquis , qui sit Theologus : optanturque ut esset etiam linguarum peritus , non solum Graecae , propter Nov. Testam. & vers. LXX. sed etiam Chaldaicae , & Syriacae , cum ex his linguis multa in libris Canonice sparsim habeantur .* ibid. n. 7.

( 2 ) *Ab hac lectione per annum audienda . . . Theologi non eximantur , nisi qui ad eam inepti prorsus conserentur . . . biennio , quod repetende Theologiae praescribitur , plus studii in Hebraicis ponant : immo in ipso cursu Theologiae privata academia . . . juventur .* ibid. n. 8.

( 3 ) *Ex Hebraeis , Graecisque exemplaribus , quod usui fuerit , in eam rem proferat . . . cum vel aliarum linguarum idiotismi ad maiorem conferant sive perspicuitatem , sive significationem .* Inter Reg. Professoris Scripturae n. 4.

( 4 ) *Si quid sit in Hebraeorum Rabbiniis , quod vel pro Latina editione Vulgata , vel pro Catholicis dogmatibus utiliter possit afferri , id ita afferat &c.* ibid. n. 9.

[ 5 ] *ibid. n. 11.*

( 6 ) *Efficiat ut Hebraeae , Graecaeque linguae academiae instituantur inter nostros , in quibus academici bis aut ter in hebdomada . . . exercentur .* Regulae Rectoris. n. 7.

( 7 ) *Inter Regulas Classium inferiorum .*

( 8 ) *Curandum praeterea ut mediocriter scriptores Graecos intelligant , & scribere aliquid Graece norint .* Regul. Professor. Humanit. n. 1.

( 9 ) *Inter Regul. Professor. Human. ( 10 ) Regulae Profes. Rhetoricae n. 13.*

( 11 ) *Videat etiam ut interdum aliquae a nostris Rhetoricis orationes , aut poemata Latine , vel Graece tum in mensa habeantur , tum in aula .* Regulae Rectoris . n. 11. Isto mesmo repete varias vezes falando dos Umanistas , e Retoricos .

( 12 ) *Librum de Ratione studiorum familiarem habeat , & ab auditoribus , professoribusque omnibus regulas sedulo curet observandas .* Regulae Praefecti. n. 4.

gorozamente; pois nam fo com as linguas ditas expoem os lugares escuros da Escritura: mas tambem nos prolegomenos e prefaloens declaram, que sam utis, e necessarias para o dito efeito. Cujas palavras todas nam cito, porque basta citar os Prolegomenos: e tambem basta abrir os ditos livros, para ver logo o Grego, e Hebreo. Neste numero entra o Belarmino, o Salmeron (1) o Ribera (2) o Prado, e Vilalpando (3) o Mariana, o Pineda (4) o Serario, o Lorino [5] Alapide [6] o Bonfrerio (7) o Menochio (8) o Tirino (9) alem de outros muitos Jezuitas que nam quero nomiar.

O' se pudefem agora levantar a cabesa do tumulo aqueles onrados velhos, e doutifimos Jezuitas Portuguezes, o Sebastian Barradas, o Braz Viegas, o Cosme de Magalhaens (10) o Andre Pinto Ramires [11] o Manoel de Sa (12) e alguns outros, e ouvilem que chegãtam as coizas a termos, que os chamados defensores das leis Sacrosantas da Sagrada Companhia de Jesus se-vejam confutados com as leis da mesma Companhia! Que vatejo nam dariam no noso P. Modesto? que coizas nam lhe diriam, vendo empregar tanto trabalho e papel em desprezar aqueles necessarios estudos, com que a mesma Companhia se-tem feito veneravel na Republica Literaria, e na Igreja Catolica?

Mas deixemos repoizar aquelas veneraveis cinzas, cuja etudifam, e conformida-

(1) Hoc dandum fuit seculo nostro linguarum peritissimo, in illisque instructissimo & exercitatissimo. Hereticis quoque hoc potius, quam nobis, venit imputandum, qui nullis magis armis, quam linguarum adminiculo, nos aggrediuntur --- Quare qui hereticorum conatus infringere, & eorum argumenta demoliri volunt, ad haec minuta, ne levia profus, sese demittere coguntur: quod quidem sine linguarum peritia praestare quisquam nequaquam potest. Praefat. in Evang. Histor. §. 18. Vide etiam Proleg. 3.

(2) Verum tam in hac defensione, quam in obscurissimorum locorum elucidatione necesse habeo sepe ad fontes, id est, ad Hebraea, & Graeca confugere, ut Origin. & Hieron. & doctissimi quique omnibus saeculis fecerunt --- Sed habeo magnum Ecclesiae lumen Hieron. qui dum se se excusat, pro me sepe respondit --- se scripturam explicare, quae integre atque exacte sine his explicari non potest. Praefat. in Prophetas.

(3) In Ezechielem praefat.

(4) De Rebus Salomon. praefat.

(5) In Psalm. praefat. c. 17.

(6) Difficultatem argent idiotismi Hebraei, & Graeci, ubique sparsi, ad quos pernoscendos opus esse utriusque linguae cognitione, docet August. de Doctr. Christiana l. 2. c. 10. Potero contra ignota signa, inquit Aug. magnum remedium est linguarum cognitio. Sunt enim quaedam, quae in usum alterius linguae per interpretationem transire non possunt: & ut doctissimus sit interpres, nec a sensu auctoris devius aberret, quae sit ipsa sententia non apparet, nisi in ea lingua inspiciatur, quam interpretatur. In Enconio Scriptur. n. 35. e antes diso diz muita coiza boa ao noso intento.

(7) Habet autem hanc ad rem momenti plurimum ling. Hebraica, & Graeca cognitio. Praeloq. C. 9. S. 6. fine.

(8) Praefat. in Script. cap. 10. & 28.

(9) In Script. Praefat. Onde tambem lhe-encomenda, que estudem a Historia &c.

(10) Cum Hebreo, Graeco, Latino, interdum cum Chaldaico, raro cum Syriaco exemplari nobis ne gotium erit. In Josue Praef. ad Lectorem. n. 7.

(11) Prolegom. in Cantic. §. 9. trata da necessidade do Hebreo, e Umanidades para explicar o Cantico, e poem a margem estas duas postilas: Linguarum notitia Script. intelligendae necessaria. Humanior litteratura Sacrae necessaria: e o-prova.

(12) Este desculpa-se na prefat. de nam ter escrito mais palavras Gregas, e Ebraicas, parte polo. impresor, parte polos ignorantes. E todos eles se-servem nos Comentarios das ditas linguas.

dade com a doutrina do Barbad, nos-daria materia para utilissimas reflexoens . La do tumulo, em que descansam , com eloquencia muda , mas eficaz , e muito bem exprimida nos seus escritos , e estudos , estam reprehendendo a incoerencia, e sem razam com que o P. Modesto nesta, e em todas as materias Ecclesiasticas desfaz nos estudos do Barb., que sam os mesmos com que eles ilustraram a nasam Portugueza. Deixemo-los, torno a dizer, estar calados, paraque nam descubram no P. Modesto aqueles defeitos, que nam lhe-estam airozos. Concluamos ao ponto: e falo este argumento. Estes Jezuitas, e outros muitos, que podia nomiar, nam escreveram no mesmo seculo, nem ano, nem dia: mas parte escreveu no seculo XVI. v. g. Salmeron, Viegas, Sa, Ribera, Barradas, Prado, Mariana &c. parte no seculo XVII. e em diversas partes dele, pois alguns citam a outros, e o Ramires imprimio em 1642. despois dos outros citados. Isto suposto, se eles achavam ja a Escritura explicada com os textos polos seus Jezuitas, porque nam se-referem a eles? paraque se-cansam em aprender as linguas? paraque se-valem das palavras Gregas, e Ebraicas nos Comentarios? paraque dizem que sam necessarias para a Escritura, e Teologia? por que razam o Jezuita Alexandre Ficher, que escreveu o seu *Metodo* despois de todos estes, diz (1) que sam necessarias? com que motivo os outros Jezuitas, que compuzeram ou Metodos, ou Teologias no fim do seculo pasado, v. g. o Gisbert (2) e no prezente seculo entre outros o Baltazar Francolini (3) e Paulo Gabriel Antoine (4) repetem o mesmo, e dizem por uma boca, que sam necessarias ao Teologo as linguas Orientais? A razam e, porque conheciam que esta era a pura verdade: e que a Escritura Sagrada e tam profunda, que todos os dias se-podem descobrir nela novos misterios, como confessa S. Agostinho. (5) E como isto nam se-pode conseguir senam por meio das linguas Originais, segue-se que nesta era, e nas futuras, sempre seram necessarias as ditas linguas. E precindo agora da outra indispensavel necessidade que temos de-las, para responder aos Erejes, como confessa com outros o Jezuita Salmeron citado.

Esta solusam basta para tudo o que diz Modesto em diferentes lugares contra a utilidade, e necessidade das linguas, e tambem das Antiguidades Sagradas, e Ecclesiasticas: pois todos os reparos que faz ao Barbad. vam dar nos mais doutos Jezuitas Antigos, e Modernos, que dizem ainda mais. E por iso so vos-explicarei duas coizas, em que o noso Teologo Modesto carece de noticias verdadeiras.

Pag. 109. O ser autentica a Vulgata, quer dizer, entre as Latinas, que cor-  
rem

(1) *Neque vero sine Graeca, & Hebraica sacras, Profanasque Litteras assequi pro dignitate quisquam potest: cum sint primi fontes disciplinarum, & sapientia procreatrices.* Arcana studiorum Methodus. Lugduni 1649. cap. 5

(2) *Ad hanc cautionem, interpretandae Scripturae, valebunt regulae sequentes, omnibus Scripturae studiosis, & praesertim Scripti. interpretibus necessariae --- Habeant exactam notitiam linguarum. Interdum enim tota Scripturae obscuritas in eo est, quod non satis a legentibus intelligatur proprietas, & vis verborum.* In Christiana Theolog. Parisiis 1689. Tom. 1. pag. 320.

(3) *Meminerit tandem lingua Hebraica notitiam esse perutilem, immo necessariam interpreti Scripturarum.* Tyrocin. Theolog. part. 1. §. 6. pag. 36.

(4) *Hinc fontes Hebraei, & Graeci utiles adhuc sunt ad investigandum sensum verborum --- ad emendandos errores, qui librorum inscitia, vel incuria, vel malitia irrepsere in Vulgatae nostrae versionis exemplaria.* &c. Theolog. Specul. & Dogmat. tom. 1. pag. 76. Editi Venetae 1743.

(5) *Epist. 3. antiquae edit.*

rem, a mais conforme com o texto quanto à sê, e bons costumes; nam tira, que nam tenha outras faltas. Confesou-o Sisto V. e Clemente VIII. (1) nas duas edisoens, que fizeram: pois Sisto emendou muitos erros polos textos: e Clemente emendou na Vulgata de Sisto mais de dois mil erros nam de imprensa, mas de interprete. (2) E ainda despois de Clemente VIII. lhe-acham defeitos os mais doutos Teologos, v.g. Belarmino, que foi um dos Corretores, (3) Bonfrerio (4) Tirino (5) Menochio (6) e outros Jezuitas asima nomiados: alem de Simam de Muis, (7) e principalmente Lucas Brugense, (8) e Natal Alexandre, (9) e em uma palavra, todos os Criticos, e Teologos, que trataram desta materia *ex professo*.

Alem diso o Tridentino nam comparou a Vulgata com os textos Grego, e Ebreo, mas com as Latinas. Onde pecaria contra o decreto, quem preferise, ou igualase outra Latina à nosa Vulgata: mas nam peca (como erradamente diz Modesto) quem, sem desprezar a Vulgata, lhe-prefere o texto Ebreo, e Grego; e com eles argumenta, ou se-defende. Que nam a-comparase com os textos, dizem os mais doutos Jezuitas, Mariana (10) Serario (11) Belarmino (12) Azor (13) e principalmente, o Salmeron [14] que assistio no Concilio. Aos quais pode ajuntar o Vega (15) tambem P. do Concilio, Sanderio (16) Driedo (17) Sisto Senense [18] Natal Alex. [19] e mil outros. E o moderno Jezuita Antoinne [20] concede a autoridade dos textos. Esta erudisam é muito necessaria ao Teologo

(1) *In hac vulgata editione visa sunt nonnulla mutanda, quæ consulto mutata non sunt.* Clem. VIII. præfat. edit. Vaticanæ.

(2) Natal. Alex. Hist. Ecc. sæc. 4. diff. 39. art. 5.

(3) *De libello ad nos misso gratias tibi ago: sed scias velim, Biblia Vulgata non esse a nobis accuratissime castigata. Multa enim de industria justis de causis prætermisimus, quæ correctione indigere videbantur.* Epist. ad Lucam Brugensem.

(4) Præloq. c. 15. f. 3.

(5) *In indice Controv. controu. 2. n. 9. onde diz que so nam tem erros contra a sê, e bons costumes: e o mesmo diz dos textos.*

(6) *In Script. præfat. c. 14.*

(7) *De Veritate edition. Hebraicæ.*

(8) *Este notou mais de quatro mil erros, que ainda se-acbam na Vulgata, a maior parte de Interprete, de Emendatione Vulgatæ ad calcem Biblior. Plantini.*

(9) *Loc. cit. pag. 441. art. 6.*

(10) *De Edit. Vulg. in epist. ad Sanderum.*

(11) *Proleg. c. 19. q. 12. c. 1.*

(12) *De Verbo D. l. 2. c. 10.*

(13) *Moral. l. 8. c. 3. q. 2.*

(14) *Liberum autem reliquit Concilium omnibus qui Script. Sacras profundius meditantur, fontes Græcos, aut Hebreos quatenus opus sit, consulere, quo nostram Vulgatam vitio liberiorum, aut temporum injuria corruptam, emendare valeant. Licebit itaque nobis salva Concilii auctoritate, siue Græci, siue Hebrei exemplaris lectionem variam producere, eamque uti verum Bibliorum textum expendere, & enarrare: nec tantum bonis mores per eam edificare, verum etiam fidei dogmata comprobare & stabilire: atque adeo ab illis sumere efficax argumentum, tamquam ex textu Spiritus Sancti. Prolegom. 3.*

(15) *L. 15. c. 9.* (16) *De Visib. Monarch. l. 2. ad an. 1541.*

(17) *De Eccles. Dogm. l. 2. c. 1.* (18) *Biblioth. S. l. 8.* (19) *Loc. cit.*

(20) *Concilium vetando ne quovis prætextu Vulgata rejiciatur, -- Vulgatam anteponeit non ipsi fontibus puris, sed mendis, quæ in fontes irrepserunt. Nihilominus relinquit fontibus, quales nunc extant, eandem auctoritatem, quam ante Concilium habebant. Theolog spec. & Dogm. tom. 1. pag. 77. edition. Venetæ 1743.*

logo Modesto, para nam dizer tantos erros: e para falar com o devido respeito à doutrina e autoridade de um omem tam grande como o *Paiva*, que sabia o que nam sabe Modesto.

*Ibidem*, & pag. 101. & pag. 472. Que os Judeos ou Ebraizantes, ou Elenistas, viciafem o texto Ebreo, e a versam Grega dos LXX. é uma antiga calunia, a que ja responderam S. Jeronimo (1) S. Agostinho [2] e outros Teologos: em particular o Belarmino [3] que responde aos argumentos contrarios: o que tambem faz Natal Alex. [4] Lamy [5] e muitos Catholicos. O Jezuita Salmeron, tirando XI. lugares ou duvidozos, ou escuros, defende a pureza do texto Ebreo (6) e tambem do Grego. [7] Concorda em o Ebreo o Menochio: (8) o Bonfrerio (9) defende aos LXX. interpetres. O Jezuita Antoine defende o Grego, e Ebreo, aindaque admite neles alguns erros de pouco momento: [10] os quais tambem acha na Vulgata. (11) Ajunte o Dominicano Le Quicn, que defende eruditamente o texto Ebreo.

Mas sem buscar tantas provas basta saber, que os textos dos Ebreos concordam com os nosos nos mesmos lugares em que deveriam discordar, se estivessem viciados. Alem disto, os textos Ebreo, e Grego, de que nos-valemos, sam pola maior parte impresos polos Erejes; como vemos nas varias edisoens do texto Ebreo com a versam de Pagnino, do mesmo texto da edisam de Leusdem, de Jablonski, de Clodius, de Maio, de Hooght, de Opitio, de Michaelis, que sam as melhores edisoens Ebraicas. Tambem vemos o mesmo nas Polyglotas de Walton, e Buxtorffo, e em outras edisoens de Erejes, que concordam com as edisoens Catholicas das V. Polyglotas, do Cardial Ximenes, de Felipe II. de Paris de Miguel le Jay, e das de Veneza: e tambem concordam com o texto dos LXX. da edisam de Morino, e de Roma: e com o texto Ebreo impresso em Veneza por Bomberg, em Antuerpia por Plantino, e em outras partes. O mesmo podemos dizer do Grego do Testam. Novo. (12). E com isto se-prova evidentemente a pureza do texto original entre os Erejes, contra as calunias do noso Modesto.

Admiro-me, que nam saiba este douto Teologo; e universal erudito, que antesque se-faca uma nova edisam do texto da Escritura, se-examinam e conferem, alem das melhores edisoens impresas, os melhores e mais antigos manuscritos, e se-apontam as variafoens. Com estas cautelas se-fizeram sempre as melhores edisoens em linguas Orientais: v. g. a do Testam. N. de Gerbelio, de Beza, de Boeclero: a Oxoniense em 1675. as Lipsienses, as Anglicanas de Gregori, e Mili, e outras muitas feitas por Erejes: e tambem as de Pariz, de Erasmo, e de Aldo de Veneza, e de outros Catholicos: porque de outra sorte nam tem estimafam nesta era nem entre Catholicos, nem Erejes.

Destá doutrina se-segue, que nam obstante alguns Teologos dizerem, que o texto Ebreo, e Grego tem erros de variafoens &c. nam podem dizer, que em quan-

(1) *In Isaiam c. 6.* (2) *De Civ. Dei l. 15. c. 13. l. 18. c. 43.*

(3) *Varietates istae (textus Hebraici) non tanti sunt momenti, ut in iis, quae ad fidem, & mores pertinent, Sacrae Script. integritas desideretur: plerumque enim differentia est in dictionibus quibusdam posita, quae sensum aut parum, aut nihil mutant.* de Verbo Dei l. 2. c. 2.

(4) *Sacul. 2. diss. 11. & saeculo 4. diss. 39. art. 5.* (5) *Appar. Bibl. l. 2. c. 9.*

(6) *Prolegom. 4.* [7] *Prolegom. 5.* (8) *Prefat. in Script. c. 10.*

(9) *Proleg. c. 15. sect. 4. e na sect. 6. defende aos LXX.*

(10) *Dico 2. Editio Hebraica non fuit a Judeis studiose depravata.* Theol. Spec. & Dogm. tom. 1. pag. 72. [11] *Ibid. p. 75.*

(12) *Leia o le Long Biblioth. Sacra c. 3. & 4. que aponta os Codices, e os que nararãam as variafoens &c. e no cap. 15.*

quanto à fé, e bons costumes tem erros. E nesta supozifam quando pouco ficam iguais à Vulgata, que tambem tem erros de Interpetre, como provam os Jezuitas citados, alem dos outros Teologos.

E aqui deveis saber, que o noso Modesto nam percebe bem aos AA. que cita; porque alem de que o Gravelon diz com o Belarmino, que o Ebreo, e Grego nam foram viciados: (1) nem ele, nem o Tirino (como acima mostrei) negam, que a Vulgata tem outros erros fora da Fé, e bons costumes: antes Gravelon os supoem. (2) E se o negarem, com os documentos pouco antes citados os convenceriamos. Tambem o Cano Dominicano diz o contrario do que lhe atribue Modesto: porque so fala da fé, e bons costumes: e nam so aprova a utilidade dos textos para a Vulgata; (3) mas-abaixo trata em um capitulo expreso, *de linguarum Hebraica, & Graeca utilitate*: em que nam so prova a utilidade, mas aponta os lugares da Vulgata, que se-podem emendar com os textos; e mostra que para muitas coizas é absolutamente necessaria. [4] Ora eu estou certo, que se o Barb. disse a centesima parte destes erros, o P. Modesto gritava por Elrei: mas ele tem privilegio para tudo.

Mas eu quero-lhe arrimar mais outra, que ele nam esperava: e vem a ser, que Paulo V. na Bula *Apostolica servitutis*, que é a 65. deste Papa no Bulario antigo de Cherubino, emanada no ano 1610. muito despois da emenda ultima da Vulgata, expando a necessidade das linguas Ebraica, e Grega, e Latina, para *confutar os Erejes, motu proprio* ordena, e com muito aperto, que todos os Regulares sem excessam alguma, as ensinem em todos os seus estudos e collegios; e se puderem, tambem a Arabica: e que quando nam aja Regulares de caza capazes, chamem a outros Regulares: e em falta destes, chamem os Seculares. Onde peca Modesto por dois distintos principios: 1. porque nam obedece às leis domesticas: 2. porque nam obedece às leis gerais dos Papas.

Parece-me que basta isto para vos mostrar, que a confutafam do Barbad. e Apologista sobre o Grêgo, e Ebreo, ficou na massa dos possiveis, e muito a pezar da grande doutrina do noso Modesto,

CON.

(1) Dico 4. *Textum Hebraeum libror. Vet. Testam. numquam fuisse a Judaeis de industria mutilatum: neque textum Graecum libror. Novi Testam. fuisse umquam interpolatum in his quae fidem, & mores spectant; quamvis illi textus non sint ita puri, ut nulla levis momenti errata, nullamenda in illos, injecta sint.* Gravelon de Sacra. Script. p.m. 118. e na pag. 150. seqq. responde aos argum. (2) *Ibid. pag. 147. §. Resp. 2.*

(3) *Nos vero nec versiones novorum Interp. nec linguarum peritiam, nec ad Graeca, & Hebraica exemplaria Latinorum collationem damnare volumus, quin potius magnopere commendamus - - - Ego in linguarum cognitione plura commoda etiam ad Sacras Litteras intelligendas esse fateor, & id quidem peringenue, tantum abest, ut linguarum peritiam inflecter.* De Locis Theolog. l. 2. c. 14. fine.

(4) *Ibi cap. 15. commodit. 4. & 5.*

## CONCLUZAM DO CAPITULO V.

**E** Sta. concluzam é muito galante, mas tam alheia do ponto da controversia prezente, que a-deixamos pafar sem Reflexam.

## CAPITULO VI.

## Retorica.

**N** Este cap. acho noticias dilatadas, e encarecidos louvores do Barb.: nam me-admiro, porque aos Oradores sam permitidas as iperboles mais excessivas, quando lhe tem conta. Mas por isto mesmo será mais breve o meo discurso, do-que vos esperaveis, porque nam acho materia para o-empregar.

E sem me demorar na explicafam das palavras, *fim*, *modo*, *metodo*, *otimo*, *unico*, e outras, que Modesto toma nam no sentido familiar e obvio, em que as-profcre o Barbad. (no qual sentido, *pregar bem*, e *pregar mal*, sam contradito-rios; semque seja necesfario dizer, *nam pregar bem*: porque iso mesmo quer signi-ficar quem diz, *pregar mal*) mas no rigorozo sentido Logico, motivo por que tropefa em varias equivocafoes; tocarei samente o ponto da dificuldade.

Para dar ao seo amigo uma ideia da verdadeira eloquencia dos antigos Gre-gos, e Romanos, e explicar-lhe se florece em Portugal, se-vio obrigado o Barbad. a expor os defeitos comuns e gerais, que tinha observado na nasám; e exem-plificafos com os melhores AA., paraque nam lhos-negafem. Declarou porem, que co-nhecia alguns doutos, que sabiam Retorica, e que falava samente do comum. (1)

Replicou Arsenio 1. *que o comum do reino pregava bem*. Esta propozifam se-gue se do primeiro paragrafo. 2. *que valia pouco a satira, que o Critico fazia aos Pregadores*. 3. *que avia dois modos de pregar: um puramente Oratorio sem uzo de concei-tos, e semente apontando os textos da Biblia no sentido Literal: e outro uzando de conceitos tirados do sentido allegorico, de que mais se-agradam os Portug. e Espanhois*.

Respondeo o Apolog. *que nam avia mais que um modo de pregar*, cujo efeito e fim declara Cicero por estas palavras: *docere, delectare, movere*: (2) o que expli-ca mais abaixo por estas clarifimas palavras: [3] *O fim de quem fala ou escreve é o persuadir: e quem nam busca os meios de o conseguir, nam é Retorico, mas fala, dor*. Declara mais, *que nam á mais regras para pregar, que para orar em qual-quer outra materia --- e que nenhum Retorico de bom nome nem Sagrado, nem Profa-no ensinou nunca tal modo de pregar por conceitos*. Provou isto com os melhores Reto-ricos Eclesiasticos, e entre eles com os PP. Causino, Gisbert, de Foix, Jezuitas: e com S. Agost. que tratando de propozito a materia, inculca ao Pregador os pre-ceptos dos Ethnicos, e diz que servem para toda a materia. Deixo outras miudezas- Daqui se-inferre, que avendo so um modo de pregar, que consiste em executar as regras de Cicero, que sam as que conduzem ao fim do Orador; quem nam as ob-

I

ser-

(1) Em todo este discurso protesto, que nam falo daqueles omens que com raro juizo, e fina-  
civica se-dezenganavam das preoccupafoes comuas, dos quais eu conbeso alguns: falo samente  
do comum, e falo fundado nas suas obras, nas quais se-reconbece a verdade de quanto digo. Metodo t. 1.  
pag. 127.

(2) Resposta pag. 48. (3) *ibid.* pag. 49.

serva, nam pode conseguir o tal fim, e por necessaria consequencia, prega mal. Logo o comum de Portugal, que as nam observa, nam prega bem.

Este discurso parece evidente, e contrario da doutrina de Arsenio, e confirmativo da do Barbad. Nam julgou porem assim Modesto, e quer impugnalo desta forte. 1. Que o metodo comum é bom, e tam como o de Franca, e Italia, como provam os Sermonarios Portuguezes. (1) 2. *Que os AA. citados pelo Barb. provam, que o fim é um so, mas nam provam, que seja um so o modo, estilo e uzo desta Retorica.* [2] 3. Que tambem alguns Estrangeiros pregaram polo estilo Portuguez. (3) 4. Que tambem se acham conceitos nos PP. (4) 5. Que nam se pode decidir, se os bons pregadores de Franca, e Italia excedem aos bons de Portugal, *vel contra.* [5] 6. Que tambem alguns Estrangeiros dividem os sermoens em 3. partes. (6) 7. Que tambem alguns deles tomaram tema sagrado em exequias. (7) 8. Que o Barb. nam é fiel porque nam copiou *as formais palavras* do Trident. mas so a sustancia. (8) 9. Que tambem S. Ambrozio compoz uma oração funebre cheia de textos no sentido allegorico. [9] O que se segue até a pagina 168. em que comesa a falar do Vieira, nam sam argumentos, mas uma declamafam continuada, que nam faz ao caso.

Estas sam aquelas tremendas provas, que se esperavam á anos para confutar nam so ao Barbad. e Apolog. mas aos Jesuitas, e Retoricos que ele cita: e nelas vereis se os confutam. Primeiramente ninguem negou a Modestio, que fora de Portugal ainda aja ignorantes, e os averá sempre, que imitam o estilo dos seiscentos, que tomam temas sagrados, que dividem o sermam em trez pontos (esta divizam nam reprova o Barbad. quando é natural, e necessaria: reprova sim os que nam sabem pregar sem ela, e muitas vezes forçada) e que tem laivos de sermam Espanhol: porque nam é facil dezarreigar logo um vicio inveterado, em quanto viverem, e ensinarem nas escolas aqueles velhos, que tem empenho e utilidade em perpetuar a ignorancia. Aindaque devemos confesar, que o maior numero ja está convertido. Mas a comparafam, e o exemplo deve tirar-se dos omens doutos, e de bom gosto, e dos melhores Retoricos. E suposto isto, tudo o que diz Modesto sobre os defeitos Estrangeiros, nam vale nada, nem prova nada, porque os Retoricos militam polo Barbadinho. E com isto se responde a todos os argumentos de Modesto, tirando quatro, que sam o 9. 5. 2. e 8. a que responderei pola mesma ordem que aqui ponho.

9. A autoridade de S. Ambrozio nam prova coiza alguma ao ponto: porque nam examinamos o que dise um S. P. mas o que devia dizer, e fazer nesta materia. Doutor da Igreja era S. Agost. e aindaque disese, que Deos criou o mundo em um so momento; que nam avia antipodas, e outras coizas assim; nenhum omem douto oje o segue. Doutor era S. Jeronimo, e nam obstante que criticasse a locufam de Paulo Apostolo; e que escrevesse algumas propozicoens, que na apparencia obtavam à santidade do matrimonio; ninguem as admite, e ele mesmo se vio obrigado a explicalas. Doutos, e Santos eram Justino Martir, Ireneo, e outros PP. e contudo aindaque defendesem o reino Milenario de Cristo, ninguem os pode seguir. Assimque em materia de Santidade, prova muito a autoridade de S. Ambrozio: em materia de eloquencia so prova, quando se conforma com os preceitos dos Retoricos, que sam tirados da boa razam, como confesa S. Agost. o qual  
nam

---

(1) *Conversas*. pag. 124. (2) *ibid.* p. 128. (3) *ibid.* p. 130.  
 (4) *ibi* p. 138. 139. (5) *ibi* p. 141. (6) *ibi* p. 144. segg. (7) *ibi* p. 147. segg.  
 (8) p. 151. 156. (9) *Ibi.* p. 157.

nam nos-propoz os fermoens de S. Ambrozioseo mestre, e amigo; mas os preceitos de Cicero, e dos Gentios, a quem S. Ambrozio devia imitar nisto, como imitou em outras coizas.

Se o noso Modesto quizer escrever Latim elegante; e compor bons poemas Latinos; a quem imitará, a S. Ambrozio, e Paulino; ou a Cicero, e Virgilio? E que maravilha é, que nam imitemos na eloquencia a um, ou alguns PP; se em materias de fé, e expozizam da Escritura, a autoridade de um P. e de alguns nam faz forsa, se da outra se-opoem muito maior numero? (1) Podia o noso Modesto deixar esta orasam, e considerar as outras, em que S. Ambrozio escreve muito melhor.

5. Alem diso o Apolog. ja advertio (2) que ele so condena o abuzo do sentido allegorico. Responde Modesto: *E quem aprova o abuzo? quem?* todos os que o-executam e enchem o fermam de conceitinhos, deixando as razoes fortes, principalmente nos laudatorios, onde nam achamos argumentos, que nos persuadam, mas agudezas, que agradam aos meninos. E como estes Sermonarios sam bem vulgares, claramente se-ve, que o metodo de Portugal é pior que o de França, e Italia; onde os pregadores bons sam excelentes; e os mediocres chegam-se mais a Cicero que os nosos. E para decidir isto, nam é necessario um Anjo, basta qualquer omem de bom juizo, e livre de paixoens, e bem versado na lisam de Cicero, e dos outros Retoricos, e Oradores; que pondere, o que dizem de uma parte o Vieira, Martiria, Baram &c. da outra o que escrevem Segneri, Bourdaloue, Cheminais Jezuitas, Flechier, e outros muitos modernos: e observe quem executa melhor as regras de Cicero, que ese é o melhor. Alias nunca se-daria cazo de poder decidir ponto algum de doutrina.

2. Daqui saie a resposta do 2. argumento de Modesto. Sendo o fim da Rêtorica um so, *docere, delectare, movere*, e nam avendo outros meios para conseguir este fim senam as regras de Cicero; segue-se que é um so o modo, e uzo dessa Rêtorica. Aqui confunde Modesto o modo, e uzo com o *estilo*. Modo chamou ele no principio deste cap. aos *majos*, ou *regras*, e com razam. Os *estilos* sam trez falando-se dos Retoricos, sublime, simplez, mediocre. Mas a Rêtorica dá umas regras, que se-devem executar ou a materia seja sublime, ou simplez, ou mediocre, como ensinam as Rêtoricas. Mas apontemos exemplo, que declare isto melhor.

Cicero diz, que o metodo das orasoens laudatorias é, narrar um fato; ou uma serie de fatos, e amplificarlos com os preceitos comuns da Rêtorica. (3) Diz mais, que se-pode começar louvando brevemente a nobreza, e fortuna, e dotes do corpo, se puder ser: mas principalmente trata dos fatos, e adverte, que ou se narre a vida, ou se comece polas asoens mais notorias, ou se-reduzam as virtudes a diversas clases. (4) Pergunto agora: Fazem isto os Pregadores, que tomam tema da

I 2

da

(1) *Melchior Canus de Locis Theol. l. 7. c. 3.*

(2) *Resposta pag. 52.*

(3) *Conficitur autem genus hoc dictionis narrandis, exponendis que factis, sine ullis argumentationibus, ad animi motus leniter tractandos magis, quam ad fidem faciendam, aut confirmandam accommodate. Non enim dubia firmantur, sed que certa, aut pro certis posita sunt, augentur. Quamobrem ex iis, que ante dicta sunt, & narrandi, & augendi præcepta repetentur. Cicero de Partit. Orat. c. 21.*

(4) *Deinde est ad facta veniendum, quorum collocatio est triplex: aut enim temporum servandus est ordo, aut inprimis recentissimum quodque dicendum, aut multa & varia facta in propria virtutum genera sunt dirigenda. ibid. c. 23.*

da Eſcritura, e arrastam os textos para provar, que na Eſcritura estavam debuxadas e profetizadas as virtudes do ſeo Eroe? certo é, que nam. Logo tambem é certo, que nam observam as leis da Retorica.

O mesmo digo dos sermoens Vituperatorios dos vicios, que pertencem ao mesmo genero *demonſtrativo*, ou *teoretico*, e fomente acrecentam alguma *pareneze*, ou exortafam: porque conferindo o que presereve Cicero com o que fazem os Pregadores, logo ſe-ve, quem ſabe pregar. Eles nam fazem outra coiza, ſenam levantar um conceito, e trazer um textinho para o-provar, e arrastadissimo. Mas tomar um argumento grave, buscar boas razoens para o-provar, diſpolas com boa ordem e clareza, e amplificalas com todo o artificio retorico, proporcionando afumto e razoens ao auditorio, valendo ſe com juizo dos trez eſtilos retoricos, principalmente do ſublime e patetico, quando é neceſario abalar e mover os ouvintes, e em que conſiſte o triumpho da eloquencia; e outras coizas ſemelhantes, que deve fazer um bom Pregador, como mandam os preceitos de Cicero, diſo nam tem noticia. Digo de Cicero, porque ja adverti varias vezes, que os Retoricos Eccleziasticos dam os mesmos preceitos.

8. Sobre o 8. argumento, tem razam Modesto em dizer, que o Barbad. nam citou as formais palavras do Tridentino: mas como ele nam prometeo citar as *formais*, e citou fielmente a *ſuſtancia* do decreto quazi polas mesmas palavras; que era o que bastava para o que queria provar; nam tem razam para censurar: porque isto fazem frequentemente os Teologos com os textos da Eſcritura, quando a queſtam nam é sobre palavras: e niſto ninguem acha falſidade ſenam o P. Modesto.

Aqui tendes em poucas palavras provado, que Modesto nam respondeo ao Barb. e Apolog.: nem provou, como devia, que o metodo de pregar dos Portuguezes era bom, i. e. conforme com as leis da Retorica: nem fez caso do que advertio o Sr. Apolonio. Mas a isto tem ele ja preparada a ſoluſam na *Advertencia*, que poz no fim da obra, anticipando a data da publicafam do MSS. para dizer que nam tem noticia. Como ſe nos nam ſoubefe-mos quando ſe-publicou, e qual foi o motivo de imprimir ſem neceſidade alguma a dita *advertencia* no fim.

### ERROS DA CRITICA CONTRA O P. VIEIRA.

**P** Ag. 168. A reſpoſta do que alega por parte do Vieira é tam facil, que nada mais. Duas coizas condenou o Barbad. no Vieira. 1. os erros Teologicos, e isto de paſagem, porque nam era o argumento. Tudo porem o que acumula Modesto para defender ao Vieira, nam prova nada. Vieira poem os ſeos aſumtos ou tezes Metaſizicas como verdades certas: e toma os textos como ſe ſoſem literais para provar as ditas propozicoens. E neste ſentido nenhum S. P. os-profere, nem ſe podem defender: e nam é neceſario mais prova doque conferir a critica original do Barbad. com as ſoluſoens de Modesto. Para quem ſabe Teologia, baſta isto: para quem nam a-ſabe, nam baſtará nenhuma explicafam. E aqui advirto, que Modesto tronca muitos periodos do Barb.

2. A segunda coiza eram os erros de Retorica, principalmente na invenſam: pois nam proporciona os argumentos aos ouvintes, a que chamam nam observar o *decoro*. Todas as provas de Vieira ſam Metaſizicas, e abſtratas: e o mesmo ſam os aſumtos. E nam á maior defeito em um Orador, doque nam acomodar aſumto e provas à capacidade dos ouvintes. Porque todos os argumentos e razoens do Orador devem ficar na eſfera do ſentido comum, e da boa razam, ſem ſer neceſario para as-entender ſaber as Ciencias. Isto dizem todos os Retoricos. A eſte argu-  
men-

mento, que era o principal da critica, nam responde Modesto: polo contrario deitando abaixo tantos Expozitores, e Teologos, e conciliando opinioens contrarias para poder, na sua opiniam, defender as propozicoens de Vieira; confirma que sam tam especulativas, que se-requere infinito trabalho para as-entender: e nam seriam entendidas polos seus ouvintes, entre os quais talvez nam ouvese um so, que foubesse tanta Especulativa como o noso Modesto. E este justamente é o maior defeito de Retorica, porque o Pregador nam prega para si, prega para os outros, a quem deve persuadir.

Mas sobre tudo acho grasa na solufam que dá à critica do Barb. ao fermam de S. Bartolomeo. Como se os erros tam opostos à boa razam e Retorica, como o que vemos no dito fermam, se-pudese defender, nam digo com os de Oliva, que era quazi *Seiscentista*; nem de Cassini, que pregou melhor; mas nem do mesmo Demostenes, e Cicero, se fossem capazes de dizerem tal erro: porque se os doutos separam nos livros dos Antigos mestres o bom do mau, e reprovam com razam o que repugna à razam; muito mais se-deve fazer nos Modernos, que nam chegam ao merecimento dos antigos Retoricos, e Oradores. Mas deixemos isto à parte, e farei uma reflexam concludente.

Ou o Vieira imitou a Cicero, a S. Agost. e aos mais Retoricos Eclesiasticos ( todos dizem o mesmo que Cicero ) ou nam. Se nam imitou, nam tem duvida, que pregou mal. Se diz que o-imitou bem, apelamos para o leitor imparcial, e que entenda que coiza é imitar a Cicero: e apelamos para todos os Jesuitas de bom gosio que confessam, que o Vieira se-afemelha tanto a Segneri, [ que é um daqueles que soube imitar a Cicero, principalmente nos sermoens morais ] como o branco ao negro. E precindo agora da questam, se o Vieira pregou assim porque nam soube mais; ou porque quiz conformar-se com o estilo dominante corruuto, como *benignamente* interpretou o Apologista. Precindo tambem do merecimento, e outras virtudes Politicas, e Morais do P. Vieira, que nam tem parentesco com o saber Retorica &c. A este argumento deveria responder Modesto, e nam fair fora da questam como costuma. Se pois Modesto julga o contrario, dizei-lhe que se-regale com a sua opiniam, e nos-deixe com a nosa, que para sua erudisam, basta saber que é a mesma dos mais acreditados Retoricos, e Oradores Jesuitas.

## C A P I T U L O VII.

### Poezia .

**T** Ambem neste capitulo a critica de Modesto me-parece bastantemente moderada, e unicamente dirigida a elogiar o Religiozo Barbadinho, e por isto ferei breve. A questam é esta.

Arsenio disse, que o Barb. dissera, que Camoens nam valia nada: e que queria tirar-lhe a estimasam de melhor Poeta Portuguez. (1) O Apolog. alegou os elogios que o Barb. lhe faz, [2] pois entre outras coizas confesa (3) que tirando os defeitos, que lhe-aponta, nam deixa de ser um dos melhores Poetas Portuguezes. Modesto.

(1) Reflexoens pag. 29

[2] Resposta p. 57.

[3] Metodo tom. I. p. 266.

desto nam impugna este fato . Logo nam defende a Arsenio , nem pode chamar satirico ao Barbad.

Arsenio cuidando que defendia a Antonio da Fonseca Soares , alias Frei Antonio das Chagas [ com este nome se-citam as suas obras , e as-citou Arsenio ] contentou-se com intentar defender uma antiteze do tal Poeta . Responde o Apolog. ( 1 ) que esa nam é a questam principal , mas sim examinar , se no poema *Filis* , e *Demofonte* se-acham os defeitos sustanciais , que o *Barbad.* censura : como tambem nos *Sonetos* . Modesto nam prova que nam aja tais defeitos na *Filis* , e samente quer defender um *Soneto* . Logo nem responde ao Apolog. nem ao Barbad.

Arsenio muito satisfeito de ter dito quatro coizas alheias do assunto , decide magistralmente , que o mais , que diz o *Barbad.* sobre a *Poezia* , nam merece resposta , mas total desprezo . Responde o Apolog. que tudo-o que dise o Barb. tirou dos melhores Poeticos , e algum deles Jezuita , v. g. *Rapin &c.* : e que é loucura condemnar como coiza dele , o que dizem todos os mestres da *Arte* . ( 2 ) Que responde a isto Modesto ? Nam duvida , que as regras do Barb. sam tiradas dos mestres da *Eloquencia* : ( 3 ) mas diz , que Arsenio se remette ao desprezo a censura que quiz dar sobre os *AA.* que critica , como se esta fosse bem deduzida daqueles preceitos . Se esta explicafam seja congrua solusam daquela absoluta , em que nam fala das obras , mas do que diz da *Poezia* ; se a critica das obras está bem deduzida dos principios do Barbad. ; isto dirám os leitores eruditos , jaque Modesto nam se-acha com rezolusam de o provar . Devia o Logico Modesto , que é tam excelente em achar contraditorias , provar as contraditorias , ou contrarias das propozicoens. do Barb. e Apologista : e nam devia estranhar , que os Adversarios alguma vez ( seguindo o sentido , que é o que faz a propozisam contraditoria , e nam as meras palavras ) se-valham da palavra *contraditorio* no sentido de *contrario* ; visto ele Modesto dizer o mesmo , pois chama ao feio contraditorio de formoso . ( 4 )

Mas deixemos miudezas , que nam servem para o cazo . Nam expliquemos ao noso Modesto , que o Barb. se dise por modestia , que nam tinha noticia dos Poetas Portuguezes . ( 5 ) Nam nos-cansemos com palavrinhas , e com um ou outro *Soneto* , que Modesto quer por forsa que seja bom , ou mau , conforme lhe-parece . Pasemos em claro a resposta que fizeram os Jezuitas Romanos à dita *Tragedia* : pois nem era censura do Apologista , nem este se-empenhou em defendela , porque é materia mais comprida , centou samente o cazo . ( 6 ) Demos-lhe tambem de barato , que nem todas as censuras do Barbad. tenham o mesmo grao de probabilidade , nem ele as-inculca por tais , e samente dá a razam . Tudo isto querem os Aliados do Barbad. que fique indecizo , paraque os eruditos imparciais , a quem mostrardes o papel , tenham materia de discurso . Vamos ao solido da questam presente .

Pergunto-vos : Prova Modesto , que as regras do Barbad. sam so dele , ou fal-

(1) Resposta p. 57.

(2) Respost. p. 59.

(3) *Conversas.* p. 260.

(4) Sendo as exagezacoens proprias de Poetas , nam foram , nem sam as unioens de contraditorios , quais sam feia , e formosa . *Conversasam* *ibid.*

(5) Isto mesmo diz de si o P. Modesto em alguma parte , e nos o-tomamos por modestia . Mas seguindo a mesma Logica dele , nam podia ser Juiz em *Poezia* .

(6) Sendo os Jezuitas Romanos muito inteligentes nesta materia , sabendo de quem era a *Tragedia* , e nam obstante tendo feio publicamente escarneo dela ; bastantemente se-prova daqui , de que casta ella era , e nam necessario muita *Filozofia* para o-conhecer . Mas este nam é o noso argumento , e o-deixa nos intacto aos que se-quizerem dezensadar com ella .

falsas? nam senhor, antes confessa, que sam as mesmas dos mestres. E vai uma. Prova Modesto, que Camoens, Chagas, e Francisco Botelho de Moraes nam tem no Epico os defeitos sustanciais, que lhe-acha o Barbadinho? nam senhor: pois do primeiro so diz, que tem boas imagens e figuras, o que ninguem lhe-negou: e que nam se-dignou de imitar aos Italianos: [ notai, que sabia bem Italiano, como ele diz, era Poeta, e contudo sabe Modesto *certamente*, que nam se-dignou de imitalos ] que teve grande estimafam, e outras coizas, que nam vem ao ponto: e daqui conclue, *que as mais censuras, que lhe dá todas sam temerarias, irracionais, e sem fundamento*. [ 1 ] Do segundo so fala louvando a antictze, e o soneto da Muzica. Do terceiro nam diz palavra, e so por grande novidade revela ao Barbad., que á no mundo um pocma intitulado *El Alfonso*, de Francisco Botelho de Moraes. E vam duas. Prova Modesto, que o Barbad. nos ultimos seis paragrafos da Carta da Poetica nam dá a nova ideia da Arte Poetica util para os rapazes Portuguezes, como declarou o Impresor no Sumario da Carta; explicando brevemente o metodo, e ordem dela, e encomendando, que se-apliquem ali os preceitos dados antes? Nam senhor, porque so diz, *que a nova ideia da Arte Poetica nam aparece: e so se-tira dela a generalidade, de que o poema se-deve fazer com arte, invenfam, e modo*. [ 2 ] Como se o dar ideia fosse o mesmo, que compor uma Arte Poetica! E vam trez. A mesma pergunta podia fazer sobre outras censuras do Barbad. mas nam temos necessidade. Logo Modesto nem impugnou o sistema do Barbad. nem confutou o ponto esencial da dita critica.

E como o noso erudito Modesto apela tambem para Inacio Garcez Ferreira, que foi quem comentou ao Camoens com mais juizo, e inteligencia; os Aliados do Barbad. consentem niso, e pedem-lhe que leia o principio do Comentario, onde fala dos erros de Camoens; e achará, que, tirando duas ou trez bagatelas sobre a versificafam, e constelafam de Baco, confessa, que tem os mesmos defeitos essenciais, que lhe-achou o Barbad.

Sobre os Elogios Lapidares está dito na 1. parte o que basta. E sobre Jouveney, dizei-lhe que o-leia, e verá se faz escarneo dos Elogistas, em que entra Juglar.

## C A P I T U L O VIII.

### Logica.

O Apologista para responder so às difficuldades Logicas de Arsenio, rezervou o que aqui dise este de Aristoteles, e das formas &c. para outro lugar, em que tratou da materia. A isto chama Modesto, *tratar com injustisa*.

Mais. Arsenio vendo-se apertado com a Istoria da Filozofia, que mostra serem falsas as injurias, que os Escolasticos dizem dos Modernos, querendo persuadir, que a Peripatetica é santa, e a Moderna pecadora; mostrou duvidar por estas palavras: *Todas esas istorias sejam assim, lhe-concedemos de boa vontade. e que se-tira dali? nada*. O Apolog. que previo onde ia ferir a duvida, replicou, *que a tal duvida nacia de ignorancia da istoria: e que dali se-tirava a resposta das falsidades, que os Peripateticos dizem*. Nega Modesto que aquelas palavras declarem duvida. Mas isto dirá o leitor: e dirá tambem, se a dita istoria responde às calunias dos Peripateticos, que era o ponto. E para nos-mostrar Modesto, que o outro tinha razam, nam so para duvidar, mas para negar; aponta agora, valendo-

(1) pag. 256. (2) pag. 249.

do-te da sua vastissima erudisam adquirida com a lisam dos Antigos , varios erros do Barbad.

1. Que é falso, que nos tempos de Cicero a escola Peripatetica se achãse desfoida: porque Cicero diz , que lhe agradava o metodo problematico dos Peripateticos. Mas eu explico, e aperto mais, e digo , que ja nam existia formalmente escola alguma Peripatetica , em que os mestres succedem uns a outros , como polo passado : e fomite algum curiozo raro lia algumas obras dos Peripateticos : e rarissimo despois de L. Sulla Ditador Rom. vio as verdadeiras obras do Filozof. E nam quero agora mais prova que o mesmo Cicero : (1) e se quer mais , leia o Patricio. (2)

2. Que os Teologos nam introduziram a Aristoteles pouco a pouco na Teologia, principalmente no seculo XIII. porque Petavio cita a Nemezio do seculo VIII. e o Muzancio diz: *Aliis PP. Aristoteles, aliis Plato seculo III. Christ. Religioni opportunior videri cepit.*

Mas deve saber Modesto , que sem embargo de que algum P. para responder aos Anomeos, e a outros Erejes no IV. e V. seculo, se-valêse da Dialectica Aristotel., e no VIII. seculo Damasceno compuzese uma *Suma* mais metodica , e com estilo Aristotelico, como disse o Barb; (3) fomite porem no XII. se-compuzeram *Sumas* cheias de questoes Logicas , e Metafizicas : e no XIII. Alberto M. S. Tomaz , e outros compuzeram as primeiras *Sumas* em que introduziram os principios Fizicos de Aristoteles. E isto sabem as criansas , que leram a Istoria Ecclesiastica. Alias mostre-nos Modesto *Sumas* com os ditos principios compostas antes , e lhe-mandaremos um bom presente . O mesmo Muzancio comesa a lista dos Escolasticos em Lombardo: (4) e diz , que Alense, Alberto, e sobre todos S. Tomaz, foram os que uniram Aristoteles com a Teologia. (5) E isto basta para explicar a este Jezuita .

3. Que Occam nam fundou a seta dos Nominais , porque ja no fim do XI. seculo tinham aparecido . Se buscamos a verdadeira origem dos Nominais , é tam antiga como os Estoicos , que sobre isto bulharam sempre com os Platonicos , e Peripateticos. Mas desde o seculo VIII. de Cristo prevaleceo a opiniam de Aristot. até o fim do XI. em que Roscelino suscitou a seta dos Nominais , que seu dicipulo Abelardo propagou no XII. Mas pouco despois descaio , e muito mais despoisque no XIII. S. Tomaz, e despois dele Escoto se-declararam polos Reais: desfortequ pouco despois ja nam se-falava em Nominais. Mas quazi no meio do seculo XIV. Occam suscitou a seta dos Nominais com tam bom sucesso , que dali em diante ouveram bulhas eternas, e prevaleceram os Nominais em Alemanha, e Inglaterra , e até os Reis , e Imperadores entraram nesta contenda . Por isto se-chamaram os Nominais *Occamistas*, e Occam fundador dos Nominais. Damesma sorte que Pedro Lombardo se-chama *Mestre das Sentensas*, nam obstante que no mesmo seculo Campelis, Pulo, Abelardo, e outros compuzesem *Sumas de Senten-*

[1] *Rhetor autem ille magnus hæc, ut opinor, Aristotelica ( fala dos Topicos ) se ignorare respondit. Quod quidem minime sum admiratus, cum Philosophum Rhetori non esse cognitum, qui ab ipsis Philosophis, præter admodum paucos, ignoretur. Cicero Topica c. 1.*

[2] *Discussion. Peripateticarum.*

[3] *Metodo tom. 2. p. 202.*

[4] *Post Petrum Lombardum Scholasticorum antesignantem, & Guilelmum Antistodorensem, XII. seculi scriptores, florere Petrus Pictaviensis &c. Tabulæ. Romæ. 1751. p. 320.*

(5) *Halensis, Albertus, & S. Thomas præcipue, Aristotelem, quo Arabes contra nos abuti consueverant, Christiane religioni servitæ docuerunt. ibi. p. 339.*

rensis, porque a gloria de Lombardo superou a dos outros. Leia o Valemont nos *Ejcritores Ecclesiasticos*, e verá que lhe chama *Auror da Escola dos Nominais*.

4. Que é falto que depois do Tridentino os Teologos abrissem os olhos sobre a Teologia, e entendessem que nam deviam misturala com a Peripatetica: e que esta descasise muito, pois antes tem tido maior sequito. Está mal enfermado o eruditissimo Modesto. Comecemos polo ultimo ponto.

Todos os que tratam das idades da pura Escolastica, acabam a 3. e ultima em Gabriel Biel, que morreo no fim do seculo XV. porque ateli tudo era Escolastica, rarissimo estudava a Dogmatica. Assim o-diz Launoio, Du Pin, Lamy, Buleo. Mas desde o Trident: nam fo os Seculares, mas os Regulares comesaram a compor Dogmaticas: cujo estudo se-aumentou no seculo pasado, e muito mais no prezente. Nas Universidades fundaram-se cadeiras de Dogmatica, de Escritura, de Istoria. Os Teologos empenharam-se a confutar os Erejes: e como elles nam cesam, nem menos os Catholicos. E esta grande necessidade de defender os Dogmas, e ilustrar as Escrituras, e o muito que nisto se-entervoraram os Catholicos, tem diminuido tam consideravelmente o estudo da *Escolastica Peripatetica*; que muitos Teologos daquelas Religioens, ern que reinava a Escolastica pura, ou Peripatetica, para concordarem, se fose possivel, a necessidade que temos da Dogmatica, com o costume que tem de defender a Escolastica, compuzeram Dogmaticas com algumas questoons Escolasticas: como fez dos Franciscanos *Boucat*, dos Agostinianos *Berti*, dos Dominicanos *Contenson*, *Droint*, e o famoso Cardial *Gotti*, e outros; e dos Clerigos Seculares muitos.

Os mesmos Jezuitas, que desde o fim do seculo XVI. seguiram em algumas provincias bastantemente a Peripatetica, comesaram tambem a publicar Dogmaticas: como fez Maldonado, Belarmino, Valensa, Turriano, Gontero, Jungio, Gretser, Becano, Canisio, Veron, Corneo, Forero, Cottono, Costero, Gouda, Keller, Haggero, Contzen, Pichler, e outros muitos. E alguns deles para contemporizarem melhor com os velhos, compuzeram cursos dogmaticos com alguma questam Escolastica mais toleravel, como fes no seculo pasado o Petavio, e Gisbert; e no prezente entre outros a Gabriel Antoine.

Pasemos ao 1. O Maldonado no seculo XVI. declamou contra o metodo Escolastico, dizendo, que cauza rizo aos Erejes, e propoz o Dogmatico. (1) O mesmo confirmou o Jezuita Possentino: [2] o qual acrescenta, que entam foi que os

K

Teo-

(1) *Quid? si nunc Augustinus in frequentissimis ac celeberrimis Theologiae scholis, ubi nihil videri, nihil audiri, nisi pietatis, nisi utilitatis plena oportebat, magnis nos clamoribus altercantes vir sapientissimus audivisset... ancarius augeatur per additionem gradus ad gradum? an per maiorem radicationem in subjecto? (e cita muitas questoons escolasticas) Non est Theologia mea quidem sent. ita tractanda, ut hereticis risum moveat, sed ita ut terrorem incuriat: maleque de ea mereri mihi videntur, qui, dum eam augere & amplificare istis non necessariis putant, maxime ridiculam faciunt. Non refert quam longa, quam lata, quam subtilis sit habenda: sed refert quam vera, quam utilis Ecclesiae, quam gravis, quam hereticis formidabilis. Oratio de recte Instit. Theolog. studio. Apud Launoium de Fortuna Aristot.*

(2) *Cum vero haeresum torrens inundaret hoc seculo Germaniam, & Gallias, nec presior illa scholasticorum dicendi ratio ab omnibus probaretur, aut percipi posset; Joannes quidem Maldonatus Parisiis utilissimam quidem temporis, & regno illi rationem Theolog. Schol. addiscende docuit. -- Deinceps ipsam Theologiam ingressus, PP. ac Synodos adhibuit ad confutandas haereses, quae tum potissimum vigeant. Bibl. Sancta l.3.c.9.*

Teologos conhecêram como se devia tratar a Teologia. (1) O Jezuita Becano confessa, que os erros dos Erejes foram cauza de que os Teologos abrissem os olhos. (2) O Cardial Pallavicini Jezuita diz, que o Cano foi o primeiro que ensinou a confutar Erejes: e contudo o Cano reprova o metodo Escolastico. (3) Convem nisto o Possevino [4] e o Jezuita Bento Pereira. (5) De que se infere, que estes Jezuitas convem com o Barbad. que entam é que conhecêram, que nam se podiam confutar Erejes com Peripatetica.

Outros Jezuitas do mesmo, e seguinte seculo, confessam, que a Escolastica Peripatetica tem mil coizas inutis e pueris, e tem produzido graves danos, e que necessitamos de outra boa Escolastica. O Vasquez nam deixou de confessar parte da verdade: (6) mas arrebatado da torrente caio no mesmo, que condenou. O Rapin aindaque Escolastico acerrimo, diz porem alguma coiza mais. (7) O Onorato Fabri aponta os defeitos da Escolastica Peripatetica. (8) O Gisbert diz, que publica uma Teologia livre das ridicularias da Escola; ornada com aquelas questoes solidas, que os Escolasticos nam tratam; e juntamente unida com a Historia Ecclesiastica. [9] Estes trez sam do seculo pasado.

Isto mesmo se-confirma com aqueles Escolasticos gravissimos do seculo XVI.

OS

(1) *ibid.* c. 10.

(2) *Multi Theologi per Lutheranos, & Calvinistas de somno excitati sunt, & fidem ac religionem Christianam doctissimis libris & commentar. illustrarunt --- Et sane si haec nostra tempora conferantur cum superioribus proximis aetatibus, in quibus vel nulli, vel pauci haeretici Ecclesiam turbarunt, facile constabit, tantum lucis ac splendoris ad Eccl. Cathol. doctrinam accessisse, quantum, si haeretici nulli essent, accessisset numquam.* Praefat. tom. 3. *Opusculorum.*

(3) *Idemque primus fuit, reor, qui docuerit, & quod minus est, Latinam ling. in Lyceo divina effavi; & quod maximum, Catholicos Novatoribus bellum, & cladem inferre.* *Vindiciae Societatis Jesu.* c. 18.

(4) *Appar. Sacro tom. 2. pag. 101.*

(5) *Comment. in Daniele. L. 12. c. 7.*

(6) *In Prim. Parz. D. Thome disp. 3. c. 3.*

(7) *Verdade é, que estes Peripateticos misturando estes pontos Metafizicos sem reflexam alguma com o Moral, e com a Teologia, contaminaram estas duas ciencias, as quais pola sua solididade, e simplicidade nam sam totalmente capazes daquele metodo. Em Francez.*

(8) *Non dissimulabo in hac Sacra disciplina aliquid esse, quod si non emendationem, modicam tamen considerationem postulare videtur --- Nempe & multa vicia Philosophica, quas nonnulli subtilitates Metaphysicas vocant, turmatim quasi agmine facto involarunt; & multa Theologica --- in Philosophiam descenderunt. Hinc inter Theologos de vicis Philosophicis, & inter Philosophos de rebus Theologicis disputatur. Hinc multi Theologiam in Theologia quaerunt. --- Unum est, quod doleo, eo fere ventum esse, ut jam Theologi non ex certis, sed ex dubiis, & controversis ut plurimum ratiocinentur: ut sacram doctrinam in contentiosam Metaphysicam convertant. Hinc jam multa de quantitate, de infinito, de relationibus, de unione, de tempore disputant, quae ad Theologiam nulla ratione pertinent. Uno verbo in votis esset, Theologos operam dare, ut legitimas conclusiones Theologicas eruerent. In libro Euphyanter. l. 3. c. 11. n. 13.*

(9) *Aggredior igitur Theologiam novam --- scilicet rejectione inutilium vicarum, quibus Theologia aliquando inficitur: novam additione solidarum question. quae praetermittuntur: novam revelatione aliorum principiorum, quae non satis deteguntur: novam ordinatiore methodo, & amoeniore rerum tractatione: novam usu, & commodo maiore litteratorum: novam denique ex mirabili Historiae Eccles. consortio: & ita novam, ut nulla, quod sciam, talis apparuerit. Christiana Theolog. Parisiis 1689. Tom. 1. praefat.*

os quais por conhecerem que o metodo Escolastico nam servia para o fim da Teologia, compuzeram livros para ensinar o verdadeiro metodo de confutar os Erejes. Tais foram dos Dominicanos, Melchior Cano, que compoz o livro *de Locis Theologicis*. (1) Dos Franciscanos Francisco Luiz de Carbajal, que escreveu *de Restituta Theologia, ac a Sophistica & Barbarie pro virili repurgata*. Colonia 1545: [2] ambos Espanhois, e Bispos, e PP. do Concilio de Trento. Tambem Cristovam a Capite Fontium Geral dos Franciscanos imprimio um tomo de *Theologia Scholastica corrigenda*. Paris. 1586. Dos Agostinianos Lourenso de Vilavencio Espanhol, e Padre do mesmo Concilio, compoz um livro de *Formando Theologie studio Antuerpie* 1565. em que condena largamente as sutilezas da Escolastica. (3)

Alem destes acham-se muitos Teologos doutisimos do mesmo seculo XVI. que reprovam sem dificuldade alguma o metodo dos Escolasticos: e confessam publicamente, que era ridiculo, que produzia graves danos, e que tinha necessidade de reforma, como despois succedeo. Hangesto Teologo Parizienſe na *Resposta a Lutero*, nam pode negalo; so diz, que tambem avia alguns Escolasticos de juizo. Alberto Pighio no mais douto antagonista de Lutero dise o mesmo. Alfonso de Castro Franciscano condena os defeitos de todos, e dos seus mesmos Conreligiozos, com razoens fortes. (4) O P. Jeronimo Quistelio Agostiniano de Padua, pouco antes do Concilio de Trento claramente expoem e repreende os tais defeitos, e com tanta veemencia, que se o noso Modesto o-lese, ficaria pasmado: (5) porque nam se-pode dizer mais sobre os defeitos da Escolastica do seo tempo doque ele diz.

Se quizese nomiar todos os Teologos, que no dito seculo conhecêram por experiencia, disputando com os Erejes, que a sua Escolastica nam lhe-servia de nada, e so servia de perder tempo nas escolas, e o-diseram e escreveram; encheria muitas folhas de papel. Mas nam me-parece necessario, suposto o que ja dise: e alem diso estou sempre com a reflexam, de nam aumentar o volume sem necessidade: e por isto nam cito muitos AA. que me-ocorrem nas materias, aindaque vejo, que seriam utis para o ponto.

Supostas estas autoridades, argumento assim. Os Jezuitas despois do Tridentino confessam, que as questioens futis Peripateticas se-devem arredar da Teologia, por serem prejudiciais. Ensinam o metodo de tratar a boa Escolastica, que é diferente da Peripatetica. Eles mesmos se-vam ja emendando, e tem composto Dogmaticas,

K 2

ajun-

(1) Hoc vero seculo fuisse etiam in Academiis multos, qui omnem ferme Theologie disputationem sophisticis, ineptisque rationibus transegerint, usinam ipsi non fuissent experti. Egit autem Diabolus, quod sine lacrymis non queo dicere, ut quo tempore adversum ingruentes ex Germania hereses oportebat Scholæ Theologos optimis esse armis instructos, eonnulla prorsus haberent, nisi arundines longas, arma videlicet levia puerorum. Ita irrisi sunt a plerisque, ac merito irrisi, quoniam veræ Theologie imaginem nullam tenebant: umbris utebantur, easque ipsas usinam sequerentur. --- Quocirca homines verbo tenus in Theologia Magistri, pugnare illi quidem adversum Ecclesie inimicos, sed valde tamen infeliciter. Libro 9. c. 1. Veja se l. 8. c. 1. Este sala bem claro da inutilidade da Escolastica para defender os Dogmas, que é o fim da Teologia.

(2) Nostris autem temporibus tantum invaluit barbaries, & Sophistice, ut Rhetorice, bonisque litteris nullus locus sit reliquis. Quamquam Scholæ Parisiensis, cujus sum alumnus, jamjam ad felicitatem pristinam aspirare videatur --- fugatis & barbarie, & nugacissimis sophisticatibus. ibi cap. 8.

(3) Libr. 1. cap. 1. & lib. 3. c. 6.

(4) Contra Hereses lib. 1. c. 7. lit. C.

(5) De verbo Dei &c. in prefat. ad Cardin. Pisanum. Vener. 1537.

ajuntando-lhe aquelas questoens Escolasticas , que julgam ou necessarias , ou utis para illustrar algum dogma : e ensinando o modo de unir a boa Escolastica ou Metodica com a historia Ecclesiastica , como fez Gisbert , Antoine , Perrin &c. Os maiores Teologos , que floreceram no Concilio de Trento , e despois dele , Dominicanos , Franciscanos , Agostinianos , e do Clero Secular , disseram , e fizeram o mesmo nos reinos mais cultos , e cada dia vam saindo novos cursos *Dogmatico-Escolasticos* , em algum dos quais , rarissima ; em outros nenhuma questam futil se trata . E nesses mesmos reinos cultos ou rarissimo , ou nenhum curso puro Peripatetico se compoem oje , e imprime , porque so algum preocupado os-le , e so servem para provocar a rizo aos verdadeiros Teologos . Logo é verdade , *que os Teologos desde esse tempo abriram os olhos a respeito da Teologia Escolastica , cuja inutilidade reconhecem : e que esta tem descaido muito , que era a propozifam negada .*

Tudo isto tinha ou dito , ou insinuado o Barb. e Apologista : e o Sr. Apolonio ( 1 ) o-provou brevemente . Mas o noso Modesto nunca reflete no que lhe dizem , para poder dizer tudo o que sabe , venha , ou nam venha ao ponto . E nestas materias nam devia Modesto alegar ao *Muzancio* Peripatetico , que nam fes mais que um aranzel de rezolusoens , que mais lhe-agradaram , sem prova alguma , motivo porque erra varias vezes nam so ele , mas os seus Continuadores : e so o-pode ler sem erro , quem sabe o que ele deve dizer . Nam devia nomiar ao *Reguera* , e *Lofada* Peripateticos , que nam estudaram , nem entendem estas materias . Devia nam falar no *Agnani* Peripatetico , que compoz uma *Filozofia Neopalæa* , que nam se-sabe o que é , nem ele mesmo a-entendeo : e o P. M. Venturelli o-ridiculizou publicamente . ( 2 ) E em lugar destes jarras , devia ler o *Launojo* , que tratou a materia *ex-professo* , e cita as palavras dos AA. e Papas . ( 3 ) Devia ler o *Buleo* Secretario da Universidade de Pariz , que dos Archivos dela tirou a sua Historia , em que trata isto miudamente . ( 4 ) Devia consultar o *Stanley* , o *Brucker* , e outros que trataram da Historia Filozofica , e revolvèram bem os livros antigos , e neles acharia tudo o que diz o Barbad . E nos pontos Ecclesiasticos , jaque nam tem noticia dos Antigos , nem dos melhores Criticos , ler ao menos , o *Odorico Rainaldi* , *Bzovio* , *Natal Alexandre* , os dois *Pagis* , *Fleury* , a Bibliotheca do *Du Pin* , a Historia dos Escritores Ecclesiasticos de *Cave* , *Oudin* , *Warthon* , *Oleario* , e de outros , que examinaaram varios pontos separadamente : e desta sorte evitaria estas erradas e puetis criticas , que tanto o-deslustram .

Devia alem diso , entender bem o que lhe dizem , e nam querer ( 5 ) que em uma carta familiar se-alegarem as provas de um ponto , que todos os Criticos admitem . Devia tambem enformar-se melhor dos livros , e nam dizer que o *Algarotti* ( Modesto lhe-chama *Alderete* ) compoz a *Filozofia para estrados* , dando a entender , que o-fez por Escarneo . Porque ele explicando o sistema das cores de Newton , que intitulou *Newtonianismo para as Senhoras* , ou *Dialagos sobre a luz* , e cores : declara , que explica esta parte , que pertence mais às Senhoras , em modo que elas a-entendam . Mas a explicafam fuda-se na mais profunda Filozofia , e Matematica : e todos os doutos ficaram admirados de ver a facilidade com que explica materias tam arduas , principalmente as leis da *Atrasam* , que a-posam entender

( 1 ) Parecer pag. 86. segq.

( 2 ) Carta do P. Leitor Venturelli ao P. M. Agnani Bibliotecario Casanatense de Roma , sobre o livro *Philosophia Neopalæa* . Ravenna 1738. 4. em Italiano.

( 3 ) *De Varia Arist. fortuna in scholis Parisiensibus* . 8.

( 4 ) *Historia Univers. Parisiens. a seculo 9. usque ad 17. Parisii 1665. in fol. tom. 6.*

( 5 ) *Conversas* pag. 294.

tender até meninos. É como muitos Aliados de Modesto tem explicado mui bem, e estão explicando o mesmo sistema, pela mesma razão lhe poderemos sem escarneo chamar, *Filozofia de Roupetas*.

Devia também citar fielmente as palavras do Barb. que são estas: *Os doutíssimos Dominicanos, e Jezuitas que pareciam os mais empenhados pelo antigo metodo, comesdram a admitir a nova Filozofia nam so em Fransa, mas ainda em Italia &c.* (1) E à vista disto, nam devia enfadar-se com quem lhe-faz festa imitando as crianças choronas, que de nada se contentam.

Devia mais, enformar se melhor dos reinos Estrangeiros, e saberia, que acha se muito Jezuita Filozofia moderno, e moderníssimo, digo Newtoniano, alguns dos quais nomiou o Sr. Apolonio: (2) e que é certo, que nam so em Fransa, mas em Italia tem emendado muito o antigo metodo: e que em Napoles no Colegio Maximo introduziram á pouco uma cadeira de Filozofia Experimental: e outra em Sena de Toscana: e que em Florensa o Leitor Jezuita ensina a Fil. toda Moderna: o quem também fazem muitos Jezuitas na Lombardia alta, e baixa, e em outras partes. Devia saber (o que talvez nam quizesse revelar o Barbad.) que estes mesmos Jezuitas Italianos tem representado varias vezes aos Prelados maiores, a necessidade, que á de mudar totalmente de Metodo, polo prejuizo que lhe-cauza. Devia nam citar na Filozofia ao Sr. Facciolati, a quem reconhecem todos, por um bom Latino, mas como é Peripatetico, e imprimio a sua Logica Peripatetica, também é parte suspeita, e nam prova nada: e somente prova contra o P. Modesto, em uma bela oração intitulada: *Latina Lingua non est ex Grammaticorum libris comparanda*: que para saber bem Latim querem-se poucas regras de Gramatica, e entrar logo a traduzir: e este é o sistema do Barbadinho. E na mesma diz, que ele para saber Latim; desprezou com os mais a Manoel Alvares, suas antigas delicias: que o dito tem quasi 300. regras de Gramatica: que ele se- esqueceo de todas, e so estudou os livros *in fonte*. E também nisto concorda com o Barb.

Mas saiamos ja deste labirinto, e acabemos com estes enfadonhos reparos, que nam vem ao ponto. Negou Arsenio, que este noso Ar pezasse, dizendo que se-devia pezar vizinho à Lua, onde nam tem vapores e exalaçoens, que facilmente podem cauçar esse pezo. Responde o Apologista, (e deixemos as graças) que Arsenio nam sabe se o Ar chega à Lua: se a Lua tem Ar, ou atmosfera sensível, aindaque o podemos suspeitar. [\*] Mas que daqui nada se-segue contra o pezo do Ar neste noso globo, provado com experiencias certissimas, e aprovadas polos mais doutos Jezuitas.

(r) Que

(1) Metodo tom.1.pag.288.

(2) Estes são Vauier, Meland, Barbieri, Fabri, de Lanis, Regnault, Cassati, Boshovich, Corveia, Castel. Parecer pag. 100. Aos quais pode ajuntar o Buffier Francez, autor celebre; e dos Italianos o Belgrado, o Salomoni, o Asclepi, o Arrighetti, o Riccati, o Sarvitali, todos leitores atuais publicos, e conhecidos no mundo douto pelas suas obras impressas, que explicam diversas partes da Filozof. Moderna; alem de outros leitores atuais.

(\*) Nam so o-suspeitam, mas os modernos Astronomos dam razões tais, para provar a Atmosfera da Lua, que nam tem resposta: Histor. Academ. Reg. Scient. Paris. Anno 1704. pag. 71. seq. Et Memor. ejusdem anni pag. 28. Sturmus Physic. Elect. tom. 2. pag. 896. Wolfius Elem. Mathem. tom. 2. pag. 405. seq. e 459. onde prova que a dita atmosfera vizinho da lua é mais densa, v. g. como o noso ar. E alem de outros o Astronomo Jezuita Scheiner Rosa Ursina part. 2. l. 4. c. 27. prova, que está cheia de vapores: alem de outros muitos que o-deduzem das suas observaçens.

(1) Que responde Modesto? Que *Arsenio ferio o ponto da questam* (2) porque *Aristot. afirma, que o Ar, que nos cerca, é pezado*: e que o P. Benedictis diz, que desde a Lua até à Terra temos *Æther*, o qual nas vizinhanças da Terra por cauza dos vapores se chama *Ar*. que aquele é positivamente leve: e este pezado. E que daqui deve inferir o Barb. a probabilidade com que *Arsenio* respondeo.

Serve-vos a resposta? ( mais velha que a serpe ) Concede, que o *Ar*, de que se fala, é pezado: nam prova, que o *Ar* chegue até à Lua: nam prova, que nam peze na Lua: nam prova, que so os vapores pezem, e nam o *Ar Elemental*: e daqui infero, que *Arsenio ferio o ponto da questam*: e isto despois de ter dito no cap. 3. que o *Ar* *premit secundum omnes lineas & rectas, & obliquas*. Admiravel Logico! portentozo Fizico!

Que os vapores aumentem o pezo do *Ar*, isto nam tem duvida, e o-provam os Modernos com mil experiencias. A questam é, se este *Ar elemental* peza, e produz aqueles admiraveis efeitos, que experimentamos. E quando nam tivese-mos a prova evidente, com que os Modernos despojaram o *Ar* de um globo de todos os vapores, como fez o *Mulschenbroek*, (3) e contudo acharam-no pezado; bastava vermos, que as *Nuvens* nadam e ficam suspensas no *Ar*, para o-inferir: porque pelas leis da *Idrostatica* sabemos, que um fluido, que nada, e fica suspenso em outro fluido peza menos, que aquele que o-sustenta. Confirma-se isto com a espingarda carregada de *Ar*, na qual nam pode aver vapores, que pezem uma onsa, se olhamos para o pequeno sitio em que está o *Ar*: e contudo aindaque estivesse carregada muitos anos, disparou uma bala com tanta forza, que pasou uma porta. (4) E uma onsa de pezo nam pode fazer isto, mas quer-se um corpo de potentissima virtude, e que em tantos anos de compresam nam diminua a elasticidade.

Mais. Quem dise ao *Benedictis*, que desde o fim dos vapores até à Lua se-acha *aether*? ou que o *aether* é positivamente leve? como o-prova? quem lhe-revelou esta noticia? pois aqui requerem-se boas provas, e nam meras palavras. Mas para-que vejais, que o *Benedictis* coitadinho nam sabe os primeiros principios, nem é omem de quem se-faza cazo em um seculo tam ilustrado como este; basta que leiais o *Moderno Abade Nollet*, (5) o qual, considerando as diferentes elevaçoens, e de-pressoens do *mercurio* ou azougue no *Barometro*, colocado em maiores, ou menores distancias da superficie da Terra; mostra, que a minima alteza da nosa atmosfera nam pode ser menor de 6. leguas comuas de França, que sam pasos geometricos 14400. ou milhas comuas de Italia 14. e pasos 400. sendo cada legua comua de França pasos geometricos 2400: e que a alteza maxima nam pode ser maior de 15. ou 20. leguas, que fazem milhas Italianas 36. ou 48. E niito convem quazi com os calculos, que fizeram os maiores *Astronomos* da Europa, os *Senhores Hales*, de la Hire, *Mariotte*, *Picard*, *Cassini* &c. Dos quais nam se afasta muito o *Jezuitta Clavio*, que lhe-dá milhas Italianas 43. (6) E o *Jezuitta Ricciolo* (7) expõdo as diversias observaçoens, que fez em *Bolonha*, diz, que a alteza da atmosfera na menhan dos equinocios era de 38. milhas Italianas: na menhan do solsticio de ve-ram de 69. milhas: na menhan do solsticio do inverno, 45. milhas. E contudo se-

[1] Resposta. p. 61.

(2) *Convers.* p. 297.

[3] *Mulschenbroek Elementa Physicæ, de Aere.* cap. 36.

[4] Isto aprova o seo oraculo Feijoo no tom. 5.

(5) *Leçons Physiq.* tom. 3. sect. 2. art. 1.

(6) *In Opusc. de Crepusc.*

(7) *Almagest.* l. 1. c. 31.

segundo o calculo do mesmo Ricciolo, a minima distancia da Lua à Terra é de 53. semi-diametros terrestres: [ esta distancia segundo as mais exatas observaçoens é de semi-diametros terrest. 54. ] e como cada semi-diametro se-conte por 860. leguas Tudescas, que sam 3440. milhas Italianas; vem a ser na tal ipotese a minima distancia da Terra à Lua 182320. milhas Italianas, que excede infinitamente a maior alteza da nosa atmosfera, ou se-admita o calculo dos ditos Jezuitas, ou do Senhor Nollet. Isto é o que se pode dizer com probabilidade sobre a atmosfera.

Polo que toca ao fohado *aether*, provam os Newtonianos (1) com razoens, que nam tem resposta, que o espacio, em que se-movem os Planetas, é *vacuo* de todo o corpo, ou fluido, ou *aether*. Alias os Planetas a estas oras teriam ou confundido, ou perdido o seo movimento, obrigados da continua rezistencia, e diversa direfem do dito fluido. Mas nam quero entrar em coizas tam sutis e escuras para Modesto. Dizei-lhe que leia os AA. que duas vezes lhe-citamos, e entenderá a razam.

O cazo porem é, que, ainda concedendo que so os vapores pezam, sempre se-segue que este corpo de *Ar* pode fazer com o seo pezo subir a agua na siringa, que era o noso ponto.

Aqui de pasagem advertireis ao erudito Fizico Modesto, que o seo Aristot. errou em dizer, que *um odre cheio de ar peza mais que vazio*: porque a experiencia, e razam mostram o contrario. Pois pelas leis da *Idrostatica*, um liquido pendurado dentro de outro liquido omogenico, nam pode pezar sensivelmente: porque tendo ambos a mesma especifica gravidade, devem ficar em equilibrio. Se dentro do odre se pudefe comprimir muito maior quantidade de *Ar*, como se-faz nos globos duros, entam poderia perder o equilibrio por duas diferentes razoens. Isto basta para quem o-entende.

Pag. 298. Dife Arsenio, que tudo o que diz o Barb. (do silogismo) é ja velho, e que o-diz o P. Arriaga. Responde o Apolog. que Arriaga so fala de uma materia: e que se iso fosse velho, nam fariam o contrario: pois se nam puzessem tais questçoens, nam lhe-argumentariam nelas. Replica Modesto, que se Arriaga fala do uzo do silogismo, esa é a de que se-trata. (2) Agrada-vos a resposta? Arriaga fala somente da *redusam ad impossibile*, e da ponte: (3) o Barbad. fala de quazi toda a forma Silogistica, e de quazi toda a Logica Perip. que regeita: e daqui conclue Modesto, que diso é que se-trata. Regala-me este Padre.

Diz mais Arsenio: que o Barb. prometendo dar uma ideia da boa Logica, nam diz mais, que 4. palavras do metodo Analitico. Responde o Apolog. que tenha a bondade de ler uns formozos 30. paragrafos em que dá a ideia da boa Logica Moderna. (4) Nam nega Modesto, que aja os 30. paragrafos, nega que seja boa Logica. Mas a nosa questam é, se existe a dita ideia em 30. paragrafos, ou so as 4. regras de Arsenio. Isto nam prova Modesto, logo nam responde nada.

Se a dita Logica é boa, ou má, iso nam se-deve disputar no tribunal do no-

(1) *Gravesande Phys.* p. 2. c. 12. *Torre Scienza della Natura* par. 2. Pref. n. 57. até 67. &c.

(2) *Convers.* p. 299.

(3) *Que de reductione ad impossibile inutiliter ac laboriose a nonnullis fufius disputantur, fere omittam-- omittam artem inveniendi medium: nullam enim altam video commodiorem, nisi felix ingenium, studium continuum, frequentem disputandi & respondendi usum, & bonam memoriam.* Arriaga proæm. Log.

(4) *Resp.* p. 63. 64.

nosso Logico Modesto, que nam pode ser juiz nesta materia; por muitas razoes. Pergunte o Modesto aos Jezuitas, que lhe-citaram, e entre eles ao Regnault, que defendem as mesmas opinioens; que eles lho-ensinarám.

Mas para que vejais, que boa ideia de Logica tem o nosso Modesto, observai que diz, (1) *que todo o artificio da Dialectica se-occupa em ensinar o modo de argumentar, como nos-poderemos valer das razoes, que achar-mos postas em boa forma: e tambem ensina os modos, que sam inutis, e nam servem para com eles provar-mos o que pretendemos.* Mas os Modernos, e verdadeiros Logicos, que asentam neste ponto fundamental, que a Logica nam so deve ensinar a inferir, e concluir; mas a entender, e julgar bem, quero dizer, sem engano; e que sem julgar bem, nam se-pode concluir, e raciocinar bem; pois de premissas falsas concluiremos falsamente; com razam se-ficam rindo da definiam ou explicavamdo grande Logico Modesto.

A outra critica que dá Modesto, quando diz, que o Barb. *umas vezes aprova, outras reprova a Dialectica artificial, e seus silogismos;* (2) examinar ám os leitores eruditos, que sabem distinguir o sentido em que fala em diversos lugares: e principalmente o exemplo do *mastigar*, que Modesto tomou como coiza vulgar, sem entender, que é um exemplo Fizico-Matematico para provar um ponto diferente, e nam trivial.

As formas *sustanciais, e accidentais* de que fala na pag. 286. ficam para outro lugar, em que as-incluiremos, v. g. no cap. da Fizica, e no cap. 14. §. 6. prop. 7.

## C A P I T U L O IX.

### Metafizica.

**P**ROVOU o Barb. que nam á coiza mais inutil, que a Metafizica da Escola; porque demora-se com aquilo, que nam podemos saber: e acrescentou, *que toda a Metafizica util se-reduz a definir com clareza alguns axiomas, e propozisoens claras, que pertencem aos ditos. E isto em qualquer parte que se-faza, deve-se compendiar muito, e explicalo em poucas palavras, se querem que seja util.* (3) Nam respondeo a isto Arsenio, mas foi se-safando com este dito: *O mais, que se-le na carta, nem prova contra os estudos da Metafizica, nem impugna os principios Aristotelicos.* Confesa porém pouco antes, *que as nosas Filozofias andam cheias de muitas questoes, que se-podiam omitir.*

Mostrou o Apolog. *que devia provar, que eram falsos os defeitos, que nota o Barb.: e provar que aquela ciencia era utilissima.* Saie agora Modesto, e diz, que Arsenio nam era obrigado a responder a tudo. Que aquela ciencia é util para entender os Universais. Que a Especulativa serve para entender as mais partes da Metafizica, que vai numerando. (4) Isto vale o mesmo que dizer, que a Metafizica serve para entender as partes da Metafizica. Mas isto nam é do caso: a questam é, se a dita Metafizica assim tratada serve para as outras ciencias. Responde Modesto: *que para reprovar o discurso do Barb. nam é necessario provar, que a dita Metafizica é utilissima, que basta parar no positivo.* Concedo, nem o Apolog. quiz dizer outra coiza. Mas prova Modesto, que nam tem aqueles defeitos positivos, e que é positivamente util para as outras ciencias? nada diso. Logo nam prova nada:

(1) *Conversas. pag. 306.*

(3) *Metodo. 2. p. 19.*

(2) *Ibid p. 300. 301.*

(4) *pag. 311. 312. 313.*

da: e fica sam e salvo o sistema Metafizico do Barb. Oufamos agora algumas propozicoens, que acrecenta.

1. Dise o Barb. no corpo da carta ( este é o que se-deve atender, e nam o titulo ) *que a Metafizica Intencional era mera Logica, e a Real mera Fizica, e que nam se-devem separar estas Metafizicas das mais partes da Filozofia*, (1) e o-provou. Respondeo Arsenio, *que tudo se-pode tratar debaixo da razam de ente: mas que isto nam impede que se-posam tratar separadas*. Pergunta-lhe o Apolog. *que se-tira daqui contra o que diz o Barbadinho?* quer dizer, contra os defeitos que apontou, e contra as provas que deo, para nam se-tratarem separadas das outras partes.

Acode agora Modesto, e diz, *que se-tira ser falsa a definisam de que a Metafizica é inseparavel &c.* Na Logica de Modesto será isto definisam, mas na do Barb. nam é. Alem diso o Barb. no periodo citado concede, que se-trate separada aquela Metafizica util. Logo dise bem o Apolog., que nam se-tirava nada: porque nem Arsenio, nem Modesto impugna os ditos dois pontos; e demais o Barb. concede alguma Metaf. separada.

2. Dise Arsenio, *que a maior culpa que o Barb. dá a Feijoo é, porque nos seus livros se-aproveitou do que traziam os outros: - - - e que Feijoo nam nomeia pessoas determinadas*. Prova o Apolog. que o Barb. nam dise tal: prova, que o Feijoo nomiou muitos a quem criticou: prova, que o Barb. louvou algumas coizas no Feijoo, e o-julgou util para alguns. Modesto em lugar de responder a estes trez pontos, faz uma tremenda invetiva contra o Barb. Saem contradicoens deste, cartas de Cardiais, pastorais de Papas: e paraque? para uma ninharia, que nem merecia tocar-se, nem tem parentesco com os pontos, que ele devia provar, se fizese a sua obrigasam. Tudo está muito bem discorrido: vamos ao ponto. Prova Modesto 1. que o Barb. dise a tal propozisam: 2. que nam louvou ao Feijoo: 3. que este nam nomiou aqueles a quem criticou? nam senhor. logo nam prova nada.

Agora pasando em claro as cartas, que nam necessitam resposta; e outras noticias Estrangeiras, em que o noso Modesto está muito mal enformado; digo, que com muito juizo o doutissimo Pontifice alegou aos Bispos o *discurso da Muzica* de Feijoo, em que fala prudentemente. Mas como o S. Padre ainda nam declarou *ex cathedra*, que o Feijoo nam tinha os erros, que lhe-acha o Barbado, e nem menos tocou este ponto; nam temos necessidade de dar outra resposta.

Aos outros dois reparos de Arsenio, que o Apologista negou, tambem nam respondeo Modesto: e se duvidais, lede a resposta que lhe-dá na *Conversas. pag. 321.* que é muito engrafada.

Pag. 322. Dise o Barb. que julgam mal os que afirmam, que as especies do objeto representam o *animal*, e *racional*: porque isto é a mesma alma, visto que o corpo nam sente. Mas concedendo que o corpo *sente*, nam *entende*, sim a alma, a qual nam manda de longe especies aos olhos. Logo falsamente o-dizem. (2) Responde Modesto, *que sendo os atos diversos, o entendimento pode separar intencionalmente a potencia sensitiva da cognoscitiva*. (3) Que vos parece a gralinha? A questam é, se de longe nam raciocinando o omem, mas somente movendo-se, as especies que vem para os olhos parte venham do animal, parte do racional, como supoem os Peripateticos. Modesto nam prova isto: nam prova, que o racional mande especies: logo nam prova nada.

Pag. 323. Argumentou o Barb. assim: *Os Brutos discorrem, aindaque nam per-*

L

fici-

(1) *Metodo tom. 2. pag. 4.*

[2] *Metodo tom. 2. p. 6.*

(3) *Convers. p. 322.*

feitamente. Os Omens também descobrem: Logo pelo menos é duvidoso, se o racional é differença do Omem. Nega Modesto, que este argumento conclua, senam quando os Brutos tivessem discurso da mesma casta que o Omem. Bela razão! Também a sensafam dos Brutos nam é da mesma casta que a dos Omens; porque aquella é material, e a dos Omens, que é ato da alma, espiritual: porque ser ato da alma, e ser material, isto nam persuadirá Modesto a nenhum Filozofa Moderno. Mas seja material: é certo, que por cauza do principio é de diferente especie da do Omem. Ergo. Mais: A racionalidade dos Anjos é de diferente casta da dos Omens. E contudo os Peripateticos concedem, que o racional comprehende a ambos. Logo nam é especie. Mais: Entre os Brutos á tanta differença nas sensafuens dentro da mesma linha, quanta pode aver entre o raciocinar do Bruto, e do Omem. v. g. o Falcam, a Aguia, os Pombos e outros animais vem o que nam alcanfam outras aves. O mesmo digo de outros sentidos, v. g. ouvir, e tocar, e gostar, em que á infinita differença entre os mais agudos animais, e os mais estupidos. Logo podemos também duvidar, se o animal no sentido dos Peripateticos, se pode chamar genero immediato. Mas estas reflexoens nam sam para o noso Modesto, porque como é um Filozofa muito agudo, nam faz cazo destas ridicularias de rapazes.

Aqui e sempre nos-mata Modesto com os Jezuitas Petavio, e Benedictis, como se nós tiveseamos jurado a doutrina deles. Deveis-lhe explicar, que entre um e outro á tanta differença, como entre o dia e noite. Benedictis nam é omem, de quem se-faza cazo: e vale tanto, como qualquer outro Peripatetico, a quem copiou. O Petavio é outra casta de omem: mui douto nas linguas Orientais, principalmente Grega, e também na Latina: sufficiente Poeta Grego, e Latino: sufficiente versado na Matematica: bem versado na Chronologia, na Iitoria Profana, e Ecclesiastica, nas obras dos SS. Padres, nos Dogmas. Nisto porem nam é infalivel, porque como omem algumas vezes se-enganou, tanto no livro dos Dogmas, como nas notas a S. Epifanio &c. No que respeita á Filozofia, nam vale nada porque era Peripatetico: nem pefoa alguma douta o louva neste ponto, antes o-desculpam, considerando que escreveu em tempo, que ainda nam tinham os doutos as noticias, que despois tiveram, porque Petavio morreo em 1652. Contudo como era omem de bom juizo, conheceo muitos defeitos dos Escolasticos: e ainda quando para nam descompadrar com os seus, mostra defendelos, os condena: pois vemos, que as mais celebres questuens fundamentais da Escola ele as-deixa, ou toca de passagem; declarando, que sam ocio das Escolas, que nam pertencem ao seo argumento, que é tratar da antiga Teologia; e finalmente, que nam se-acham nos SS. PP. o que o noso Modesto pode ler nele. (1) O qual Modesto, aindaque faiba tudo, como ja confesei, esquece-se às vezes destas noticias necessarias para nam amofinar ao leitor, citando AA. que nam servem para o ponto, nam vendo o que eles dizem contra Modesto.

Pag. 325. Nam pode entender o Filozofa Modesto, que o vacuo seja um ente real, em nada dependente da imaginasam. Explicai-lho. Ele ja admite vacuo na agua, e como este vacuo existe sem imaginasoens e fingimento, dizemos que é real: porque nam á meio entre ente real, e ente fingido, ou de razão. Onde existe vacuo, e nam existe vacuo, sam contraditorias: mas existe vacuo, e nam existe nada, id est, coiza alguma, sam verdadeiras. Logo a palavra nada tomada no sentido negativo, nam

[1] v.g. Theolog. Dogmas. tom. 1. l. 4. c. 8. n. 2. & l. 6. c. 7. n. 12. & tom. 6. l. 11. c. 12. n. 6. & tom. 1. l. 7. c. 9. n. 1. & tom. 5. l. 5. c. 1. n. 7. & tom. 1. l. 4. c. 5. n. 2. & tom. 6. l. 11. c. 4. n. 9. & tom. 1. l. 7. c. 9. n. 5. & tom. 6. l. 11. c. ult. n. 10. e em outros lugares.

nam significa *nada de vacuo*, mas *nada de outros entes*. E falsamente diz Modesto, que *vacuo é o mesmo que nada*, e *nada nam é ente mui real e independente da imaginassam*. Porque *nada* no sentido dito é *real*, e nam depende da imaginassam. Dizei-lhe mais, que esta doutrina é contra Cartezio, e Leibnizio; e celebre entre os Modernos, porque Gazendianos, e Newtonianos provam a existencia, e natureza do *vacuo*, v. g. Ode, Musschenbroek, Keill, Newton, Torre &c. Em uma palavra, o *vacuo* é o *espacio*, ou *lugar intrinseco*, ou *extensam pura* [ que valem o mesmo ] em que estam e se movem os corpos, e o mundo inteiro. Mas o *espacio* nam é *sustancia*. E por isto dizem bem, que falta nos Predicamentos este novo ente. E esta mesma doutrina se-pode aplicar a outras palavras. Mas calemo-nos, porque nam parece bem estar explicando estes principios a um omem tamanho como Modesto.

Pag. 326. Modesto chama definissam da *unidade* a esta proposissam: *Ser um é nam ser dois*. E o Barb. nega que seja definissam, mas explicassam.

Pag. 327. seqq. Modesto nam entendeo em que sentido se-deve tomar a palavra *criansa*, e supoem que se-fala dos que mamam. Tambem nam entendeo que o Barb. diz, que se-disputem as questoes necessarias mas na Teologia. Tambem nam entendeo a forsa do *circulo viciozo*: o qual nam se-pode dar na definissam da *cor*, porque aqui é, que se-deve parar nos termos: mas dá-se na questam da *possibilidade*.

Pag. 329. A Republica Literaria compreende *Ateos, Politeos, Deistas, Judeos*, e toda a sorte de *Erejes*, e *Catolicos* se sam doutos, e compoem livros. E como muitos destes impios impugnem a espiritualidade da alma racional, e outros duvidem dela; a quem os nosos *Catolicos* mais doutos mui bem respondem; com razam dise o Barb. *que era controversa entre as melhores penas da Republica literaria*. Mas a isto ja respondeo o Sr. Apolonio. (1)

*Agora tomara saber*, continua Modesto, *em que Autor achou, que a questam do espirito é um dos principais fundamentos para provar a existencia de Deos?* Respondei-lhe, que o-achou naqueles que tratam de *Teologia Natural*, que sam estimaveis entre os Modernos, e que S. P. com grande desdoiro da sua imensa literatura, mostra aqui, que nam tem a minima noticia, devendo tela para falar nesta materia.

A existencia de um Deos nam se-prova com razoens naturais para os *Catolicos, Erejes, e Judeos*, porque a estes basta a *Escritura*, em que está claramente revelada: prova-se contra os *Ateos*, que a-negam: e contra os *Politeos*, que a-interpetram mal, admitindo muitos Deozes. Destes *Ateos*, e *Politeos* alguns v. g. os *Epicureos*, dizem, que a materia ou corpo é o que raciocina no Omem, e negam toda a intelligencia, que nam seja corpo: e o mesmo, aindaque por diferentes palavras, atribuem aos seos Deozes. Outros, v. g. os *Estoicos*, afirmam, que Deos é um corpo igneo sutilissimo, difuzo por todo o Mundo, que entende &c. e tambem negam que aja intelligencia, que nam seja corpo. Outros, v. g. *Espinoza*, com os seos sequazes, nam admitem mais que uma sustancia corporea com duas modificaçoens, *extensam*, e *conhecimento*, que é o Universo, e a este chamam Deos. Os outros *Filozofos* antigos quazi todos, os de que temos noticia, admitiram Deos corporeo; e contido confessaram, que era inteligente: como pode ler em *Cicero*, (2) que expoem as opinioens. Muitos *Ateos* modernos, que tem composto nesta materia, ou clara, ou occultamente introduzem este erro, e tambem duvidam, se

(1) *Parecer pag. 69.*

(2) *De Natura Deorum, e Academic. question. L. 4.*

o corpo pode entender, e dizem muitos, que nam se-prova que seja impossivel. Outros com Hobbes claramente dizem, que o corpo é capaz de sentimento, e percesám. Deixo por brevidade outras opinioens, que pode ler nos Escriutores da Istoria Filozofica.

Isto suposto, para um Filozofa provar contra estes impios, que á um so Deos, e que este nam é o Deos, que eles fingem, mas um Deos espiritual; isto é, distinto de todo o corpo, e criador da materia, que é o que eles negam; deve provar em primeiro lugar, que nenhuma coiza inteligente pode ser corpo. E em quanto nam prova isto evidentemente, sempre lhe-respondem, que eles nam negam a intelligencia de Deos, mas dizem que a materia, ou o Universo podem entender, e por consequencia, que este é o Deos. De que se-infere, *que a questam do espirito é um dos principais fundamentos para provar a existencia do Deos, que nos cremos, que era o negado.*

Por esta razam os melhores Teologos Naturais provam com grande juizo, e cuidado a questam da espiritualidade: como fizeram Clarke (1) e Jacquelot (2) e dos nosos Catholicos o P. Francisco Lamy, o Magaloti, e outros muitos.

Pag. 330. Diz o Barb. *A cor de uma pedra rustica (v. g. bastardo) é um accidente. Esta se-muda somente com alizar a pedra. Nega Modesto, que se mude: nega que a nova cor seja verdadeira, porque --- é aparente cauzada da luz refletindo nesa pedra.* Ao 1. respondemos, que ponha os oculos. Ao 2. que é um sofisma: porque isto é o que lhe-provam, que aquela nova cor nam é sonho, mas que dura. Logo é verdadeira: e como nam é a mesma sustancia da pedra, é accidente. Logo o accidente da cor considerado da parte do objeto consiste na diversa dispozisam da superficie. Se Modesto nam sente a eficacia deste discurso, sentem na os outros.

O que diz nas duas pagg. segg. sam equivocacoens, e nam merecem resposta, nem vem ao ponto.

## C A P I T U L O X.

### Fizica.

**N**este capitulo repete Modesto aquilo mesmo a que ja se-respondeo. E por isto tocarei so o mais principal.

Querendo Arsenio exaltar a Fizica Peripatetica, dise, *que se-pode conservar a Fizica Experimental e a Aristotelica: que a Experimental é engenhoza, e nela se-uzam de belas machinas artificiais, e com elas se-tem observado muita coiza --- porem daqui nada se-insere contra a Fizica Especulativa: e o que mais é, que todos os instrumentos da Mecanica nam desfazem o sistema de Aristoteles.* Responde o Apolog. que Arsenio confunde a pratica com a especulasam: que a Moderna nam se-pode unir com a Peripatetica: e aponta-lhe algumas experiencias, que nam se-podem explicar no sistema Peripatetico, que explica tudo por qualidades, ou accidentes absolutos.

Saie contra isto Modesto, e nega, que Arsenio confunda, porque *falando das experiencias, bem dá a entender que fala da especulasam, que os Modernos tiram da pratica.* Suponhamos que diz verdade: infiro assim: *Logo fala da Fizica Moderna Teoretica ou Racional.* Atqui que a Fizica Moderna Teoretica expoem os fenomenos por movimento local; e a Peripatetica por movimento de producam, que sam total-

[1] *Demonstrat. de l'Existence de Dieu cap. XI.*

[2] *De l'Existence de Dieu, dissert. 2. per totam.*

totalmente opostos : Logo Arsenio dise um tremendo erro , *que duas sentenças diametralmente opostas se posam conservar juntas.*

E nam sendo presumível que o eruditíssimo Arsenio difese um erro tam crasso ; fica claro que queria falar so da *Fizica Ifforica* , e nam da *Teoretica* . E se-confirma , pois em todas as partes em que fala da *Fizica Moderna* , lhe-chama , *experiencias , instrumentos da Mecanica* , e coizas semelhantes . ( 1 ) Logo dise bem o Apolog. que Arsenio confundio a *Fizica Ifforica* , de que fala , com a *Teoretica* , que explica os fenomenos , de que devia falar . Logo Modesto nada prova .

Pag. 335. Entra agora a ostentar em *Fizica* , para provar , que as experiencias modernas sam compativeis com a *Efcolastica* . Compendiemos as razoens . Modesto nam nega , *que o raio da luz passando de um meio para outro , se-dobre . Nam nega que as especies vizuais passando por lentes concavas , ou convexas , se-dobrem .* Logo deve confesar , que a luz , e especies sam corpos quantitativos , que encontrando outros tais refletem , o que nam fazem as qualidades . Pergunto agora : Prova Modesto , que no sistema Peripatetico a qualidade reziste á quantidade ? nem prova , nem provará nunca : porque os Peripateticos dizem todos , que se-penetram . Logo Modesto nam prova que estas experiencias sam compativeis .

Mais . Modesto nam nega , *que o vidro verde e a pedra negra pizados se-fasam mais brancos . Nam nega a escuma branca da tinta negra , e vinho bem batidos .* Logo deve confesar , que aquelas cores da parte do objeto , ou *in actu primo* , nam se-distinguem realmente da sustancia , porque nam aparece cauza productiva delas .

Vendo-se apertado com este argumento , responde Modesto , o que ninguem esperaria : e vem a ser : que alguns Peripateticos dizem , que as cores sam apparentes , que resultam da luz refletida , ( notai bem , que estes Peripateticos tem o privilegio concedido-lhe por Aristoteles *de nam desferrarem as cores do mundo* , porque nese defeito so caiem os Cartezianos &c. ) e que o-provam com Aristoteles Isto vale o mesmo que dizer , que alguns Peripateticos pensam como os Modernos . Mas este nam é o ponto : é sim , se o comum dos Peripateticos , ou o sistema Peripatetico admitta isto . E isto é o que nunca provará Modesto : pois é certo , que no sistema Peripatetico se-defende , que sam accidentes distintos : e se ouve algum que difese o contrario , é abandonado do comum , que lhe-chama estravagante , e incoerente com o sistema : pois nam á diversa razam para as outras qualidades . Logo Modesto nam prova , que estas experiencias sejam compativeis com o sistema , que era o ponto .

Pag. 337. Confesa Modesto , *que a roza à proporçam que perde o cheiro , perde o corpo* : nega porem , que o cheiro consista nas particulas , mas que é uma qualidade que vem nas particulas do corpo . Digo eu : as qualidades nam necessitam de andar a cavallo nas particulas odoríferas , mas devem no sistema Aristotelico propagar-se por produzam . Logo se ela perde o cheiro quando perde as particulas , claro é , que nelas consiste .

Mais . Confesa Modesto , que a nosa alma nada sabe da circulafam , nutrifam , e de tudo o mais vegetativo . Mas que daqui nam se-segue , *que a alma nam faz isto*

( 1 ) Confesamos com todo o corasam , que a *Filozofia experimental* , e os seus instrumentos sam dignos de toda a estimasam : mas com tudo isto aindaque sue agua pola resta , nam á de provar , que esas experiencias destroem o sistema Aristotelico . Reflex . Apologeticas pag. 33 . Todos os instrumentos da *Mecanica* nam desfazem o sistema de Aristoteles , nem atèqui se-pode provar . *ibid.* pag. 39 .

isto. Porque tambem a alma nam sabe se está no cerebro , ou so no mais corpo: se sente la , ou ca : quanto duram os atos &c. Logo o nam poder dar razam de-les nam prova, que nam o-faz. Esta consequencia nam me parece deduzida com a Logica de Europa, mas da gran Tartaria. Mas seja o que for, que prova com isto? Certo é, que nam sabe a alma certamente aqueles trez pontos : mas sabe de certo, que ela está no omem: sabe de certo, que sente: sabe de certo, que ela é a que conhece: e que os conhecimentos, volisoens, e sensafoens, realmente existem nela, e dependem dela. Mas de nenhum modo sabe que ela fasa vegetar o corpo ou que a vegetafam depende dela: ou como interiormente vegeta o corpo. E desta totalissima ignorancia claramente se-infere, que nam o-faz.

Replica Modesto, que o Lateranense V. diz que a alma *vere, per se, & essentialiter humani corporis forma existit*. Assim é, mas prove Modesto, que o Concilio quiz dizer: *existit forma informans materiam in sensu Peripatetico*: isto nunca provará ele: alias a Igreja Romana permitiria aos Modernos, que seguem o contrario, defender erezias formais: o que ninguem dirá. Chama-se *forma*, porque *corpus humanum format & constituit, & dat esse homini ut homo est*. Leia os dois erros de Aristoteles abraçados por Alexandre Afrodiseo, e Averroes, (1) que condenou o Concilio, e verá o sentido da definifam.

Pag. 340. Confessa Modesto, que o polme de um animal pizado tem forma diferente do animal: e que o almofariz nam produz novas formas: mas nega a ilafam: *Logo a diversa modificafam da materia é a que faz novo composto*: e diz, que isto se-supõem. Mas se temos nova forma, e nam á cauza producente, so a nova modificafam pode constituir a dita.

Esta mesma resposta se-pode dar à experiencia do pam, que se-converte em farinha; e do ferro em aço. Porque é certo, que aço e ferro, farinha e biscoito sam compostos realmente diferentes, com propriedades diferentes. E suposto isto forma-se aqui o mesmo argumento acima, a que nam responde Modesto.

Sobre a *pasta dos dentes*, ja respondeo o Sr. Apolonio, que nem todas as experiencias provam o mesmo: e o mesmo digo dos ovos. Estas provam o engano dos Peripateticos nas suas rezolusoens: as outras provam a falsidade das qualidades, e formas com toda a evidencia.

Pag. 342. Nam cre, que os Jezuitas sigam doutrinas modernas. Admiro-me que crendo este P. aquilo, que nenhum omem de bom juizo cre, somente nam creia aos muitos Jezuitas, que lhe-citaram que defendem claramente as ditas doutrinas: os quais sam mais conhecidos na Republica Literaria, que os nosos PP. Modestos. Pois eu sei de certo, que o noso Modesto cre isto tam firmemente, que muitas vezes se-tem admirado, que os Jezuitas Estrangeiros ja vam admitindo a tremenda erezia de seguirem aos Modernos. Vinha-me agora à boca uma belissima istoria moderna dos nosos Modestos: mas quero suprimila, por nam contrariar às leis, que me-propuz.

Diz mais: que a palavra *sistema* significa *ipoteze* ou *supozifam*, e que se *acomoda a qualquer opiniam*. Negamos tudo. *Sistema* é palavra Grega, que significa *compozifam*: e no sentido Filozofico quer dizer, *compozifam* ou *nexo dos principios com as consequencias de uma eiencia*: ou aquilo *porque se distingue uma escola da outra*: E se perguntar mos a Modesto, se a opiniam de alguns *Medistas*, que defendem, que *in Deo datur apprehensio virtualis: In scientia divina datur discurfus virtualis*: e outras semelhantes, é o *sistema Medio*, suponho que dirá que nam, mas

(1) 1. *Animam humanam [intellectum patientem] esse formam hominis, sed esse mortalem*. 2. *animam intellectuam [intellectum agentem] esse immortalem, sed unicam in cunctis hominibus*. Veja-se o Jezuita Labbe, e Bail ad Concil. Lateran. V.



Pag. 343. Seguem-se algumas propozifões notaveis de Modesto. 1. *Nega, que Aristoteles defendêse ser o mundo ab aeterno* --- mas que deixou isto duvidoso. Porem agora bastará dizer-lhe, que nam so Aristoteles o-diz exprefamente, [ 1 ] mas o mesmo lhe-atribuem os seos interpetres Jezuitas, v. g. os Conimbricenses [ 2 ] o Silvestre Mauro [ 3 ] e o Pedro Fonseca no lugar pouco antes citado [ aindaque intenta desculpalo ] e tambem Petavio [ 4 ] e outros: E nisto concordam todos os Interpetres, e Historicos, que trataram esta materia: e o mesmo diz S. Tomaz. [ 5 ]

Pag. 348. 2. *Nega, que Aristoteles fosse queimado no ano 1209.*, mas so os livros impostos a Aristoteles, como diz Muzancio. 3. *Nega, que por alguns seculos fossem proibidas as obras dele pelos Papas:* porque Gregorio IX. as-prohibio *pro interim donec expurgarentur*: e que logo lhe-tiraram os erros: porque 16. anos depois Innocencio IV. ordenou a Alexandre de Ales, que compuzese a *Suma*, em que se acham alguns teoremas Aristotelicos.

A resposta verdadeira seria, dizer a Modesto, que deixasse o Labbe, e provasse o que diz com bons fundamentos. Mas para o-confundir respondo, que Muzancio cita a Labbe sem outra prova, (6) e que o Labbe nem no tomo XI. dos Concilios da primeira edifam de Pariz de 1661. nem na *Synopsis Conciliorum*, que imprimio à parte, diz tal. Onde afento, que é falsissimo. Mas suponhamos que o-diz, devia Modesto produzir provas, e nam o dito de um omem, que escreveu no seculo pasado.

Polo contrario temos *Cezario*, e *Ugo*, Religiozos, e coetaneos, que dizem se-prohibiram os livros de Aristot. no dito Concilio. Temos *Vicente Belovacense* Dominicano, que escrevendo pouco depois diz o mesmo. Temos *Rigordo*, que afirma, que se-prohibiram, e queimaram. (7) E como este autor estava em Pariz no tempo do Concilio, e alem diso era Religiozo, e Medico de Felipe Augusto Rei de Fransa, de quem escreveu a *vida*, que dedicou ao filho em 1224: e nesta *vida* relatando a historia toda de Almarico, e dos outros Erejes que foram condenados no dito Concilio, e queimados por ordem do mesmo Rei; inclue a dita noticia: nam é verosimel, que ou ignorasse as circunstancias do fato; ou escreveu ao Principe, que

(1) *De Cælo l. 1. c. 10. 11. 12. Physicor. l. 8. Metaphysic. l. 12. de Ortu & Intertu l. 2.*

(2) *Postremo suadere nititur Aristoteles, mundi universitatem corruptionis expertem esse, & neque ortum habuisse, neque ullis seculorum ætatibus esse interituram.* Proæmio in l. 1. de Cælo. *Leia a prefasam ad l. 2.*

(3) *In quarta demum, quæ a textu 101. protenditur usque ad 140. agit Aristot. de ingenerabilitate universi, & conatur ostendere, mundum esse ingenerabilem, & incorruptibilem.* Proëm. ad l. 1. de Cælo. *Ergo dicendum quod mundus non fuit genius, sed est sempiternus, & quodammodo immortalis.* ibi l. 2. ex mente Aristot.

(4) *In prima controversie parte præter Philosophos antiquos, qui mundo adimunt ortum, eumque cum Deo pariter æternum faciunt, ut Aristoteles, & si quis alius; ingens Hæreticorum colluvies occurrit.* Dogmat. Theolog l. 3. c. 5 n. 2.

(5) *In l. 1. de Cælo. Lectio. 29.*

(6) *Tabule, Roma 1751. p. 339.*

(7) *In diebus illis legebantur Parisiis libelli quidam ab Aristotele, ut dicebantur, compositi, qui docebant Metaphysicam, delati de novo a Constantinopoli, & de Greco in Latinum translati. Qui quoniam non solum prædictæ hæresi Alnavici sententiis subtilibus occasionem præbebant, immo & aliis nondum inventis præbere poterant; jussi sunt omnes comburi: & sub pœna excommunicationis cautum est, ne quis de cætero eos scribere, legere præsumeret, vel quocumque modo habere.* In vita Filippi Augusti edita anno 1224.

que tinha prezenciado o sucesso, uma mentira tam clara. Motivo polo qual neste particular a sua autoridade nam tem excessam alguma, e constitue uma evidencia moral. (1)

Alem diso temos *Gregorio IX.* que proibe os mesmos livros de Aristoteles, que prohibio o Concilio Senonense: (2) e se Modesto concede, que o Papa prohibio os verdadeiros; e temos testemunha de vista sem excessam, que diz que no Concilio foram queimados; e isto concorda com a historia do dito Concilio; fica moralmente evidente, que os verdadeiros livros de Aristot. foram queimados. Muito mais, vendo que dali por diante se proibiram varias vezes os *verdadeiros livros* de Aristoteles. Confirma-se, porque todos os AA. citados, e mais outro coetaneo (3) dizem, que no Concilio se queimaram os livros de David de Dinanto: e que Aristoteles, e os seus Comentadores se-prohibiram. Logo se queimaram a Dinanto, que-defendia os mesmos erros de Aristoteles, que ainda oje se-acham nele, e deduzem do seu sistema; porque nam seriam queimados os livros de Aristoteles, donde o Concilio diz, que naciãam os tais erros?

Alem diso o Jezuita *Coffart*, que juntamente com o *Labbe* fez a *Colefãam dos Concilios*, nas notas que faz ao dito Concilio Parizense, ou Senonense, nam so asenta em que no dito se-prohibiram os verdadeiros livros Fizicos, e Metafizicos de Aristoteles; mas tanto nam duvida da verdade de Rigordo, que nela inteiramente se-funda. (4) O *Buleo na Historia da Universidade de Pariz*, conta o cazo, refere as palavras de Rigordo, e nelas se-funda. (5) O *Launoi*, que tratou a materia *ex professo*, afirma, que foram queimados, e funda-se em Rigordo. (6) O mesmo dizem os *Historicos Ecclesiasticos*, *Natal Alexandre* (7) *Bail* (8) *Fleury* [9] e outros. E o melhor está, em que o noso Modesto tambem deve admitir a autoridade de Rigordo, vistoque no *Capitulo da Teologia* §. 2. dele se-vaie contra o *Barb.* E alim tenha paciencia, que á de comer, e cozer a autoridade de Rigordo.

Parecia superfluo despois de ter citado os autores coetaneos, e outros magistrais, citar a um moderno: contudo como Modesto cre tanto no *Feijoo*, tambem lho-citarei. [10] Dizei-lhe que leia todo o *Discurso de Feijoo*, e achará que

M

diz,

(1) *Buleus Histor. Univers. Paris. tom. 3. pag. 49.*

(2) *Libris illis naturalibus, qui in Concilio Provinciali ex certa scientia prohibiti fuerunt Parisiis, non utantur, quousque examinati fuerint, & ab omni errorum suspitione purgati.* In Bulla ad Mag. Paris. anno 1231.

(3) *Codex MSS. apud Martene in Anecdotis tom. 4.*

(4) *Tom. XIII. Concil. Labbei. edit. Veneta Coletti, columna 808. in Notis.*

(5) *Tom. III. pag. 51.*

[6] *Hec [cita as palavras de Rigordo] aucter equalis: in quibus causse sunt due cur quidam Aristotelis libri flammis ultricibus a Synodo abdicantur: una, quod Almarico errandi prebuisent occasionem: altera, quod nondum inventis erroribus favere, opicularique potuisent.* E despois de citar a *Roberto*, acrecenta: *Rem melius noverat Rigordus, qui Sancti Dionysii monachus cum esset, & Regis medicus, Lutetiaque degeret, que vidit ipse monumentis consignavit suis.* De varia fort. *Aristor. c. 1.*

(7) *In eodem Paris. Concilio libri Aristor. quibus Almaricus, & ejus sectatores erant abusi, & qui novorum semina eorum continere videbantur, prohibiti sunt, & flammis damnati, ne Rigordus testatur.* *Hist. Eccles. ad sæcul. 13. cap. 3. art. 2.*

(8) *Summa Concil. Tom. 2. p. 562.*

(9) *Hist. Eccles. ad an. 1210. tom. 16. edit. in 4.*

(10) *Teatro Critico tom. 4. discurso 7. §. 11.*

diz, que o Muzancio errou: que o Labbe nam diz tal. Achará mais que Feijoo, aindaque nam profunda muito a materia, contudo concorda em tudo com o Barb. e Apolog. sobre Aristoteles. Diz, que os antigos PP. o-reprovaram: que so no seculo XII. e XIII. entrou na Teologia: que S. Tomaz, e Alberto foi o que o explicou desorte tal que nam parecefe tam mal: que desde o Seculo XVI. defcaio: que oje so alguns Religiozos o-seguem, e ainda muitos destes o nam seguem em Roma. Nem o Feijoo podia dizer o contrario: porque como este douto Religiozo tem lisam de bons livros, e outras noticias, que nam chegaram ao noso Modesto, nam pode deixar de concordar com o Barb. O que nos admira é, que o agudo e noticlozo Modesto, tam versado na lisam de Feijoo, nam ache nele aquelas noticias, que os minimos Aliados do Barb. acham.

Daqui evidentemente se-inferê, que os verdadeiros livros de Aristoteles foram queimados: e que o Apolog. sabia melhor o que dizia, doque o noso Modesto: que nos quiz dar nisto uma prova da sua boa Logica, citando-nos ao Labbe que escreveo quazi quinhentos anos despois, para confutar a Rigordo testemunha de vista. Ora dizei lhe da minha parte, que para destruir a autoridade de Rigordo, revellida de tais circumstancias nem seiscentos Labbes bastam.

Pasemos à 3. propozisam. Para provar que por alguns seculos foram prohibidos ou todos, ou alguns livros de Aristoteles, basta citar o Buleo, e Launoio, que tratam esta materia com toda a extensam, e ordem, nos livros, que asima apontamos: dos quais, e dos Historicos Eccleziasticos, o Sr. Apolonio (1) tirou as provas, que bastavam. Onde somente compendiarei os fatos, e por brevidade nam citarei as palavras, referindo-me aos ditos, principalmente ao Lãunoio, que é melhor para os principiantes.

O concilio Senonense foi celebrado em 1209. ou 1210. porque nisto nam á toda a evidencia. Em 1215. o Cardial legado Apostolico permitindo a Logica (falo sempre da Universidade de Pariz, e de Franfa) prohibio outra vez a lisam dos outros livros de Aristoteles. Em 1231. Gregorio IX. repetio a prohibisam. (2) Em 1262. Urbano IV. confirmou a prohibisam incluindo na sua Bula a de Gregorio IX. Em 1265. o Cardial legado de Clemente IV. proibe o mesmo, e concede somente alguma parte da Logica, e Etica. Em 1266. dois Cardiais legados de Urbano V. prohibiram os VIII. Livros *Physicorum*, e concedem, que se-leiam alguns livros Fizicos, que nomeiam: os mais ficam prohibidos. Em 1452. o Cardial Touteville reformando a Universidade de Pariz, repete as palavras do decreto-feito em 1266 e acrecenta, que sejam obrigados a ouvir parte da Etica. E ficam ainda prohibidos os VIII. Livros *Physicorum*, que nam nomeia. E esta é a primeira vez, que se-mandou exprefamente ler a Etica na Universidade, aindaque ja alguns Profefores explicafem os livros *Morais* de Aristoteles, fundados na permisam do decreto feito em 1265. Finalmente em 1501. por ordem d'Elrei, e do Senado se-reformou de novo a Universidade, e se-concederam todos os livros de Aristoteles sem limitasam, prescrevendo lhe o modo de lelos. Esta foi a primeira vez que se-ordenou, que se-lefem os VIII. Livros *Physicorum*.

Posto isto asim, se contamos do Concilio Senonense, em que se queimaram, e prohibiram todos (*jussi sunt omnes comburi*) até o ano 1501. em que se concederam todos, sam quazi 300. anos; como dise o Barb. E devemos advertir, que nam é crível, que os VIII. Livros *Physicorum*, que em todas as reformas foram extetuados, e prohibidos, se-comefasem logo a ler imediatamente despois da ultima de

(1) Parecer p. 86. 87.[2] As palavras citamos pouco antes.

de 1452. Mas so podemos prezumir, que la para o fim deste seculo XV. se-toram pouco a pouco lendo atêque no principio do seguinte se-concedêram . Logo é certo que por alguns seculos ou todos, ou alguns livros de Aristoteles foram prohibidos, que era o negado.

Daqui faie tambem a resposta daquela expurgasam, que o noso Modesto sonhou, que foi feita antes de Inocencio IV.: porque se Urbano IV. e Clemente IV. posteriores de Inocencio, confirmaram a proibisam de Gregorio IX. como se-tinham expurgado os livros no tempo de Inocencio? Este P. Modesto devia supor, quando escreveo isto, que estava falando com meninos, ou mulherinhas, que ouvesem de crer, quantas petas lhe-dizia, sem mais averiguasam, que dizelo um P.Reverendo. Estou pasmado!

Mais. Se o noso Modesto tivese lido a Aristoteles nam polo titulo, mas por dentro, acharia desmentida a sua absoluta propozisam; porque nele vemos os mesmos erros, que lhe-acharam os Antigos. Ja assim provei com os Jezuitas Conimbricenses, e Mauro, e Fonseca, e Petavioque Aristoteles diz, que o Mundo é eterno.

Diz mais Aristoteles, que a nosa alma é mortal. O Jezuita Francisco Baltus [1] cita infinitos PP. que attribuiram este erro a Aristoteles. O mesmo lhe-atribuiram seo dicipulo Dicearco, e Alexandre Afrodiseo, e Averroes. O mesmo erro acharam neste Aristoteles, que ainda temos, Pomponacio, Cremonino, Cezalpino, e outros Peripateticos do seculo XV.-e XVI. os quais por seguirem tanto a Aristoteles, e defenderem a sua verdadeira opiniam, foram condenados polo Concilio Lateranense V. E aindaque Aristoteles falou nisto com alguma escuridade, contudo claramente diz, que o entendimento paciente é mortal, [2] E que o-seja tambem o agente *quatenus anima est*, segue-se directamente do seo sistema Fizico, aindaque em alguma parte parefa dizer o contrario, o que nace da corrupsam, que padeceram os seus livros.

Diz mais Aristoteles, que Deos nam tem providencia das criaturas. Este erro, alem de muitos Peripateticos, lhe-acha tambem o Jezuita Possévino, [3] no mesmo lugar em que responde às outras censuras de Melchior Cano. O Jezuita Fonseca, no lugar, que assim citei, reconhece que Aristoteles disse estes trez erros, aindaque faz o possível por diminuir a gravidade deles, mas sem efeito. Deixo outros erros, que se-seguem do seo sistema, e que confesa no dito lugar o mesmo Possévino. [4] E a inumeravel serie de outros erros de Aristoteles contrarios à nosa religiam, pode lela em Francisco Patricio profesor em Roma no seculo XVI. que tratou esta materia nobremente. (5)

Daqui se-inferê, que a expurgasam de Aristoteles, que sonhou Modesto, fica na masa dos positivos. Porque nem se-expurgaram os livros, nem se-podem expurgar, em quanto durar o sistema Fizico verdadeiro ( porque o que lhe-atribuem estes Escolasticos vulgares, é muito diferente daquele que lhe-acham os verdadeiros Peripateticos) de Aristoteles, do qual necessariamente se-seguem estes erros im-

M 2

pios

(1) *Jugement des SS. PP. sur la Morale de la Philosophie Payene.c.7.*

(2) *Intellectus vero passivus extinguitur, & sine hoc nihil agit.* Aristoteles de Anim. l. 3. c. 5.

(3) *Male enim semper apud veteres Christianos Aristoteles audivit, tanquam de Divina providentia male sentiret* (e cita para isto 10. Padres) *& celeberrimi ejus interpretes consensuerunt.* Biblioth. Selecta l. 12. c. 6.

(4) *ibid. c. 4. 5. &c.*

(5) in Aristotele Exoterico. Basileæ 1581.

pins. Dife com razam o Egidio Colona Agostiniano, e Cardial que floreceo no fim do seculo XIII. que muitos querem desculpar a Aristot. deterfeito o Mundo eterno, mas que nam podem, porque neste erro funda muitos principios. [1] E se Egidio tivese maior noticia da Istoria Antiga, diria o mesmo dos outros erros apontados, que nam se-podem separar do sistema Aristotelico.

Pag. 349. Diz Modesto, que a Matematica nam é necessaria para a Fizica, que trata da materia, forma, uniam, e causas, fala da Peripatetica. Concedo. Diz, que sendo necessaria para a Experimental, nam se-pode acabar a Filozofia em dois anos. A questam é de nome sobre o tempo: mas nego. E basta allegar-lhe os muitos collegios em Europa principalmente em Franfa, Italia, e Roma, onde os Escolopios, e outros Regulares explicam Filozofia, Geometria, e Algebra em dois anos. Se Modesto quer que os rapazes saiam das escolas consumados Filozofos, nem quatro anos bastam: e nam temos o exemplo longe, pois das escolas dos PP. Modestos saie a maior parte, ou para dizer melhor quazi todos despois de 4. anos, sem sabermos que coiza é Filozofia. Se se-contenta que saiam com bons principios, que é o que podem tirar; dois anos basta, se tem bom mestre: e o Barb. require mais tempo. Acrecentai, que as leis-da Companhia mandam, que na Fizica se-explique Geometria, Geografia, e outras partes da Matematica, e nam as-tem por incompativeis: [2] e o Barb. nam pede tanto.

Pag. 350. Aqui diz Modesto, que o Barb. propoem aos rapazes a Matematica de Wolfio e Hopital. Mas é falso, porque a-propoem aos adiantados: e na pag. 43. aponta outros livros para os rapazes.

*Ibidem.* Segue-se a istoria da redoma cheia de agua. Nam necesito demonstrar-me, porque Modesto admite tudo: e basta ler a explicasam, que lhe-dá, para ver se é conforme com os Escolasticos, ou Modernos.

Vamos à resposta de Arsenio. Lembrou-lhe o Apologista, que devia provar duas coizas: 1. que cada mariola bebeo igual quantidade de agua: 2. que a agua que ficou nam podia caber em uma so quarta. Prova Modesto, que Arsenio nam devia provar tal? nam senhor: Logo nam prova, que nam falou como aguadeiro. Lede o cazo, e a resposta, e achareis, que Modesto pag. 352. falsamente attribue a galantaria do aguadeiro ao cazo asima dito.

Aqui acho duas coizas bonitas. Diz Modesto, que na agua nam se-acha ar, mas que é como uma rede. Isto requeria uma boa prova: (3) e alem diso nam concorda com a materia sutil, que ele admite velocissima no seo movimento, que é tam dezenquieta, que sem respeito à autoridade do noso Modesto, é capaz nas suas barbas de entrar polas malhas da tal rede, pdr em movimento as particulas da agua, e encaixar-lhe dentro as de ar. 2. Modesto ja admite materia sutil: e dou-lhe os parabens de se-ir convertendo, aindaque com grave prejuizo do sistema Escolastico.

Seguem-se agora na *Conversasam* até a pag. 358. alguns bons conselhos, ad-  
ver-

(1) *Voluerunt autem quidam excusare Philosophum de eternitate Mundi: sed hoc stare non potest: cum ipse ad ostendendum veritates Physicas funderet se super dicto principio. Immo vix unquam fecit aliquem librum in Physica, ubi non posuerit aliquid ad hoc pertinens.* De Errorib. Arist. apud Possevinum. Bibl. Selecta l. 12. c. 34.

(2) *Ratio Studior. Inter Regul. Profess. Mathem. n. 1.*

(3) *A machina Pneumatica mostra evidentemente. que todos os liquidos estam cheios de particulas aereas.*

vertencias, interpetraçoens de palavras fora do verdadeiro sentido, e outras razões tam eficazes, que nam nos atrevemos a dar-lhe resposta.

Pag. 359. Admira-se, que o Barb. diga, *que a lizam de Larraga, e outros tais é perigoza*: e diz que nam é, *porque foi muitas vezes impresso com aprovasam do S. Officio*. Como o Barb. e Apolog. explicam em que sentido é perigoza, nam tenho que dizer mais. So pergunto a Modesto, paraque chama *perigozas*, e pouco concordes com a fé, às Filozofias Modernas, que nam so se-imprimem em Espanha, e Italia com aprovasam do S. Officio, mas se ensinam em Roma por ordem do Papa? A este argumento, com que totalmente se-poem por terra as calunias dos Escolasticos, nunca respondem os Logicos Modestos.

Mas concluamos. Tenho exposto o que disseram Arsenio, e Modesto. Suponhamos agora que sam provaveis as propozisoens separadas, que este acrecenta: pergunto: desfaz isto porventura o sistema Fizico, que propoz o Barbadinho? Nam quero responder: dizei aos vossos amigos doutos, que leiam e considerem a carta Fizica, as objeçoens de Arsenio, Lacerda, e Modesto, e confirmam com as respostas do Apolog. Sr. Apolonio, e com a presente, e entam responderám.

## C A P I T U L O XI.

### Etica.

Pag. 359. Como vejo que Modesto nam se cansou em dizer nada de novo, mas repizou o mesmo a que ja fica respondido; repizarei tambem as mesmas solusoens, aindaque mais brevemente.

Quiz Arsenio desfazer na carta da Etica, e nam achando razões para iso, dise certas propozisoens, em que mostrava nam entender os primeiros principios. O Apologista vendo as equivocasoens, em que tropejava, explicou-lhe, que a Etica fundava-se somente nas razões naturais, e a Teologia somente nas sobrenaturais ou reveladas. Que aquella convencendo aos Etnicos, e Deistas, abria a porta à Teologia Sobrenatural, que explica ontras verdades necessarias, e que supoem aquelas ja sabidas. Mas que os Moralistas confundiam estas materias, nam separando a razam da revelasam: o que porem faziam os Modernos, com grande utilidade da Religiam Natural. Esta é a sustancia. Suposto isto, respondeo às propozisoens de Arsenio.

1. *Que ensinando a Teologia os officios, que o Filozoso ignora, que necessidade tem esta de Etica?* Respondeo-se, que tem necessidade d'ela para convencer os Deistas, asimcomo tem necessidade da Teologia Natural para convencer os Ateos.

Replica Modesto: *Que na Teologia se-trata tudo o que pertence à Etica, e se-emendam todos os erros dos Gentios.* (1) *Que nella se-acham deduzidas todas as razões naturais unidas com as verdades reveladas.* (2) *Que a Teologia envolve tudo o que é preciso da Etica . . . e nam é necessario aos Teologos estudala separada.* (3) *Que o P. Arsenio nunca dese, que nam servia a Etica, antes confesou ser util: negou ser necessario aos Teologos o seo uzo separado, quando é preciso entrar na Teologia.* (4) *Que os Deistas sam os que nam crem senam o que o entendimento pode alcanzar com o conhecimento natural . . . e que para estes a Etica pouco pode aproveitar . . . E que se o Gentio negar as leis da Etica, como lho am de provar?* (5) Esta é toda a solusam.

Mas

[1] *Conversasam pag. 359.* (2) *pag. 360.* (3) *pag. 361.* [4] *pag. 362.* (5) *pag. 363.*

Mas esta solufam nam dezata o argumento . Primeiramente, difo fe queixa o Barb. , que os Teologos nam tratem separadamente uma ciencia , que fe-deve tratar separada : porque tem por fim confutar aos inimigos da religiam revelada , os quais nam fe-confutam no meio dos tratados dela , que nam admitem : mas devem fe confutar antes , para proceder com boa ordem : pois porque primeiro devemos confutar os que nam crem , e despois ensinar aos que crem . Alem difo os Escolasticos nos feos escritos tratam superficialmente algumas queftoens naturais , mas nam tratam o que é necesario para convencer incredulos Deiftas : e tanto nam tocam os pontos principais para os convencer , que nem menos sabem que existem tais incredulos , como vemos no nofo Teologo Modesto : e fe-prova claramente , comparando as Eticas Modernas com os Moralistas Uulgares . E emporta muito ao Teologo nam confundir a razam com a revelafam , para poder confutar aos que nam admitem esta : porque os que a-admitem , nam necessitam de razoens naturais , basta expor-lhe o que está revelado .

Daqui fe-infero ; que Arsenio negou a utilidade , e necessidade da Etica no sentido proprio , em que a-tomou o Barb. e Apolog. como necessaria para confutar Deiftas : e que nifo errou : o que porem Modesto nam defende .

Pag. 363. Pasemos aos Deiftas , em que Modesto carece de noticias . Distinguem os Teologos Naturais 4. castas de Deiftas . 1. Alguns-crem a existencia de um Deos criador do Mundo , mas nam crem a providencia , e dizem , que Deos nam governa o Mundo , ou ao menos os Omens . 2. Outros admitem Deos , e providencia , mas dizem , que Deos nam poem diferenza entre as afoens boas , ou más : e que a diferenfa provém fo das leis humanas . 3. Outros admitem Deos , providencia , e os atributos , a que chamam morais , de *justifa* , *bondade* , *verdade* , mas nam admitem a immortalidade da alma . 4. Outros dizem , que crem em Deos , e em todos os feos atributos , e efeitos , quero dizer , na Religiam Natural ; mas negam a Religiam Revelada : isto é , negam que Deos revelãe coiza alguma aos Omens : e eltes sam os mais proprios Deiftas . Estas 4. castas de impios se-acham em Inglaterra , e em outras partes . [1] E os antigos Filozofos , v. g. Aristoteles , Platam , Estoicos , aindaque sejam Ateos de 2. classe , porque admitindo a Divindade , negam os principais atributos dela ; contudo sam tambem Deiftas , porque alguns nam admitiram a Religiam Natural ; e nenhum deles admitio revelafam alguma , ou Religiam Sobrenatural .

Suposta esta doutrina , os Deiftas Modernos convencem-se com a-boua razam , que mostra , que o Omem independentemente de toda a lei *positiva* de Deos , ou da revelafam , é obrigado a observar as leis da *justifa* , *bondade* , e *verdade* , para utilidade do genero humano : e isto precindindo de toda a recompensa , e castigo , tanto presente , como futuro ; tanto nesta , como na outra vida . A isto chamamos *Religiam Natural* , ou *Moral Natural* , ou *Etica* . Esta primeira parte é contra alguns Deiftas . v. g. Hobbes , e tem mil pontos de grande considerafam , que é necessario provar com muito juizo , e muito boa Filozofia , porque se-fala com adversarios mui delicados , e bem eruditos .

Daqui se-pasa à 2. parte da *Etica* ; que prova , que o genero humano tinha necessidade de leis reveladas , que ensinafem o modo de livrar-se do miseravel estado em que o-poz o primeiro pecado : e lhe-ensinafem os officios ou afoens necessarias para iso . Nesta parte convencem-se os ultimos Deiftas , que aponteí , v. g. o Autor Inglez do livro intitulado *Oraculos da Razam* : e tudo com razoens naturais , sem falar em revelafam . Daqui pois se-pasa à 3. parte , em que se-prova ,  
que

(1) Lede o Samuel Clarke de la Religion Naturele c. 2. que explica tudo , e os-convence.

que esta revelavam se fez aos Judeos, e Cristãos. Este ultimo tratado, a que chamam *Verdade da Religiam Cristã*, é consequencia, e parte da *Religiam Natural*.

Segue-se daqui, que a Faculdade Moral ou é *natural*, que prova a obrigafam natural, que temos de obedecer às leis naturais, e divinas, e as explica todas: a esta chamamos *Etica*: ou é *sobrenatural*, que é aquella parte da Teologia, que trata das leis, que Deos nos revelou, as quais explicam distintamente muitas coizas, que nam se acham na mera *Etica*: v. g. a necessidade do Mediador: os officios ou obrigaçoens, que ele nos impoz de crer, e fazer muitas coizas, para conleguir a bemaventuranfa sobrenatural: ao que chamamos *Teologia Moral*, ou *Moral Sobrenatural*, e que supoem ja a um omem convencido com a razam.

O *Moral Natural* ou *Etica* compreende materias muito difficultozas, que os Moralistas, nem tocam, nem provam: E por iso o Clarke, o Bentley [1] o Cheyne (2) o Diroys [3] e outros Modernos trataram esta materia com grande criterio, e doutrina Filozofica contra os modernos Deistas, que so admitem as razoens. Se o Teologo Modesto tivesse noticia destes AA. e lido estas materias, nam se admiraria do que diz o Apologista. E por iso deveis dizer-lhe, que antes de pegar na pena, enforme-se com quem estudou as materias, para poder entender o que lhe dizem, e nam tropefar em tam pueris equivocacoens. E na verdade é lastima, que tendo-se advertido isto em todas as respostas, ainda o P. Modesto nam acabe de entendelo: e seja necessario estar dando estas lisoens a um Teologo tamanho!

Pag. 363. Resta a ultima pergunta, que asima fez Modesto, à qual respondo assim. Os dez Mandamentos aindaque se posam chamar principios da *Etica Sobrenatural*, contudo em rigor nam sam leis, e principios da *Etica Natural*: sam conclusçoens dela, provadas com muitas razoens antecedentes, de que *per argumentationem* se infere, que *devo amar a Deos, e ao Proximo*. E assim se o Gentio negar algum Mandamento, polo provar-lho com as razoens da *Etica*, que sam evidentes. Se me negar estas razoens por ignorancia, ou inadvertencia, explico-lhe os termos, como nas materias evidentes, que é o que basta. Se por malicia e teima, *cum caxamorris*: e nam tem outra resposta, nem lha-achará Modesto. E temos ja que Modesto nam responde ao Apolog.

2. Dize Arsenio, que era maior erro dizer, que a *Etica* dispuzese os omens para receber a *Religiam*. Moltrouse-lhe, que dispunha os Deistas para iso, como disse asima. A isto nam responde o omem.

3. Dize mais Arsenio, que é *escurissimo* dizer, que a *Teologia* reconhece a origem da natureza corrupta: aponta os meios tirados da revelafam. O Apolog. referio-se à pag. 78. 79. em que o explica. Modesto tambem nam responde a isto.

4. Dize mais Arsenio, que falsamente diz o Barb. que basta saber as regras de Direito para os cazos repentinos. Responde o Apolog. que acrecente as palavras, e as entende bem: e que se lembre, que ali se fala com principiantes: e que o mesmo argumento se pode voltar contra os dez Mandamentos.

Replica Modesto, que quem posue, e entende bem isto nam é principiante, mas um

(1) Impugnafam da liberdade de pensar em materia de Religiam. Franc. ou Italiano.

(2) Principios Filozoficos da Religiam Natural. Napoles. 1729. Em Italiano, ou Inglez.

(3) Provas da Religiam Católica contra as falsas Religioens, e Ateismo. Pariz. 1683. Franc.

um grande Jurisperito. (1) Negamos duas coizas: 1. que o Barb. dese o conselho a quem ja sabia as regras, mas a alguns amigos, que nam tinham noticia destas coizas. (2) 2. que o saber as regras de Direito constitua um grande Jurisperito: principalmente na opiniam de Arsenio, que, seguindo ao Jurisconsulto das legoas, asenta que o Direito é infinito. As outras respostas ficaram no tinteiro de Modesto.

5. Dise Arsenio, que errou o Barb. dizendo, que os Cazuilas comumente nam dam razam do que dizem, mas copeiam-se uns a outros. Responde o Apolog. (3) que ele so nega que dem boas razoens naturais: pois os compara com Cicero, Seneca, Plutarco, que se fundam na boa razam ou Etica. Toda a solufam, que a isto dá Modesto; consiste em tomar a palavra Teologos por todos: e a palavra sombra em todo o rigor. Mas quer-se mui pouco juizo para entender, que sombra é uma exagerafam: e que a primeira propozifam fala daqueles Moralistas, que nam se fundam em boa razam, que é a maior parte deles.

Ao que diz do probabilifmo, e de Tirso Gonzales, e Concina, ja respondeo o Sr. Apolonio. (4) As outras propozifoes do Barbad. que la cita em cursivo, [5] nam se achou Modesto com rezolufam de provar que sam falsas, que era a sua obrigafam. Porque dizer, que nam lhe-mostraram uma unica propozifam, que se-reprove por ser provavel; (6) nam so nam é resposta, mas é supor aquilo mesmo que se-controverte: porque por serem provaveis nam se-condenam, mas polo parecerem a muitos. Devia provar Modesto, que a tal propozifam antes da condenafam nam era provavel nem intrinsece, nem extrinsece: e nese cazo tollitur questio. A rezolufam dos cazos de Moral, que propoem aqui, pertence de jure ao doutifimo Teologo Modesto, em obzequio do qual nam devemos, nem podemos falar em tal.

6. Dise mais Arsenio, que para saber que coiza é vicio, é necessario consultar a Teologia de Actibus humanis. Mostra o Apolog. que isto é falso, porque o que dizem os Teologos, tiraram da Etica. Mostra, que aqui nam fala das virtudes sobrenaturais, mas das naturais, no sentido de Aristoteles, Panecio, Cicero &c. Que responde Modesto? prava, que as virtudes naturais pertensam à Teologia sobrenatural? nam senhor: so diz, que na dita se-devem achar: e que tambem as sobrenaturais sam conformes à razam. (7) Agrada-vos a resposta? pois valci-vos dela.

Ao ponto da Astrologia, ja respondeo o Sr. Apolonio. (8)

Pag. 372. Até sobre o elenco das questoes, que insinuou o Barb., tem graves escrupulos o noso timorato Modesto. Dezeja saber, se a Etica, que ensina a suprema felicidade, e as virtudes, é a dos Gentios. Respondei-lhe, que alguns Gentios conhecêram, que a nosa bemaventuranfa natural consiste no conhecimento, e amor de Deos. Outros ensinaram boas regras de virtudes, v. g. Cicero, e os Estoicos, que ainda existem. Mas como nam sequiram iso que conheciam, e nam acertaram em tudo, (9) por iso devemos suprir as suas faltas: e provar com a boa razam, que a felicidade do Omem nam é so nesta vida, mas na outra. E devemos explicar os ofcios ou obrigafoens do Omem melhor doque eles fizeram. Isto é o que oje fazem os Modernos: por cuja razam as Eticas destes sam as que

(1) Conversas pag. 364.

(2) Metodo tom. 2. pag. 65.

(3) Resposta p. 83.

[4] Parecer p. 97. 98.

(5) Conversafam pag. 369.

(6) Ibi pag. 366.

(7) Convers. p. 370.

(8) Parecer p. 77.

(9) Quia quod notum est Dei manifestum est in illis, Deus enim illis manifestavit. --- ita ut sint inexcusabiles. Quia cum cognovissent Deum, non sicut Deum glorificaverunt, aut gratias egerunt. Paulus Roman. I. v. 19. 20. 21. Qui cum justitiam Dei cognovissent, non intellexerunt, quoniam qui talia agunt, digni sunt morte. ibid. v. 32.

que devemos ler e abraçar : o que nam percebendo Modesto , applicou o caso aos Gentios .

Pag. 473. Dize o Barb. *Nas escolas da Antiquidade se-davam belissimos preceitos para a vida*. E que temos contra isto, P. muito Reverendo? que? Nam concorda com a *Resposta*, em que diz: *Os Antigos nam obraram bem em tudo*. nam concorda com dizer, *que qualquer pobre mulher Catolica sabe mais verdades importantes, que Platam: e que aprendemos mais em poucas paginas nosas, que em todo Platam*. nam concorda com dizer, *que em Plutarco, Cicero, e Seneca acham-se mais principios de boa razam, doque em alguns Teologos*. [ alim deve entendelo ]

So a grande perspicacia do noso amigo Modesto podia achar aqui contradicções ! Certo é, que os Antigos deram belos principios de virtudes morais, que sam os mesmos que nos oje seguimos, e seguem os Peripateticos, com Aristot. Certo é, que eles obraram bem em muitas coizas: alias todas as suas virtudes feriam pecados. Certo é, que nam sabendo as verdades morais, que ensina a fé, deviam saber menos, que qualquer pobre mulher Catolica. Certo tambem é, que tratando aqueles trez Filozofos muitas materias morais fundados nam em metafizicas, e autoridades extrinsecas, mas na boa razam evidente; escreveram melhor nesta parte, que aqueles inumeraveis Cazuiistas, que, sem examinarem a materia com os ditos principios, se-copeiam fielmente. Aqui tendes concordadas as antinômias.

Pag. 374. Dize o Barb. de passagem, continuando o elenco das questões, *que a ignorancia, medo, concupiscencia, sam trez coizas, que se-opoem à liberdade dos atos*: e nem provou, nem quiz provar tal. Mas nam foi necesario mais paraque o noso Modesto nam dezenrolase aqui toda a sua Teologia. Mas teria poupado o trabalho se reparase, que ele nam dize, que todas trez se-opunham à liberdade do mesmo modo. E basta que se-oponham no sentido, que S. P. admite, *secundum quid*, para ser verdadeira a propozisam, e futil o reparo. E precindo agora destes pontos, em que nam faltava que dizer.

Tendes visto o que produzio de novo o noso Moralista Modesto. Ora sabeí, que isto no Lexicon deste P. chama-se, *confutar fundamentalmente a Carta Etica do Barbadinho*.

## C A P I T U L O XII.

### Medicina.

**D**Eixando arengas, e ditinhos, cuja resposta está à flor da terra, falarei no que pertence à prezente controversia.

Admirou-se Arsenio que o Barbad. disese, (1) *que todos os Medicos devem ao menos saber a teorica da Cirurgia ... e todos os Cirurgioens, ... ao menos ver alguns requizitos medicos, boa Filozofia, Anatomia, uzo das partes, e perfeitas Instituiçoens Cirurgicas*: e dize, *que queria que o Medico fosse Cirurgiam, e que dava uma forte razam, porque em Lisboa á um Medico, que é Cirurgiammôr*. Confutou-se esta calunia mostrando, que na tal pagina nam dá tal razam, mas mostra a necessidade da tal ciencia: e na pag. 95. provando que o Medico deve ser Cirurgiam e Anatomico, tinha tocado o ponto do Cirurgiammôr. Pergunto: prova Modesto, que nam ouve tal calunia? nam senhor. Ergo.

N

A sua

[1] *Metodo tom. 2. p. 115.*

A sua resposta tem duas partes. 1. *Que se Ippocrates fosse tambem Muzico, nam se-provaria, que a Muzica era necessaria.* Assim é, porque nam tem conexam: mas a Cirurgia é parte da Medicina Practica, que se divide em Cirurgia, Dietetica, e Farmaceutica. 2. *Que sempre o Cirurgiam foi distinto do Medico.* Como se o Barb. dise, que nam devem ser distintos. O que diz é, que deve o Medico saber a teorica, para ensinar ao Cirurgiam em caso de erro: e aqui temos Medico, e Cirurgiam distintos. E como Modesto concede, que o Medico deve ser instruido na Anatomia, nam achamos diversa razam para nam ser instruido na Cirurgia. E temos exemplo em Ippocrates [1] Celso (2) Galeno [3] que escreveram de Cirurgia, e a-fouberam fundamentalmente.

Pag. 377. Dise Arsenio, *que basta estudar a Anatomia por estampas: e que por final nam concordam.* Respondeose-lhe, *que será Anatomico de estampas.* Replica Modesto, *que nam se-segue que das nam bastem ao Medico para curar as enfermidades, posto que nam bastardm para todas as operasoens do Cirurgiam.* Aqui temos, que ja o Cirurgiam deve estudar sobre o Corpo umano: e se apertamos mais, tambem o Medico se-matriculará niso.

Mas compendiamos as suas razoens, que se-reduzem a isto: *Aindaque o Medico fasa mil anatomias, se nam se-valer das experiencias dos medicamentos applicados em semelhantes cazos, nunca curará a doensa: porque o Medico nam abre o doente, so cura por conjeturas, que sam faliveis. A mesma febre ou dor pode vir de varias cauzas, e mal pode saber o Medico a parte queixoza aindaque saiba todas de cor: e per esa razam nenhumas anatomias tem ajudado para acudir às epidemias.*

A tudo isto se-tem ja respondido, para quem o-entende: mas direi o que basta. Serem necesarios medicamentos nam é o mesmo, que nam ser necessaria Anatomia. Ambos sam necesarios: esta para indicar onde está o mal: aqueles para o-curarem, se tem lugar. E muitas vezes sem outro remedio topico, mas com o mero conhecimento da machina, applicando lhe uma sangria, cura o Medico doensas rebeldissimas, e extraordinarias: como prova a artereotomia, com que Boerhaave curou aquela convulsam do queixo. [4]

Mais. Concedo, que o Medico cura algumas vezes por conjetura: [muitas cura com evidencia] mas por iso mesmo necessita de um conhecimento perfeito de todas as partes do vivente: porque se com toda a Anatomia, varias vezes conjetura; que fará se nam souber Anatomia? Como pode um Medico conhecer um polipo, uma aneurisma, um inossamento da interior tunica das carotides, ou uma idatide, sem perfeito conhecimento da Anatomia? Chamarlheá flatos, ou outro nome, e errará a cura: como prova o doutissimo Macop na sua aurea Epistola de Aorte polypo. Quem ensinou a conhecer muitos males internos, senam o Bonetto na Colelam Anatomica, que fez, em que com a Anatomia dos cadaveres manifestou muitas doensas, e deo o metodo de curalas?

Tambem falsamente diz, *que nenhumas anatomias tem ajudado para as epidemias: porque nam so as epidemias, mas a peste formal com as anatomias se-conhecem, e curam.* E por iso o tribunal da Saude em todos os reinos cultos, quando á suspeita de peste, manda abrir os cadaveres, para observar o efeito da peste,

(1) In sect. 6. Operum edit. Foessi.

(2) Comment. Chirurg. Hippocraticæ.

(3) De Calculo, & Fistula Lacrymali.

(4) Metodo tom. 2. pag. 94.

peste, conhecer as precauções necessárias, e o método de curala. E o mesmo se deve dizer das epidemias.

E quem pode conhecer a qualidade do veneno predominante nas epidemias, e peste, que consiste em partes tam sutis, que nem com o microscopio se dividam, senam polos efeitos, que vemos nos cadaveres abertos? O celebre Mr. *Didier* da Academia das Ciencias de Pariz, para investigar isto, fez diversas experiencias com a bile dos cadaveres empestados, que infundio nas veias de varios caens, para ver se produzia o mesmo efeito, de buboens, carbuncos &c. como succedeo. Mr. *Couzier nas Transações Anglicanas*, infundio na veia crural de um cam a urina, e sangue de um omem empestado, e observou que produzia a mesma peste: e daqui tirou as consequencias necessárias para curar, ou preservar.

Se *Modelsto* quer dizer, que no primeiro ingresso da epidemia, ou peste nam se-conhece logo a qualidade do veneno, ainda esta propozifam algumas vezes é falsa: porque no tempo da ultima peste de *Marselle*, estando *Boerhaave* em *Olanda*, e achando-se inficionado, pronosticou os efeitos, e ensinou a seus irmaons como deviam curalo, quando ele *Boerhaave* se-achase carregado com o mal, (1) o que tudo succedeo. Se porem *Modelsto* diz, que o abrir os cadaveres nam ajuda para curar as epidemias, está mal enformado. Diga ao *Galenico*, que lhe-deo a noticia, que leia mais algum livro moderno, e que consulte o *Joam Conrado Peyero* no *Método das Historias Anatomico-Medicis*, o *Boerhaave*, e a prefasam de *Cornelio Celso*, e achará a resposta.

Pag. 379. Repete *Modelsto* o mesmo a que ja respondeo o *Apolog.*: e despois argumenta assim: *Qualquer grande mestre de relogios, aindaque saiba a anatomia deles, nam pode curar um relógio parado sem o-abrir. Logo o mesmo succederá ao Anatomico.*

Nego a consequencia: a disparidade 1. é: O relógio parado está muito caladinho, e nam dá sinal de si. Polo contrario o doente diz onde lhe-doe: e o *Medico* com perguntas lho-tira do buxo. E quando nam se-explica bem, pola urina, pulso, e outros sintomas conhece qual é a parte molesta, valendo-se do conhecimento da machina, e do uzo das partes. Nam nego que isto em algumas doensas se-verifica mais que em outras: mas para isto serve a *Semiotica*, que aponta os sinais.

A 2. é: As doensas dos relogios consistem em rodas rotas, cadeias quebradas &c. que nam se-podem curar por fora, mas deve-se abrir o relógio para se-porem outras. Mas as doensas do corpo ou estam no solido, v. g. roturas de vazos, polipos &c. e estas nam tem remedio: e so quando sam mais exteriores, v. g. a aneurisma no braço, se-podem curar. Ou sam no fluido, e estas podem se curar de fora ou pola boca ( que é o canal por onde entram o comer, e beber productivos dos tais fluidos ) ou de outro modo. E os *Galenicos* curam algumas mais facis sem abrirem a machina: e melhor curariam estas, e poderiam curar outras, que nam chegam a conhecer, se tivessem noticia da machina umana. Finalmente é tam evidente a necessidade, que tem o *Medico* da Anatomia, que até o *Jezuista Fichet* (2) dividindo a Medicina da mesma forte que o *Barb.*, chama à *Anatomia* parte da *Fiziologia*: e à *Cirurgia* parte da *Therapeutica*.

Pag. 378. Dise *Arsenio* muito admirado, que a arterectomia era perigoza, e perigozissima. Perguntou o *Apolog.* se daqui se-seguia, que nam deviam os *Cirurgi-ens*

N 2

(1) Na vida de *Boerhaave*, escrita por um dicipulo.  
 (2) *Methodus, Classis scientiarum cap. 5. de Medicina.*

*ens fabela?* Responde Modesto, que nam tirou tal ilafam. Assim é, que a nam tirou claramente, mas segue-se: alias paraque se-admira? quem lhe-dise, que nam era perigoza?

Tambem nam prova Modesto, que a cura do Florentino se-fizefe com olio de nabos, que era a calunia que dise Arsenio.

Pag. 381. Provou o Barb. com a experiencia propria, e de Cirurgioens, que as mulheres formozas nam fazem asanhar as fridas, como fingio o Curvo: e de pagagem dise, que este é o costume dos Galenicos, deduzir aforismos gerais de algum cazo, que nam examinaram bem. Modesto nam gosta desta concluzam: mas nam é este o ponto. Prova Modesto, que o Curvo dise a verdade, e que a experiencia constante a-confirma? nam senhor. Logo nam prova nada.

Pag. 382. Define Arsenio, que os remedios de muitos ingredientes, aindaque levem algum superfluo, nam seja este nocivo: nem seja necesario examinalo com diferentes combinaçoens. Respondeo o Apolog. que sem ter feito diferentes combinaçoens, v. g. na cotovia queimada, nam se-segue tal consequencia.

Elstranha agora Modesto esta *Logica Moderna*, e diz, que se-segue o contrario, e a razam é clara, porque se o Medico fizefe aquelas combinaçoens separadas, e por elas alcançasse qual era a parte medicinal, esa so devia queimar. Mas esta *Logica antiga* supoem o mesmo que se-disputa. Concedo, que se ele combinando achar so uma parte medicinal, esa é a que deve queimar. Mas para achar esa parte, quantas combinaçoens é necesario fazer? como pode sem elas advinhalo? como pode afirmar, que sam necesarios dois ou trez entre dez ingredientes, sem o-experimentar? que certeza tem, que aqueles dez, a que chama indifferentes, unidos com os bons nam fasam alguma fermentasam pessima sem o-experimentar? rezolva o leitor.

Pag. 384. Dise Arsenio, que morrendo fora de Portugal tantos omens como em Portugal, é bem claro, que aqueles Medicos nam sam melhores. Respondeo o Apolog. que vivendo na Etiopia, e Japam v. g. os omens mais, que em Portugal, se seguirãt zambem, que aqueles Medicos sam melhores, que os Portuguezes.

Aqui Modesto diz muita coiza bonita, que nam vem ao ponto. O certo é, que nem a vida larga, nem breve dos omens de uma provincia e reino prova, que os Medicos sam bons, ou maos: porque a vida larga pode provir das fibras fo rtes, do ar, dos comeres, da temperansa &c. a vida breve pode nacer de roturas de vasos, de intemperansa, e de outras cauzas, em que nam influe o Medico. Sempre morrãram omens de todas as idades, e sempre morrerãram, porque o Medico nam pode emendar a natureza corrompida polo primeiro pecado: o que pode fazer é, ajudala quando se-pode: ou dezenganar ao doente, quando nam se-pode. Mas a nosa questam é, se um bom Medico Mecanico sabe conhecer melhor as cauzas das enfermidades, e por consequencia, curalas quando tem lugar, doque o mero Galenico. E nenhum omem de juizo pode duvidar disto, lendo as curas, que a Anatomia, e Fizica Mecanica tem ensinado a fazer. Basta ler o citado Bonetti *Sepulchretum Anatomicum*, Sanctorini *Observaçoens Anatomicas*, Boerhaave, e outros, que cita o Barb. para achar provas irrefragaveis. E lembrai-vos, que o mesmo Galeno, nam obstante que no seo tempo se-sabia pouca Anatomia, conheceo, e confesou, que a Anatomia est oculus dexter. *Medicina*.

Pag. 386. Dise Arsenio, que se a experiencia mostra, que Galeno manda sangrar, e purgar a tempo, e com iso alivia ao doente, que nos-emporta, que a sua Filozofia seja desta, ou daquela sorte? Esta propozisam supoem como certo aquilo mesmo que se-disputa, que a experiencia o-mostre sem boa Fizica. Por iso respondeo bem, e provou o Apolog. [1] que a experiencia nam pode mostrar tal sem que o Medico

(1) Resposta pag. 91.

dico forme justa ideia da boa Anatomia, boa Medicina, e boa Fizica.

Modesto tanto nam respondeo a este argumento, que nem menos entende o que queria dizer, *justa ideia do corpo, e suas partes*: e pergunta, *se é a de Aristoteles, se de Cartezio &c.* Contudo o Apolog. muito bem explicou, que *justa ideia de corpo*, quer dizer *Anatomia*, a qual é de todos os Filozofos, e *justa ideia de doensas*, quer dizer *Medicina*, a qual é de todos os AA. citados: pois quem conhece as partes, e seo uzo, sabe conjeturar como se pode impedir, e restabelecer as partes, e seo uzo, sabe conjeturar como se pode impedir, e restabelecer. E isto confessa Galeno tratando de *Usu partium*. *Justa ideia do remedio ou Fizica* tambem é necessaria: porque se eu conhecendo que a colica v. g. é uma crispa-tura de fibras, que necessitam relaxar-se; lhe-aplicar por ignorancia, como mil vezes succede, um remedio acre e irritante, errarei a cura.

Pag. 388. Pasemos à *Quina*. Diz Modetto, que para aproveitar nas cezoens, tanto emporta, que se componha o corpo do modo que explicam os Peripateticos, ou como querem Leucipo, Empedocles, Cartezio. Se fala dos principios insensiveis dos corpos, em que diferem os ditos Filozofos, (como parece que fala, seguindo a Arsenio) tem razam: mas devia lembrar-se, que o Barb. advertio (1) que estes nam servem para a *Fizica Mecanica*, nem para a *Medicina*: e que nem os mesmos Filozofos salam nisto com fundamento: e assim toda a sua caraminhola caie a terra. Se porem fala do *corpo humano*, nese cazo confunde os principios Fizicos insensiveis, que sam inutis, com a *Anatomia*, que é necessaria: e em ambos os cazos nada prova contra o Barb. quem bem se-declarou.

Diz mais este escriptor de *Medicina*: que o alveitar com as suas receitas e remedios fara os animais sem atender a mais compozisam, senam que tem corpo, veias para sangrar, fundado na experiencia das suas medicinas. Se isto assim é, porque nam os sangra nos olhos, e nas arterias? Mas o noso Modesto está mal enformado nisto. O cavallo é uma machina no seo genero tam perfeita como a do omem: ambas podem ter semelhantes doensas: e se o cavallo nam tem tantas, provém da fibra mais robusta, e da simplez natureza do seo sustento. E se a Anatomia do omem pode servir para a cura, tambem a do cavallo. Por isto vemos muitas doensas nas bestas, que os alveitares nam sabem curar, porque nam conhecem bem a machina, e a besta nam fala: e nam pode explicar o mal que lhe-fazem muitas receitas mal applicadas, e por isto nam conhecemos os erros deles. Contudo até nisto milita a boa *Fizica*: e lemos no *Dicionario Economico* de Mr. Chomel muitos remedios para cavalos, applicados com boa *Filozofia*, que os alveitares comuns nam sabem: e daqui inferimos, que alguns remedios bons, que eles oje applicam por tradisam, e algumas vezes produzem efeito, foram inventados por alguns bons Filozofos, e nam por estes alveitares ignorantes.

Va um cazito sucedido em Beja. Certo Medico velho tinha uma mula, que dando um dia na estrevaria com o rabo em uma foice, cortou metade, e se-elvaio em sangue. Chamado o alveitar, disse ao Medico, que era necessario sangrala. Replica o Medico: *Omem de Deos, que necessidade acha vose de sangrar uma mula, que verteo tanto sangue?* Respondeo o alveitar: *porque é mula*. Com estes talvez ter falado o noso Modetto, e por isto discorre assim.

Pag. 390. Admira-se Modetto, que o Barb. diga, que se o Medico nam sabe o sistema das cores, nam poderá curar as enfermidades dos olhos: e pergunta qual é esse

siste-

*sistema*. Respondei-lhe, que leia o Boerhaave (1) que lhe-explicará a conexam, pois nam é negocio para este lugar.

Pag. 391. Diz aqui coizas maravilhozas . 1. Que antes de Harveo se-tinha mostrado a circulafam do fangue, e que Iocrates, Arist. e Galeno a-sabiam. 2. *Que deviam os Modernos dar um novo metodo de curar as enfermidades, que procedem da falta de circulafam, o que nam fizeram.* 3. *Que se-aproveiãram dos Iocraticos, e Galenistas: e que os Modernos so em meras palavras se-distinguem dos Galenistas.*

Tudo isto é falso. Falso o 1. porque nenhum Antigo conheceo a verdadeira circulafam do fangue. (2) Diziam, que do corafam-faã o fangue tanto polas veias, como polas arterias para nutrir as partes do corpo: mas nenhum conheceo, que tornava polas veias para o corafam. E so diziam, que o chilo abforbido nas veias mezentericas corria com movimento inverfo e contrario polas mesmas veias; e no figado, que eles tinham por fonte de todas as veias, se-cozia, e adquiria natureza de fangue. Deforteque para o corafam so tornava o umor alimenticio cozido no figado. Iocrates defendeo isto, persuadindo-se, que o fangue no mesmo tempo corria polas veias com movimentos contrarios: o que declara Aristoteles; que refutou a sentença de Iocrates, como pode ler no Daniel Clerc (3) e Schultzio (4) e Pitcarnio, (5) que provam isto lindamente. Nem Galeno, que foi um dos melhores Interpretres de Iocrates, suspeitou tal circulafam. Conheceo Galeno (6) o uzo das valvulas do corafam: conheceo, que ambas as veias conduziã ao corafam: mas nam pasou para diante: e errou em dizer, que so o espirito vital torna para o corafam pola veia pulmonar: e que do corafam saie parte do fangue pola arteria pulmonar, para nutrir o tal pulmã ou bofe: e parte pasã *per septum cordis*, e ajuntando-se com o espirito vital, que vem do bofe, se-formã fangue arteriozo. (7) E finalmente, a prova evidente, de que todos ignorãram a verdadeira circulafam do fangue, é, que nuãca se-valem dela para explicar as doensas, e curalas, como fazem os Modernos. E como podiam os Antigos sabella, se o grande Vessalio, que no seculo XVI. soube mais Anatomia, que todos os Antigos juntos, nam chegou a perceber a verdadeira circulafam, nam obstante estar vendo a figura, e direfã dos vazos sanguiferos, que a-indicã.

Deveis alem diso explicar ao noso Modesto, que-antes de Harveo, o *Serveto*, o *Columbo*, o *Andre Cezalpino* conhecẽram parte de circulafam: mas nam explicãram, e demonstrãram toda, como fez Harveo, por cuja razã merece justamente o titulo de *inventor*. Dizei lhe mais, que despois de Harveo, alguns Medicos de fama, v. g. *Primirofio*, *Liceto*, *C. Hofmanno*, *Emilio Parisino*, *Leichner*, e outros quizerã consultar esta circulafam. Porque este é o effeito das coizas novas, que aindaque sejam evidentes, achã prontos varios opozitores, que fechã os olhos à verdade: como v. g. *Londres*, e *Pariz*. Mas desde o ano 1660. nenhum

Ga-

(1) *Boerhaave Instit. Medic. de Oeconomia Animalis* §. 531. leia-se o seg. §. onde explica a vizã. & *ibi Haller*.

(2) *Consiste nisto: Entra polas veias cava &c. na orelha e ventriculo direito do corafam: daqui pasã pola arteria aos bofes, donde torna pola veia para o ventriculo esquerdo do corafam. Daqui saie pola orelha esquerda, entra nas arterias, e se-difunde por todo o corpo, e torna polas veias para o ventriculo direito.*

(3) *Histoire de la Medicin* pag. 127. edit. ann. 1724.

(4) *Histor. Medic. Period. 1. sect. 3. c. 11. §. 5.*

(5) *Problem. de Invent.*

(6) *De usu partium* l. 6. c. 10. & 15.

(7) *Galeno ibid* c. 17. e 19.

Galenico douto duvida desta circulafam. Dizei-lhe mais, que leia o Haller in *Notis ad Boerhaave* §. 160. *seqq.* que lhe-explicará nam fo isto, mas a utilidade da transfuzam do fangue, fe acazo se fizefe com reflexam, e fo em alguns cazos. Aqui tendes, que este P. que quer falar nellas materias como mestre, está totalmente em jejum nelas.

Falso o. 2. porque os Modernos tem achado o modo de aumentar o movimento retardado, como prova Boerhaave, e Bellini.

Falso o 3. porque aindaque os Modernos nos finais dos males, ou *Semiotica*, figam a Ipcrates, e Galeno, porque neste particular os Antigos escrevêram maravilhosamente: (1) contudo na explicafam dos fenomenos, nam fo diferem dos Galenicos em palavras, mas na fustancia, [ 2 ] e tambem na praxe decurar. E paraque o nofo Modesto entenda o que diz o Barb., e nam confunda o branco com o negro como aqui faz, ensinai-lhe, que o ponto principal dos Modernos é, restaurar o antigo metodo de Ipcrates, e emendalo com as luzes da Filozofia Mecanica: como pode ver em Boerhaave na fua bela orafam de *Commendando studio Hippocratico* (\*). Nam fei fe me-explico bem, e ele vos-entenderá. Em uma palavra, dizei ao nofo Modesto, que *leia, leia, e leia*: porque o ler quotidianamente por bons livros modernos, é bom para a faude do entendimento.

Pag. 396. Deixando outras coizas a que ja se-respondeo, pafemos à Teriaga: e diz afim: *Se os venenos obrando por tam diferentes modos sempre matam, porque nam pode a Teriaga opor-se a todos efes modos diversos? Muito mais confefando o Critico, que o que obra prov'm de dois ou trez ingredientes. Eis aí confefa virtude universal a efes dois, ou trez.*

O Barbad. cita aos maiores dois Medicos, que teve a Europa, que é Mead de *Venenis*, e Boerhaave de *Vi Medicamentorum*, Medico tam celebre, que o grande Rei D. Joam V. de glorioza memoria o-mandou convidar para Portugal. (3) Isto baíta neste lugar; porque nos ditos Medicos achará Modesto tudo o que dezeja, pois nam é-queftam para um Metodo. Mas quando nam baftefe, devia Modesto provar com bons fundamentos, que obrando um veneno no folido, e outro no fluido, a mesma Teriaga cura ambos, e nam parar na poffibilidade. Mas examinemos os dois entimemas, que fam bonitos.

1. *Os venenos obrando por tam diversos modos sempre matam. Logo a Teriaga pode opor-se a todos efes modos.* Nego fequi: alias conclue tambem efte: *O fulimam, a aneurifma, o volvulo, a idropezia, a Fizica, a pedra na bexiga, obrando por tam diferentes modos, sempre matam. Logo a todos fe-deve aplicar o mefmo remedio.*

2. *O Barb. confefa, que o pouco, que obra a Teriaga prov'm de dois ou trez ingredientes. [ Sam as palavras do Barb. ] Logo confefa virtude universal a efes dois*

ou

(1) *Hi ergo auftores (Hippocrates, & Galenus) legendi sunt in hac parte Semeioticæ, & semper legendi erunt per totam vitam, licet quis ad centum annos pervenerit.* Boerhaave de *Meth. Medic.* p. m. 445.

(2) *Diobus malis laborat Galenus. Nimia subtilitate divifionis; nam infpiciamus modo eum de urinis, & pulfibus, que omnia fubtilitate Peripatetica d' vifit. Alterum vitium efl, explicatio fignorum ex principiis Peripateticorum, ex quatuor humoribus. Utinam hec omiffet, & ordinatum fchemâ dediffet textus Hippocratici.* *ibid.* pag. 448.

(\*) *Leia tambem Mr. Bwker Inglez no livro: Conformidade da Medicina Pratica de Ipcrates, Sydenham, e Boerhaave fobre as doenas agudas &c. que fe-acba em Inglez, ou Francez.* *Amfterdam* 1749. 8.

(3) *Leia o Elog: critique de Mr. Boerhaave. A Cologne cbes Pierre Marteaux* 1747. pag. 138.

ou trez. Nego fequi: porque o pouco que obra, nam significa virtude universal em todos os cazos. Alem diso os Medicos mais doutos tem observado, que a Teriaga produz efeitos diferentes, todos opostos ao decantado uzo dela, que sam, aquentar, resfriar, cauzar dores &c.

*Ibidem*. Nam cre o cazo, que conta o Barb. de um animal refucidado com o fole aplicado à laringe. Tudo transforma este omem para censurar. Bem claro é, que estando rotos os vasos necesarios, nam se-pode reanimar, que entam seria milagre. Boerhaave supoem a machina inteira, e o animal exanimado por falta de movimento de corasam, cuja falta se continuãse algum tempo, seria impossivel reviver. E neste cazo diz, que com o fole se reanimou ou refucitou. E o mesmo diz o Jezuita Regnault e os Jezuitas de Trevoux [ 1 ] que tem mais noticia destas experiencias, doque todos os PP. Modestos.

Mas eu canfo-me debalde, em fazer reparos a todas estas ninharias: porque quem considera bem a Carta do Barb. acha a resposta de tudo isto. E assim concludo este capitulo com trez reparos. 1. Modesto supoem que o Barb. reprove as receitas de alguns ingredientes bons: mas falsamente, porque so reprova as grandes mexerofadas. 2. Modesto adverte sempre, que o Medico fulano, e sicrano é Italiano: como se o Barbad. disese, que todos os Italianos eram grandes Medicos: ou como se nam confesãse, que naquelas partes ainda se-acham muitos Galenicos. 3. Modesto inculca sempre as experiencias: como se o Barb. nam defendese a Fizica Mecanica, que compreende a Experimental. O que diz, que quando a experiencia nam é constante, e bem examinada, nam basta se nam se-aplica com bom raciocinio. (2)

Finalmente deveis advertir ao noso grande Modesto, que toda esta arenga era escuzada: porque como o Barb. propoem o metodo Moderno, que florece nos reinos Estrangeiros, com tanta gloria, e utilidade, iso basta para sua defeza. E dizei-lhe mais, que os mais empenhados polo Barb. sam alguns Medicos Portuguezes doutos, de muito bom juizo, e grande docilidade de animo, os quais ponderaram a *Carta da Medicina* com grandes elogios do autor.

CA-

(1) On a étranglé un chien, puis on l'a reanimé, en soufflant dans la trachée artère: on l'a étranglé, e reanimé plusieurs fois. Memoires de Trevoux. Fevr. 1728. p. 327. e Regnault. Entretiens tom.2 pag.344.

(2) Dirã V. P. que coniva a experiencia constante nam d'argumento. Concedo: mas iso é o que eu quizeria me-provassem, que avia uma experiencia constante, e iso é o que eu nego. Metodo tom.2.pag.108.

## C A P I T U L O XIII.

## Direito Civil, e Canonico,

## §. I.

*Direito Civil.*

**D**Eixemos a rarissima, e copiozissima erudisam, que aqui verte o incomparavel Jurisconsulto Modesto, para quem gostar dela : e vamos à questam.

Desde a pag. 397. até a pag. 417. fala Modesto do Direito Civil. Nas primeiras paginas até a pagina 415. acha-se interpetrasam de palavrinhas, conselhos, admirasoens, muita Teologia, coizas que nam tem conexam com o ponto : e a que ja respondeo o Apolog. e o Sr. Apolonio o que basta para quem o entende : se nam basta para o noso Modesto, tenha paciencia. E assim somente me-resta reparar em alguma propozisam mais notavel.

Pag. 403. Despois de referir algumas clauzulas do Barb. em que aponta os defeitos de varios Juristas, conclue assim : *Veja-se agora com que razam na Resposta nega ter dito, que em Portugal se nam sabe Direito.* Por desgrafa de Modesto, em todas as propozisoens do Barb. nam se-acha uma unica, que diga secamente : *Em Portugal nenhum omem sabe Direito* : mas todas falam de muitos, e de alguns em varios empregos, a que ele chama com o comum, *Bachareis*. E assim dise a verdade o Apologista, *que Aisenio escreveu uma calunia*. Mas quando o Barb. nam falase tam claro ; quando nam se-tivefe explicado em outros lugares ; bastava que a propozisam fosse *contingente*, paraque o noso Modesto com a sua Logica antiga a tomase em sentido particular, e nam universal.

Pag. 404. *Nega, que a Istoria seja fonte do Direito*. Tem razam, se toma a palavra *fonte* por *pai* : mas se a-toma no sentido do Barb. *que a Istoria é uma das fontes donde emanam as interpetrasoens do Direito Romano ou comum* ; dizem todos os bons Jurisconsultos, que nega mal, e que se-meteo a falar naquilo que nam entende. Ouvi o que eles dizem.

1. O grande Jurisconsulto Francisco Balduino, tratou *da necessidade da Istoria para a Jurisprudencia*. 2. O Marco Antonio Mureto mostra (1) a necessidade de saber perfeitamente Latim, e Grego, e as Antiguidades Romanas, para entender bem as Leis. 3. O Conrado Lago divide no seu *Metodo* o Direito em duas partes : Filozofica, que busca a verdade : Istorica, que prescreve as formas de Direito : e mostra com toda a erudisam, que a Istoria é parte do Direito. (2) 4. O Claudio Cantiuncula concorda niso. (3) E dos Modernos 5. o famoso Cristiano Tomazio, Conselheiro d'Elrei de Prusia, e Profesor de Filozofia, e Jurisprudencia

O

cia

(1) Tom. 1. Orat. XV. & Orat. XVII.

(2) *Methodus Juris Civilis* cap. 1. n. 9 & parte 2. per totam.

(3) *Jam historias habere cognitias quantopere sit Jurisconsulto necessarium, discere possumus* *apud D. Alciati exemplo. De Ratione studii Legalis* pag. 979.

cia, trata de propozito em varios lugares da necessidade da Iſtoria. (1) 6. O Heineccio, tambem Conſelheiro do meſmo Rei, e Leitor de Jurispr. e Filozof., expoz a materia melhor que ninguem: (2) e depois de dizer, que Alciato, Cujacio, Budeo, Balduino, e outros DD. do ſeculo XVI. com a Iſtoria emendaram, e illuſtraram a Jurispr.; acrecenta, que à imitaſam deles os Modernos abríram os olhos, e comeſaram a eſtudar a boa Logica, e Iſtoria Romana [ iſto meſmo inclcou o Barb. ] para explicarem as Leis: (3) e cita aos mais illuſtres Modernos. 7. O Jano Vincenzo Gravina Leitor em Roma, e letrado de vaſtiſſima doutrina no prezente ſeculo, trata eſta materia em diferentes lugares, (4) e nos-ensina, que Cujacio, imitando a Duareno, com a Filologia, em que entra a Iſtoria, é que interpetrou as Leis: e que é impoſſivel ſeparara Iſtoria da Jurisprudencia. (5)

Se quizeſe citar nam digo os inumeraveis Jurisconſultos Antigos, e Modernos, que defendem iſto meſmo; mas aqueles que tenho prezentes, quando eſcrevo iſto, aſogarvoſia com citaſoens: mas nam me-parece neceſario, tendo citado 7. Leitores publicos, tam conhecidos e eſtimados polas ſuas obras, e venerados como Coriſeos da Jurisprudencia nam ſo Civil, mas Politica, bons Filozofos, e que trataram eſta materia nam *obiter*, mas *ex profeſſo*: à viſta dos quais nam ſei que figura farám os PP. Modestos, e ſeos apaixonados.

E advirto mais, que eſtes que citei, como tambem o Voſſio, e o Duareno, e o Criſtovam Hegendorphino, em uma palavra, todos os Inſignes Jurisconſultos, que eſcreverám *Metodos de eſtudar Jurisprudencia*, concordemente dizem, que é neceſario tambem ſaber perfeitamente Latim, e Grego, e o-provam. E o que mais me-admirou foi, que confeſando o douto e elegante Jurisconſulto Cantiancula, que nam ſabia Grego; contudo com ſinceridade de grande Filozofos confeſa, (6) e prova com muitos exemplos, que é neceſario ſabelo.

A eſtes

[1] *Historia civilis, imprimis Romana, & Germanica, Juris studioſo aperit portam ad Jurisprudenciam publicam Imperii Romani, ut sine hac cecus & mutus ſit. Cautela circa præcognita Jurisprudentiæ.* p.m.64. Halæ 1710.

(2) *Agitur hic de iis, que ad ſtatum Republicæ Romanæ, ad legum orig. & rationes, ad ritus, & formulas, & ſollemnia Pop. Rom. verba, ipſumque veterum judiciorum ordinem pertinent, ſine quibus intelligi haud poſſunt leges Romanorum.* Syntagma Antiq. Roman. Jurisprud. illuſtrantium. in Præfat. primæ edition.

(3) *Verum ſuppedit demum Juriscons. tantæ barbariæ: Deusque hanc eis mentem dedit, ut cum illo legum ſtudio, præter accuratorem ratiocinandi artem, etiam Antiquitatum imprimis Romanarum hiftoriam conjungerent.* ibidem.

(4) *Historiarum lectio partim anteire debet, partim comitari Jus Civile. Ne quis enim initio ſit ad Jurispr. rudior, generatim ſaltem oportet animo anteaſta tempora comprehendere, ut reliqua vita, ubi otium erit, res geſtas cognoscat particulatim --- Occaſiones vero legum, tempora, cauſe, que maxime ſententiam aperiunt earum, omnia eruuntur ex Hiſtoriis.* Origines Juris, præfat.

(5) *Cujacius --- Philologos, & Hiſtoricos veteres numquam a Jurispr. diſtraxit: eorum enim ſtudio tamquam hamo ſe in Jure Civili piſcari dicebat. Sane qui Philologiam exiſtmet a Jurispr. poſſe divelli, idem petierit ut navis communis cum ſocio dividatur.* Orat. 3. de Jurispr. prope finem.

(6) *De Græcis quoque litteris, tamenſi mihi tam amicus Hercules nondum contigerit, ut eas vel a limine ſalutare licuerit, dicam tamen quod ſentio. Equidem quam grave malum ſit in Jure Civili Græcarum litterarum ignorantia, non leviculis conjecturis, ſed experimento deprehendi, & quotidie magno meo cum incommodo deprehendo. Nihil in hac parte præjudicatum aſſerim: tantum indicabo quantus ſit in hac profeſſione Juris Græcarum litterarum fructus.* ibid. pag. 978.

A estes pode juntar o Jezuita Possævino, que prova com boas razoes, (1) que nam so a Istoria Civil, mas a Ecclesiastica, e Sagrada é necessaria ao Jurista: e tambem o Latim em grao perfeito, e o Grego. E este Jezuita é autor de considerasam, porque na sua *Biblioteca* tratou de propozito do metodo de estudar cada ciencia. Acrescente mais o Jezuita Andre Escoto, que na orasam *in sunere* do grande Jurisconsulto Antonio Agostinho (2) declara, que sem saber as ditas linguas, e Antiguidades, e Istoria, nam se-pode ser bom Jurisconsulto. Nam quero citar mais Jezuitas, que ainda ca me-ficam. So digo, que estas razoes provam tambem, que as Antiguidades Ecclesiasticas sam indispensavelmente necessarias ao bom Canonista, como mostra Gonzales, e Acofta, citados polo Sr. Apolonio, e outros Canonistas.

Pag. 405. Dezeja saber, qual é a razam intrinseca, com que argumenta o *Barbad*. Dizei-lhe, que sam as razoes, com que prova, que o Direito estudado polo dito metodo, mais facilmente se aprende, e em menos tempo. Leia Modesto o Tomazio citado, e achará, que este grande Jurisconsulto, em 3. anos ensinava a Filozofia necessaria, e um curso proporcionado de Direito, e algumas outras noticias necessarias. (3) E a istoria, e obras dos dicipulos dele nos-enfinam, que sabiam mais os seus dicipulos, que aqueles que estudam 8. anos polo metodo de Portugal. E tendo Tomazio tantos emulos, nunca nenhum lhe-objetou, que mentia nisto. Leia os que escrevem a vida do grande Francisco Hotomano Francez [4] e verá, que em 3. anos estudou tam bem Direito, que aos 18. anos de idade se-doutorou em Leis. Nam cito exemplos do outro mundo, mas coizas, que sabem todos os doutos, e que o noso Modesto com pouco trabalho pode saber. Tudo vai no metodo, como confesa o Duareno no seu *Metodo*.

Pag. 406. Declama este noso Jurisconsulto contra algumas palavras, e erros de Ortografia do *Metodo*, sem se-lembrar do que ja lhe-concederam. Mas este nam é o ponto. O Apolog. nam acuzou, defendeo ao Barb. das criticas de Arsenio. E para Modesto provar alguma coiza em materia tam leve, nam devia acuzar de novo, mas defender ao seu Arsenio.

Nas pagg. segg. nega o que se-contou de dois grandes Portuguezes, e Ministros, o *Conde de Tarouca*, e *D. Luiz da Cunha*, sem mais prova, doque nam lhe-servirem. E aqui acumula muita sutileza, e interpetrasam, que nam tem resposta. Mas dizei a este P. que polas noticias mais certas, que temos; os ditos Fidalgos diziam claramente outras coizas, que o Barb. por justas razoes, nam quiz relatar. Despois disto seguem-se largas noticias sobre a interpetrasam de S. Tomaz, que nam merecem nova resposta, e menos neste lugar.

Pag. 416. Mostrou o Apolog. que da doutrina de Arsenio se-seguiam varias propozicoes, que por si mesmo se confutam. Aqui Modesto, tomando as palavras no sentido Logico, sem reparar na ironia, que contem, acha muita falsidade. Mas

O 2

co-

[1] Prova expressamente, Notitiam Historiz necessariam esse Legum studiofo. Biblioth. Selecta L. 13. c. 8. e 13: Leia ao Sr. Apolonio Parecer pag. 81. que cita as palavras.

(2) Acha-se esta Orasam no fim do livro de *Ant. Agostinho*, *Enendationes Gratiani*.

(3) *Promissi in 1. Programmate, hic Hale Saxonum, publicato, quod prater lectiones publicas, in quibus per triennium Deo dante Cursum Philos. & Juris Universi absolvere institui; etiam in collegiis privatis proponere cupida legum juventuti partim notitiam Auditorum, partim explicationem Pandectarum. Progam. VIII.*

[4] *Niceron Memoires des Hom. Illustres, tom. XI. pag. 110.*

como ele concede a sustancia, isto nos basta. Ouvi o caso.

Diz Arsenio, que nam é necessario intimar aos Juristas a necessidade de aprender a lingua Grega, e Istoria Romana, e Ecclesiastica - - - Que é impertinencia, que sendo o Direito tam vasto, lhe-queira pdr mais dois contrapezos, Grego, e Istoria, sem serem precisos para o intento. Que nam faz ao caso saber se a lei foi promulgada por este, ou por aquelle: neste, ou naquelle caso, com tudo o que diz na Carta. Quem nam ve aqui, que Arsenio reprova estes estudos nos Juristas? Pois nam senhor, o Reverendo Modesto interpetra tudo benignamente, e acha falsidades no Apolog: mas o *buzilis* está, que nam prova o negado.

Mas o que tem pilhas de grafa é, dizer Modesto, que as cadeiras de Istoria sam para os nobres *dezocupados*. Nam acho porem, que os Jezuitas Possévino, e Escoto citados, proponham o estudo da Istoria aos nobres *dezocupados*, mas a todos: e os outros Jezuitas, que inculcam a Istoria aos Teologos, nam fazem esta distincam. Nem Modesto atéqui mostrou Bula, ou Lei, que proiba aos que nam sam nobres *dezocupados* estudar Istoria: e se a-produzise, ficava-nos a porta aberta para recorrer aos Ministros, e mandar logo citalo, e aos seos aliados, e por-lhe as leis às costas com todo o rigor.

Confesa porem Modesto, que o grande Balduino persuade *ex professo*, o estudo da Istoria, para posuir em grao perfeito a Jurisprud. Civil: e como se tivesse citado um sapateiro, acrecenta, *porem daqui nam se-infere, que seja condisam sine qua non, para se-saber Jurispr. Civ. ou que abrevie a sua comprehensam*. Mas S. P. nam poz os oculos, pois tudo iso prova exprefamente Balduino no l. 2. citado, e o-aviza na *prefasam*. (1)

Temos acabado esta formidavel critica do Direito Civil. Deveis agora considerar duas coizas. 1. *Se Modesto consuta as Respostas que deo o Apologista a Arsenio*. 2. *Se esta nova resposta de Modesto impugna o que disse o Barb.* E dizei de passagem ao noso Modesto, que leia o Francisco Hotomano in *Anti-Triboniano*, e o C. Tomazio de *Nevis Jurispr. Romana ante, & post Justinianum*; e poderá entam enfiar ao seo Arsenio, com quanta razam disse o Barb. que o Corpo do Dircito tinha inumeraveis defeitos. E que leia o Duareno de *Ratione discendi Juris*, e verá, que censura nos Jurisconsultos comuns os mesmos defeitos que censurou o Barb. Desforteqe quanto mais se-lem os Coriscos da Jurisprudencia, tanto mais se-conhece, que nam diz o Barb. palavra, que eles nam tenham aprovado, dos quais parece que o Barbad. tem mais lisam, doque os que querem censuralo. Mas isto para o noso Modesto é um escurissimo enigma.

## S. II.

### Direito Canonico.

P Ag. 417. Segue-se o Direito Canonico. Aqui repete Modesto a mesma falsidade dita. Aponta varias propozisoens do Barb. em que nota geralmente os defeitos do mau metodo, e o pouco que serve para os Advogados, e Juizes. Mas nam se-acha propozisam do Barb. que diga: *Nenhum Portuguez sabe Direito Cano-*

(1) *Me continere non potui, quin ubi scholam, in qua mei juris eram, nactus essem, aggressus sim ad eam Jurisprud. atque Historie cognitionem, quam necessariam esse duco ad Civilium studiorum & dignitatem tuendam, & explicandam utilitatem. De conjunct. Jurispr. cum Hist. in Penu Artis Hist. tom. 1. p. m. 595.*

*Canonico*. E como o Barb. duas vezes se explica na mesma pag. (1) nam pode o caritativo Modesto livrar ao seo querido Arsenio da nota de *caluniador*. Mas como este reparo é fora do ponto principal, nam merece outra resposta.

Pag. 418. O Barb. tecendo a historia do Direito Canonico, e falando de Graciano, dise, *que introduzio na sua obra muito erro Teologico, muito de Historia, e muitas autoridades falsas, e apócrifas*. Respondeo Arsenio, *que estava emendado*. Rio-se o Apolog. da noticia, como se-dise-se alguma novidade, ou justificasse os outros defeitos que ainda tem. Modesto sem entender a resposta, diz: *Pois para-que nos-quiz enganar, dizendo que tinha citaçoens falsas? Que gracinha do menino!* O Barb. fala do que fez Graciano entam: e Modesto attribue o cazo ao tempo presente. Devia provar Modesto, que nam tinha os outros defeitos apontados, que era uma coesam bem feita, e que merecia que se-explicasse nas escololas, com preferencia a outros modernos sem comparasam melhores: o que nunca provará. Nem o Barb. tem necessidade de mostrar os muitos defeitos de Graciano, quando os mesmos Canonistas apontam muitos com Antonio Agostinho [2] e podem-se apontar muitos mais principalmente de *metodo*, que nam soube de que cor era. E até o Jezuita Escoto diz (3) que ainda despois das emendas de Gregorio XIII. tem bastantes erros.

Pag. 420. Temos outra bulha sobre palavras. Pergunto: Se Arsenio dise [4] *que os Canones estam em bom Latim, e para se-entenderem é escuzado o Grego: e com o exemplo de Confucio confirma, que nam é necessario; que impostura dise o Apologista, attribuindo-lhe, que nam quer que os Canonistas saibam Grego?* O mesmo digo da Historia. Arsenio chama *grande teima do Barb. querer persuadir a necessidade dela* --- *que os Canonistas dirám, que nam-querem* --- *que nada faz ao cazo ser a lei mais deste, que daquele Papa*. Alem diso o Barb. provou a necessidade de ambas. Logo Arsenio refutando-a, nega a tal necessidade. Aqui nam á meio: ou sam necessarias, ou nam para os Canones? Se sam, dise bem o Barb. Se nam sam, censurou bem o Apologista. Que sejam necessarias, concedem os mesmos Jezuitas, como provou o Sr. Apolonio. (5)

Pasemos ao exemplo de Confucio, que Arsenio alegou. Explicou-lhe o Apolog. que para entender Confucio com fundamento, *é necessario saber a lingua Chinesse*. Modesto admirado desta resposta, saca a paseio a sua Logica futilissima, e diz muita coiza fora do ponto, como costuma. Ouvi o principal argumento: *Para o Papa dar uma sentensa em questam dependente da lingua Sinica, e saber fundamentalmente a inteligencia das palavras Tien, e Xang-ti, bastaram os Interpretres. Logo a fortiori bastará para o Jurista saber fundamentalmente o texto, o que diz a versam Latina, e o que dizem os interpretres.*

Resposta 1. nega-se a consequencia, e a razam é clarissima. Porque o Papa nam defende concluzoens, nem é obrigado a dar razam do seo dito, mas soimente a salvar a sua consciencia: e para isto basta que forme juizoprudente, fiando-se das muitas e repetidas diligencias, que por ordem Pontificia fizeram tantos interpretres em tantos anos, que disputaram a materia em juizo co ntraditorio, ouido-

[1] *Que um ou outro estude mais alguma materia, isto nam obsta contra a regra geral...* Se algumas vezes saiem letrados de melhor fama, isto provém do mero uzo. Metodo tom. 2. pag. 231.

(2) *Emendat. Gratiani. praesertim dialog. 1.*

(3) *Orat. in funere Anton. Augustini l.c.*

(4) *Reflexoens pag. 58.*

(5) *Parcer pag. 81.*

todos os Missionarios de ambas as partes uma e muitas vezes: termos em que nam pode aver suspeita de engano. Polo contrario o Jurisconsulto, principalmente Catedratico deve saber dar razam do seo dito a quem lha-pede, e dezatar os argumentos, que lhe-podem pdr sobre a intelligencia das palavras. E isto nam se-faz por interprete, subpena de surriadas.

Resposta 2. *Transeat antecedens: distingo consequens*. Bastará ao Catedratico o que dizem os interpretes, se antes de responder ao argumento, se-fizerem perante os disputantes todas as diligencias, que mandou fazer o Papa, e as partes convierem em um determinado sentido das palavras, concedo: aliter nego. E como as ditas diligencias nam precedem, e os arguentes nam querem estar por iso; deve o mesmo Jur. explicalas, e provalas. E isto se-verifica tambem nos livros; e *proportione servata*, em qualquer omem que quer saber bem a materia.

Resposta 3. Nego o suposto do antecedente, que dar a sentença seja saber com fundamento a intelligencia das palavras. Forma ele prudente conceito delas, supostas as diligencias ditas: mas isto nam é saber ele mesmo a dita intelligencia, que esa so sabe, quem posue a lingua. Mas o Jurisconsulto Teoretico ou Especulativo nam basta que forme prudente conceito, para se-chamar perfeito; deve saber a intelligencia. Alias como pode sinceramente afirmar, que as versoes dos Canones, dos SS. PP. dos Istoricos Gregos exprimem bem o original, se ele os nam entende? Bastará às vezes os Interpretes ao mero Pratico, que nam sabe mais, e a quem nam se-pede mais razam; ou so se pede em escrito: mas nam podem bastar a quem é, ou quer ser mestre. Se todos estes AA. estivesem traduzidos em vulgar, bastaria isto em algumas ocaziões para julgar bem, mas frequentemente seria necessario recorrer ao texto Latino. E o mesmo digo da versam Latina à respeito do texto Grego.

Aqui acaba a censura do Direito Canonico: que vos de vagar conferireis com o que diz o Barb. e Apolog. e entam nos-direis, se os-poem por terra. E acrescentai, que tambem os Jezuitas se-conformam com o Barb. pois nam so aprovam a utilidade das *Instituiçoes Canonicas*, como Pirhing, e Francolini, (1) mas eles mesmos compuzeram *Instit. Canonic.* para os principiantes, como fez o Jezuita Phœbei, que as-imprimio em Roma em 1698.

Seguem-se agora na *Conversasam* algumas propozisoens ditas com bastante sal: e no fim uma larga declamavam contra o pobre Barb. mas tam veemente, e tam solida, que nos coitadinhos nam nos-achamos com forsas para lhe-dar cabal resposta. E o mesmo poço dizer das propozisoens: contudo referirei uma e outra para vos-divertir.

Pag. 425. Diz o Barb.: *que dos livros Estrangeiros se-prova, que sabem melhor que os Portuguezes*. E em outro lugar: *que em todos os Juristas acha falta de metodo: e que isto mesmo em quanto nam aparece um bom livro, deve aos dicipulos ensinar um mestre douto*. [ vedes aqui que nam é tam descortez o Barb. que nam admitta em Portugal mestres doutos ] Aqui acha Modesto contradisam. Mas nam a-achará, se ler as palavras antecedentes: *Isto é o que se-tem procurado emendar no seculo presente, dispondo as coizas de maneira, que sirvam a todos*. Ergo.

*Ibidem*: Chama o Barb. a Antonio de Gouveia *douçissimo Jurisconsulto, famosissimo Peripatetico*. Diz Modesto: *Ja um Peripatetico pode ser famosissimo? ja esta Filozofia nam empede ser bom jurista?* Aponte Modesto onde negou o Barb. que um Peripatetico possa dar brado, principalmente quem teve tais bulhas com Ramo. Se

eu

(1) *Tyrocinium Theolog. part. 4. §. 4. pag. 175.*

eu dizer, que Melanchthon foi um famozissimo Luterano, Averroes um famozissimo Maoemetano, Espinoza um famozissimo Ateo; ninguem inferirá, que eu aprovo o Luteranismo, Maoemetismo, Ateismo: mas deve dizer, que eu falo dos que se afinalaram mais naquelas erezias e erros. Ergo. Aponte mais onde negou, que possa ser bom Jurista. Será mau, se se fundar nas futelezas Peripateticas fomite: mas se precindir delas, como fez Goveia, pode ser bom.

*Ibidem.* Diz o Barb. *Quem sabe a istoria dos Judeos, seus costumes, e uzos &c. percebe facilmente toda a Escriptura.* Diz Modesto: *Logo sam escuzados os Comentarios dos SS. PP. Nego sequi.* Prove Modesto, que ele dise *que bastava a Istoria*: prove, que aquele *& cetera* nam significa nada. E faiba mais, que para o *sentido literal*, de que fala o Barb.: os mesmos Jezuitas valem-se dos PP. porque alguns escreveram bem sobre a *Critica Sacra*: mas principalmente das Linguas, Antiquidades Ebraicas, Istoria, e tambem dos Rabinos, e de outros autores, como provei acima na *Contin. do Cap. V. da Lingua Grega, e Ebraica*. E o Jezuita Salmeron (1) pondo 50. canones para investigar o *sentido literal*, todos versam sobre o que dizemos, tirando o ultimo da *Tradisam*: e aconselha algumas vezes ler os PP. porque sam versados nas ditas doutrinas.

Pag. 426. *Se os defeitos ( intrinsecos, e extrinsecos ) da Jurisprudencia sam geraes em toda a parte, para que os-faz naturais do noso reino?* Prove Modesto, que o Barb. *os-faz naturais*. Estas sam as mais galantes: as outras vam incluidas nas respostas dadas.

## C A P I T U L O   X I V .

### Teologia .

Neste cap. dilatou-se tanto Modesto, que se eu ouvesse de refletir em tudo, comporia um tomo. Mas como a erudisam que verte nunca fere o ponto da questam, mas sam meras equivocacoens; tocarei o principal, e porei os seus mesmos titulos.

#### §. I.

### Divizam da Teologia .

Neste §. superfluamente se-espraia Modesto, porque o esencial da dificuldade se reduz ao que dise o Apolog. e dizem os Teolog. que excitam a questam, o que ele nam impugnou. Repetirei as palavras: (2) *Nam d' mais que uma Teologia adquirida, que e aquela ciencia discursiva, que das verdades reveladas tira as suas conclusoes.* Esta chama-se *Positiva*, se explica os fundamentos da nosa religiam, ou interpretando-os, ou confirmando-os, ou defendendo-os. Chama-se *Escolastica*, se explica eses mesmos fundamentos com o metodo das escolas, confirmando iso, que diz, com as outras ciencias. *Cada uma* destas Teologias se se-emprega em provar contra os Erejes os nosos dogmas, e responder aos seus argumentos, chama-se *Polemica*. [ ou *Controversa*,

(1) *Prolegomen. 9.*

(2) *Resposta pag.104.*

verfa, e tambem Dogmatica ] *Se explica o modo de reformar os costumes, chama-se Moral. Se dirige os nosos afetos para amar-mos o Deos como devemos, chama-se Mística.*

Modesto nam percebeo isto, porque diz, que a *Dogmatica*, ou *Polemica* é diferente da *Positiva*. Sem refletir, que a *Positiva* compreende a expozizam dos textos ou *Expozitiva*; e a defeza deles, ou *Polemica*: porque os textos tambem sam dogmas: e ambas tratam dos dogmas, ou interpetrando-os, ou defendendo-os. E por iso os Teologos tomam comumente estas palavras *Positiva*, e *Dogmatica* como sinonimas: e umas vezes as-aplicam à *Expozitiva*: outras à *Polemica*, outras aos *Catechismos*. Assimque *Positiva* é genero para *Polemica*, e *Expozitiva*: como dizem Anato, Gotti, Habert, Tournely, Berti, e todos os Modernos, e o mesmo Jezuita Possévino. [1]

Entendido isto, entendem-se as autoridades dos Teologos, que citou o Apologista, que todos distinguem a *Positiva* da *Escolastica*, entendendo por *Positiva* a *Polemica* e *Dogmatica*. E assim erra Modesto querendo que so a *Expozitiva* seja *Positiva*.

Dise mais o Barb. que a *Escolastica* ou significa *Dogmatica* tratada com o metodo da Escola; ou Teologia fundada sobre as opinioens dos Aristotelicos, cheia de questoons Metafizicas, a que comumente chamam *Especulativa*, ou *Escolastica*. No 1. sentido so se-distingue acidentalmente da *Positiva* [ que é *Polemica*, e *Dogmatica* ] como dizem todos os AA. pouco antes citados. No 2. sentido é totalmente distinta da *Positiva*. E que esta distincam serve para responder aos Erejes, que escarnecendo das questoons Metafizicas, cuidam que desfazem na verdadeira *Escolastica* ou *Dogmatica* Metodica, que é a 1. por cuja razam os Modernos separam a *Escolastica* util da inutil. Isto dise, e provou com os Teologos, que tratam o ponto.

Cuidava-mos, que o grande Teologo Modesto provãse agora, que errãra o Apologista, e todos os Teologos que cita: mas nam vemos senam as mesmas equivocacoens, a que ja se-respondeo.

O pior é, que Modesto sem o-querer, admite estas duas *Escolasticas*. Ele comesa com o Muzancio a serie dos *Escolasticos* em *Pedro Lombardo*. Mas toda a *Escolastica* de *Lombardo* consiste em dispor as sentensas dos PP. por ordem, sem termos Aristotelicos, e rarissima vez toca e muito de pasagem algum ponto especulativo ou metafizico. Polo contrario os que escrevẽram despois de S. Tomaz vam todos fundados na *Fizica* de Arist. e excitam questoons, e servem-se de palavras, que nunca sonhou *Lombardo*: o qual à vista deles nam parece *Escolastico*. Ora aqui tendes as duas *Escolasticas*: aquella *Dogmatica* tratada com metodo, o qual se-aperfeisoou no seculo XVI. e XVII. esta *Peripatetica* totalmente diferente, que é a que vai descaindo.

Agora de pasagem notarei alguma propozizam. Pag. 432. *A Teologia Positiva ex munere suo nam uza de argumentis*. Falso, ainda supondo que fala da *Expozitiva*: porque os melhores interpetres Jezuitas. v. g. Salmeron, e Ribera &c. expõem os textos com bom ratiocinio, e refutam aos contrarios. Pag. 436. *Para iso se-expurgou Aristoteles*. Falso, como provei no cap. V. Ibi. *Nam prova que os SS. PP.*

(1) *Scholastica differt a Positiva Theologia non re, sed modo --- Positiva igitur non ita res disputandas proponit, sed pene sententiam ratam & firmam ponit. Versatur autem ipsa in explicatione Scripturarum, Traditionum, Conciliorum, & SS. PP. Biblioth. Selecta l. 3. Onde diz, que compreende a *Expozitiva*, e a *Polemica*, que trata das *Tradicoens* &c.*

PP. *lanſaram ſora da Teolog: a Aristot.* Falso, porque o Apolog. cita a Tertuliano, e a outros PP. que dizem raios dele: e o Sr. Apolonio (1) citou ao Jezuita Rapin, que exprefamente o-prova. Pag. 437. *Aristot. verdadeiro nam foi queimado.* Falso, como provei afima no Cap. X. da Fizica. Ibi. *O Apologifta diz, que todos os dias naceem erezias da Dialectica Aristotelica.* Falso, porque o Apolog. cita a Rigordo, que fala do ſeculo XIII. e nam do prezente. Leia porem o Buddeo (2) e outros Modernos, e verá quantas erezias tem nacido da Filozofia Peripatetica.

## §. II.

### *Antiguidade da Eſpeculativa antes de ter metodo.*

**T**ambem eſte §. era eſcuzado, porque impugna a um inimigo, que existe ſoamente na fantezia de Modesto. O Barb. e Apolog. nem negaram, nem podiam negar, que os Dogmas ſempre ſe-provaram com boas razeons: e que os antigos Erejes os impugnaram, e que os SS. PP. lhe-responderam: o que nam ſe pode fazer ſem boa razam bem exercitada, que é o meſmo que boa Logica. O Barb. repetidas vezes o-diz: (3) principalmente falando de Origenes, Atenagoras, e Boecio &c. O meſmo repete o Apologifta. (4) Mas o noſo Modesto nam entendendo iſto, e confundio a *Eſpeculativa dos Antigos PP.* que conſiſtia na boa razam com que explicavam as Eſcrituras, e defendiam os Dogmas, valendo ſe de alguma noticia da Logica quando era necelario; (5) com a *Eſpeculativa Peripatetica* (nacida no ſeculo XI. e XII. e aperſeifoada no XIII. em que eſcreveo S. Tomaz) que podem cazar ſem diſpenſa. E iſto é juſtamente o que nam desculpo em um Teologo tamanho como Modesto, nam entender o que lhe-dizem, e nam ter noticia das coizas, que ſabem as criancas da Eſcola.

Concedo, que ſe eſquadrinhar-mos algumas palavras dos antigos PP. la ſe-acha alguma queſtam mais curioza, que necelaria, como ja advertio o Barb. Mas nem tudo o que eles eſcreveram ou por curiozidade, ou para responder a algum Catolico, ſe-deve imitar cegamente. Devemos observar o que fizeram em materias graves, como explicaram a Eſcritura, como provaram os dogmas, como responderam aos Erejes, e a moderaram com que ſe-valeram da boa razam ou Dialectica. Porque eles meſmos nos-enſinam, que na Teologia nam devemos investigar coizas ſuperfluas: mas contentar-nos de ſaber aquilo que Deos nos-quiz revelar. [\*]

P

Aqui

(1) Parecer pag. 86.

(2) *De Heresibus ex Philoſ. Aristotelica ortis.* Tomo 1. *Observation. Halensium Observ.* 15. e no livro *Theses de Atheismo* c. 1. §. 23.

(3) *Metodo* tomo 2. pag. 200 201. 202.

(4) *Costumavam os primeiros PP. Ecleticos ſervir-se de algumas opinioens dos Filozofos, para convencerem aos Etnicos, que abraſavam as tais doutrinas.* Resposta p. 110.

(5) *Lede o P. Nowry Apparatus ad Bibliothecam PP. e vereis, que a eſpeculativa dos PP. dos primeiros ſeculos contra os Etnicos, e Erejes, conſiſtia na boa razam com que refutavam as loucuras dos Gentios, onde todos eles bebiam, valendo-se algumas vezes dos meſmos principios deles.*

(\*) *Redeo igitur ad id, quod Creator noster scire nos voluit. Illa vero, quae vel sapien-*

Aqui supõem Modesto, que as obras atribuidas a S. Dionizio Areopagita sejam dele. Mas devia ter reflectido no que advertio o Barbad. que foram escritas no V. seculo. E que os melhores Criticos Catholicos com o Morino, Launoio, Du Pin, Le Quien Dominicano provam, que sam apocriphas: e o Le Quien prova, que sam partos de um Ereje. (1)

Aqui sem se sentir concede Modesto, o que asima negou, *que a Argumentativa dos SS. PP. se distingue quoad modum da Escolastica de Lombardo*, a quem ele confesa por primeiro Escolastico. Mas a dos PP. e de Lombardo nam se-fundava na Fizica Aristotelica, como a dos Escolasticos. E isto repete abaixo: (2) *A Dogmatica e Escolastica é a mesma . . . mas a diversidade está principalmente no modo*. E asim paraque se-enfada com o Barb. e Apolog. que dizem o mesmo?

### §. III.

#### *A mesma Escolastica Peripatetica servio nos Concilios Florentino, e Tridentino.*

**T** Ambem este §. era bem escuzado, porque prova o que o Apolog. admite: e nam prova o que ele nega. Quem souber, que nos tempos do Concilio Florentino, e Tridentino reinava a Peripatetica, nam se-admirará, que os Teologos dos ditos Concilios fossem quazi todos Peripateticos. (3) E asim nam deve admirar nos, se os taisomens criados com os termos da Escola, misturassem alguns quando tratavam questoes Dogmaticas: porque o mesmo sucede neste seculo, e o Apolog. [4] o-confesou. Onde se argumentando se-serviram das palavras, *quo, quod, substantia producens*, e outras semelhantes, nam faz ao caso.

A questam é, *se esta mesma questam in terminis se-tratou no Florentino, onde o Teologo Latino defendeo consistir no relativo, e o Grego no absoluto, como disse Arsenio*. [5] Negou o Apolog. e provou, que somente se-disputou: *Se o Espirito Santo procedia do Pai, e Filho, como de um principio. Se se-devia conservar a palavra Filioque no Simbolo*. E que estes pontos se-provaram com autoridades da Escritura, e PP., e nam com questoes Metafizicas. Confirmou isto com as palavras de um P. Latino: às quais o Sr. Apolonio acrecentou (6) as do Cardial Bessarion Grego: que provam com toda a clareza, que os PP. se-valeram da Tradiçam, e nam de Metafizicas. Modesto nam prova, *que se-tratou in terminis a questam*

---

*pientioribus in hac vita scire permisit, vel omnino perfectis in alia vita scienda servavit, ultra vires meas esse profiteor. Sed ideo putavi sine affirmatione esse tractanda, ut qui hac legunt, videant a quibus questionum periculis debeant temperare.* Augustin. de peccat. orig. c. 13. Vide de Civit. D. l. 12. c. 15. & de Peccat. merit. l. 2. c. 36. *His que scripta sunt, crede: que non sunt scripta ne quere.* Basilus Homil. contra calumniat.

(1) Leia o P. Roncaglia nas Notas ao Natal Alexandre Hist. Eccles. 1. sæculi disert. 22.

(2) *Conversas. pag. 453. 454.*

(3) O mesmo Cardial Bessarion, e algum outro Platenco, eram Platenco Alexandrinos. que seguiam em parte a Aristoteles.

(4) *Resposta pag. 117.*

(5) *Reflexoens pag. 63.*

(6) *Parecer pag. 91.*

*tam Metafizica no Concilio*: porque supor alguns termos, nam é tratar a queitã, que pode cazar sem dispensa com o Dogma. Logo nam prova nada.

Lede o Concilio na fonte, e achareis, que nam so nam se-trataram tais questoes Metafizicas e futis, mas nem menos se-valeram os PP. nas disputas do metodo Escolastico de argumentar por filogifmos. Mas serviram-se de um metodo Dialogistico breve: em que os Gregos propunham, e os Latinos respondiam. E quando algum P. nam observava isto, logo o outro o-advertia. (\*) E aindaque alguma vez rara os Gregos para abreviarem as disputas, reduziram a sua dificuldade a um filogifmo (o que se-faz ainda nas conversafcoens) nam se-respondio em filogifmos, mas proseguio o Dialogo. E tanto evitaram as sutilezas da Escola, que quando uma vez o Bispo de Forli se-vio obrigado a explicar, e distinguir a forza de uma contraditoria, que os Gregos nam tinham explicado, pedio venia para isto. (\*\*) Mas isto nam prova contra o Barb. que nam negou tal, como finge Modesto. O qual se lese todos os atos do Concilio, como devia, nam daria estes erros, nem confundiria uma propozifam separada com os atos do Concilio Florentino.

Tambem era escuzado nomiar os PP. do Tridentino; ou dizer que foram Peripatericos; ou que se-valeram de alguns termos; pola razam dita. Nisto, que nam emporta, ostenta Modesto: no que emporta, cala-se. Provou o Barb. (1) com o Cardial Pallavicini Jezuita (2) o qual tirou a sua Istoria dos mesmos atos originais do Concilio, que os PP. tam longe estavam de quererem ouvir questoes futis no Concilio, que repetidas vezes ordenaram aos Teologos, que nam se-disputassem questoes inutis (estas sam as Escolasticas) mas somente os Dogmas, os quais se-deviam provar com a Escritura, e Tradifam. Provou o Sr. Apolonio (3) o mesmo, e ainda mais com as palavras do grande Cardial Sadoletto Prezidente do mesmo Concilio (4) que mostram o baixo conceito, que tinha dos Escolasticos Peripatericos, para tratar o que emportava.

P 2

Em

(\*) *Duplex est procedendi modus. Primus per modum argumentationis: & in hoc casu proponens propositiones, & rationes habet adducere. Alius est inquisitionis: & hoc modo querens non probat. Viam banc elegistis (vos Græci) & si sic non servetur ordo, non servatur ergo nec caritas ipsa, cum qua procedendum esse dixistis.* Sam palavras do P. Montenegro Latino. Concil. tom. XVIII. Colum. 945.

(\*\*) *Ego non intrassem materiam Logicalem, nisi vos intravissetis.* Tom. XVIII. Concil. colum. 971. *Como no mesmo ano ouveram dois Bispos de Forli: o 1. Joam, o 2. Luiz, erraram muitos AA. e com eles o Apologifsta, attribuindo a disputa ao 1. quando so foi o 2. como se-tira dos Bispos de Italia.*

(1) *Metodo tomo 2. pag. 199.*

[2] *Hæc in dicendis sententiis ratio Theologis fuit præscripta. Ut illa e Sacris Litteris, ex Apostol. Traditionibus, ex Concil. approbatis, ex auctoritate SS. Pontificum, ex SS. Patribus, ex communi Ecclesie Catholice consensu colligerentur: Brevitatem servarent: & a questionibus supervacaneis, & inutilibus, atque a protervis contentionibus absterent.* Histor. Concil. Tridentin. L. 12. c. 1. ex versione Giatinii: e no cap. 10. repete o mesmo.

[3] *Parecer pag. 91.*

(4) *Etenim si confidit Sanctitas tua res bene processuras horum Theologorum ope, qui in Doctoribus istis recentioribus (Escolasticos) tantum exercitati sunt, credat mihi ipsa, in quo mentiri cupio, acerbioris dissidio, & multiplicatis hæresibus nos e Concilio esse discessuros. Quamobrem, & quomodo hoc futurum putem, aut alias dicam, aut res ipsa indicabit.* Sadoletus Epist. ad Paulum III. Lib. 12. Epistol. epist. 7.

Em vez de responder a isto, faie agora Modesto com uma palavra do *Bernini* mal entendida, para nos-tapar a boca. Mas leia melhor o *Bernini*, e verá que concorda (1) com o *Pallavicini*: e se nam concordàse pouco importa, para a verdade de um fato autenticado por todos os outros Historicos. Dizei-lhe mais, que confira o que acima difemos no *cap. 8.* e verá, que entam conhecêram os Teologos, que os Erejes nam se-confutavam com a vulgar Escolastica. E que quando ler em algum autor, que a *Escolastica* servio no dito Concilio, entenda aquella Escolastica, de que fala o *Pallavicini*, que é a mesma do Barb. mas nam é a *Peripatetica*.

#### §. IV.

### *A Teologia Escolastica é aborrecida, e impugnada polos Erejes.*

**F**Alto tudo. Já explicou o Sr. Apolonio, (2) que sem embargo de que os Erejes do seculo XVI. desprezàram a Escolastica Peripatetica; contudo vendo que tambem servia para responder aos Catholicos, (3) comesàram desde o principio do seculo XVII. até a fundasam das Academias Regias Filozoficas, despois do ano 1660. a estudala com tanto empenho como os nosos; e compuzeram muitas Teologias Escolasticas Peripateticas polo mesmo metodo dos nosos. Leia o Protestante *Elfwich* (4) que lhe-explicará tudo iso, e tambem o Catolico Du Pin, *Biblioteca dos AA. separados da Comunham da Igreja Romana*.

Desde o fim do seculo pasado a esta parte de novo se applicàram os Protestantes aos Dogmas sem questoons Metafizicas, e isto é o que oje costumam. Desfor-teque é certo, que os Erejes temem da boa Escolastica, que é a Dogmatica Metodica, que os-confuta: mas escarnecem da Peripatetica, de que eles tambem se-fervem para defender os seus erros. E senam mostre-nos o douto Modesto, que mal podem fazer aos Erejes as questoons Metafizicas, em que perdem o tempo os Escolasticos, e que nam tem parentesco com os dogmas, que eles negam. E jaque Modesto cita a Bula *Triumphantis* de Sisto V. em que constitue Doutor da Igreja a S. Boaventura; cuja o Sr. Apolonio (5) citou; (por erro talvez de copista ou amanuense, se-diz la, de *canonizafam*, em vez, de *doutoramento*) dizei-lhe, que a-leia com reflexam, e achará, que chama Escolastica à Teologia Metodica, como acima explicamos. E qualquer palavra mais duvidoza se-explica com as precedentes; e tambem com a doutrina do Santo, que evitou mais que nenhum questoons Escolasticas, quanto podia ser naquele seculo.

#### §. V.

- 
- (1) *Histor. das Erezias. tom. 4. pag. 469. e em outros lugares.*  
 (2) *Parecer pag. 75. 76.*  
 (3) *Unde novum pretextum sumpserunt Protestantes, Philosophia Scholastica amassii, & Aristotelem commendandi, quasi non possit absque ejus notitia neque cum Jesuitis, neque cum reliquis Pontificiorum ordinibus accurate disputari. Chr. Thomafius. Cautelæ Jurisprudentiæ c. 6. n. 86. este era Protestante.*  
 (4) *Hermannus ab Elfwich, de Varia Arist. fortuna in scholis Protestantium. 8.*  
 (5) *Parecer pag. 87.*

*Moſtra ſer a Teologia Eſcoláſtica neceſſaria  
ao Dogmatico.*

**S**E entende Modesto por Eſcoláſtica a *Teologia Methodica*, que expoem os Dogmas polo metodo Dialectico [ eſta é a verdadeira Eſcoláſtica, que louvam os Papas, e bons Teologos) tem razam, e niſo vem o Barb. e Apolog. e os mais doutos Jezuitas, que trataram eſte ponto, v.g. Poſſevino ( 1 ) e Giſbert. [ 2 ] Se entende a *Eſcoláſtica Peripatetica*, nega-ſe, nem S. P. provará o contrario.

Todos os Dogmas ſe-provaram, e defenderam ſempre até o ſeculo XII. ſem Eſcoláſtica Peripatetica: e todos ſe-podem agora provar ſem ela. A Eſcritura, e Traditam ſam as fontes donde ſempre ſe-tiraram os argumentos, e ſe-tiraram até o fim do Mundo: e a boa razam, ou Logica é a que o executa, como confeſam todos os Catholicos. Alias teria faltado Chriſto à ſua Igreja, ſe nam baſtaſem aquelles dois fundamentos, mas ſoſem neceſſarias as Eſpeculaçoens Peripateticas, que comensaram totalmente no ſeculo XIII. e de que nem ele, nem os Apoſtolos fizeram menſam. Entendido iſto, ſem nova reſpoſta ſe-confutam quazi todas as propoziçoens que Modesto eſcreve: a outras ja reſpondemos: nem quero repetir o meſmo, como frequentemente faz Modesto. Paſemos ao mais.

Pag. 455. Negou o Apologista, que S. Tomaz concordãſe o ſistema de Ariſtoteles com a noſa religiam. Negou, que com os principios de Ariſt. eſcrevêſe contra Gentes. Sobre iſto faz Modesto grande bulha, por nam entender o que lhe-dizem. Os principios de Ariſt. de que fala o Apolog. nam ſam os principios da boa razam, porque eſa nam é ſo de Ariſtot. mas é de todos, e tam antiga como os Omens: ſam os principios do ſistema Ariſtotelico, que é coiza diferente. Explicai por caridade a eſte tamanho Filozofico Peripatetico, qual é o ſistema *Metaphyſico-Theologico* de ſeo mestre Ariſtoteles, que ſe-reduz a iſto:

„ Deos, e o Mundo vizivel ſam dois entes eternos. Deos eſtá unido à materia da 1. eſfera celeſte *ex neceſſitate natura*: e move *ab aeterno* a dita materia „ *neceſſario*. Deſte movimento nace o movimento das outras eſferas ou orbes celeſtes, os quais eſtam unidos *ab aeterno* a certas intellegencias ſubalternas aſſistentes. „ Onde o primeiro motor move as eſferas inferiores da meſma ſorte que a mola de „ um relógio move todas as rodas. Deſorteque o 1. motor nam faz mais que con- „ templar-ſe a ſi, e deſejar mover a ſua eſfera: e daqui rezulta neceſſariamente o „ mo-

---

( 1 ) Nos *Theologiam Scholaſticam dicimus, qua certiore methodo* ( eſte é o Dialectico ) *& rationibus* [ eſta é a boa razam ] *in primis ex Divina Scriptura, ac Traditionibus, ſeu decretis PP. in Conciliis definitis, veritatem eruit, ac diſcutienao comprobatur. Quod cum in ſcholis praecipue argumentando comparetur, id nomen ſortita eſt. Quamobrem differt a poſitiva Theologia non re, ſed modo.* Biblioth. ſelecta lib. 3.

( 2 ) *Theologum* [ fala dos Eſcoláſticos ] *oportet eſſe apprimè Dialecticum: hac prima Theologi laus eſt. Eundem velim eſſe in lectiõne PP. & Hiſtor. Eccleſiaſtica, totiusque ſacrae Antiquitatis cognitione verſatiſſimum: hac eſt illius laus altera. Atque his omnino duobus perfectum Theologum definitio. Statuo igitur cum S. Thoma, priores eſſe in Theologia partes divinae auctoritatis: rationi poſteriores relinqui. Vera idea Theologi, in Theologia Chriſt. Tom. 1. pag. 12.*

„ movimento. Nem as inteligencias inferiores fazem outra coisa senam mover os  
 „ seos orbis. Tudo o mais que succede da Lua para baixo, ou provém de certo ca-  
 „ lor universal, ou do entendimento universal, ou do acazo. Assimque no siste-  
 „ ma de Arist. Deos nam cria a materia, nem é livre, porque nem quer, nem  
 „ faz outra coisa, senam aquele movimento necesario da esfera a que está uni-  
 „ do. Nem se-mete com as inteligencias inferiores, senam participandq-lhe nece-  
 „ sariamente o movimento. E da Lua para baixo nam pode meter-se com coisa  
 „ alguma, porque nam pasa da sua esfera. De que se segue, que nam pode ter  
 „ providencia deste mundo. Este é o sistema Metafizico de Aristoteles: (1) porque  
 „ o Fizico geral so em palavras difere do dos outros Filozofos.

Perguntai agora a este incomparavel Teologò, se este sistema é compativel com  
 a nosa religiam? se com estes principios se-podem impugnar os Gentios? Tambem  
 daqui se-infere, que falsamente diz Modesto, (2) que Arist. nam ensina, que *in-*  
*tellektus omnium hominum unus est numero*. Porque esta é a verdadeira opiniam de  
 Aristoteles, que diz, que o entendimento agente é a intelligencia da esfera inferior,  
 que unida à fantezia dos omens, constitue *um entendimento universal agente*. Assim  
 o dizem os seos Interpetres: e so diferem nisto, que alguns v. g. Alexandre Afro-  
 diseo [3] Averroes, Zabarella dizem, que é a intelligencia da 1. esfera: outros,  
 que da ultima, e esta parece ser a verdadeira opiniam.

Pag. 456. Dize Arsenio, que para a Dogmatica pura serve a Istoria Ecclesiastica,  
 e a Civil pouco lhe-serve. Respondeo o Apolog. que o principal ponto da nosa reli-  
 giam é a verdade de ambos os Testamentos: e esta nam se-prova sem a fundada no-  
 ticia da Istoria Profana: como prova Monsenhor Huet *Demonstratio Evangelica*. O  
 outro ponto da Dogmatica é a vinda de Cristo. Para mostrar a verificasam das pro-  
 fecias de Daniel, é necessario recorrer à Istoria Antiga Profana, e sem isto nam se-pro-  
 va. Paremos aqui.

Se o Apolog. difese uma blasfemia, nam se-escandalizaria tanto o pio Modest-  
 to. Nam é crível o que foi buscar para escurecer uma propozisam certa entre os  
 Dogmaticos. Mas nam é necesario entrar tanto dentro na Dogmatica. Com pou-  
 cas palavras sairemos deste labirinto de equivocacoens, em que foi dar o grande  
 Teologo Modesto.

1. A verdade do Testamento Velho prova-se contra os Etnicos, e Deistas,  
 que negam a revelasam, porque os Judeos, e Erejes admitem-na, tirando poucos  
 livros, e capitulos. Para convencer pois a esta Gente incredula, devo valer-me  
 da Istoria Profana admitida por eles, para provar 1. que ouve no Mundo um  
 Moizes, que fez grandes coizas e asoens no Egipto &c. Que Moizes es-  
 creveo o Pentateuco. Que o Pentateuco diz a verdade: o que se-prova da conformi-  
 dade do que diz Moizes, e do que dizem os AA. profanos, quanto aos pontos  
 sustanciais. E alem diso se-mostra, que nenhum sistema istorico dos Antigos destroe  
 o sistema de Moizes: porque aqueles que afetam grande antiguidade v. g. os Egi-  
 cios &c. sam confutados por outros Gentios: e ainda no grao de verosimilida-  
 de istorica, nenhum é mais verosimel que o de Moizes. 2. Daqui se segue clara-  
 mente, que se a istoria de Moizes é verdadeira, é tambem divinamente revelada:  
 porque ele nam podia saber muitas coizas senam por divina revelasam. Isto se-pro-  
 va com a boa Filozofia, e Istoria. A Istoria dos Judeos encadeia desorte com a is-  
 toria

(1) Veja o Claudio Berigardo Præfat. ad Circulos Pisanos p. 1. e o Francisco Patri-  
 cio Discussion. Peripatet. & Aristoteles Exotericus, que expoem o sistema, e erros de Aris-  
 toteles.

(2) *Conversus*. p. 453.

(3) *De Anima* l. 2. c. 15.

toria das Nafoens vizinhas, que sem ela nam se-entende, e com ela se-confirma ainda no grao de pura istoria, precindindo de ser divina. Desorteque Mr. Prideaux querendo escrever a *Istoria dos Judeos*, vio se obrigado a escrever tambem a das Nafoens circumvizinhas, que entroncam com ela. E a maior parte dos fatos da Istoria Judaica se acham nos AA. profanos, e com estes defendemos a verdade do Testam. Velho contra os incredulos modernos. Basta ler o que respondeo *Flavio Josepho* Judeo em o tempo dos Vespazianos a Appione Gramatico Gentio de Alexandria: e *S. Justino Martir* aos Gregos: e tambem *Clemente Alexandrino*, ambos PP. do 2. seculo: e *Origenes* contra Celso Gentio; para ver que os Cristaons se-serviam dos Istoricos Profanos para provarem aos mesmos Gentios a verdade do Testamento Velho. Em uma palavra, nam so os PP. nomidados, mas *Teophilo*, *Yatiano*, *Atenagoras*, *Euzebio Cezareense*, *S. Civilo*, *S. Agostinho*, e outros PP. nam empregaram outro argumento para provarem a verdade da Religiam Cristian contra os inimigos dela, senam as Antiguidades, e Istorias Profanas. E assim parece escuzado demorar-me mais nisto. Leia Modesto aos AA. modernos, v. g. o *Jacquelot* [ 1 ] e principalmente a Monsenhor *Huet* ( 2 ) e verá, que a Istoria Profana é o primeiro fundamento para provar o ponto.

II. Pasemos às profecias de Daniel. Aqui acha Modesto graves defeitos no Apolog. e até contradisoens palpaveis: porque dizendo o Apolog. que é necessario recorrer à Istoria antiga Profana, e sem iso nam se-prova; conclue Modesto, que o homem sem se-sentir confesa, que so para a Dogmatica serve a Istoria Ecclesiastica, o a Profana so em certos pontos .... que é o mesmo que dise *Asenio*. Mas esqueceo-lhe citar o lugar, em que o Apolog. dise, que para todos os pontos da Dogmatica, sem saltar um unico, era necessaria a Istoria Profana. Mas deixemos estas equivocacoens nam dignas de tam grande Teologo: vamos ao ponto.

A verdade do Testam. Novo prova-se principalmente contra os Judeos (nam falo agora nos Erejes, que negam alguma parte) o que se-faz, mostrando a verificafam das profecias. E como a das *semanas de Daniel* é a mais famoza, mais forte, e em que os Judeos empregam toda a forsa das suas razoens, e tambem os Cristaons, como confesa o Jezuita *Salmeron*; ( 3 ) por iso a-trouxe o Apolog. para exemplo. Mas nam dise que era a unica prova, como calunha Modesto. Ora a verificafam desta profecia depende de saber o ano certo do decreto de *Artaxerxes Longimano*, que conforme a melhor Cronologia é o ano setimo do dito Monarca, e o 4256. do periodo Juliano, em que deo o decreto a *Esdras*. ( 4 ) E sobre isto á grande bulha entre os Cronologos, v. g. *Petavio*, *Usserio*, *Scaligero*, e outros, que afinam diferentes anos: mas este é o mais provavel. Este ponto podem entronca com a maior parte da Istoria Antiga Profana, como pode ver nos ditos AA.

O mesmo digo das outras profecias de Daniel, que lemos no cap. 2. e 7. que nam se-podem entender sem a Istoria Romana, e principalmente de *Tiberio Cesar*.

( 1 ) *Dissert. sur l'Existence de Dieu. Dissert. 3. Haye 1697.*

( 2 ) *Questiones Ainetanae. impr. em 1690.*

( 3 ) *Esti multa alia prophetica testimonia certissime Christi adventum jam exhibitum tractantia existant; tamen sicut nullum aut fortius, aut evidentius, aut, quod magis Judaeorum perfidiam jugulet, inventi potest (quam hebdomadae Danielis) ita nullum est aut magis varie & diverse, a PP. tractatum, aut densioribus tenebris involutum: dum non satis constat, unde sit initium sumendum hebdomadarum: rursus ubi earum constituendus finis. Prolegomen. 43.*

( 4 ) *Leia-se Prideaux Istoria dos Judeos em Ital. tom. 2. p. m. 104. ad 180.*

zar. (1) O mesmo se-deve dizer de outra do cap. 11. que entronca com a Istoria dos 4. Imperios. O mesmo das profecias de Ageo, e de outros, que so com a Istoria Profana se-provam verificadas. Leia os Dogmaticos, que largamente o-provam: e o Jezuita Alapide, no lugar que abaixo citarei, o diz claramente. E alem diso os mesmos PP. de que acima falamos, provam a verdade da Religiam Cristan ou Testamento Novo, tambem com a Istoria Profana. Nam cuidava por certo, que estãse o *sugeito* tam atrazado nos Nominativos, que fosse necessario explicar-lhe estes primeiros principios.

Pag. 465. Dise o Apolog. *O Testam. Velho pola maior parte é uma istoria*. Isto pareceo a Modesto um erro sem exemplo. Mas será menor erro, se aos 17. livros Istóricos, que Modesto conta, acrescentar os 5. do Pentateuco, [2] que contém a Istoria do Mundo, dos Patriarcas, de Moizes, e dos Israelitas: e ja sam 22. livros, e falta so um para ser mais da metade: o que bastava para o ponto, pois um mais, ou menos, nam diminue a forsa do argumento. Mas como o Apolog. nam dise, *a maior parte dos livros*; mas, *a maior parte do Testam. Velho é uma istoria*; esta propozisam *ad verbum* é verdadeira.

Nam sou eu o que o digo: sam os Jezuitas, que defendem, que os Profetas (3) e Salmos (4) e Livros de Salamam (5) contém grande parte da Istoria, e sem ela nam se-podem entender. E entre os Jezuitas, o noso Portuguez Mendonça (6) depois de dividir os Livros da Escritura em *Legais, Istóricos, Sapienciais, e Profeticos*, defende belamente a opiniam do Apologista. Nam cito as palavras, porque sam compridas, e o livro é bem vulgar. Desorteque se aos 22. livros rigorozamente Istóricos, ajuntamos os Salmos, os 5. Sapienciais, e os 17. Profetas, que contém grande parte da Istoria; verifica-se, que *todo o Testam. Velho pola maior parte é uma Istoria*. E nisto concordam os outros Interpetres.

Pag. 466. 467. Tem muita graça Modesto quando exclamã: *Logo será necessario ao Dogmatico saber todas as ciencias, e fabulas Gentilicas, a istoria dos Animais, pedras, plantas &c. de que faz mensam a Escritura!*

Respondo 1. que ao Dogmatico Expozitivo, que em voz, ou escrito ensina aos outros, tudo é necessario. E o-prova Modesto citando a *S. Jeronimo, Episcopo,*

(1) *Idem ibid. tom. 6. fine.*

(2) *Auguß. de Doctrin. Christ. l. 2. c. 8. conta o Pentateuco entre os Istóricos continuados.*

(3) *Neque enim existimandum est, totam Script. vel totos Psalmos, Prophetas, aut cap. Prophetarum integra --- de Christo esse accipienda. Sunt enim in Scripturis multa, que ad historiam pertinent ejus temporis --- Itaque in multis locis agnoscendus est transitus ab historia ad prophetiam, vel a prophetia ad historiam factus. Prado Comment. in Ezechiel. sect. 5.*

*Uti quatuor maiores, ita minores omnes Prophete invehuntur in idololatriam, aliaque scelera Israelitarum, comminando ipsis captivitatem Assyriacam, vel Babyloniam. &c. Tiri-nus præfat. in Proph. Minor.*

(4) *Materia Psalmorum partim moralis, partim dogmatica est, aliquando historialis, interdum prophetica. Lorinus in Psalm. præfat. c. 11. lit. B.*

(5) *In quibus (Proverb. Eccles. & Cantico) ita Salomonis vita, & morum gesta imbibita & impressa sunt; ut nisi prius haustis, & expressis quasi in unicum narrationem, vera atque germana illorum intelligentia teneri, & nexus teneri, exprimique vix possint. Pineda de Reb. Salomon. in Prolog. §. 2. E no §. 3. prova que os livros sam parte da Istoria dele.*

(6) *Mendonça in II. Reg. Annotat. 2. procem. sect. 1.*

uo, *Beda &c.* Porque se nam fossem necessarias, seriam censuraveis tantos doutos antigos, e modernos, e Jezuitas, que se-cansaram com iso. Mas como eles lhe-chamam necessarias, deve confesalo tambem Modesto, jaque os-cita. Leia o Lamy *Apparatus Biblicus*, o Turre, *Institutiones ad Verbi Dei intellig.* e verã quantas coizas sam necessarias para dizer, que entende a Escritura sofrivelmente. E se quer mais, leia o P. Le Long *Bibliotheca*, e acharã infinitos AA. que me-poupam o trabalho de falar mais nisto.

Os mesmos Jezuitas, que tocam este ponto, dizem, que sam necessarias, e que destas materias se-valeram. Assim diz Salmeron [1] Bonfrerio [2] Pineda [3] Menochio, [4] Alapide [5] e outros muitos. E lembra-me agora, que o Vilalpando na prefat. declara, que o P. Jeronimo de Prado se-valera dele para explicar a Ezechiel, porque sabia Matematica, Architectura, e tinha erudisam. E nisto convem os bons Interpetres, que nam sam Jezuitas.

Daqui tiro este argumento. O Salmeron escreveu antes do Prado, e Vilalpando: estes escreveram antes do Pineda: este antes do Alapide: Alapide antes do Bonfrerio: este antes do Menochio: e o mesmo pofo dizer dos outros Jezuitas, que successivamente escreveram, e citam aos precedentes. Pergunto agora: ou erraram os Jezuitas posteriores dizendo, que sam necessarias as ditas facultades para explicar a Escritura, ou nam? Se nam erraram, nam erra o Apolog. Se diz, que erraram, respondi-lhe, que valem mais os erros destes Jezuitas, que concordam com todos os outros expozitores de fama, doque os acertos dos PP. Modestos.

Respondo em 2. que ao Dogmatico Polemico principiante basta a noticia geral, que dam os *Compendios*, v. g. o *Apparatus Biblicus* de Lamy, para entender as materias: e basta ter noticia de algum Dicionario Biblico, v. g. *Calmer*, e de alguns AA. mais, para se-valer nas ocazioens. Mas o Dogmatico Polemico, que quer falar em publico como Mestre, e explicar e *superiori loco* as materias sagradas; e que deve responder aos arguentes, ou confutar a algum omem douto ou Ereje,

Q

ou

(1) *Omnes bonæ artes & liberales disciplina, Dialectica, Rhet. Philos. Nat. & Moral. Musica, Arithmetica, Geometr. Astrolog. Natur., Histor. Natur., Histor. temporum, Geograph. Prolegom. 9. canon. 14.*

(2) *In Theologia, Philos. Cosmograph. Astrolog. Chronolog. Arithmetica, Architectonica, Histor., Human. Litterar. cognitione, quo quis plus profecerit, hoc maius adjumentum nactus fuerit. Denique vix est alicujus rei cognitio, etiam mechanicarum artium, que in Script. interpret. non subinde usui sit, & locis quibusdam etiam maxime necessaria. Præloq. cap. 9. sect. 6.*

(3) *Diz, que para explicar os livros de Salomam se valeo das Antiquidades Ebraicas, da Fizica, Medicina, Etica, Matematica, Istoria, ritos profanos antigos &c. „ Que omnia „ & atis Scripturis, & Salomonis rebus luminis non parum, ornamentis vero & decoris plurimum quasi obsequendo & inserviando asserre possunt. Præfat. Com. de rebus Salom.*

(4) *Et universe quo quis in quocumque scientiarum genere profecerit, eo maiora habebit ad hoc studium adjumenta: e prosegue as palavras de Bonfrerio. Menochio præfat. in Script. cap. 28.*

(5) *Taceo variam & quasi omnigenam materie amplitudinem. Quid enim in toto Veteri, Novoque Testam. non pertractatur, aut tangitur? Exempli sit instar, ut Regum, Maccabeorum, Esdræ, Danielis, & aliorum Prophetar. volumina intelligas, quam varia historia Gentilis, quot Monarchie Assyriorum, Medorum, Persarum, Græcorum, Romanorum pernoscente? quot mores gentium, ritus foederum, bellorum, sacrificiorum, conviviorum perquirendi? quot urbium situs, fluminum, montium, regionum, ex universa antiquissima Chorographia, & Cosmographia perlustrandi? In Encomio Scripturæ n. 28.*

ou Catolico ; deve fabelas bem , subpena de ficar envergonhado como bem adverte o Alapide (1) e Salmeron . (2) Porque se nam tem bem estudado a materia , mil vezes se enganará buscando noticias na ora em que lhe-sam necessarias , como succede a *certos fugenos* . Canfa-se um Teologo Escolastico toda a sua vida para saber responder a todos os sofismas , que lhe-podem pôr sobre questoes Escolasticas totalmente desnecessarias , e que nam fervem de coiza alguma à Republica Catolica : fica envergonhado se nam sabe responder ; e pasa como gato por brazas sobre as gravissimas dificuldades da Escritura , que é o fundamento da nosa Religiam , e as armas com que debelamos aos Erejes , que com elas quotidianamente nos argumentam ? E á de ficar muito airozo um destes omens , que se-chamam Doutores em Teologia , e Leitores de Escritura , nam sabendo responder às dificuldades , que lhe-propõem ? Se contassem isto em outras partes , e disessem , que os Mestres em Teologia defendem , e imprimem estas erezias literarias , ninguem o-creia .

Pag. 469. Muito se-cansa aqui Modesto em provar , que os Judeos nam tem fortissimos argumentos . E podia escuzar o trabalho , se refletise , que o Apolog. sendo Cristam , nam podia dizer , que sam *re ipsa* fortes : id est , que na verdade impugnem a vinda de Cristo . E por consequencia , so sam fortes na apparencia , porque requerem grande doutrina para se-dezatarem os ditos sofismas . Damesma sorte que os argumentos dos Ateos sam *re ipsa* falsos ; e opostos à boa razam , que é mais clara que as profecias ; e contudo nam custa pouco aos doutos convencer estes incredulos . Tal é a infelicidade , que até isto é necessario explicar ao Teologo Modesto .

Tudo o mais que se diser neste particular é esperdidado : porque Modesto negatudo aquilo de que nam tem noticia . Dizei-lhe , que leia os melhores AA. e tambem o Salmeron , e verá se é tam facil como ele cuida , e que os-compare com os Escolasticos Peripateticos , e entam nos-dirá se estes podem falar nestas materias . Se Modesto entender isto por uma vez , muito bem : senam , que fique com a sua opiniam , que o leitor examinará quem fere o ponto .

Pag. 472. Galante propozisam é esta de Modesto : *Se o Ebreo nam faz cazo da Vulgata , nenhum cazo devo eu fazer da Ebraica , e Caldaica , que nas maons deles nam é fonte , mas charco , adulterado polos seus sequazes* . Tomara que nos-ensinasse este erudito Teologo , o metodo de convencer a um Judeo , que nam admite a Vulgata , e so admite o noso texto Ebreo , e Caldeo , sem ser com estes . Seria um arbitrio novo , muito estimado polos Polemicos . Demais , o Ebreo contenta-se com o noso texto , que concorda com o deles , e nam é adulterado , como asima provei , e traz as mesmas profecias com as mesmas palavras que o noso . E quando aja dificuldade sobre os pontos ou vogais , que estam por cima , e por baixo das letras ; contenta-se com o texto sem pontos , como o-tem nas sinagogas , e so com as mesmas consoantes do noio ; e o-lem belamente os que sabem a lingua . E neste cazo , que responderá o noso Modesto ? recuzará argumentar com um Judeo , que lhe-admite o seu mesmo texto ? Nam creio , que um Teologo tam grande , e tam nomiado fará esa injuria à sua Religiam , que nunca recuzou estes dezafios . Mas aí me-dezejara eu achar , para ver como se-avinha . Com dois textos da Vulgata convencia *istū oculū* ao Judeo .

Mas

(1) *Et sane cum sectariorum hostium nostrorum omnis hic desudet industria, ut non nisi Scripturas crepent; pudeat tantillum illis concedere, pudeat ab iis vinci & superari: quin vero non tantum verba Sacrae Script. crepent, sed & sensum genuinum rimentur.* In Encomio Script. n. 38.

(2) Não lugar asima citado na Continuasam do Cap. 5.

Mas o que totalmente me-regalou , e me-chegou ao intimo da alma , foi dizer Modesto , *que os Ebreos sam ignorantés da lingua Ebraica* : e provalo com S. Jeronimo , que nem diz tal , nem fala senam de algum idiota do seo tempo : e mais abaixo [ 1 ] confirmalo com alguns Judeos Neofitos , que censuraram as expozifioens dos Ebreos , e tal ou qual sutileza de Gramatica , em que alguns nam acertaram . [ e nisto cairam tambem muitos Catholicos doutos ] Repitamos a propozifam : *Os Ebreos sam ignorantés da lingua Ebraica* . Valente dizer !

Tomàra que este P. nos difese , com quem aprendeo S. Jeronimo a dita lingua : a quem mostrava as suas versoes : com quem se-defendia sobre a verdade das suas tradufioens , senam com os Judeos , a quem pagou muito bom dinheiro para iso . [ 2 ] Tomàra que nos provàse autenticamente , que os Rabinos de Olanda , Franca , Germania , Boemia , Polonia , Italia &c. nam sabem esta lingua . Tomàra que nos-explicàse , se o Kimki , Elias Levita , Spinoza , e seiscentos Rabinos , que compuzeram Gramaticas Ebraicas , eram ignorantés dela . Tomàra que nos declaràse , se muitos Ebreos Portuguezes , cujas obras aponta o erudito Abade Barboza na sua *Biblioteca Luzitana* , ignoravam o Ebraico . Tomàra finalmente , que nos-ensinàse , de que fontes os Cristaons tiram as suas Gramaticas , senam dos Rabinos , como confesa o Jezuita Tirino : [ 3 ] e como fez o noso Portuguez Frei Francisco de S. Luiz no *Globus Arcanorum Linguae Sanctae* , que a cada passo cita aos Rabinos , e Talmud .

Mas paraque é perder tempo com uma coiza tam clara ? um cazito confirmará tudo . O maior omem na lingua Ebraica , que conhecèram estes dois ultimos seculos , XVI. e XVII. foi Joam Buxtorf o velho , Protestante Alemam , que morreo em 1629. Este compoz varios *Dictionarios Ebreos , e Caldeos , e Rabnicos , e Talmudicos , Gramatica Chaldaico-Syriaca , Concordancias Ebraicas , Cartas Ebraicas &c.* E este omem tam insigne , [ a quem Jozé Escaligero , que difficultozamente louvavã aos mais doutos , tanto celebrou ] valeo-se muitos anos dos Ebreos , para aprender as delicadezas da dita lingua . [ 4 ] E as suas cartas Ebraicas escritas aos Rabinos de infinitas Sinagogas , [ 5 ] bem mostram , se os Ebreos as-entendiam , e lhe-respondiam .

Q 2

Eu

(1) Pag. 478. 479.

(2) *De Tiberiade quemdam legis doctorem , qui apud Hebraeos admirationi habebatur , assumpsi , & contuli cum eo a vertice , ut aiunt , usque ad extremum unguem : & sic confirmatus , ausus sum facere , quod jubebatis . . . . Si quis in hac interpretatione voluerit aliquid reprehendere , interroget Hebraeos , videat ordinem , textumque sermonis , & tunc nostro labori , si potuerit , detrahat . Hieron. Præfat. in Paralipom. ad Domnion . Memini me ob intelligent. hujus voluminis , Lydium quemdam præceptorem , qui apud Hebraeos primus haberi putabatur , non parvis redemisse nummis : cujus doctrina quantum profecerim , nescio : hoc unum scio , non potuisse me interpretari , nisi quod ante intellexeram . Idem Præfat. in Jobum . Veja-se tambem a Epist. 65. ad Pamachium , Epist. 4. ad Rusticum , Præfat. in Daniel. onde confesa , que aprendeo tudo com os Ebreos .*

(3) Falando do Ebreo David Kimki diz : *Ex eo Sanctes Pagninus pene ad verbum suas institutiones , & suam linguæ Hebr. Thesaurum exscripsit . Et quidquid hodie boni habemus , quod Hebrææ Grammaticæ rationem , & Lexeon proprietatem spectat , ex ejus libris habemus . Vixit sub annum 1200. Tirinus in Indice Auctorum .*

(4) *Il amassa une bibliotheque nombreuse de livres Hebreux , & prit même plusieurs fois chez lui des Juifs habiles , pour apprendre d'eux les fineses de leur langue , e tout ce qui concerne la litterature Juive . P. Nicéron Memoires des Hommes Illustres tom. 31. p. 208.*

(5) *Judei per totam Germaniam , Poloniam , Moraviam , Bohemiam , Italianæ creberri-*  
mis

Eu supponho, que Modesto ouviu dizer, que algum Judeo sapateiro era pouco versado na dita lingua [ digo pouco versado, porque como todos sam obrigados a lerem cada dia certas orasoens Ebraicas, e tambem às vezes a Escritura, todos entendem alguma coiza ] inferio daqui, que os Rabinos tambem eram ignorantes dela. Mas inferio com tanta verdade como faria aquele, que, por achar um sapateiro Cristam, que nam soubêse Latim, concluisse daqui, *que os Cristaons nam sabem Latim*. E lembre se Modesto de pasagem, que o filho de Buxtorf em idade de 4. anos ja lia Alemam, Latim, e Ebreo. (1)

Mas paremos neste ponto, porque serã injuriar a grande erudisam de um Teologo tam vasto, e tam bem enformado do Mundo Literario, como o noso Modesto, demorar-se com a explicasam destas coizas, que sabem as criansas no primeiro mez de escola. Basta o que tenho dito para quem o entende. E baltará tambem para formar conceito de algumas propozisoens, que aqui acrecenta Modesto, fundando-se em fatos totalmente inverosimeis, sem mais prova que o dizer-se. Porque sendo certo o que dizem todos os DD. e Jezuitas que citamos, que sem aqueles requizitos nam se pode entender, e menos interpetrar a Escritura; sendo certo, que quem quer descubrir novos misterios na Escritura, é necessario, que va consultar as linguas em que Deos falou; qualquer criansa inferirá, que os que as nam sabem, e se-fundam semente em palavrinhas da Vulgata, nam podem dizer coiza que valha: e podem dizer muita novidade perigoza e arriscada: como a experienciã o-mostra &c.

## S. VI.

### *Mostra-se, que o P. Arsenio notou com acerto algumas propozisoens do Barb.*

**E**M primeiro lugar advirto, que o Apolog. citou as propozisoens censuradas por Arsenio com as mesmas palavras do Barbad. e semente acrecentou aquellas palavras, que Arsenio maliciosamente troncou, e declaram o sentido obvio; ou do contexto do livro mostrou o verdadeiro sentido delas. O que advirto, porque Modesto com a sua costumada lizura dá a entender, que o Apolog. as-adulterou. Isto presuposto, ousamos esta nova censura, que sendo feita por tantos, e tam graves Teologos, deve-se supor, que será uma coiza *mas vista, ni representada*.

**PROPOZISAM I. do Barbad.** *O peccado de noso primeiro Pai nos-trouxe por castigo ser-mos sujeitos ao engano: e por pena do mesmo peccado se nos limitou a esfera da nosa perspicacia. Nam conhecemos tam bem como ele, e somos mais sujeitos a co-nhecer mal.*

Estas ultimas palavras explicam as primeiras: e quer dizer o Barb. como dizem todos os Teologos, que.no estado da *innocencia* nam podia errar Adam contra

---

*mis Buxtorfium litteris fatigarunt: adeo ut non centurias, sed myriades Hebraicarum epistolarum a diversis Judæis exaratarum in ipsius bibliotheca reperire sit: quin integra synagoga ex omnibus Mundi angulis Buxtorfium publicis litteris salutarunt, & mirum in modum deprædicarunt.* Henning. Witte in Memor. Philosoph. p. 313.

(1) *Niceron* ibid. in Buxtorfio filio.

tra sua vontade , como diz S. Agostinho : ( 1 ) e no estado de *corrusam* todos os omens erram ainda nam querendo , como explica o mesmo Santo , ( 2 ) e o-confirma a experiencia . E esta é a grande diferenca entre os erros daquele estado , e deste : e por iso com razam o *errar* e *enganar se* se atribue ao *estado do peccado* . Mas isto nam entendo nem Arsenio , nem Modesto , e por iso repete como novidade o mesmo que diz o Barb. e Apolog. Mas abrevicmos .

Arsenio achou nesta propozisam *aliquid sapiens haresim* . Respondeo o Apolog. com S. Agostinho , 1. que uma das penas do peccado de Adam é a *ignorancia* , quer dizer cegucira da mente : 2. que esta ignorancia é a *fonte* da maior parte dos nosos erros e enganos . Pergunto : Prova Modesto , que o Barb. nam acrescentou as palavras acima ditas ? prova que S. Agost. nam dise tal ? nada diso . Logo nam prova nada .

PROPOZISAM II. *Por iso nos peccamos , e peccando nos desviamos da verdade da lei divina , que é tam conforme à boa razam , porque nam damos atensam à dita verdade .*

Neste paragrafo nam fala o Barb. do que sucede sempre , mas do que comumente sucede , por nam refletir na verdade clara ; como mostram as palavras , *dificultozamente volta os olhos , comumente se engana , cauzas frequentes de engano , e semelhantes* . Tambem nam fala de qualquer reflexam , mas da perfeita reflexam , e plena persuazam . Mas o noso Arsenio separando-a do contexto , e tomando-a universalmente , la lhe-foi descubrir um bocadinho de erezia . O Apolog. para troncar estas sutilezas , mostrou com S. Agost. 1. que a concupiscencia ( alem da ignorancia apontada na propozisam primeira ) é outra pena do primeiro peccado . 2. que S. Paulo diz , que tambem a concupiscencia nos impede dar atensam à lei natural , que o mesmo Paulo confesa ser conforme com a Divina . ( 3 ) Que é o mesmo que dizer , que a concupiscencia impedindo-nos examinar a verdade , cauzo o peccado , como diz S. Paulo ( 4 ) e Santiago . ( 5 ) Nam me demoro com a embulhada que aqui diz Modesto : repito a pergunta : Prova Modesto , que S. Agostinho , e S. Paulo nam diferam tal ? prova que destas cauzas nam nascam frequentemente os peccados ? nam senhor . Logo nam prova nada . E dizei-lhe que leia o Belarmino , [ 6 ] que individuando as penas do peccado original , conta entre elas a *ignorancia , difficultade , concupiscencia , tumultos da fantexia* : e conhecerá , que todas nos arredam de contemplar bem a verdade : e por consequencia , violentamente nos inclinam para os vicios , e precipitariam neles ; se a grafa medicinal nam nos-ilustrase , e ajudase .

PROPOZISAM III. *O accidente da eor consiste na diversa dispozisam da superficie de um corpo , que reflete a luz : que é o mesmo que dizer , que nam é uma entidade distinta da substancia .* Arsenio dise , que nam concordava com a condenasam da 2.  
pro-

( 1 ) *Nec Diabolus eum cepisset , nisi jam ipse sibi placere cepisset .* De Civit. Dei l. 14. c. 13.

( 2 ) *Approbare falsa pro veris ut erret invitus , non est natura instituti hominis , sed poena damnati .* De libero arb. l. 3. c. 18.

( 3 ) *Gentes , que legem ( divinam ) non habent , naturaliter ( naturæ lege ) ea , que legis ( divinæ ) sunt , faciunt .* Ad Roman. 2. v. 14.

( 4 ) *Caro enim concupiscit adversus spiritum , & spiritus adversus carnem : hæc enim sibi invicem adversantur , ut non , quæcumque vultis , ea faciatis .* ad Galat. c. 5. v. 17.

( 5 ) *Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus & illectus .* Deinde concupiscentia cum conceperit , parit peccatum . Jacob. c. 1. v. 14.

( 6 ) *L. 6. de statu peccati c. 9. seqq.*

propozisam de Wickleff. Provou o Apolog. que concordava maravilhosamente: porque o Ereje nunca disse, que nam existiam accidentes, que isto ninguem nega; mas disse, que nam existiam accidentes sem sustancia. A este intento diz agora Modesto muita coiza boa; mas coitadinho nem percebe, nem infringe a resposta dada: para o-provar mais claro, tocarei o que me-parece necessario.

Dois pontos temos aqui. 1. *a explicasam da cor na Eucaristia*: 2. *saber qual foi o erro de Wickleff*. Sobre o 1. dizem os Modernos, que a cor *in actu primo*, ou da parte do objeto, consiste na diversa disposisam da superficie do corpo, materia, sustancia [ estas trez palavras comumente sam sinonimas ] que faz reflectir diversamente a luz para os olhos. Cor *in actu* 2. é a actual reflexam dessa luz, que nos olhos produz diversa sensasam, id est, diversa cor. [1] Anihilada na Eucaristia a sustancia de pam, anihila-se a cor *in actu* 1. que é indistinta da materia: e naturalmente nam podia reflectir a luz, e dar-se a cor *in actu* 2. Mas Cristo milagrosamente supre a falta da sustancia de pam, e faz que a luz reflecta para os olhos da mesma sorte que fazia o pam: e temos cor *in actu* 2. ou *especie* de pam milagrosamente conservada: a qual é accidente a respeito do pam, mas em si mesmo é uma sustancia, que é a luz. O mesmo dizem aqueles Peripateticos, que defendem, que a raridade, densidade, tensidade, e gravidade nam se-distinguem da sustancia. Explicam-se do mesmo modo, como diz Arriaga [2] falando da gravidade.

Esta opiniam é Catolica, aprovada com o tacito consenfo da Igreja, defendida em Portugal, Espanha, Italia, e Roma, com aprovasam do S. Officio, em livros impresos, e por gravissimos Religiozos. [3] E isto basta paraque ninguem se-atreva a censurala, porque o-proibem os Breves, que citou o Sr. Apolonio. (4) E como Modesto nam prova, que seja falso isto, que disse o Apolog.; fala, fala, e nam prova nada.

Ao 2. ponto respondeo o Apolog. (5) *que nenhum Historico Ecclesiastico, ou Dogmatico atdqui disse, que Wickleff negava os accidentes: mas todos dizem, que negava a sustancia*. Devia agora o noso Teologo Modesto provar, *que dizem, que Wickleff negou a existencia dos accidentes, que se-estam vendo &c.* Isto nam prova ele, nem provará nunca. Logo nam prova nada.

E na verdade seria coiza galante, que um Concilio Geral se-ocupase em definir o que todos vem. Wickleff dos accidentes que via, inferio a sustancia que nam via. E o Concilio definiu, que inferio mal: porque a se enlina, que debaixo dos accidentes nam está sustancia de pam, mas Cristo realmente.

Pro-

(1) Precindo agora da diversidade que á entre Gazendianos, e Newtonianos sobre o modo de explicar-se.

(2) De Generat. Disput. 4. sect. 5.

(3) Defendem esta opiniam, alem de Maignan, e todos os seus dicipulos; Tosca Filippino de Valenza, na Fizica: Fortunato de Brescia Franciscano, Dissert. de Qualit. Corporum. Brixie 1740. mas é melhor a edisam de 1749. O Sery Dominicano, Prælect. Theolog. tom. 1. pr. 1. pag. 132. Venetiis 1742. argue os que se-atrevem a condenar a opiniam de Cartez'o, que a Igreja permite. O Drouin Dominicano de. Re Sacramentaria, tom. 1. l. 4. q. 6. f. 1. c. 4. §. 2. defende a opiniam moderna. O Vanoy Augustiniano Theolog. Moral. p. 4. cap. 5. q. 1. mostra, que os Concilios nam definiram tal questam Filozofica. O Muratori de Moderat. Ingenior. l. 1. c. 24. diz o mesmo. E outros muitos Peripateticos de mais juizo sinceramente dizem o mesmo, v. g. Tourmely, Berti, Natal Alexandre &c.

(4) Parecer pag. 13.

(5) Resposta pag. 126.

Provou o Barb. isto com o Concilio Londinense em 1396. pouco depois da morte do Wickleff, que das duas primeiras prop. de Wickleff compoem uma so, e logo pasa à 3. [1] O Apolog. provou o mesmo 1. com as palavras de Wickleff. [2] 2. com o Cardial Aliaco Padre do Concilio Constanc. 3. com a Bula de Martinho V. em que declara o erro de Wickleff.

Modesto para responder a isto, copiou as soluçoens de Ferrari, que sam bonitas. 1. Diz, que Tomaz Waldense afirma, *que o Ereje negou os accidentes reais e absolutos, que admitem os Peripateticos*. Mas erra S. P. porque Waldense diz o contrario: e explicando o sentido do Concilio contra a 2. propozisam, diz, que os accidentes se-estam vendo, e sam os mesmos que eram antes: e que a questam é sobre a transustanciafiam em corpo de Cristo. (3) E a censura dos Teologos, que cita Modello, mostra, que os Erejes nam duvidavam, que na Eucaristia perzittia a mesma quantidade do pam. E Joam Hus, grande Wickleffista, dizia no Concil. Constancienfe, [4] *manere panem post consecrationem sicut ante*, [5] *quia vides albedinem, rotunditatem, saporem panis, & fracturam audis*. Logo a questam nam era sobre os accidentes, mas sobre a sustancia.

2. Diz Modello, que a 1. prop. de Wickleff contém o erro dos *Impanadores*, a 2. o de *Wickleff*, a 3. o dos *Sacramentarios*. Eu apostarei o que quizerem, que S. P. perguntado nam saberá dizer, quais sam os erros dos *Impanadores*, e *Sacramentarios*, se nam lho explicarem. (6) Mas vamos ao ponto. Digo, que os Teologos Constancienfes desmentem a S. P. pois dizem, que o erro da 2. propozisam é *directamente contra a transustanciafiam*. (7) Logo os primeiros dois erros sam em sustancia o mesmo. Logo a 2. definisam nam caie sobre a existencia dos accidentes. Logo é falso, que a 2. condenasam fira semente a Wickleff: porque fere tambem aos *Impanadores*, e *Consustanciadores*, que todos convem neste erro, *que na Eucaristia nam se-destroe a sustancia de pam; e, por consequencia, que os accidentes nam ficam sem sujeito*. E a condenasam das outras duas propozis. fere tambem a todos estes Erejes, que negam a transustanciafiam, o que é evidente. Logo a mente do Concilio foi definir semente este dogma.

3. Diz Modesto, que os Teologos chamàram à 1. propozisam, *falsa, erronea, heretica*: e à 2. *falsa, erronea, sapiens heresim*. Logo os erros sam diferentes. Peza-me que um Teologo tam agigantado como o P. Modesto, semente lese o Concilio Constanc. nas postilas do Ferrari: porque se o lese na fonte, acharia a resposta do seo argumento. Verdade é, que na censura *breve* dos Teologos, tirada do

(1) *Natal. Alex. Hist. Eccl. sec. 14. de error. Wickleff. §. 6.*

(2) *Hostiam consecratam esse corpus Christi tantum in figura, & verum panem in natura: seu verum panem naturaliter, & corpus Christi figuratiter.* Concil. Labbei. edit. Coletti Venet. 1731. tom. 16. col. 242.

(3) *Wala. Tom. 2. de Sacram. c. 75.*

[4] *Concil. tom. 16. col. 254.*

(5) *Ibid. col. 255.*

(6) Os *Impanadores* diziam, que Cristo depois da consagrafiam se-unia à sustancia de pam por uma nova incarnasam ou impanasam. Os *Sacramentarios* dizem, que Cristo na Eucaristia nam existe realmente. Os *Consustanciadores* sam todos os que admitem na Eucaristia sustancia de pam, e existencia real de Cristo, sem que realmente se-unam entre si, como diziam os primeiros.

(7) *Secundus articulus est directe contra transubstantiationem praedictam, in principio expositam, de qua, ut dictum est, loquitur Ecclesia in verbis suae fidei, & determinationis in hac materia.* Concil. tom. 16. col. 875.

do MSS. de Lipsia; [1] se chama à dita 2. propozizam *sapiens hæresim* ao principio: mas ali mesmo explicando a razam da censura, lhe chamam absolutamente *erezia*, e fundam-se em textos, que mostram que é *erezia*. [2] Alem diso na censura, que os mesmos Teologos fizeram mais *disuza*, tirada do MSS. Cezareo Vindobonense, a 2. propozizam se chama absolutamente *hæretica*: [3] e se diz, que as trez propozifoens ditas se opoem *directe* à transustanciafiam, como mostrei pouco antes.

Dirá Modesto: E como se podem concordar estas censuras? Belamente. A 1. propozizam opoem-se *imediatamente* ao dogma: a 2. *mediate & illative*. Porque se a *sustancia de pam se converte em Cristo*; se os *accidentes ou especies que ficam se distinguem da sustancia de pam*; segue-se, que os *accidentes ficam sem sujeito*. E assim os Teologos quando consideram a 2. como incluindo o mesmo erro da 1. e directamente oposta ao dogma, chamam-lhe *hæretica*: quando a consideram como consequencia da 1. e illative oposta ao dogma, chamam-lhe *sapiens hæresim*: mas confessam, que contém realmente o erro da 1. Bem sei que Wickless escuzadamente separou uma da outra: mas como ele as disse separadas, deviam se condenar separadas.

Confirma-se 1. com o Londinense em 1382. que chama às 3. propozifoens *hæreticas*. (4) Confirma. 2. Se esta 2. propozizam nam contém o erro da 1. contém outro. Este outro so pode ser *negar a existencia dos accidentes*. Logo o Concilio definio a existencia dos accidentes absolutos Peripateticos (porque dizer que á *especies* iso vem todos.) Logo sam *formalmente Ereses* os Modernos inumeraveis, que defendem o contrario. Mas isto é falso, porque a Igreja permite a dita opiniam moderna, e é certo que a Igreja nam permite *erezias*. Logo a 2. prop. contém o mesmo erro da 1. Alias mostre Modesto, qual outro erro se condena nela, o que nunca mostrará. Aqui nam á meio: Se a Igreja definio os *Accidentes Peripateticos*, sam *formalmente Ereses* todos os inumeraveis Modernos, que defendemo contrario: e a Igreja nam so permite, mas manda ensinar *erezias*, e aprova livros que as defendem *ex professo*; o que porem nenhum Catolico, nem sonhando se-atreverá a dizer. Se nam definio tal, mas so definio o dogma, como é certo; é um tremendo caluniador o noso Pregador Modesto, que se-deveria castigar por iso, e so se-pode perdoar considerando na sua ignorancia.

4. Diz Modesto, que o Cardial Aliaco escreveu os seus Comentarios 21. ano antes do Constancienfe, celebrado em 1414. Logo nam podia explicar o sentido dele.

Respondo, que antes do Constanc. o Concilio Londinense em 1376. e Gregorio XI. e outro Londinense em 1382. vivendo ainda Wickless (morreo este em 1384.) *solenemente* condenaram os ditos erros. Em 1396. o Concilio Cantuariense, em 1408. o Concilio Oxonienfe, em 1413. o Concilio Romano condenaram os mesmos erros. E como eram muitos os sequazes em Inglaterra, e cauzavam orrendos tumultos, fizeram-se diversos Concilios, e decretos Reais contra eles; e fo-

(1) Concil. tom. 16. col. 846.

(2) *Pates etiam hæresis istius conclusionis. Quia qui aliter sentit de Sacramentis Ecclesie, quam Romana Ecclesia, hæreticus est. Romana autem Eccl. sentit, Accidentia esse sine subjecto in Sacram. Altaris, c. cum Mariz de Celebr. Missar. Decr. l. 3. t. 41. cap. ad Abolendam de Hæretic. l. 5. tit. 6. Ideo &c. Conc. ibid. col. 847.*

(3) *Illi primi tres articuli (Wicklessi) de quadraginta quinque sunt hæretici.* ibid. col. 870.

(4) *Natal. Alex. l. c. n. 2.*

foram condenados os mesmos erros pelas Universidades de Pariz, Praga, Oxtord. E assim nam podia ignorar Aliaco quando escreveo, que coiza cria a Igreja, e diziam os Concilios nesta materia tam debatida, tam publica, e tam famosa. Mais. Aliaco foi um dos que examinou, e dirigio no Constanciense a condenasam de Wickleff, e sabia muito bem a mente do Concilio neste ponto. E vivendo ele 7. anos despois de terminado o Concilio, nunca retratou o que tinha dito. E nam é verosimel, que um Cardial tam pio, e douto, e P. do Concilio, se acazo conhecesse, que a doutrina que tinha proposto como *Catolica*; e nam definida pola Igreja, era a mesma condenada em Wickleff como *falsa*, *erronea*, *sapiens heresim*; nam se retratase solenemente: pois nam eram bagatelas, que se-disfarsasem: e os mesmos Wickleffistas o-acuzariam; porque os tais livros eram vulgares. E mais facilmente se-retrataria Aliaco, visto defender ele a opiniam dos Escolasticos. E como ele nam se-retratou, é certo que nam era este o intento do Concilio.

5. Diz Modesto, que tambem Martinho V. nam exprimio na Bula outra propozisam de Wickleff. Logo nam nomiou todas. Respondo, que para os outros erros separados bastava a clauzula geral. Mas devia provar Modesto, que publicando o Papa uma Bula expresa contra Wickleffistas, e tratando nela a materia dos *Sacramentos*, que era o erro principal deles, reduzise, como reduzio, as primeiras trez propozisoes a uma so; e dali pasase ao outro erro dos Boemios, sem falar uma palavra no 2. erro de Wickleff, que era tam celebre. Este é o ponto da dificuldade: e isto é o que Modesto nunca provará. Polo contrario tendo eu provado com os PP. do mesmo Concilio, que o erro 2. e 3. era o mesmo que o 1., confirma-se a razam com que Martinho V. nam nomiou tal erro separado; porque vio que era escuzado. Confirma-se alem diso com o moderno Jezuita Baltazar Francolini, que no seo *Tirocinio* referindo os erros de Wickleff sobre a Eucaristia, nam fala de Acidentes, mas reduz os dois primeiros erros a um so, que é a *transustanciasam*: (1) e contudo o Francolini era um acerrimo Peripatetico. Mas nisto dise a verdade: nem o noso Modesto com toda a sua coorte nos-mostrará Istorico Ecclesiastico, que diga o contrario: e se ouver, será algum idiota, e principiante, que nam saiba os primeiros principios da Istorica.

Tenho dito o que basta, e sobeja para mostrar, que Modesto nam respondeo a nada do que lhe-opuzeram: e que a doutrina do Barb. e Apolog. é a mesma verdade. Agora vai uma estocada mortal, que o noso Modesto certamente nam esperava: e vem a ser, que o grande Bispo e Controversista Bossuet na *Expozisam da doutrina Catolica contra os Protestantes*, que se-acha traduzida em varias linguas, e tambem em Italiano, e impresa em Roma em 1678. com grandes elogios, falando da *Transustanciasam*, explica os Acidentes Eucaristicos no sistema Moderno, por exteriores especies ou apparencias, que fazem impresoes naturais nos nosos sentidos, e nam por accidentes absolutos Peripateticos. E este livro tem ao principio, alem de aprovasoes de Cardiais, Bispos, Teologos &c. um formozo *Breve de Innocencio XI.* que louva muito, e aprova a doutrina do livro: (2) o qual foi muito

R

bem

(1) *Wickleffus ait, substantiam panis & vini remanere post consecrationem: Christum in hoc Sacramento non esse realiter, & in propria corporali presentia.* Tyrocinium Theolog. part. 3. S. I. n. 45.

(2) *Itaque non solum a nobis commendari, sed ab omnibus legi, atque in pretio haberi meretur. Ex eo sane non mediocres in Orthodoxae fidei propagationem --- utilitates redundaturas Deo bene jurante confidimus.* Innocent. XI. in Brevis an. 1679. que se-acha ao principio do dno livro da edisam de Pariz de 1686. e em todas as posteriores.

bem examinado em Roma antes de se aprovar. Comque ja terios o *sistema moderno dos Acidentes* autenticamente declarado por Catolico, e utilissimo. E assim adverti ao erudito Modesto, que antes de falar nestas materias, enforme-seo com quem as-tem estudado. E que leia o *Fortunato de Brescia* da ultima edisam, em que responde ao Ferrari, e Boucat Franciscanos, e ao Beneditino Weis, e aprenderá muita coiza, em que está às escuras.

Ao que diz do *sistema da grafa*, é elcuzado acrescentar mais nada: tendo se dito, que é opiniã defendida em Univerfidades Catolicas, e em Roma, sem a minima censura. E este, como tambem o *sistema dos accidentes*, defendem, e devem defender todos os Catolicos, que seguem a Filozofia Moderna, que sam infinitos. Nem é necessario que os Papas com Bula expresa o-approve: basta que mandem, como tem mandado, ensinar nos estudos publicos a Filozofia Moderna, de que este sistema é parte. E senam perguntai-lhe que Bula publicaram os Papas na Congregasam de Auxiliis para aprovar a *ciencia media*, como opiniã Catolica. Certamente nenhuma, mas tacitamente se aprovou, permitindo a defeza. Pois com esta mesma Bula, e ainda mais, como mostrei, se-approvou o sistema moderno. Nem Modesto provará nunca, que o sistema de S. Boaventura foi approvado por ser Peripatetico, nem tal dizem as Bulas. Alias nam deixariam oje os Papas defender o Moderno, que é contrario ao Peripat. O mais que daqui se-tira é, que ambas as opinioens sam Catolicas: e por consequencia, que nam deve Modesto meter-se a censurar. o que nam lhe-pertence. Ora aqui tendes, meo Jozé, que o voso agigantado Teologo Modesto entrou, qual outro Goliã, a dezañar todo o exercito dos Modernos, e saõ um Pigmeo Aliado do Barbadinho, e prego-lhe uma seixada na testa, que o-derrubou.

Concluo, que mal entendeo Modesto a propozisam: *Ninguem atdqui lhe chamou nomes &c.* pag. 490. porque ele fala dos omens Filozofos: e Ferrari é um *ninguem* em materia de Filozofia &c. Muito pior dise p. 492. *que S. Agost. se-explicou na realidade com formas accidentais Peripateticas*: porque isto é falso, e nunca se-provará. Tambem inferio mal: *No seculo 3. se-julgou Arist. proprio para a religiam Catolica. Logo as formas Aristotelicas nam se-introduzirã no seculo 13.* porque a maior é falsa: e ainda sendo verdade, nam saie tal concluzã.

PROPOZISAM IV. *Anatureza umana de Cristo unida à pessoa do Verbo, nam é pessoa umana, mas divina.* Chamou-lhe Arsenio *eretica*, ou *blaffema*. Respondeo o Apolog. que o Barb. so diz, *que a natureza umana unida ao Verbo perde*; id est nam tem, *a sua subsistencia*, e *subsiste na divina*: [ porque *subsistencia e pessoa é o mesmo* ] e respondeo bem, porque o Barb. acrescenta estas palavras: *e as asoens se-tribuem ao Verbo*, que tirã toda a duvida.

Mas ainda troncando as ultimas palavras, e tomando-a mutilada, como faz Arsenio, a propozisã é santa, e boa. Que coiza é *a natureza umana de Cristo unida à pessoa do Verbo*, senã Cristo? (1) (porque aqui ja se-toma *in concreto*) e que pessoa é Cristo, senã pessoa Divina? Isto bastava para total resposta.

Porem tornando à explicasã do Apolog. o sutilissimo Modesto acha nela mudansa de propozisã, e ostenta muita doutrina. Mas nam temos necessidade de tam profunda Teologia: paremos no ponto da dificuldade. Prova Modesto, que no *Metodo* nam estã aquelas ultimas palavras? prova que elas nam expliquem claramente o sentido do Barbadinho? prova que a propozisã ou com as ultimas pa-  
lavras,

---

(1) *Anima, & caro Christi cum Verbo Dei una persona est, unus Christus est.* Augusti tract. 49. in Joann.

lavras, ou sem elas, nam seja Catolica? nam senhor, como asima mostrei. Logo nam prová nada.

E notai que a mesma propozizam inteira do Barb. em sustancia, e com pouca mudansa na forma, dise Ferrando Diacono: (1) dise S. Joam Damasceno: [2] dise S. Gregor. Nifeno: (3) e para nam citar mais PP. que diseram o mesmo, dise-a tambem o Jezuita Petavio: (4) e devem dizer todos os Catolicos, que crem, que Cristo, o qual é *una persona composita ex divinitate celesti, & humana carne*, como diz o Efezino, (5) é pessoa divina. Mas o que tem mais graça é, que o mesmo P. Arsenio, que criticou a propozizam, dise outra semelhante, (6) nem pode ter outra interpetrasam Catolica.

**PROPOZISAM V.** *Quando a natureza criada se une a uma pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se ficam attribuindo à divina.* Arsenio para poder dizer mal desta propozizam, troncou as ultimas palavras, e tomou-a *in abstracto*. Respondeo o Apolog. que as ultimas palavras bem mostram, que se-fala da *subsistencia*, e nada mais.

Modesto faz agora grande espalhafato sobre a palavra *dominio*: esqueceo-lhe porem fazer nova bulha sobre a palavra *alto*, de que nam falam os textos, que traz. Mas toda esta erudisam era escuzada. O Barb. no tal paragrafo fala expressamente da *subsistencia*. Isto basta para ver o sentido da propozizam, e referir à *subsistencia* as palavras *alto dominio*. Visto nam ter-mos proibisam alguma para uzar das ditas palavras, muito mais juntas com outras, que as-explicam melhor. E so os nosos Modeltos podiam fazer tal reparo: os outros Teologos leram-na, e entenderam-na muito bem, e fazem escarneo da censura.

**PROPOZISAM VI.** *Omne que nam despe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as afoens deste omem nam sam officios, mas vicios, e maldades.* Arsenio separando a do contexto, achou nela uma valente propozizam de Bayo. Para entender esta propozizam, refirirei todo o contexto do Barb. (7) *Quando o estudante quizesse seguir a Lei, neste caso obrigalota a que estudasse, e completasse o estudo da Etica antes de entrar na Lei. A razam disto é, porque a Jurisprudencia Civil tam necessaria a todos os que tem empregos publicos, nam se-pode separar da Etica, sem cair em infinitos erros: porque omem que nam despe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as afoens deste omem nam sam officios, mas vicios, e maldades. A Politica sem Etica é arte de enganar: pois so é bom cidadam o que é omem bom. Onde quem quer seguir aqueles empregos deve unir a prudencia com os principios da Etica.* A vista disto dise bem o Apolog. que ali nam se-disputam pontos Teologicos

R 2

cos

(1) *Deus humanam sibi naturam potenter atque ineffabiliter adunavit tanto vinculo unitatis, ut persona Verbi fieret persona carnis.* Epist. ad Anatol.

(2) *Non enim propria vi consistens Dei verbi caro subsistit: nec altera facta est hypostasis præter hypostasim Dei Verbi.* De duob. Chr. volunt. l. 3. c. 9. p. 199.

(3) *Renovatur quod humanum est, quando per temperationem cum eo, quod divinum est, fit & ipsum divinum.* l. 4. contra Eunomium pag. 162.

(4) *Recte ita loquimur: Homo factus est Deus. h. e. natura hæc humana, que est in Christo, per divinam operationem, ac S. efficiente Spiritu, cum Verbo copulari cæpit, ac Deus esse.* De Incarnat. l. 4. c. 10. n. 15.

(5) *Apud Petavium ibid. l. 3. c. 12. n. 5.*

(6) *Sciendum 2. unionem (naturæ humanæ Christi) factam esse in persona Verbi, & in unitatem personæ. [divinæ] Disputat. de Incarnat. n. 190.*

(7) *Metodo rom. 2. p. 83.*

cos de liberdade : mas explicam-se os erros em que caem os Juristas Politicos por falta de Etica .

Modesto torna a repetir o mesmo, que disse Arsenio , sem dezatar a resposta do Apolog. Mas debalde se-canfa. O Barb: 1. nam fala de todos os omens. 2. nam fala de todos os Juristas. 3. fala dos Juristas Politicos , que administram empregos, e estados &c. 4. nam fala das afoens particulares morais, mas publicas e politicas, com que muitos deles enganam os fuditos, e as nãoens estranhas. E estas limitafoens tiram a propozifam da generalidade, em que a-toma Arsenio; e dam-lhe outro sentido diferente, em que nam á que reparar. Logo Modesto nam prova nada.

**PROPOZISAM VII. A Teologia fundada sobre as formas sustanciais, e accidentais é prejudicial aos dogmas da Religiam.**

Nesta propozifam tomada no verdadeiro sentido nam á que reparar, porque é uma propozifam Istorica. O Barb. primeiro explica, qual é a boa Teologia Escolastica: e daqui infere, que aquela Escolastica, que so se-funda nas formas &c. e nas outras sutilezas Metafizicas [a que chama *galantarias da Escola*] é prejudicial aos dogmas. Nam diz, que so por se-fundar nelas é prejudicial, como supoem Modesto; mas explica, que fala daquela Escolastica, que fundando-se nas formas, produz muita sutileza prejudicial à religiam. Isto disse em sustancia o Barb.

Mostrou o Apolog. com dois entimemas, ou silogismos imperfeitos [mostra aqui nam saber Modesto, que o entimema se-chama *silogismo imperfeito*, e é um verdadeiro silogismo, cuja menor v. g. está oculta] que o silogismo de Arsenio nam prova nada. Provou com graves Peripateticos, que da sutileza Peripatetica tem nacido muito erro. Modesto nam confuta esta resposta: contudo acumula, segundo costuma; mil coizas inutis. Para provar com clareza que Modesto nam responde a coiza alguma, reduzirei tudo o que disse ou insinuou o Barb. e Apolog. a dois silogismos.

I. Aquela Filozofia com razam se-julga prejudicial aos dogmas da fé, que desde o principio que se-misturou com os dogmas (desta misturada, digo de questioens Metafizicas, e Fizicas applicadas aos dogmas, se-compoem a *Escolastica Peripatetica*) produzio muitos erros; e por temerem que produzise mais, se-proibio. (esta propozifam é certa) Atqui que a introdufãam da Logica, e Metafizica Peripatetica na Teologia produzio no seculo XII. os erros de Abelardo, Porretano, e outros: [esta parte provou o Sr. Apolonio] E no seculo XIII. a introdufãam da Fizica Aristotelica produzio em Pariz os erros de Almarico, David de Dinanto, Simam Tornacense, Mauricio Espanhol, e outros; por cuja cauza o Concilio Senonense mandou queimar a Aristoteles, e o-proibio: e alguns Papas, e seos Legados proibãram por alguns seculos ou todos, ou alguns livros dele. (esta parte provei acima no cap. 3.) Logo a Escolastica Peripatetica, que consta desta misturada, com razam se-julga prejudicial aos dogmas da fé. (\*)

II. Aquela Escolastica (falo sempre da Peripatetica) com razam se-julga ser prejudicial aos dogmas da fé, que foi reprovada, 1. por alguns Papas: 2. por alguns Santos: 3. por muitos Teologos celeberrimos, desde o tempo em que come-sou,

---

(\*) Que a demaziada sutileza Peripatetica ainda oje produza muito erro na Teologia, se-prova claramente com a Teologia do P. Joam Marin, que por iso foi proibida, e tem muitas propozifaoens acuzadas. E me admira, que sem reparar nisto, se-permittise, e exaltãse a lisãam deste livro perigozo, em certas partes &c.

foi, até o tempo em que se mudou de método, que foi polos tempos do Concilio de Trento com pouca differença: 4. que nam serve para confutar Erejes, antes deo ocaziam aos ditos de escarnecerem dos Catholicos. [esta prop. parece certa] Atqui que tal é a Escolastica Peripatetica. Logo sem injuria se julga prejudicial aos nosos dogmas. Esta menor contém quatro partes expresas na maior, que brevemente provarei. Tudo isto porem ja provou o Apolog. (1) e Sr. Apolonio, (2) aos quais me-refiro: e so apontarei alguma auctoridade para poupar trabalho áqueles, que nam puderem ler o Launoio, e Buleo, que trazem tudo.

1. PAPAS. Em 1228. Gregorio IX. escrevendo à Universidade de Pariz, proibe este modo de filozofar Escolastico, polos danos que cauzava: (3) e o mesmo repete no Breve de 1231. (4) Em 1262. Urbano IV. confirma o Breve de Gregorio IX. (5) Em 1317. Joam XXII. falando com a dita Universidade, reprovava o mesmo abuzo. (6) Em 1346. Clemente VI. fez o mesmo reparo. [7] Clemente VII. aquele que comefou a reinar em 1523. chamava *fantasticos* aos Theologos Parizienfes pola dita cauza. [8] Os outros Papas citou o Sr. Apolonio.

Aqui deveis refletir em duas coizas: 1. que Joam XXII. e Clemente VI. escrevèram aquilo despois que a Escolastica Peripat. estava no seo auge, e ja reinavam as setas de *Albertistas*, *Tomistas*, *Escotistas*, *Ocamistas* &c. 2. que todos estes Papas reprovando as sutilezas Peripateticas, inculcam sempre a Dogmatica Metodica, ou boa Escolastica, que se funda na Escritura, e Tradisam: em que mostram a distincam que faziam delas.

2. SANTOS. S. Bernardo no seculo XII. declamou fortemente contra as sutilezas Metafizicas de Abelardo na Teologia, cujas cartas citou o Sr. Apolonio. E contudo naquele tempo ainda nam tinham introduzido a Fizica, o que se-fez no principio do XIII. em que totalmente se-depravou a Escolastica. O Beato Simam de Cassia Augustiniano, e varam muito douto, que morreo em 1348. escreve com grande zelo contra a Escolastica Peripatetica, e aponta os defeitos dela. (9) S.

An-

(1) Resposta pag. 112. seq.

(2) Parecer pag. 86. seqq.

(3) *Quidam apud vos spiritu novitatis, ut videtur, dissenti, postea a PP. terminos profana transferre satagunt novitate --- ad doctrinam Philosophicam naturalium inclinando, ad ostensionem scientie --- Cum enim Theologiam secundum approbatas traditiones SS. exponere debeant, --- ipsi doctrinis peregrinis abducti, ancilla cogunt famulari reginam --- profecto scientie naturalium plus debito insistentes --- Ne igitur hujusmodi dogma temerarium & perversum serpat, & inficiat plurimos --- mandamus, & districte precipimus, quatenus predicta vesania penitus abdicata, sine fermento mundane scientie doceatis Theologicam puritatem, non adulterantes verbum Dei Philosophorum figmentis.* Contin. Baronii ad ann. 1228.

(4) *Buleus* Histor. Univ. Paris. ad an. 1231.

(5) *Buleus* *ibid.* tom. 3. pag. 367.

(6) *Raynaldus* Continuat. Baronii ad ann. 1317.

(7) *Schola Parisiensis doctores ne vanis argutiis, & inutilibus questionibus, ac periculosis captionibus tractandis intenderent; sed solidam Catholicam veritatem ex sensu Patrum interpretarentur, admonuit.* Spondanus Hist. Eccl. ad an. 1346.

(8) *In* Histor. Caroli V.

(9) *Puram & simplicem & necessariam Scripturae scientiam non habentes, additis syllogismis, querunt apparere per utrum. --- Et in tantum exorbitaverunt naturales hominum mentes --- credentes quod Theologica non possunt apprehendi, nisi caeco Aristotele duce. Eabaixo: Ecclesiam Dei non vidi ex hoc in aliquo iutam: & quo magis per rationes naturales se velent*

Antonino Dominicano, e Escolastico do seculo XV. tambem fala bem claro dos defeitos dos Peripateticos (1) de entam, que sam os mesmos que vemos no P. Modelto. No mesmo seculo o Veneravel Joam Gerson Cancelario de Pariz, e P. do Concilio Constanciense, expoem tam claramente os defeitos dos Escolasticos, que ele so bastava para provar quanto disse o Barb. O Apolog. citou alguma autoridade: eu porei outra. (2) E observe que Gerson repete varias vezes, que os Escolasticos eram reputados por *fantasticos*, por cauza das sutilezas sofisticas. Deixo de citar outros SS.

3. **TEOLOGOS.** No seculo XII. em que a *Dialectica de Arist.* e *Isagoge Porphyrii* (esta era a Metafizica Aristotel. que entam estudavam: e so no fim do seculo appareceo a verdadeira Metafizica dele) se-introduzio nas escolas de Teologia, alguns compuzeram as primeiras *Sumas Theolog.* cheias de questoes futis: e disto se-queixaram altamente os Teologos dese tempo. Gualtero Prior de S. Vitor escreveu contra eles. (3) Enrique Gandavense nota o mesmo vicio em Simam Tornacense Teologo de Pariz. (4) Tritemio Beneditino do seculo XV. falando de Abelardo, condena o tal abuzo. (5) No fim do mesmo seculo XII. Estevam Bispo Tor-

---

lent tueri, eo amplius minueretur fidei fortitudo. Legi historias ab initiante Christo Ecclesiam quot & quot legere potui: legi Conciliorum acta, & legi adesse Philosophos --- & non reperi repugnasse adversarios per Philosophicas rationes: non comperi adduxisse aliquem ad fidem per syllogismos, & questiones --- Immo quot quot ista scientia fuere imbui, Christianitatis titulum cognoscimus, libellum huic meretrici dedere repudii, accipientes uxorem virginem de populo Sancto Dei: scilicet fidelem scientiam, non corruptam sophisticatibus atque garrulitatibus Dialecticorum: non abstractis decretis insectam: non contentionibus inservientem. Lib. de Vitiis. c. 14. & 21.

(1) Cum conantur dicere subtilia, non utilia, ut videantur ab hominibus, & vocentur Rabbi: quod precipue in Magistris Theologie reprehensibile est, & precipue in hoc offendunt --- Magistri Parisienses, & in Anglia, & in Oxonia, tam seculares, quam Regulares; tam Prædicatores, quam Mores, & alii, quorum aliquorum arrogantia inexplicabilis est: in quorum scholis non Propheta, non Moysis lex Sancta, non Christi sapientia Patris, non Evangelium, id est, non doctrina Apostolorum, non SS. DD. auditur: sed reboat Philosophus, & dolosa terra, & Commentator ejusdem --- Adeo quod in scholis Theologia, non sermo sacer, sed Philosophia legatur. Immo nec jam textum sententiarum ( Lombardi ) legunt DD. & Baccalarij in scholis, sed questiones properant curiosas. Summa Theolog. part. 3. tit. 5. c. 2. §. 10.

[2] Reverende Pater, sub vestra, & magistrorum nostrorum correctione, in Facultate Theolog. videtur esse necessaria reformatio super sequentibus. 1. Ne tractentur ita communiter doctrine inutilis, sine fructu & soliditate: quoniam per eas doctrine ad salutem necessarie & utiles deferuntur. 2. Per eas non studentes seducuntur, quia putant illos principaliter esse Theologos, qui talibus sedant, sprete Biblia, & aliis DD. 4. Per eas Theologi ab aliis Facultatibus iridentur, & appellantur phantastici. 6. Per eas Ecclesia, & fides neque intus, neque foris edificantur. Constat quod dant occasionem credendi, quod Deus non sit omnino simplex, aut unus, sicut dicunt Braduardi. In Epist. ad Prælatum quemdam.

(3) O titulo do livro é: *Contra manifestas, & damnatas in Conciliis hereses, quas Sophiste Abelardus, Petrus Lombardus, Petrus Pictavinus, & Gilbertus Porretanus libris Sententiarum suarum acunt, limant, roborant.* Bulæus Hist. Univ. Parif. tom. 2. p. 402.

(4) Dum nimis & in hoc, & in aliis suis scriptis Aristotelem sequitur, a nonnullis modernis hereses arguitur. De Script. Eccles. c. 24.

(5) Ab hoc tempore Philosophia secularis sacram Theolog. sua inutili curiositate foedare cepit. De Script. Eccles.

Tornacense pede ao Papa, que emende estas novidades, e abuzos. (1) Paulo Langio Monge Cizenfe condena o mesmo em Alberto Magno, dizendo, que se atreue a unir a sapiencia umana (Fizica) com a Teologia: (2) e o mesmo dizem outros Teologos. No fim do seculo XIV. a Faculdade Parizienfe condenando os erros de Montefono Dominicano, e acuzando-o a Clemente VII. reconhecido polos Francezes por verdadeiro Papa, reprova os que introduziram estas novidades na Teologia, como diz o Apolog. e aindaque nam condena exprefamente o metodo de S. Tomaz, condena o mau uzo que dele faziam os Teologos, contra a mente do Santo. [3] No seculo XV. Nicolao de Clemangis acuzo os Escolasticos Perip. por nam fazerem cazo dos dogmas, e demorarem-se com sutilezas perniciozas. (4) Elles bastam: e como os livros sam vulgares, nam cito as palavras, por brevidade.

4. NAM SERVE PARA CONFUTAR ERFJES &c. Esta propozifam provei afima no cap. 8. da Logica, falando da 4. propozifam; que censurou Modesto.

Logo é certo, que a Especulativa fundada na Fizica Aristotelica se-julgou prejudicial aos dogmas, que era o negado.

Podereis argümentar com S. Tomaz, cuja doutrina louvaram alguns Papas. Para responder a isto, devo distinguir na Suma de S. Tomaz trez coizas, e todas trez separaveis entre si: os dogmas, que tem muitos: o metodo Dialectico, ou Escolastico, com que os-trata: e as questuens suis Fizicas, e Metafizicas, que introduzio nos tratados. Presuposto illo digo, que os dogmas, e metodo é o que se-louva em S. Tomaz: pois ele foi um dos primeiros, que no dito seculo fes uma colefam de dogmas com tam boa ordem, e clareza, em que nam dise a minima palavra contra a fé, e bons costumes. As questuens poreem Fizicas, e Metafizicas da Suma, que nam tem parentesco com os dogmas; nem servem para elles, nemhum Papa louvcu. As razoes sam bem claras.

Os Papas, em vida de S. Tomaz, e despois da sua morte, proibem estas questuens nos outros, e encomendam às Universidades, que evitem estes abuzos. Logo nam podem aprovalas em S. Tomaz. Os Papas proibem a lisam de Aristoteles em Pariz, polos danos, que quotidianamente produzia a sutileza Peripatetica. Logo nam podem aprovar os mesmos principios em S. Tomaz. Os Papas encomendam sempre, que se ensine nos estudos publicos a Teologia fundada na Escritura, e Tradifam dos PP. Logo nam podem aprovar em S. Tomaz questuens desnecessarias, e fundadas nos principios Peripateticos. Os Papas aprovam a doutrina Teologica de S. Tomaz. Este S. declarou, que a Teologia se-fundava em principios revelados, Escritura, e Tradifam: e que a razam so servia para explicar melhor alguns dogmas. (5) E com effeito nam á mais verdade que esta, e isto mesmo di-

zem

(1) *Lapsa sunt apud nos in confusioem officinarum, Sacrarum studia litterarum, dum & discipuli solis novitatibus applaudunt, & magistri glorie potius invigilant, quam doctrine. Novas recentesque Summulus, & Commentaria firmantia super Theologiam passim conscribunt. . . . Quasi nondum sufficerent SS. opuscula PP. -- Hec omnia, Pater, Apostolica correctionis manu desiderant.* Apud Natal. Alex. Hist. Eccl. tom 7. c. 6.

(2) In Chronico ad an. 1258.

(3) Nat. Alex. ibid. tom. 8. p. 130.

(4) Epistola 75. & de Instituendo Theolog. studio. Apud Acheri Spicilegii tomo 7.

(5) *Argumentari ex auctoritate est maxime proprium Sacrae doctrine, eo quod principia hujus doctrine per revelationem habentur -- Utitur tamen Sacra doctrina etiam ratione humana,*

zem todos os Teólogos Modernos. Logo os Papas aprovam esta Teologia. Logo nam podem aprovar as questões, que se fundam somente em principios Aristotelicos. E assim quando os Papas louvam a doutrina de S. Tomaz, claramente se ve, que louvam estes principios Teologicos, que S. Tomaz poz como baze da sua Teologia: e que nam so defende na *Suma*, mas em outros tratados.

Quanto às questões sutis Metafizicas, e Fizicas desnecessarias, a Igreja nam as aprovou, mas tolerou por gravissimas razoens. Primeiro, porque S. Tomaz declarou, que citando os Escolasticos preocupados com as futilidades, foi necessario que se conformasse em parte com o metodo, que reinava, para os poder atrair. (1) E nisto, que fez contra sua vontade, obrou com muito juizo, e prudencia, pois de outra sorte nam configuriaria o dito fim, e o intento dos Papas, que era emendar os abuzos dos Escolasticos. Oje porem, que os melhores Teólogos ja tem aberto os olhos, e seguem outra estrada, devia reformar o metodo, e reduzi-lo aos verdadeiros principios, que insinuou o S. como ja vam fazendo muitos Dominicanos.

Alem diso, S. Tomaz comentou a Lombardo, que era o texto daqueles tempos, o qual nam tem questões sutis, tirando uma ou outra rarissima, nem termos Peripateticos. Tambem o S. escreveu *contra Gentes*, e outros tratados Dogmaticos: e bem mostrou nisto, que dezejava reestabelecer a Escolastica de Lombardo, que realmente era a mesma dos antigos PP. Alem diso os Papas louvam tambem muito a *Suma de S. Boaventura*, que é totalmente diferente da de S. Tomaz, e nam traz questões sutis: por cujo motivo a prefere Gerson a todos os Escolasticos. (2)

Alem diso os Papas tanto antigos, como modernos em todas as Bulas, em que louvam a S. Tomaz, falam geralmente da doutrina Teologica: e se algumas vezes nomeiam a Escolastica, declaram que entendem aquella Escolastica, que se funda na *Escritura, e Tradisam*. No que claramente se ve, que nam aprovam futilidades Peripateticas, mas so a Teologia util à Igreja. Baita por todas a Bula *Verbo Dei scripto* de Clemente XII. em que concede aos Dominicanos a faculdade de darem o grau de Doutor em Teologia aos seus estudantes seculares. Pois louvando tanto a S. Tomaz, e citando aos Papas, que o louvaram, declara o que aqui digo. (3) De que se infere, que os elogios dos Papas sam dados à doutrina Teologi-

na, non quidem ad probandam fidem, sed ad manifestanda aliqua alia, que tractantur in hac doctrina &c. Summa. 1.2.q.1.art.8. ad 2.

(1) Consideravimus hujus doctrine (Theologiæ) novitios in his, que a diversis conscripta sunt, plurimum impediri. Partim quidem propter multiplicationem inutilium questionum, articulorum, & argumentorum --- Hec igitur & alia hujusmodi evita e studentes, renzabimus cum confidentia divini auxilii, ea, que ad sacram doctrinam pertinent, breviter & dilucide prosequi. Prologo. n. Summæ.

(2) Gerso de Examine doctrinar. cens. 61.

(3) Verbo Dei scripto, & tradito innixam scientiam, res divinas & mores Christiano homine dignos, ad rectum Ecclesiæ ministrorum ordinem, & salutem animarum solide pertrahentem; eisque DD. ac Mag. pietate venerabiles commendari tunc maxime convenit, cum ingruente falsorum dogmatum illuvie fides Catholica, Christiani mores, supreme curie nostre commissi, periclitantur. Quo loco predecessores nostri Romani PP. Sancti Christi Confessorem Thomam Aquinatem, Ecclesiæ Doctorem, honoris causa Angelici cognomine appellatum semper habuerunt: eum propterea justis laudibus in suis diplomatis prosecuti. E vai citando a todos os Papas.

logica geralmente, e nam às particulares opinioens. E nisto convem com outros o Jezuita Gisbert. (1)

Alias seriam todos abrigados a seguir nam so o metodo, mas as opinioens escolasticas de S. Tomaz: o que nam fazem: pois até os Jezuitas, que polas suas leis devem seguir a S. Tomaz, afastam-se dele em mil coizas de supozisam, como é notorio. E se o Jezuita Possentino nam pecou contra as Bulas, compondo uma lista de questioens tiradas da *Suma* de S. Tomaz, que por diversas cauzas nam se-devem ensinar na Teologia; (2) tambem nam pecarám os outros, que aumentarem a dita lista com outras muitas questioens Escolasticas: e se-ocuparem samente em dilucidar as questioens dogmaticas, que trata S. Tomaz, ou as que tem necessaria conexam com os dogmas, que sam raras; como fez o Cardial Gotti Dominicano, e outros mais o-vam fazendo e emendendo com diligencia maior.

Daqui tambem se-conclue claramente, que se os Teologos, que juraram a doutrina daqueles dois Santos, nam reflectiram na moderasam com que eles admittiram as questioens futis; e no fim por que o-fizeram; mas sem reparar nisto, accumularam comentarios sobre comentarios, questioens futis sobre outras futis; nem os Santos tem culpa diso, nem a Igreja tal aprova. E os melhores Teologos Modernos das veneraveis Religioens, Dominicana, Franciscana, Augustiniana, Jezuita &c. nam so reprovam claramente os erros dos seus colegas nesta materia; mas tem-se ja emendado, e cada vez se-emendam mais, compondo tantos Cursos *Theologico-Dogmaticos* totalmente diferentes dos Escolasticos, como provei no *cap. 8.* e o-dise o Sr. Apolonio. (3) E isto mesmo prova, que se alguns individuos das ditas Religioens em alguma provincia ainda oje se-empregam em compor, e imprimir Cursos *Escolastico-Peripateticos*, deixando a Teologia que se-deve estudar, e que so pode ser util à Igreja Catolica; é um abuzo manifesto contra a intensam dos melhores Teologos das suas escolas, que altamente declaram que se-deve emendar. E nesta emenda deviam cuidar os zelantes Prelados das ditas Religioens: cujo descuido so se-pode desculpar quando consideramos, que um abuzo tam inveterado nam se-pode dezarreigar em pouco tempo.

Parece-me que tenho justificado a propozisam. Contudo ensinaí por fim ao no-so Modesto, que um grande Teologo Francez Moderno [4] bem conhecido polos seus escritos, mostra, que a Filozofia de Arist. e os principios em que se-funda a Escolastica, sejam a fonte de todos os erros, e impiedades, que os Erejes introduziram. Mas basta ja.

**PROPOZISAM VIII.** *Deos no estado da innocencia ensinou aos Omens muitas verdades.* A esta propozisam, que pareceo ao delicado Arsenio ter laivos de crezia, nam pode dar um *transcat* Modesto, sem nos-ensinar: que no sentido vulgar *omens* nam significa *mulher*. Agradei-lhe a noticia. Mas como o Barb. falava no tal lugar filozoficamente com peoas studiozas, dizei-lhe, que nam tem lugar-a advertencia.

**PROPOZISAM IX.** *Da Tradisam nace a autoridade da Igreja Universal, dos*  
S  
Con-

[1] *Quod pertinet ad elogium Pontificum data S. Thome, dico, approbationes esse dumtaxat generales, non definitiones, que cadant in singula doctrinae Thomisticae capita: nam singula quedam Pontif. elogium data reperiuntur S. Bonaventurae, Doctore Seraphico, qui tamen in multis dissentit a Doctore Angelico.* Christian. Theolog. tom. I. pag. m. 349.

(2) *Bibliob. Selecta* l. 3.

(3) *Parecer* pag. 88. seqq.

(4) *Pedro Faidit, na Prefasam da Resposta ao Livro do P. Ugo.*

*Concilios Gerais, e da Igreja Romana.* Diz Arsenio que é erezia, e traz muitacoi-za sobre esta divizã.

Responde o Apolog. que o Barb. nam dise, que *so com a Tradisãm se-prova*, sem aver um unico texto de que se-tire. Mas que nace da Tradisãm, porque ela é a que explica todas as partes do dogma, e o-prova. Damesma forte que a Trindade, e outros misterios, que confuzamente estãm revelados na Escritura, cujo verdadeiro sentido so entendemos, e provamos com a Tradisãm. E por iso se-diz, que a Trindade pertence à Tradisãm, nam obstante deduzir-se da Escritura. (1)

Nam fez cazo Modesto desta solida resposta: mas demora-se em produzir textos para provar, que *a Tradisãm nam está escrita*. (2) Depois dilata-se sobre o Pontifice: e conclue com uma larga pegasãm aos *Apelantes* de Franca: e chama-lhe *digresãm indispensavel*. Mas iso dirá o Leitor: se um ponto, que nam se-tocou no Metodo, e so pertence aos Teologos adiantados, era necessario neste lugar aos ignorantes. Mas como o Barb. nam foi *Apelante*, nam devemos responder. Dezenfada-se Modesto com eles, e nos tratemos do que emporta.

1. Em primeiro lugar Modesto nam prova, que a verdadeira intelligencia das palavras, *Pasce oves meas*, nam se-prove com a Tradisãm, que era o noso ponto. Por iso nam merece outra resposta senam que leia os melhores AA. e o Belarmino, (3) e verá, que prova o verdadeiro sentido delas com a Tradisãm. Isto confirma Du Hamel dividindo os lugares Teologicos *intrinsicos* em dois, *Escritura*, e *Tradisãm*. E como ele prova, que as prerogativas da Igreja nam se-declaram na Escritura, mas com a Tradisãm; nisto mesmo diz, que pertencem à Tradisãm, como lhe-atribuiu o Apolog. o que porem o agudo Modesto nam percebeo.

Alem diso todas as prerogativas da Igreja, v. g. *as notas por que conhecemos a verdadeira Igreja: que ela nam pode errar in fide & moribus nem active, nem passive: que este privilegio nam so compete à Igreja dispersa, mas tambem congregada: que tambem nam pode errar nos fatos doutrinaes: que o Pontifice Romano tem a primazia na Igreja Catolica: e outras coizas, que sam dogmas de fé, nam estãm revelados claramente na Escritura: e so com a Tradisãm constante da Igreja se-declaram, e provam: e por iso dizemos, que pertencem à Tradisãm*. E para isto nam sam necesarios textos, basta abrir os AA. que tratam da materia. As mesmas controversias gravissimas, que nos temos com os Luteranos, e Calvinistas, sobre a autoridade da Igreja, provam, que os meros textos da Escritura nam explicam todas as prerogativas da Igreja: alias nam replicariam os Erejes, nem os tomariam em outro sentido. E como-nos com a constante tradisãm é que lhe-respondemos, claramente se-ve, que este é um dos dogmas, que pertence à Tradisãm. E assim o-diz da autoridade da Igreja Romana, ou Se Apostolica, o Jezuita Antoine. (4)

Vai agora um entimema. O misterio da Trindade nam obstante estar confu-za-

(1) *Ad antiquam traditionem revocandi sunt Heretici, atque illud probandum, per eorum successiones ita Scripturae intellecta ista esse testimonia: & hanc de Trinitate fidem in collectam, quam vere & Romanae communionis affirmat Ecclesia. Hoc autem radiione fieri supra diximus.* Petavius Dogm. Tom. 4. in præfat. c. 2. n. 11.

(2) *Até nisto se-engana: porque aindaque a mera tradisãm nam esteja escrita, contudo a maior parte da tradisãm da Igreja está escrita nos livros dos SS. PP. que sam os depositarios da Tradisãm: e chama-se Tradisãm, porque nam está escrita nos livros Canonicos.*

(3) *De verbo Dei l. 2. c. 12.*

(4) *Theolog. Spec. & Dogmat. tom. 1. pag. 196.*

zamente revelado na Escritura; como porem nela nam está escrito claramente, que o Espirito S. procede do Pai, e Filho, e so se-prova com a Tradisam; dizem os Teologos, que consta por Tradisam, e dela nace. (1) Logo tambem nam estando reveladas exprefamente na Escritura todas as prerogativas, que nos cremos da Igreja, ou na cabefa, ou no corpo dela congregado ou disperso; mas constando por Tradisam; com razam se diz, que nace da Tradisam. Porque este dizer nam exclue alguma revelasam na Escritura, mas a clara revelasam. Alias nenhum misterio ou dogma pertencerá à Tradisam, porque todós estão revelados confuzamente ou no Testam. Velho, ou Novo. E ainda aqueles, que constam fomentemente por Tradisam, como dizem os Teologos, se-incluem naquelas palavras da Escritura, que encomendam que se-obedeca à Tradisam. (2)

2. Em segundo lugar Modesto ja concede contra Arsenio, que os Lugares Teologicos se dividem em dez. Mas para nam se-confesar vencido, e patentear a incrível ignorancia Teologica do seo amado Arsenio, quer explicar o sentido de cadaum. Porem esse nam é o ponto: a questam é, se nam soa bem nomiar distintamente Igreja Universal, Igreja Romana, e Concilios: e se esta divizam foi tirada dos que em Franfa apelaram para o Concilio, como dise Arsenio. E como o erudito Modesto nam prova isto, mas concorda com o Apolog., paraque nos-mata com esta arenga eterna? Poique nam poderá o Barb. com o Cano, Berti, Tournely, Habert, e com todós os Modernos dividir os Lugares Teologicos em dez, sem que se-enganem os que lem a tal divizam? sem que lhe chamem *Apelantes*? O Cardial Gotti, que compoz um belo tratado dogmatico de Vera Christi Ecclesia; escrevendo depois disso a Teologia, no 1. tomo os dividio da mesma sorte que o Barb., e tratou cadaum separado. Mais. O Jezuita Antoine tratando dos Lugares Teologicos, divide-os assim, e trata separadamente da Igreja, dos Concilios, e do Pontifice: (3) que é a mesma divizam do Barb. E o Jezuita Francolini explicando os Lugares Teolog. trata separadamente dos Concilios, e Pontifice. (4) Logo o Teologo Modesto ou nam prova nada; ou prova que tambem os Jezuitas sam *Apelantes*.

PROPOZISAM X. Despois do seculo sexto dilatando-se a jurisdisam dos Pontifices nam so sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os Seculares em algumas coizas. &c. Arsenio achou aqui um tremendo erro contra a jurisdisam do Pontifice. O Apolog. explicou-lhe, que dilatar nam significa tomar aquilo a que nam tenho jus; mas é extender o exercicio desta jurisdisam: coiza que entende qualquer que le a propozisam. Modesto em vez de responder a isto, torna a repizar o mesmo. Mas como ele ja concede, que a questam pode ser de nome, escuzo falar mais nisto.

PROPOZISAM XI. A autoridade dos PP. Antigos é infalivel. Esta foi uma das maiores erezias, que achou Arsenio no Barb. Provou o Apolog. que esta tremenda erezia dizem todos os Teologos, que tratam dos Lugares Teologicos: e citou ao Cardial Gotti, que diz: *Hanc assertionem omnes Theologi Catholici invicte*

S 2

susti-

(1) *Præter hæc tria, sunt alia, quæ etiam per traditionem habentur* --- Quod Spiritus S. procedat a Patre, & Filio: hoc quidem constat ex Symbolo, sed in Script. aperte non habetur. Legimus quidem expresse, quod procedat a Patre. --- sed non legimus expresse, quod procedat a Filio. Et tamen articulus Fidei est ab utroque procedere. Habemus igitur hoc per traditionem. Becanus. Jesuita Manuale Controv. L. 1. c. 2. n. 15.

(2) *Quæ audisti a me per multos testes, hæc commenda fidelibus hominibus, qui idonei erunt & alios docere.* Paulus 2. Timoth. 2. v. 2.

(3) *Theolog. Spec. & Dogm. tom. 1. tract. 1. sect. 3. c. 3. 4. 5.*

(4) *Tyrocin. Theolog. p. 2. §. 2. pag. 45. seqq.*

*sustinent contra Protestantés.* [1] Em que se ve a pueril equivocação de Arsenio, de attribuir a cada P. singular, o que o Barb. com todos os Teologos applicava a todos, ou à maior parte.

Cuidava eu agora que Modesto dezenrolava alguma Bula, que declarasse *Erejes a todos estes Teologos*. Mas ele fingindo que nam entendo a solufam, torna a cair no mesmo erro de Arsenio. Mas nam é necesario perder tempo com esta casta de Teologos. Prova Modesto, que o *consenso de todos, ou quazi todos os PP. em materia dogmatica nam de argumento infalivel, como dise o Apologista?* Prova, que nam defendem isto Gotti [2] Cano [3] e os mais Teologos, que tratam desta materia? Nam senhor. Pois isto é o que devia provar, e nam perder tempo com as ninharias, que aqui escreve. É acrecente, que os Jezuitas, Belarmino [4] Gisbert [5] Francolini [6] e outros muitos dizem o mesmo, nem podiam dizer outra coiza sendo Catholicos: e tambem o noso Modesto sendo Catolico nam devia pôr em duvidá este dogma.

PROPOZISAM XII. *A Cartilha do Mestre Inacio é coiza indigna.* A isto chamou Arsenio *Bazofia, e Dezaforo*.

O Apolog. [7] citou as palavras do Barbad. que mostram que so dise, que *nam era coiza digna de se chamar bom Catechismo Historico, que é o de que ali se fala*, e como devem ser todos os bons Catechismos. Modesto nam quer vir nisto, e evapora certos pensamentos dignos da sua modestia. Mas nam merece outra resposta senam, que va aprender como se compoem os bons Catechismos, e leia infinitos Catechismos feitos por Estrangeiros de juizo [ que por brevidade nam nomeio ] e principalmente o do Jezuita *Bougeant*, [8] que teve aplauzo; ou tambem o do Belarmino, aindaque composto em seculo menos culto, e apurado do que este; e entam se persuadirá, que a tal *Cartilha é indigna de merecer o nome de bom Catechismo*, como devia ser. E ostente Modesto quanto quizer, nunca justificará a *cauzal de Arsenio, fundada na lisam da Cartilha*: que era o que devia provar, se queria meter-se em pontos tam delicados. Mas como o leitor prudente perceberá sem trabalho o sentido do mais que diz o Apolog. nam devo demorar-me com isto. E temos acabado a censura das 12. propozicoens, em que Modesto intentou defender a Arsenio, mas com tam bom sucesso, como tendes atéqui visto.

Pag. 537. Conclue finalmente Modesto com um paragrafo de Feijoo contra os Criticos, que *impugnam escritos alheios*. Parece-me muito bem: mas tambem me parece, que *ad verbum* se deve applicar aos PP. Arsenio, Lacerda, e Modesto, que *ex professo* escreveram contra o Barb. e seos Aliados. Porque este nam impugnou

(1) *Theolog. tom. 1. pag. 191.*

(2) *Idem ibid.*

(3) *De Locis Theologicis l. 7. c. 3. concl. 5. & 6.*

(4) *Quarta regula. Cum omnes Doctores Ecclesie communi consensu docent, aliquid ex Apostolica traditione descendere, sive in Concilio Generali congregati, sive scribentes seorsum in libris, illud credendum est Apostolicam esse traditionem. De Verbo Dei l. 4. c. 9.*

(5) *Thesis unica. Unanimis sensus Patrum est infallibilis regula ad discernendum veram Christi doctrinam seu Scriptura, seu Traditione contentam. Christiana Theol. tom. 1. q. 7. c. 1. art. 1.*

(6) *Si omnes PP. in aliqua doctrina pertinente ad fidem, vel mores convenient, in ea infallibiles sunt. Tyrocin. Theolog. 2. §. 2. pag. 93.*

(7) *Resposta pag. 143.*

(8) *Catechismo Historico, Dogmatico, e Pratico &c. em dialogos. Francez, ou Italiano.*

nou pessoa alguma: fomite de passagem deo o seu juizo sobre algumas obras, que diziam respeito ao seu Metodo, que é a obrigação de um *Metodo Critico*: mas nam se-canou em impugnalas. E os seus Aliados responderam, mas nam foram acomester a alguém, nem impugnarão os outros escritos diferentes dos seus adversarios.

Pag. 538. Segue-se agora um encarecido elogio do P. Vieira. Tudo isto admittio o Barb. e Apolog. os quaes, se for necessario, louvarão ainda mais, ao dito P. sem dizerem falsidades, mas contentando-se com as verdadeiras virtudes do tal Religiozo. Segue-se mais uma veemente declamação satirica contra o Barb. Mas a esta nam querem, nem devem responder os Aliados dele. O Barb. falou na *Istoria do Futuro*, e de passagem disse o seu parecer, que é o mesmo de todos os omens nam preocupados, que a leram. Se nam agrada a Modesto, nem por isto avemos de brigar: fique-se com a sua opiniam, sem destampar com estas criticas offensivas, que nam servem para a questam. Porque se cuida que o-maltrata, faz dois favores ao Barb. 1. mostra aos leitores, que nam tendo razoes com que o-confutar, recorre às armas das mulheres, que sam a lingua. 2. mostra niso mesmo a sua grande modestia: e edifica-nos muito com o seu exemplo: sem que o Barb. o diga.

Mas dizeti a este P. Censor, que os eruditos asentaram, que alegar elogios do *Clavis Prophetarum*, non é responder às solidas reflexoes, que o Barb. fez sobre a *Istoria do Futuro*: às quaes se-deve responder com boas razoes, e nam com exclamaçoens picantes, e elogios de outra obra.

Pag. 550. 556. Aqui nos-oferece o P. Modesto um extrato das *Conversaçoens* do P. Bernardo Lamy, para concluir duas coizas: 1. que o Lamy louva a alguns dos seus Francezes, o que nam faz o Barb. 2. que o Barb. se-valeo de todas as noticias da-quele escritor erudito: e que furtou do Rollin, do Jouvency, sem of-citar uma so vez.

O primeiro ponto inteiro é falso, porque o Barb. e seus Aliados louvam a alguns Portuguezes polo seu nome, e a outros em comum, como faz Lamy. Mas jaque Modesto propoem o Lamy por *treslado*, deve lembrar-se, que quazi todas as propozicoens, que ele Modesto, e seus Aliados censuram no Barb. e Aliados deste, como temerarias e atrevidas; se-acham no Lamy, que é *tam modesto, pio, e douto*: e diz mais alguma coiza, que o Barb. nam chegou a dizer.

v. g. Louva as edicoens dos SS. PP. feitas polos Erejes, e as notas destes, tirando as que sam exprefamente ereticas. (1) Aconselha que se-leiam os Historicos Eccleziasticos Protestantes, *Casaubon, Montacutius, Basnage*. (2) Louva muito, e aconselha ler alguns Protestantes sobre a Escritura, e Controversistas: v. g. *Walton, Rivet, Capel, Daillè*, (3) e mais outros Protestantes. [4] E principalmente no *Discurso sobre a Escritura* (5) exalta as obras dos Protestantes mais doutos, *Luiz de Dieu, Mercier, Capel, Grocio, Selden, Buxtorf*. &c. e aconselha ler os Rabinos, *Maimonides* &c. a *Mischna*, e o seu Comento *Talmud*. Desforteeque louva, e propoem aos seus leitores, que supoem principiantes, todos os AA. que escreveram bem nas materias, de que vai falando; sem fazer o menor reparo na religiam, que profesam: e so alguma vez adverte, que tem algumas coizas perigozas.

Alem disto diz sem cerimonia alguma [ traduzo as palavras para maior clareza ] que ninguem ignora os danos, que tem cauzado os *Cazuistas*. (6) Que os *Cazuistas* pola maior parte sam perigozos, porque parece que querem defender aos peccado-

[1] *Entreviens sur les Sciences. a Lyon 1706.p.m.309.seg.*

[2] *ibi p.323.* [3] *p.330.segq.* (4) *p.337.*

[5] *p.346.seg.* [6] *p.320r*

res de Deos: e ensinar lhe o modo de brincar com ele, apontando lhe até onde podem offendelo, sem que ele tenha razam para os castigar - - - Que os Cazuiſtas ſomente determinam, qual peccado é venial, e qual mortal: e que eſtas decizeſas comumente ou ſam perigozas, ou temerarias. (1) Alem dilo diz, que no ſeculo XVI. ſe conheceo, que a Eſcoláſtica Peſipatetica nam era capaz para conſultar as novas ereziſas - - - Que deſpois do Concilio de Trento ſe-dezenganãram os Teologos, e deram meliores regras para tratar a Teologia, fundando-ſe ſomente na Eſcritura, e PP. e examinando ſomente, quais eram os verdadeiros ſentimentos da Igreja: e regeitando todas as queſtiões Fiziſas fundadas na autoridade de Ariſtoteles. Eſta Teologia chama-ſe Poſitiua - - - Que como a Teologia Eſcoláſtica á muito tempo nam é tanto eſtimada, e muitos dos tais AA. ſam deſprezados, os ditos livros nam ſe-vendẽram ſenam para embulhar, de que vem que ſam tam raros. &c. (2) Deixo outras propoziçoens, em que concorda com o Barb. e outras em que reprova aos ſeos naturais, quando julgou que errãvam. E ſe nam reprovou mais, é porque eſcrevia em um reino ſumamente culto, em o qual ja ſe-achava eſtablecido o bom goſto. De que ſe-inſere, que o Barb. ſegue os ditames da modeltia de Lamy.

Sobre o 2. ponto, ninguem pode duvidar, que o ſervir ſe de tam grandes eſcritores, ſeja prova de muito bom juizo, e mereça louvor. E nam devia Modello, ſe aſim o julgava, deſprezar., e injuriar a doutrina do Barb. que teve origem em omens tam doutos. Tambem nam á duvida, que o Barb. ſe-valear de algumas noticias, que eles trazem: e nam ſo deles, mas tambem ſe-valear do Mabillon, Fleury, Thomaffin, Muratori, e mil outros eruditos deſtes dois ultimos ſeculos XVI. e XVII. e tambem do prezente XVIII. que compuzeram Metodos ou gerais, ou particulares, dos quais o noſo erudito Modello nam tem a minima noticia [ nem facilmente a-terá, pois alguns ſam raros, e outros ſam MSS. ] e que ſam tantos, que o Tomaz Crenio imprimio em Rotterdam em 1692. um tomo em 4. ſomente dos que eſcreverã de *Methodo Studiorum*. E o Moſhof (3) tambem nomiou infinitos, que publicãram *Metodos*: e o Dorniuſtoto (4) aponta os que deram *Metodos de Teologia*. Acha ſe mais outra Coleſã nam de nomes, mas de *Metodos*, junta com o Metodo do Voſſio. (5) Nam quero nomiar mais por nam fazer volume. E deles colheo o Barb. o que lhe pareceo melhor, e que ſe-conformava com a experiencia, que tinha; e com a liſam dos autores Originais, em que tinha empregado por certo mais tempo doque nam empregou o noſo eruditifimo, e incomparavel Modello. E aſim devia fazer: porque quem compoem em alguma materia, deve primeiro ler os meliores AA. della, examinar o que dizem, conferir com os AA. que citam, para ſe-confirmar, e deſpois diſto eſcolher. E o meſmo ſuponho que fazem os PP. Modestos; quando compoem poſtilas cientificas: e me-parece que nam lem para iſo as Comedias de Calderon, ou de Camoens, mas as meliores poſtilas, que acham na materia. O ponto eſtã ſaber-ſe valer delas como Autor, com juizo e criterio, que eſte é o *Buſſilis*. Se niſto á defeito, compreende a todos os omens doutos. Mas é tal a noſa deſgrafa, que até eſtas miudezas, e ninharias devemos enſinar aos PP. Modestos, uma, e muitas vezes, e nem aſim as-entendem.

Supoſtas eſtas noticias, toda a queſtam ſe-reduz a examinar, ſe o nam citar AA. polos ſeos nomes, ſeja *furtar*. E dizem os doutos que nam é. A primeira razam é; porque o Lamy, e Rollin nos ſeos *Metodos* nam citam AA. onde be-

[1] p.339. (2) p.314.ſeq.

(3) *In Polybiſtove* l.2.c.7. (4) *Bibliotheca Lipſie* 1721.

[5] *Gerardi Joannis Voſſii de ſtudiorum ratione*. Ultrajecti 1651.

bêram: ou alguma vez tocam alguma coiza correndo. E contudo os que tem liam de livros estam vendo claramente, que tudo o que dizem tirãram dos antecedentes, excetuando alguma reflexam: e nam lhe-chamam *Plagiarios*, porque sabem, que em semelhantes livros nam se-costumam citar AA. senam quando é necessario para algum fato istorico, e ponto duvidozo: e ainda neste cazo cita-se o A. original antigo, v. g. e nam o do Metodo, o que raras vezes succede.

A 2. razam é: porque quando um autor declara, que se-vale da doutrina dos outros, prova a sua sinceridade, e ninguem lhe-pode chamar *Plagiario*, como bem advertem os Logicos Modernos com o Wolfio. Isto porem declarou o Barb. tam repetidas vezes, (1) que nam sei com que cara o P. Modesto o-pode negar. E o mef-

(1) Suponho que S. P. me-dispensa de citar os mesmos AA. de que tiro as noticias que lhe-dizer; comtantoque eu aponte o que é necessario, nam emporta quem o-diz. Basta que eu diga uma vez por todas, que a maior parte do que digo experimentei eu: outras coizas observei em 3. pesoa, ou li em autor aprovado. Metodo tom. 1. pag. 4. *Na Ortografia cita os AA. Portuguezes. Na Gramatica cita o Escaligero velho, o Sanches, o Vossio, o Sciopio, o Laurenti, e outros de que tira as noticias.* ibid. pag. 62. Um omem douto ensina ( *este cuida que é Rollin* ) que se-deve seguir este metodo --- Outros querem que se-comeece &c. ibid. pag. 115. Um pintor famoso [ *dise um grande Retorico, de quem eu aqui sigo as pizadas* ] que quer delinear um painel istoriado. ibid. pag. 158. *Este Retorico é o Lamy na sua Arte de Falar: e dela se-valeo com juizo, e modestasam, pois todos os Preceitos tira o Barb. de Cicero, cujas palavras a cada passo cita, e nam se-acham no Lamy.* A este modo de ornar chamam os Retoricos ornamentos falsos --- Ja gram tempo é, que os omens de juizo clamãram contra este abuzo. ibid. pag. 175. *um destes é o Lamy. Aqui cita tambem a Retorica do P. Serra.* Outros, de que eu me-aproveitei mui bem, tambem escrevem em linguas Estrangeiras. ibid. pag. 201. O que eu escrevi ( *de Retorica* ) nam é meo, mas o que ensinãram os omens mais insignes nesta facultade, de cuja lisam eu o-tirei. A estes é, que V. P. o-deve agradecer: e amim so a boa vontade que tenho de o-servir. ibid. pag. 216. Nem tudo nos antigos Poetas é igual, como mostram os que criticãram com juizo aos Antigos. ibid. pag. 218. *Aqui dá a gloria desta critica aos doutos, que leo: nam obstante ver-se claramente, que ele leo muito bem os Antigos.*

*Na Filozofia, e Teologia como declara, que expõem o sistema que florece nos reinos estrangeiros, nam necessitava de citar AA. porque tudo o que diz tirou das fontes, ou dos melhores Filozofos, e Teologos, que algumas vezes nomeia. Na Medicina cita varias vezes o Boerhaave, e individua os escritos, dos quais tirou os principais ditames: Tenho-me servido mui bem deste A. e devo em agradecimento fazer-lhe esta justisa. Metodo tomo 2. pag. 137. E ali mesmo cita o Heistero, Hoffman, Vessalio, Bacchetoni, Kulmo &c. dos quais se-aproveitou mui bem.*

*Na Jurisprudencia Civil cita tantos AA. dos quais tirou varias noticias, que nam era necessario dizer mais: porque se os tais AA. sam raros para os Modestos, cuida que sam bem triviais para o Barb. a quem ninguem duvida uma vasta noticia de livros: e no fim declara, que se-valeo em muitas coizas do que dizem os ouros: Eu nam faço leis, nem me-importa isto: digo o meo parecer sobre isto que vejo, regulado polo que tenho lido, e visto em outras partes. Tom.2. pag. 194. Aqui observo, que nam nomiou certo A. moderno, de quem tirou alguma noticia, e consideradas bem todas as razoes, e circunstancias, abco que reve razam para isto: e muito mais porque nam necessitava nominalo, tendo ambos bebido na mesma fonte. Na Teologia, e Direito Canonico conhecc-se tam claramente, que tudo tirou da Istoria Ecclesiastica, e dos livros, que cita, que era escuzado nomiar aqueles AA. que dá mesmas fontes tiram alguma especie. So quem nam tem lido os Istóricos, que ele aponta, negará isto, porque todos dizem o mesmo.*

o mesmo repetiram o Apolog. (1) e Filologo (2) : o qual ultimo ja ensinou isto ao voso Constituinte Elogista, que tambem saõ com esta pedantaria, e calunia. Nem devia o Barb. em pontos de Retorica, Poetica, e outras faculdades citar AA. quando todos os bons Mestres dizem o mesmo : e os doutos o sabem sem lho-advertir. Muito mais porque ainda nas ciencias os mais doutos Modernos executam o mesmo : e rarissima vez citam AA. mas a boa razam, que é mais antiga que todos os AA. e nela se-fundam, e nam em autoridades extrinsecas. Somente nas observaçoens, e outras questõens de fato, nomeiam AA. quando é necessario, paraque nam digam, que as-inventaram. Polo contrario o citar muito entre os Modernos chama-se afetalam, e pedantaria. Lede os melhores escritores de Filozofia, e de outras faculdades, e achareis o que vos-digo. E o mesmo fazem os Jezuitas Modernos, v. g. o Buffier *Curso de Ciencias*, que nunca cita AA. Modernos onde bebeo, senam alguma vez no fim, para os criticar.

Em 3. lugar é falso, que o Barb. se-aveitãse de tudo o que diz Lamy : como pode ver, quem conferir os discursos de Lamy com os do Barb. Somente se aproveitou de algumas breves especies, principalmente de Istoria : asquais nam tinha necessidade de tirar do Lamy, porque se-acham em milhares de Modernos : e alem diso quem sabe a Istoria Ecclesiastica sabe tudo aquilo. E como todos os omens de juizo e doutrina confesam, que o Barb. sabe a Istoria Profana, Ecclesiastica, e Literaria ; devem tambem confesar, que nam tinha necessidade de tirar as ditas noticias do Lamy. Mas pode ser, que naquela ocaziam tive-se à vista o Lamy, e se-valese dele para excitar a memoria. Mas em quanto o erudito Modesto nam prova duas coizas : 1. *que aquellas noticias so se-acham no Lamy* : 2. *que o Barb. nam tinha noticia de outros livros, em que se-acham* ; nam prova nada ao ponto. O mesmo digo do Rollin no *Metodo*, e na *Istoria*.

E aqui devo advertir-vos, que Rollin nam obstante toda a sua modestia, [ que por certo é grande, e averá poucos AA. tam sinceros, e modestos ] disse claramente, que o Jezuita Jouvency, seo natural, e contemporaneo, tem varios defeitos no *Methodus discendi*, e *docendi*, e nam profundou bem as materias. Isto porem dito polo Barbad. seria uma blasfemia.

Do *Metodo* de Jouvency enformei-me com alguns dos nosos Aliados, que sabiam o fato, e me-diseram, que o Barb. nam vio tal livro senam despois de acabado o *Verdad. Metodo*, e impresso : e o que disse o Apolog. achou citado em outros AA. E agora vejo eu, que um dos Censores dos *V. Elogios*, citou à margem a dita especie dos elogios-Lapidares. Nem acho que o Barb. tirãse uma unica especie de tal Jezuita, nem tinha necessidade diso : nem eu creio, que forme

exce-

(1) O Apolog. repete varias vezes, que o Barb. propoem o *Metodo* que florece entre os Estrangeiros : o que basta para nam ser obrigado a citar. Assim diz na Resposta pag. 5. e na pag. 23. diz : Etendes cara para dizer, que o A. se-serve do que escreveram outros? como se ele o-negãse, ou o nam disse mui claramente repetidas vezes. O mesmo toca na pag. 59. 73. 77. O que dizem as melhores Academias da Europa, donde o Critico o-tirou. E na pag. 80. 90. E eu pola noticia que tenho dos AA. vejo, que o Critico se servio muito mais dos Inglezes, e tambem Tudescos. Toca o mesmo na pag. 92. 95. 102.

(2) O Filologo repete o mesmo varias vezes na Carta : v. g. pag. 5. 11 E nas pag. 48. 49. 50 justifica largamente ao Barbad. e explica ; que coiza é furto, e ser plagiario : e conclue : Mas este modo de copiar admitem, e fazem os bons escritores. Nem o Critico o-nega, paraque lho-lansem em rosto ; confesa o seo furto com muita ingenuidade, e por isso nega que seja furto. Parece-me que isto basta, e sobeja para refutar a calunia, e pouca reflexam de Modesto.

excelente conceito dele . E aqui deveis advertir-lhe , que os modernos Jezuitas , Decolonia na sua *Retorica* , e Jouvençy dito na sua *Poetica* , nunca citam os Modernos , de que se valeram : aindaque os doutos estejam vendo , que eles nam dizem uma *unica* palavra , que nam tirasem daqueles . Ja sei que este é o costume moderno : mas digo-o para vos-mostrar , que todo o mal , que diz do Barb. o agudo Modesto , vai dar nos Jezuitas .

E neste particular deveis saber , que o Barb. é um verdadeiro Filozofa Moderno , entre os quais nam é dezonra , mas gloria , confesar alguma vez , que erraram : e declarar ingenuamente , quando é necesario , em que fontes debèram . Isto sabemos de certo que ele costuma . E se o P. Modesto provàse com evidencia , que o Barb. errara em alguma coiza , ingenuamente o-confesaria . Como ingenuamente confessou a alguns amigos , que pola presa de escrever , e por se-fiar muito da memoria , errou em 4. ou 5. lugares do *Metodo* , aindaque nam é coiza de considerasam : mas que nenhum dos seos Adversarios atèqui descobrio tais erros : porque se lhos mostrasem , nam so os-confesaria , mas louvaria a sua penetrasam , e doutrina . O certo é , que o Barb. polas noticias , que temos , como tem uma vastissima erudisam , compoem às vezes com tanta facilidade e presa , que se-admiram os seos amigos mais intimos . E daqui nasce , que ainda quando tem estudado a materia , e sabe o que deve dizer , contudo nam se-querendo can-sar naquella ora em ir ler os AA. que trataram a materia *ex professo* ; vale-se dos primeiros , que tem à mam , de quem tira alguma noticia , e por consequencia alguma palavra , como fez do Lamy , e Rollin .

Prova-se isto evidentemente : pois quando ele fala nas mesmas materias , que trata o Lamy v. g. , cita muitos AA. que nam traz o Lamy , que sam os fundamentais , e claramente se-está conhecendo , que os-leo : e discorre nelas por outro modo , com outra abundancia , e com outros argumentos e reflexoens . E por isto nenhum omem de juizo se-admira , que um autor celebre se-valha às vezes de um Compendio : porque os Compendios servem para duas sortes de pesos : para os principiantes , que nam sabem nada : e para os doutos , que querem refrescar a memoria . E por isto se-lembram às vezes mais das palavras dos Compendios , que dos mesmos AA. que so se-buscam em ocazioens , e materias de grande supozisam , e nam para coizas ordinarias , em que se-supoem ou que todos dizem o mesmo , ou que ninguem lhe-emporta saber os AA. mas a razam . E terá mui pouca noticia de livros , quem nam conhecer , que o Barb. fala nas materias , como quem profundou o ponto , e leo os melhores AA. pois é coiza evidente , que atèqui nenhum Antagonista o-derrubou daquilo que disse , nam obstante terem trabalhado na materia tantos engenhos escolhidos ao tableiro .

Em 4. lugar deve saber Modesto , que o Barb. de proposito nam nomiou alguns AA. que podia , e talvez quera , paraque os da confraria de Modesto , nam lhe-chamasem Jansenistas , e outros nomes seios , como frequentemente fazem Arsenio , Lacerda , e Modesto , que deitam refinada pesonha em tudo o que vem de fora , principalmente de Franca . E por isto se-deve louvar a prudencia do Barb. E eu tenho por sem duvida , que se o Barb. nomiasse o Lamy , gritava logo Modesto , que o dito P. era *Carteziano* , e suspeito na se : que na sua *comunidade* ouveram alguns Jansenistas , e coizas semelhantes . Mas como o Barb. o nam nomiou exprefamente , por isto Modesto acha agora , que Lamy é muito douto , muito pio , muito cortez . E nam se-lembra , que com todas estas virtudes andou sempre às bulhas com os doutos , de que naceram muitos escritos contrarios . Porque o ter adversarios e emulos succede a todos os doutos , que propoem opinioens fora do comum : e S. P. o-está vendo no Feijoo , que nam

obstante ser Modesto, teve bastantes contraditores. Onde ninguem se deve admirar, que succeda o mesmo ao Barb. E so podem admirar-se considerando, que os inimigos deste vendo-se tantas vezes derrubados nas contendas literarias; ainda em si combatam com injurias, e nam com razoens.

E jaque falamos em injurias e satiras, vos lembrarei de passagem, que sem embargo que Modesto chame repetidas vezes *satirico* ao Barb., nem prova que fasa satiras; nem responde à diffam, que o Apologista fez de *satira*, e *critica*; nem dezata o argumento que lhe opoz acerca dos Jezuitas. Dize o Apolog. (1) que o *Rapin* critica polos seus nomes aos Retoricos, e Poetas antigos, e modernos: que o *Harduin* critica a todo o mundo literario: que o *Sirmondo* censurou muitos AA: que o *Petavio* dize coizas inauditas contra Jozé Escaligero: que o *Vavasseur* censurou ao Jezuita *Rapin*: (o *Rapin* lhe respondeo tam enfiado, que lhe chega a dizer na prefasam, que *nam sabe nada de Poetica*) e a muitos modernos: (2) e podia tambem acrescentar o Bispo *Godeau*, de quem falou com pouco respeito: que o *Menesrier* criticou ao Jezuita *Pomey*: (3) que o *Contzen* diz raios dos Advogados, e Jurisperitos: que o *Mariana* refere coizas incriveis, e picantes dos Espanhois do seu tempo, e tambem toca nos seus Jezuitas: que o *Alberto de Albertis* quer reformar a todo o mundo Retorico: que o *Adamo*, e *Anato* censuraram sem modestia a S. Agostinho. Todos estes sam Jezuitas. Ajunte a estes o Jezuita moderno *Buffier*, que critica as obras de *Aristoteles*, *Cicero*, *Quintiliano*, *Virgilio*, e de outros muitos modernos Francezes, alguns dos quais estavam em Pariz no tempo em que ele escrevia; e entre eles a Academia da Lingua Franceza. Ajunte o *Bouhours*, que fez o mesmo. Ajunte finalmente o Jezuita *Zaccaria* Toscano, que atualmente está criticando os mais acreditados Toscanos, e outros Italianos, que vivem, e estam compondo, de que ja tem dado varios tomos à luz.

Podia acrescentar, que os Aliados do Barb. se obrigam a mostrar sem algum trabalho, que nam diz o Barb. propozifam alguma, que pareça acre, e picante, que nam tenham dito nam so semelhantes, mas outras muito mais acres, e sem comparafam mais picantes e ofensivas, muitos Jezuitas que escreveram contra varias peoas. Mas nam é necesario citar mais Jezuitas, porque nos Jezuitas nomiados se acha o que nunca se atreveria a dizer o Barbadinho. E se ainda tem duvida, dizei-lhe que leia os Jezuitas *Martin del Rio* no *Peniculus Foriarum*; e o *Rodolfo Matman* no livro *Tres Capella* (o *Sotvel* na *Biblioteca Jezuitica* attribue este livro ao *Matman*) que dizem tais injurias a um omem tam grande como foi *Jozé Escaligero*, que os podia ensinar de cadeira; que nam se vio tal petulancia, e escandalizaram a toda a Europa erudita.

Agora o argumento. Ou estes Jezuitas, que falaram tam claro, e com tanta soltura [ excetuando os dois ultimos, porque nenhum omem prudente os deve imitar ] sam satiricos, ou nam. Se nam sam, tambem o Barb. nam será. Se sam, tambem o Barbad. quer ser satirico, e ri-se de que lho chamem aqueles mesmos, que louvam a doutrina e costumes dos ditos Jezuitas. A este argumento, que é concludente para o noso cazo, nunca respondem os PP. Modestos.

Confirma-se. 1. O *P. Severino* nam obstante inculcar-se por *modesto*, diz nesta *Conversasam* palavras; e injurias tais, que o Barb. nunca sonhou dizer: e o Apolog. que para reprimir a petulancia de *Arsenio* se alargou mais, nam diz

(1) Resposta pag. 20.

(2) Ibi. pag. 46.

(3) Ibi. pag. 12.

diz tais propozisoens : e o Sr. Candido Luzitano ja confesa , que a respeito dos seus adversarios *escreve com pena innocente*. Isto suposto , ou o P. Modesto tem privilegio para satirizar , ou nam . Se o tem , dé tambem um bocadinho dese privilegio ao Barb. Se o nam tem , e julga que nam satiriza , nam se-queixe do Barb. que nunca saie do argumento literario para satirizar as pessoas , como faz Modesto , mas critica somente os escritos .

Confirma-se em 2. Muitos Portuguezes doutos impugnã a outros com veementes propozisoens : e entre os livros da Academia da Istoria se-acham algumas prefasoens , que falã de um modo , que nam chegou a falar o Barb. Contudo nam me-conita , que os PP. Modestos lhe-chamem satiricos . Ergo . Tambem acho muitos AA. Portuguezes , Istóricos &c. que puzeram em claro os podres da Nação : e contudo sam louvados . E lembra-me agora , que Fr. Diogo Stela , que o Apolog. citou , e na *Biblioteca Luzitana* se-diz que era Portuguez , diz tais coizas dos defeitos dos Pregadores do feo tempo , que nam se-pode explicar . E contudo nam é satirico : porque *ese defeito fica rezervado para o Barb. e seus Aliados* . Podia acrescentar outros Portuguezes , mas isto basta : e nem tanto era necessario , se Modesto tivesse noticia de livros , e falãse sem paixam . Isto digo nam para acuzar ao P. Modesto , como ao principio prometi , mas porque falando-se aqui nesta materia , devo mostrar a justa defeza do Barb. .

Finalmente era ja tempo de acabar este parecer , mas primeiro devo explicar-vos uma circumstancia . Modesto repete varias vezes , que o Barb. é *sofo* : porque conta cazos em que dá a entender , que tem amizade com pessoas grandes , que conhece certa Senhorita a quem ensinou , e outras bagatelas semelhantes , que a grande caridade , e bom juizo do P. Modesto interpetra , como costuma , no pior sentido . Mas nam repara Modesto , que censurando isto , vem a dizer mal dos PP. Jezuitas , que tanto louva . Porque os Aliados do Barb. podem compor tomos destes cazos contados por Jezuitas . Mas para nam aumentar mais o volume , bastarã 4. ou 5. cazos .

O Villalpando Espanhol diz , (1) que comunicava o feo Comentario com Elrei Felipe II. em companhia de Felipe III. e da Arciduzezza , e de outros Grandes : e que Elrei apontava os defeitos &c. Aqui podia-se responder : *Acuzo-me P. que é sofise* : porque nam é verosimel , que aquele Monarca , aindaque grande Rei , fose juiz competente de interpetrasam tam difficultoza como a do Profeta Ezechiel , e descrefiam do Templo de Salamã .

O Possivino Italiano conta , (2) que Gregorio XIII. o-mandou a reinos Estrangeiros , que lhe-deo ordens secretas , que teve colloquios com alguns Reis , e coizas a este tom . Podia-se aqui dizer : *Acuzo-me P. que é sofise* . pois para dizer , que compoz um metodo de ciencias , nam era necesario falar naquilo , e menos daquele modo .

O Cosme de Magalhaens Portuguez , dedicando os seus *Comment. in Josue* ao Arcebispo de Lisboa , conta , que assimcomo chegou de Coimbra foi logo vizitar ao tal Prelado , que fizeram mutuos complimentos , que o Prelado lhe-dise , que conservava dele *viva memoria* : que tambem lhe-louvou os seus *Com. in Epistol. Pauli* , exaltando o estilo , erudisam , e beleza da obra : que lhe-aconselhou mandar por terra os *primeiros Com.* a Fransa : e outras miudezas destas . E para que nam entendese o leitor , que o Prelado estava logrando , acrescenta : *Omnibus perspicuum est suum ab omni assentatione alienum ingenium* . Poderia neste cazo re-

(1) In Ezechielem tom. 2. c. 10.

(2) Prefat. Biblioth. Select.

placar algum curiozo : *Acuzo me P. que é fofise* : pois para mostrar o voso agradecimento ao Prelado , nam éra necessário referir estas miudezas , e muito menos no tal lugar . Contudo se ei de dizer o que entendo , asento que nam fallaram por vaidade , mas contaram sinceramente o que succedera , como fazem muitos outros doutos , nam suspeitando que achariam neste mundo censores semelhantes aos PP. Modestos.

O P. Buffier Francez conta (1) uma contenda de certo marido com sua mulher , Filozofa Carteziana , *sobre o gosto de certos legumes* : e que o chamaram a ele para arbitro da diferença , e explica o fim do succello . Em outras partes compoem dialogos , em que sam interlocutores omens e mulheres . Em outras partes , v.g. na *Poetica* , traz senas inteiras de Comedias , em que entram mulheres amantes . Em outro lugar (2) refere uma disputa que teve com certo Italiano , sobre se os Cozinheiros Francezes eram melhores , que os Italianos . Aqui podia-se replicar : *P. Buffier , nam é proprio dessa veneravel roupeta , andar pelas cazas particulares metendo-se em disputas de mulheres , decidindo controversias de cozinha , e citando dialogos amatorios . Deixe isto para os seos Francezes seculares , e trate do que emporta a um Religiozo* . Contudo eu asento , que este P. nam pecou nem venialmente : mas contou os tais cazos , e citou as comedias , porque lhe-eram necessarias : e nam perde nada da estimafam com que os omens doutos receberam as tais obras , sem reparar em tais ridicularias . Tambem o Jezuita *Rapin* ensinou Latim a uma Senhora : (3) e outros muitos Jezuitas ( semque mostrem para isto Bula particular ) ensinaram às Senhoras sem reparo . E nam acho diversa razam para os Barbadinhos .

Assim julgam os doutos : e esta benigna interpetrasam se-deve tambem dar ao que conta o Barbad. Muito mais porque Modesto deve saber , que nos reinos Estrangeiros a gente é mais afavel , e sociavel doque em Portugal : e que com muita mais facilidade se tem la introdufam com Princepes , Cardiais , &c. doque no noso reino . E nam parece verosimel , que so os PP. Modestos tenham arrematado o contrato *da introdufam com pessoas grandes* . E para falar a verdade , aqui entre nos , se é certo o que ouvi pregar a alguns Aliados de Modesto , e que li em outros , nam concorda isto com as suas constituioens . (4)

De tudo o que dise nesta *segunda parte* , se-inferre claramente , que o Barb. e Apolog. disseram aquilo mesmo , que dizem os mais doutos Catholicos . Desfor-teque o bulir tanto nestas materias , e querer dezacreditar com diterios ao Barb. e seos Apologistas , nam tem produzido outro efeito senam , mostrar com toda a evidencia a todos os Portuguezes eruditos , que aquilo que tanto condenam os PP. Modestos , é o mesmo que fazem , e defendem nam so os maiores omens das outras Religioens , mas tambem os mais doutos e acreditados Jezuitas . E quanto mais se esgravata nesta materia , tanto mais claramente se-conhece esta verdade . E daqui inferirá o leitor prudente , que conceito se-deve formar da censura , e boa intensam dos RR. PP. Modestos .

CON-

[1] *Examen des Prejuges Vulgaires differt.* 6. no Cutso das Ciencias fol.

[2] *Differt. sur le Gout.* ibi. col. 1501.

[3] *Veja tambem Feijoo.* Suplemento tom. 9. pag. 22.

[4] *Leia-se por curiosidade a Congreg. Geral V. feita em 1593. no decreto Ut ab omni :*

## CONCLUZAM.

Quando os Aliados do Barb. souberam o que se continha nesta *Concluzam*, e ouviram, que os Aliados Modestos. com tropas novas os vinham dezañar às portas da Cidade; reforsaram as guarniçoens, e convocaram o conselho de guerra. Os officiaes maiores falaram primeiro. Expuzeram, que eles nam foram os primeiros, que acometèram; mas sendo injustamente acometidos, sempre se contiveram em linha defensiva das suas prasas, nam disparando mais tiros, nem obrando mais ostilidades, que aquellas que foram necessarias para reprimir insultos de um inimigo cruel. Que oje vendo-se ofendidos e dezañados, nam era isto que estivesem ociozos, vendo com olhos enxutos devallar os campos, e erdades debaixo da sua artilharia: mas que deviam valer-se do direito que lhe permitia a guerra. Que tendo oje estes dois exercitos atentos os juizos de todos os Portuguezes eruditos; nam podiam sem dezonra propria deixar de sair a campo para calligarem estes quebrantadores da paz, e perturbadores da Republica Literaria. Que a soldados veteranos, e tam bem exercitados nam atemorizavam ralhos, nem satiras dos Modestos. Que eles tinham mui boa Infanteria, e Cavalaria, excellentes armas defensivas, e offensivas, e algumas tam singulares, e penetrantes, que quando apparecem, agradariam a todos os curiozos: bastantes munifoens de guerra, e boca: e todos os petrechos necessarios para continuar muitas campanhas. Que se achavam com animo intrepido para as-comesarem, e proseguirem com muita gloria. Que confiavam em Deos, que ajudaria uma cauza tam justa, em que se-defendia um omem das infinitas calunias que lhe attribuiam os omens invejzos, e mal intencionados. Finalmente, que eles tinham determinado defender a gloria do seo Barbad. até a ultima gota de sangue. E concluíram todos com aquele hemistichio: *si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruina*. Ditos os pareceres dos subalternos, o General falou com pouca diferenca desta maneira.

Bem conhecido, Senhores, a muita razam, que tendes, para dar esta batalha, e proseguir esta guerra. Louvo o voso zelo, a voso amizade, e a voso fidelidade. Nem tambem duvido que tenhamos tropas, e armas nam so para reprimir, mas para calligar os insultos dos nosos adversarios: e confio no voso valor, e experiencia, que podeis sair desta empreza com grande gloria. Contudo devo dizer-vos, que nam posso agora abraçar a voso opiniam. Esta guerra, que ao principio se-suspeitou, que se pudese comesar, e continuar com aquella sinceridade e atensam, que se-observa ainda na mais renhida guerra; degenerou logo no primeiro choque em barbaridades, e crueldades, e injurias manifestas. E por mais que se-tenha reparado niso; por mais que os nosos inimigos finjam, e protestem, que nam fairsam com improprios e satiras; cada vez fazem pior, como tendes visto neste ultimo papel. Se eles se contivessem dentro dos limites da disputa; se propuzessem as suas dificultades nas materias, que lhe parecem disputaveis, com aquella sinceridade e atensam, que costumam os omens verdadeiramente duros, e pios; seria nam so louvavel, mas dezejavel: porque desta forte exauria-se a materia, aclarava se a verdade, e conhecia-se quem tinha razam. Mas nam contender com lizura, e sinceridade; nam admitir nunca as verdades mais claras, as noticias mais certas, os pontos mais bem provados; querer com argumentos de palavrinhas refutar as materias evidentes; e finalmente empunhar as armas dos eruditos somente para injuriar, botando refinada pefonha em tudo, para poder ridiculizar, e pintar odiozo ao noso Barbad.; isto

nam

nam to nam é louvavel , mas nem sofrivel : E como tenho experimentado , e entendido , que este defeito nam é ja remediavel , porque a inveja , e paixam parece que tem alterado a constituifam do cerebro dos nosos adversarios ; nam devemos perder tempo inutilmente , e com desdoiro em combater com semelhantes antagonistas : mas devemos imitar aos mais insignes guerreiros nesta materia , que nam fizeram cazo de adversarios deste calibre . Verdade é , que os observadores indiferentes , que sam os padrinhos e os juizes nestes duelos , distinguem muito bem as injurias das razoens , e tem visto atéqui quem mereceo a palma . Mas isto mesmo me-obriga a repetir-vos , que nam devemos continuar . Se examinamos as razoens , está dito o que basta para mostrar as fracas armas , e fracas dos nosos contraditores , e defender a gloria do Barb. Se examinamos as injurias , a estas responde-se nam respondendo : o mais é escuzado .

E com effeito ja era tempo de se dezenganarem os nosos adversarios . Ja ambas as partes tem mostrado a sua valencia , e destreza . Concedamos-lhe de grafa , que ambas se-retiraram sem feridas ; era ja tempo de embainhar as espadas , e acabar uma contenda , em que nam se-conclue mais nada , porque o que está dito basta e sobeja para formar conceito . Tudo o que se-difer para diante é repizar o mesmo . Nos nam queremos convencer os Aliados de Modesto : nem nos-vangloriamos de o-poder conseguir , supostas as preocupasoens com que estão , que sam tais , que nam obstante escrevefe-mos até o fim do mundo , nunca mudariam de opiniam . Nem tambem queremos obrigar a todos a pensarem como nos . Contentamo-nos com os muitos apaixonados que temos : contentem-se eles tambem com os que tem , que nam lhe-perturbaremos a pose . Se Modesto diz *de veras* as ultimas palavras com que termina esta Conclusam , aceitaremos a propozifam , daremos as maons , e da nosa parte restabeceremos nam fo uma solida paz , mas uma perfeita amizade : a qual porem sem embargo de tam barbaras ostilidades , nunca da nosa parte se-quebrantou : e isto mesmo observaremos com todos os outros , que falarem de veras . Se as-diz *por zombaria* , como suspeito por algumas noticias particulares , que tenho ; mandemos publicar por um trombeta nam so a ele , mas a todos os seus Aliados , e amigos , que afeem bem as armas , e componham quantos tomos de folha quizerem , que nem para eles , nem para outros semelhantes dezembainharemos a espada , nem jamais lhe-daremos resposta : e que fiquem com a gloria de nam terem resposta , que nos ficaremos com a gloria de nam fazer cazo de semelhantes opozitores .

Com estas ou semelhantes palavras concluo o General a sua orasam , e despedio o conselho de guerra : e com elas acabo eu tambem este papel : pedindo-vos perdam de vos-demorar tanto com esta *Segunda parte* , contra a minha primeira intensam ; que era escrever pouco , porque nam merecia tanto trabalho . Deos vos-guarde &c.

P. S. Esquecia-me dizer-vos , que tambem li a *Contestafam do Sr. Jozé Caetano* . Este fugeito nam entendeo a verdadeira mente do Barb e de Manoel Alvares : e tem muita necessidade de estudar polos AA. que trataram de *Orthoepcia* , seu *Recta pronunciatione litterarum* . E feita esta diligencia , espero que ele mesmo se-arrependa de ter escrito contra o Barb. Cujos Aliados definiram em claustro pleno , que nam merecia outra resposta . E isto applicareis tambem a outros papeis MSS. que correm , e estão para correr ; cujos autores , que eu sei de certo que tem muito bom engenho , e juizo , e que , se o-aplicassem a outra materia , poderiam illustrar a nasam Portugueza , é lastima que componham e publiquem semelhantes escritos e papeis .

# A P E N D I X.

Na pagina 140. da ULTIMA RESPOSTA, antes do §. *Conclue finalmente*, faltou por descuido do impresor, que nam reparou em uma folha, que ali estava inferida, o seguinte:

## ERROS TEOLOGICOS DO GRANDE MODESTO.

Mas paraque entendais melhor o q. digo, epilogarei aqui dois erros dogmaticos do grande censor Modesto: e of-proporei à censura dos verdadeiros Teologos.

I. Um dos nosos dogmas Catholicos é, q. a *autoridade dos antigos PP. ou todos ou a maior parte, em materia de fe, ou bons costumes é infalivel*, como provei na *Propozizam XI.* Arsenio negou esta infalibilidade, attribuendo-a por ignorancia a cada P. de por si. O Apologista por caridade fraterna mostrou-lhe (1) o sentido obvio da propozizam. O noso Modesto sem embargo de referir a solusam do Apolog., contudo pertinacismente torna a negar a dita infalibilidade. (2) Onde nam potendo alegar *ignorancia*, e ajuntando-lhe a *pertinacia*, dise uma *erezia formal*.

II. A erezia de Nestorio consistio em dizer, q. *asimcomo em Cristo avia duas naturezas distintas, asim tambem avia duas pessoas distintas, as quais, por consequencia, so se-podiam unir com uniam moral.* Onde dizia, q. em Cristo *natureza e pessoa eram sinonimos.* (3) E aindaq. nunca dise claramente, q. em Cristo avia duas pessoas; (4) contudo como os PP. *conhecèram*, q. isto se-seguia necessariamente da sua doutrina, foi reputado, e condenado por ereje. (5)

Suposto isto, dise Arsenio, falando de Cristo, (6) *Que para uma pessoa se-chamar umana, so se-atende à natureza, seja ou nam seja umana a subsistencia: tanto asim, que estas palavras omem, e pessoa umana sam sinonimas.* O Apolog. ensinoulhe tambem por caridade, (7) q. este era o mesmo erro, de que os PP. diziam que se-inferia necessariamente a erezia de Nestorio.

Mas a consequencia Nestoriana, q. nam inferio Arsenio, inferio o grande Teologo Modesto, que dise claramente, o q. nam chegou a dizer Nestorio, pois diz asim: *Que para Cristo se-poder chamar pessoa umana em sentido Catolico, bastava atender a natureza umana, aindaq. a subsistencia fosse divina.* (8) E logo: *Esta palavra homo*

(1) Resposta pag. 141.

(2) Antes mostraria ignorancia, se tal disese. *Conversasam.* pag. 530. §. 2.

(3) Nestorius duas inducendo naturas, duas putavit esse personas: & ob hoc arbitratus est eo ut sacrilego dogmate duos Christos induci. Vigilius contra Eutyech. l. 2. tom. 11. Bibl. PP. p. 452. Nimirum hec erroris vestri, & non alia causa est. Nam dum non valetis discernere, quid inter personam sui & naturam, id ipsum intelligentes naturam esse, quod personam; immo nullatenus credentes naturam posse esse sine persona; vocabula persone naturarumq. confunditis; & duas omnino personas, sicut duas naturas unus Filii Dei sine dubio predicatis. Joan. Maxent. Dialog. contr. Nestor. tom. 4. Bibl. col. 470.

(4) Verum nunquam Filios, vel Christos duos, neque personas duas in Christo Nestorius professus est; tamen si vera ita sentiret, idq. illius ex principiis ac decretis necessario esset consequens: quod etiam adstruere clam, & per ambages, ancipitesq. sententias miris artibus conatus est. Petaviius Jes. Dogmat. tom. 5. l. 1. cap. 9. n. 7.

(5) Scopum hunc habent (Nestorius & sui) duos predicare Christos, ac duos filios... eoz. stabilito, solarum personarum unionem asserunt: ideo versute agunt, & excusationes in peccatis fingunt. Cyril. Alex. epist. 8. ad Cler. Const. p. 33. tom. 5. p. 2.

(6) Reflexoens. pag. 24.

(7) Resposta pag. 131. 132.

(8) *Conversas.* pag. 494. §. 2.

homo vale o mesmo q. pessoa: e se Cristo é homem, no mesmo sentido é pessoa humana. (1)  
E abaixo: Se basta a humanidade para se dizer da pessoa de Cristo, est homo; basta para dizer, est humana. (persona) E logo diz: Falso é dizer, q. é pessoa so, ou puramente humana; mas nam, divina simul & humana. (persona) E mais abaixo diz: (2)  
Se a pessoa de Cristo por ter mortalidade, e immortalidade se-pode dizer mortal, e immortal: também por ter divindade, e humanidade, se-pode dizer, divina, & humana. (persona)

Onde na opinião de Modesto, assim como Cristo verdadeiramente é homem, assim também verdadeiramente é pessoa humana: e assim como verdadeiramente tem divindade, e humanidade, assim também verdadeiramente é pessoa divina, e humana: porque diz q. natureza e pessoa sam sinonimos. E que diferença tem este erro da heresia formal de Nestorio?

Direis, q. Modesto também afirma, q. em Cristo a substancia é divina. Mas isto nam desfaz o erro, quando ele estabelece principios contrarios a isto mesmo. Com a mesma capa se-cobria Nestorio, o qual para evitar a nota de hereje, fingio sempre que admitia um so Filho, e Cristo, e Pessoa: [3] mas admitia principios de que se-seguia o contrario do q. proferia, e por isto era hereje: e isto também faz Modesto. Desfortaque fica evidente, q. os principios de Nestorio, e Modesto sam os mesmos: e q. este ainda falou mais claro q. aquele: e afirmando isto pertinacemente despois do avizo do Apolog., nam se-pode livrar de heresia formal. Estes sam aqueles tamanhos Teologos, q. acham heresias nas propozicoens Catholicas do Barb.

Se porem algum Teologo duvidar da consequencia dita, tenha a bondade de examinar, Se em algum sentido Carolico se-pode dizer, q. Cristo é verdadeira pessoa humana, tomando a palavra pessoa no sentido Teologico: [4] e se a Igreja aprovou e approva tal propozisam. Ou se admitida a propozisam, nam se-segue o erro condenado em Nestorio.

---

Na pag. 58. §. 2. se-acha vigor leis dos, emende-se vigor de leis dos ditos. Na pag. 102. Daqui saie pola orelha esquerda &c. emende-se, Daqui saie entra nas arterias &c. Os outros erros de ortografia, e de lingua tanto Latina, como vulgar, facilmente se-conhecem, e se-pode emendar o diligente leitor.



---

[1] Ibid. pag. 495.

[2] Ibid. pag. 496.

(3) Ita subdolos iste ac versipellis hereticus (Nestorius) quod sollemne est huiusmodi novorum dogmatum architectis, verborum ambiguitate sefellit incautos, dum & unam personam, & unum filium aperte professus est Christum; & duas interim reipsa proprieq. significavit esse personas. Petavius loco supra citato.

(4) Muitos PP. antes do Concilio Niceno, e o mesmo Atanzio, e Cirilo Alexandrino [o qual porem em outras partes se-explica] tomam alguma vez a palavra hypostasis por natureza, e essencia. Mas despoisq. o Concilio Efezino em 431. canonizou a 2. carta de S. Cirilo, e tomou a palavra hypostasis por pessoa e substancia; toda a Igreja conveio niso: e neste sentido a tomamos neste lugar, e a-toma também Arsenio, e Modesto, o q. devemos considerar, para evitar as suas cavilosoens.

... e com efeito, a cada tempo, de acordo com as necessidades da vida, a natureza humana se modifica e se desenvolve. O homem não é um ser estático, mas um ser em constante movimento e transformação. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida.

... e com efeito, a cada tempo, de acordo com as necessidades da vida, a natureza humana se modifica e se desenvolve. O homem não é um ser estático, mas um ser em constante movimento e transformação. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida.

... e com efeito, a cada tempo, de acordo com as necessidades da vida, a natureza humana se modifica e se desenvolve. O homem não é um ser estático, mas um ser em constante movimento e transformação. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida.

... e com efeito, a cada tempo, de acordo com as necessidades da vida, a natureza humana se modifica e se desenvolve. O homem não é um ser estático, mas um ser em constante movimento e transformação. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida. A natureza humana é, portanto, um ser em constante evolução, que se adapta às condições da vida e se desenvolve de acordo com as necessidades da vida.

